

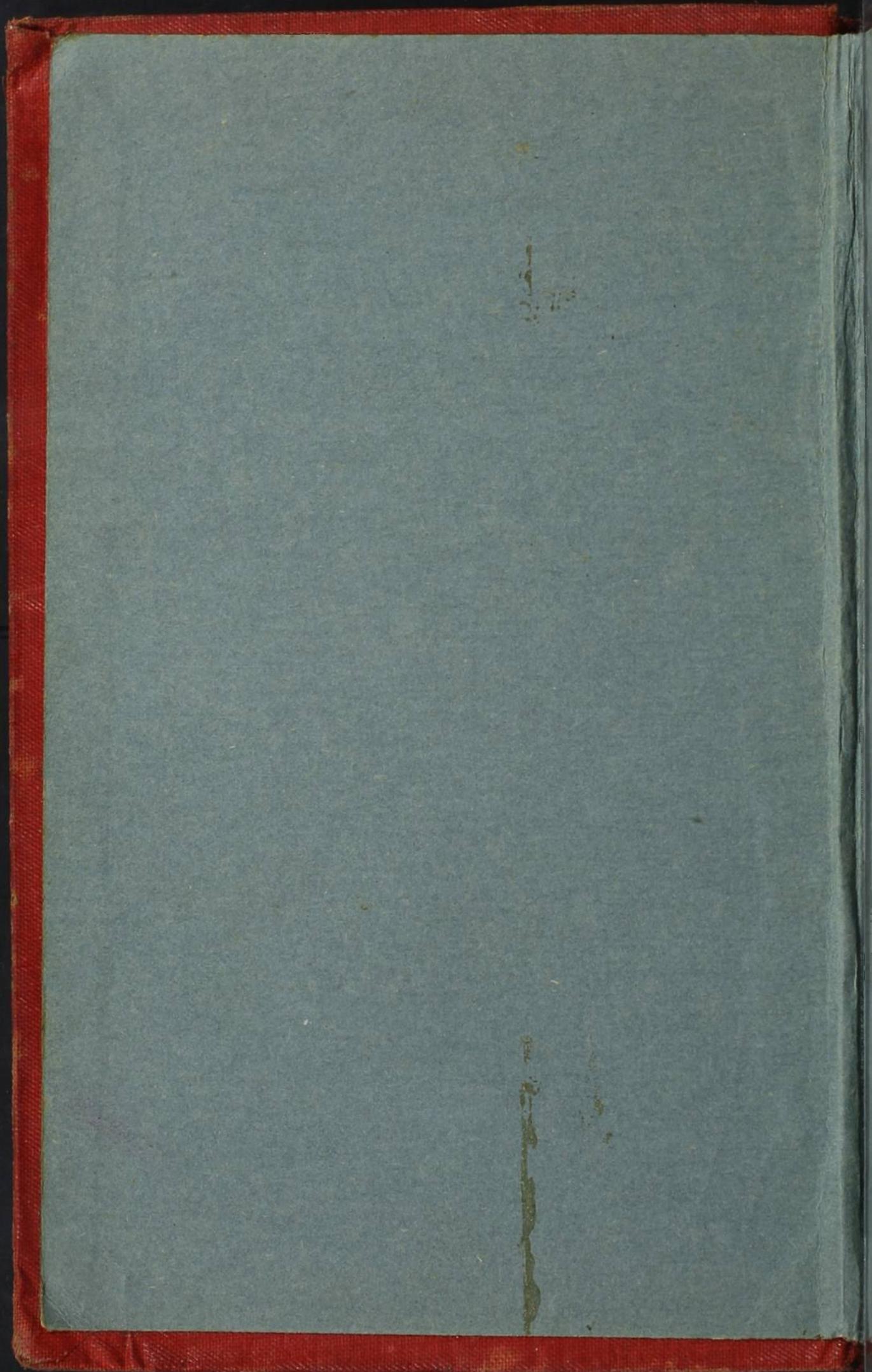
BIBLIOTHECA  
DA  
JUVENTUDE

MME LEPRINCE DE BEAUMONT

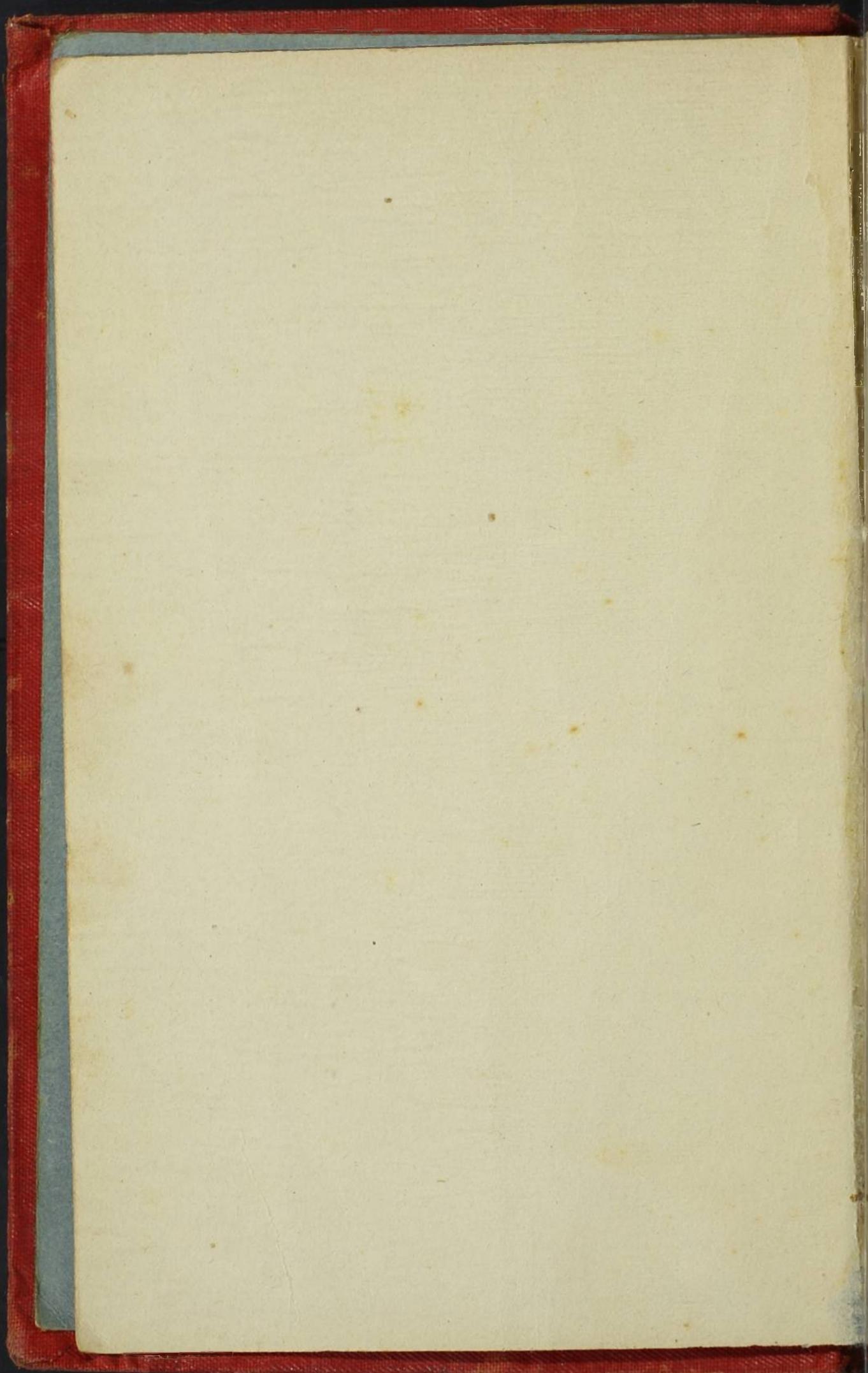
O BAZAR  
DAS CRIANÇAS

I

LIVRARIA GARNIER  
RIO - DE - JANEIRO



1879  
C. C. C.



O  
BAZAR DAS CRIANÇAS



O BAZAR  
DAS CRIANÇAS

OU

DIALOGOS DE UMA SABA PRECEPTORA  
COM SUAS DISCIPULAS

POR

M<sup>me</sup> LEPRINCE de BEAUMONT

*Precedido de uma noticia de*

M<sup>me</sup> LUIZA Sw. BELLOC

auctora de

*PEDRO E PIERRETTE, d'A COLMÉIA, etc.*

Illustrações de G. STAAL

TOMO PRIMEIRO

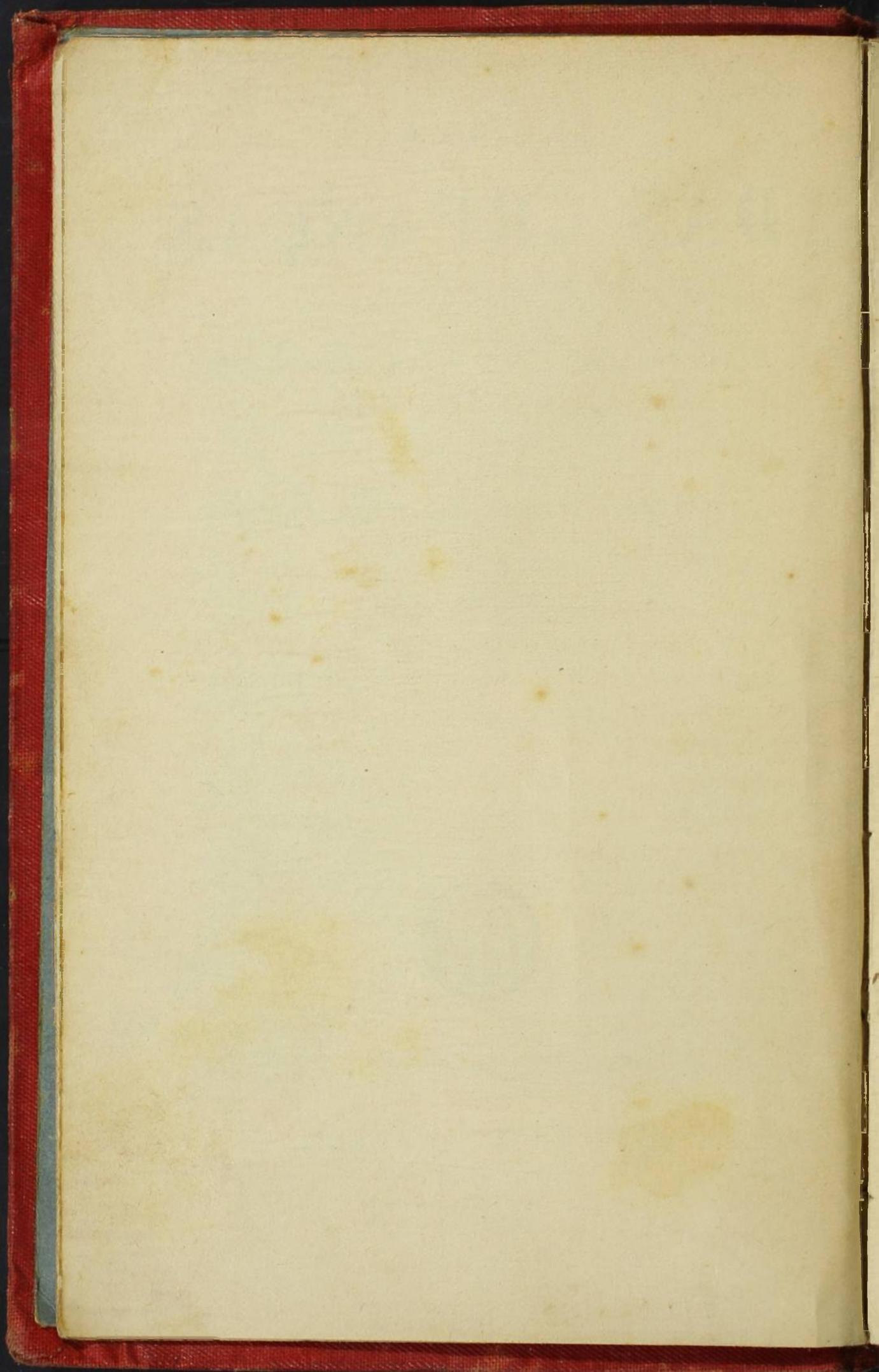


João Mayer Jr.  
Rua Marechal Floriano 43  
PORTO ALEGRE

LIVRARIA GARNIER

109, Rua do Ouvidor

RIO DE JANEIRO



# NOTICIA

SOBRE

M<sup>me</sup> LEPRINCE DE BEAUMONT

*E SUAS OBRAS*

---

*O Bazar das Creanças*, titulo magico !

Que felizes reminiscencias não desperta ! Brilha com toda a luz de nossa infancia ; ao seu benigno clarão desfilam as visões que outr óra nos encantaram : a branca fada Candida e seu talisman salutar ; o principe Querido e suas metamorphoses ; o honesto principe Desejo, tão divertido, com o seu nariz comprido ; a *Bella*, cuja piedade filial e heroica dedicação nos commoviam até as lagrimas e a temivel *Féra* que nos apparecia sob fórmãs tão phantasticas, que o nosso coração gelava-se de terror a cada uma de suas mysteriosas visitas ; todavia tinhamos nos acostumado a querer-lhe bem, a esta pobre *Féra*, mesmo por causa de sua fealdade, que a tornava tão humilde e tão bôa, depois a tantos outros amigos velhos, de inapagaveis vestigios, que reconhecemos com grande alegria.

Ao lado, destas encantadoras phantasias de uma rica imaginação, se desenhãam os austeros quadros da Biblia, os grandes acontecimentos da Historia Sagrada,

contados por intelligentes meninas de cinco e sete annos, no estylo ingenuo, da sua idade, e commentados pelas maiores, as mais velhas, Sylvia e Noemia cujos erros a judiciosa preceptora desfaz moderando os seus raciocinios muito absolutos.

Todos estes personagens, sagrados e profanos, ouvintes e narradôres, têm a sua physionomia propria, a sua individualidade, que os tornam eternamente jovens e presentes ao nosso espirito.

É que Madame Leprince de Beaumont possuia das fadas, que sabia tão bem evocar, o feliz dom de nunca envelhecer.

O publico a que ella se dirigia, ha mais de cem annos, poude crescer, amadurecer, desaparecer, sem deixar lacuna ; foi substituido por gerações successivas, avidas das mesmas ficções, das mesmas verdades. Podemos dizer d'este pequeno povo de leitores o que dizia, vendo desfilar uma classe de collegiaes, um observador um pouco superficial :

« E'singular ! Ha uns dez annos, que vejo passar este marmanjos, elles teem sempre a mesma idade ».

Sobre a sua superficie ondulante, a infancia occulta um poder maravilhoso de imaginação.

Collocada na fronteira dos dous mundos, o do desconhecido, d'onde ella vem, o da realidade, onde ella entra, parece ter guardado um como reflexo do sobrenatural. Este prende-a, este domina-a. Se disto não lhe fallardes ella o inventará ou, antes, encontral-o-ha.

Existe uma lembrança do que os nossos olhos não vêem mais ou uma revelação do que elles não vêem ainda ? Não sei. Mas ha sem contestação uma nobre

faculdade que é preciso saber respeitar, dirigindo-a sempre. Esta fé no invisível não é uma tendencia innata da alma para as crenças religiosas, uma iniciação divina n'este grande ensinamento ?

Nos nossos dias um profundo e eloquente pensador escreveu : « O sobrenatural é a esphéra natural da alma. E'a essencia de sua fé, de sua esperanza, de seu amôr ».

Não queiraes pois abafar na creança suas vagas aspirações para o bello, o bom, o poderoso, que farão um dia a força e o valor do homem. Quanto mais alto vosso discipulo collocar o seu ideal, tanto mais elle se esforçará para crescer, afim de attingil-o.

« Mas objectarão alguns impertinentes de espirito inquieto, vosso reino de magia desgostal-o-ha da realidade. Tudo lhe parecerá insipido e descorado, depois das vossas phantasmagoriãs. » Eu creio pelo contrario, que, igual á luz electrica, a imaginação illumina com um mais vivo clarão os deveres e os estudos. A sciencia guarda em reserva bastantes enigmas, bastantes maravilhas para satisfazer as mais asperas curiosidades. Os genios que fizeram caminhar a humanidade a passo de gigante eram pessoas de imaginação. Os poetas, os inventores, os sabios teem isto de commum com a infancia, que veem as cousas que ainda não existem como se já existissem.

Esta faculdade não é menos util ao progresso moral. A lembrança sensitiva do principe Querido, symbolo de uma consciencia delicada, combateu mais

de um impulso para a colera do que tel-o-iam podido vencer as reprimendas. As complacentes illusões de um amôr-proprio excessivo foram dissipadas pela cegueira do principe Desejo.

A triste e veridica historia de Jolietta, parou, e ha de parar sobre um fatal declive, indiscretas moças, cuja lingua leviana e aguçada distilla o venemo e póde dar a morte.

Cada um d'estes contos traz comsigo uma moralidade tanto mais surprehendente porquanto se passa na acção e d'ella se torna inseparavel.

A ficção n'elles conduz sempre á verdade. Sómente o caminho é mais novo, mais curto, mais atrahente que o antigo.

Madame Leprince de Beaumont tinha-o aprendido das creanças com as quaes viveu muito tempo ; com ellas tinha penetrado no mundo luminoso em que se deliciam. N'elle tomou as côres, com que carregou a palhêta ; como suas pinturas não teriam arrebatado aquelles que as inspiraram ?

A desgraça não lhe tinha igualmente poupado as suas rudes lições e ella tirára d'isto este grande ensinamento, que a Providencia nos conduz por caminhos desviados e muitas vezes dolorosos, para o fim que nos traçou, para a missão que deve nos tornar mais fortes e inelhores, uteis aos outros e a nós mesmos n'este mundo, ao mesmo tempo que ella nos amadurece para o céu.

Mademoiselle Leprince, nascida em Rouen em 1711, de honrada familia desposou em Luneville o Snr. de Beaumont.

Antecedentes desagradáveis, conhecidos muito tarde, desvios que compromettiam a honra, fizeram para a mulher um inferno antecipado d'este casamento, que uma sentença fundada sobre vícios de fôrma declaron nullo. Tornando-se novamente livre, Madame Leprince de Beaumont se iniciou nas lettras por uma obra intitulada : *O triumpho da verdade*, ou *Memorias do Marquêz de la Villette*. Ella habitava então em Nancy e conseguiu a honra de apresentar seu livro ao rei da Polonia, Estanisláo, que o acolheu com distincção.

Entretanto, revezes da Fortuna, acompanhados de dôres domesticas, obrigaram-n'a a procurar em seus talentos de preceptôra recursos menos precarios. Dirigiu-se a Londres e alli fixou-se. Depois de ter dirigido escolas gratuitas, resolveu-se encarregar da educação de algumas meninas nobres, podendo assim estudar em natureza os impulsos bons e máos que determina a differença das classes, desde as mais humildes até as mais elevadas, separadas por um abysmo na Inglaterra, mas approximadas pelas virtudes e pelos vícios que são o fundo commum da humanidade.

A vocação da judiciosa preceptôra se desenvolveu em um meio muito favoravel á observação. Ella ahi adquirio a arte difficil de manejar sem fazel-o discrepar, o natural caprichoso da infancia, de suavisar a rispidez ingleza, de fazer curvar-se o orgulho aristocratico, de ante do sentimento da justica : empreza espinhosa em um paiz em que os preconceitos nobiliarios teem raizes profundas e em uma epocha em que a preceptora collacada entre os criados, « se via rebaixada até á se-

gunda meza, condemnada a comer com o criado de quarto de *mylord*, que era laçao ha quatro dias, enquanto a actriz brilhante e applaudida, era acolhida com agrado á meza dos Senhores ».

Que impressão devia produzir sobre a discipula um igual contraste ! e quanto de força moral e de dignidade pessoal era preciso para reerguer uma posição tão aviltada ! Madame Leprince de Beaumont reclamou com prudencia e firmeza : « Havieis de prodigalizar em vão as recompensas, escrevia ella em um dos seus prefacios, recusando os olhares ! O preceptor vos diria de bôa vontade : Paga-me menos a metade e dae-me mais consideração. Uma pessoa capaz de dirigir a educação tem a alma delicada. Cheia de respeito para o nobre emprego a que se consagrou, tem direito ao justo tributo de estima que merecem os esforços que faz para preencher-o dignamente. Faltando vós a este dever, ainda que accumulada dos vossos beneficios, ella gemerá sob o pêso dos vossos despezos apparentes ; digo apparentes, porque não me poderia persuadir que uma mãe fosse bastante insensata para confiar seus filhos a uma pessoa que ella não honrasse com uma estima toda particular ».

No frontispicio da primeira edição do *Bazar das Crianças*, a auctora expõe com clareza e bôa fé, em uma advertencia muitas vezes reproduzida e que nunca poder-o-hia ser demais, porque encerra excellentes conceitos, as difficuldades de sua tarefa, suas duvidas conscienciosas, seus principios, o desanimo que mais de vinte vezes suspendeu o seu trabalho : Eu me fazia de antemão, diz ella, todas as objecções que far-me-hia

o publico ; e, desconfiando do meu raciocinio communiquei o meu manuscripto a um grande numero de pessoas, cujo gosto esclarecido faz lei. Qual não foi a minha surpresa !

Algumas d'entre ellas declararam-me terem-se divertído com elle a ponto de não poderem deixal-o antes de tê-lo acabado. Este successo inesperado desanimou-me de todo. Quiz trabalhar para as creanças dizia commigo, faltei ao fim almejado, pois as pessoas grandes se divertem com o meu trabalho. Carecia de ouvir outros juizes. Procurei-os entre as minhas discipulas. Todas conhecem o meu manuscripto.

A creança de seis annos tem-se divertido com elle tão bem como as de dez e de quinze. Algumas dentre ellas em quem não tinha esperanças de fazer nascer o amor do estudo, leram-n'ó com uma avidéz de bom agouro. Convenci-me por esta experiencia de que o desgosto, da maior parte das creanças para a leitura provém da natureza dos livros que se lhes põe entre as mãos, ellas não os comprehendem : d'ahi nasce inevitavelmente o aborrecimento.

Com effeito, n'essa epocha, dava-se a ler ás jovens Inglezas que aprendiam francez, traducções de *Gil Blas* e do *Telemaco*, obras primas inintelligiveis para ellas, que não lhes inspiravam senão aversão e tornavam-n'as incapazes de comprehender-lhes mais tarde as bellezas.

O desejo de attrahil-as ao estudo por narrativas mais simples e mais a seu alcance inspirou a primeira idéia do *Bazar* a Mme Leprince de Beaumont. Decidida a se adaptar a tudo que entrasse no seu plano, compulsou

doze volumes de contos de fadas, provavelmente a *Bibliotheca azul*.

« Não achei um só, diz ella, que eu podesse accomodar a minhas vistas e declaro que lhes prefiro os *Contos da Tia Pata* mesmo tão pueris como são. Acho meio de fazer comprehender ás creanças quando leem o *Barba Azul* os inconvenientes de um casamento feito por interesse, os perigos da curiosidade, as desgraças que podem resultar da pouca indulgencia que se tem para os caprichos de um marido, a inutilidade da mentira para escapar ao castigo. Poderia encontrar outro tanto nos doze volumes que citei ? A pouca moral que n'elles fizeram entrar está afogada em um maravilhoso ridículo que em cousa alguma concorre para o fim principal da educação que é a aquisição das virtudes e a correcção dos vicios. Todo o mundo concorda com estas verdades. Repete-se sem cessar ás creanças : Nada é mais desprezível do que mentir, encolerisar-se, ser guloso, desobediente. Quem não acreditaria estes vicios muito raros no mundo, vendo o cuidado que se toma para premunir contra elles a mocidade ? Ella os detestaria, com effeito, se, em lugar de confiar as maximas que se lhe ensina, a sua memoria, se lhes fizesse penetrar até a sua razão. Todos os nossos erros veem de duas origens : Da falsidade de nossas idéias ou da ausencia de convicção ; e estas duas origens de nossas desgraças teem sua origem em nossa educação ».

Tudo isto é justo, bem pensado e claramente expresso, ainda que a auctora se queixe de lhe faltarem termos para exprimir o que ella sente.

Toma também em consideração a frivolidade que lhe oppõe uma resistencia de inercia contra a qual se quebram os seus esforços : « Eu dizia, outro dia, de uma moça de dezeseis annos, que podia-se comparal-a a uma joven senhora casada que, entrando na casa de seu marido, que se tornou sua, estabelecesse seu domicilio junto a uma janella, para nada perder do que se passa na rua. Se se perguntasse a esta joven senhora no fim de dous annos : De que côr são seus moveis ? Diga alguma cousa sobre o assumpto dos quadros que ornem sua casa. Como está ella repartida por dentro ? E que ella respondesse : Nada sei de tudo isto ; mas em compensação, posso fallar das carruagens que passam todos os dias n'este bairro, do numero dos criados que se acham n'ellas, dos trajes das pessoas que vão dentro ».

« — Esta senhora seria uma extravagante, respondeu-me minha discipula.

« — E nós todas somos umas extravagantes, accrescentei. A nossa, alma passa a sua vida na janella, isto é, não se occupa senão das cousas que affectam os nossos sentidos, e ignora absolutamente o que está dentro de si mesma, em sua propria casa. Onde vem isto ? De um máo habito tomado na mocidade. A gente se occupa em attrahir a alma das creanças para as janellas ; faz d'ellas sêres fallantes, ouvintes, videntes, e ninguém reflecte em que seria preciso fazer d'ellas sêres pensantes. Este defeito é principalmente o das moças, e não é possivel imaginar o trabalho que tenho para libertal-as d'elle. Quantos estratagemas para excitar a curiosidade de se conhecer a si mesmo ! Quantos cui-

dados para ferir a vaidade expondo á gente moça a profundeza, a vergonha da sua ignorancia, de seus preconceitos, de suas tolices ! A muitos tenho visto chorar muitas vezes de despeito vendo-se pintados ao natural. Era alguma cousa mas não era tudo ; era preciso arrancar a preguiça, que sob o semblante da modestia, do desanimo trabalhava em lhes persuadir que careciam do genio necessario para reflectir. Era preciso lutar contra a dísipação perpetua a que se entregam a gente moça em Londres, onde uma menina de dez annos se desculpa pezadamente sobre as suas grandes occupações, por não ter podido dar contas da taréfa de que se tinha encarregado. Apesar de todos estes obstaculos, coméço a colher o fructo do meu trabalho. Nada digo a minhas discipulas que não as obrigue a provarem-me por certas razões, sem replica, se o factó é verdadeiro ou falso ; por ahi reconhecem com bastante facilidade uma contradicção em um principio especiosamente apresentado ; me escrevem os seus raciocinios sobre o que lêem, contestam uma verdade até que eu a tenha provado, e não se entregam senão á evidencia. As que eu comecei já grandes fazem progressos muito lentos n'esta sciencia ; mas tenho algumas desde a sua primeira infancia e essas são feridas por uma contradicção, do mesmo modo que o ouvido de um bom musico é ferido por uma desafinação. Donde vem isto ? Dos cuidados que tomei de lhes formar o raciocinio ; e o que eu fiz todos podem fazel-o ».

Não seria possivel, segundo ella, começar muito cedo demais a alimentar no espirito das creanças o respeito

da verdade e da justiça, não faltando occasiões a quem sabe apanhal-as. A creança é capaz d'isto ao sahir do berço. E preciso convencel-a da necessidade de fazer o que se exige d'ella.

« Ha para isto dous meios : a religião e a razão, duas cousas que nunca devem estar separadas. Eu me lisonjeio de tel-as unido n'esta obra. Fazendo recitar ás creanças a Historia Sagrada, tive o cuidado de lhes dar provas, ao alcance da sua razão, da divindade d'esta Escriptura. Procurei mostrar-lhes alli motivos de obediencia. Um Deus bemfeitor, amigo da virtude, vingador do crime, omnipotente para recompensar uma e punir o outro : eis ahi o que as suas reflexões e as da preceptôra põem a todos os momentos sob os seus olhos. Nada tenho desprezado para lhes mostrar o accôrdo das maximas d'este livro d'ivino com as nossas luzes naturaes ; e acabei por convencel-as de que independentemente d'uma outra vida, d'uma recompensa ou d'um castigo futuro, a felicidade, desde este mundo, depende de nossa docilidade em observar estas maximas. Mudando de discurso nunca mudei de objectivo. Meus contos tendem para o mesmo fim ; n'elles tudo affecta as creanças ; e eu bem posso esperar que á força de repetir as mesmas verdades sob fórmas diversas, ellas se insinuarão em seu espirito de uma maneira indelevel. Se isso conseguir nada mais tenho a desejar.

« Por mais esforços que tenha feito para tornar esta obra intelligivel ás creanças, haverá algumas cujo espirito muito acanhado achará difficuldade em comprehendel-a. Peço, ás pessoas encarregadas da sua educa-

ção, que suppram ao que faltar em meu trabalho ; que refundam o que acharem obscuro ; que o traduzam, o abreviem e virem-no de tantos lados, que elle se ache um só ao alcance de suas discipulas. Que as difficuldades não as detenham ; uma experiência de trinta annos me auctorisa a lhes responder pelo resultado. Posso - lhes garantir com verdade que, ha grande numero de annos, ainda não achei uma só creança incuravel, quer do espirito quer do coração. Entretanto tenho empregado vinte destes annos nas escolas gratuitas, isto é, tenho vivido entre os filhos dos pobres, cuja educação grosseira me offerencia menos recursos. O que não se deve esperar d'aquelles que teem, além dos soccorros dos mestres, os bons exemplos de uma familia honesta e abastada, na qual os sentimentos elevados se transmittem por herança ? »

Mme Leprince de Beaumont guardou um anno seu livro em manuscripto, por falta dos fundos necessarios para mandal-o imprimir. O encorajamento da côrte da Russia e a somma de algumas subscrições permittiram-lhe emfim publicar a primeira parte d'elle, cujo successo foi decisivo ; a segunda não tardou em apparecer e foi seguida do *Bazar dos Adolescentes*, do das moças e de algumas outras obras de Historia, de Geographia, de um tratado de educação, etc. A auctôra do *Bazar das Creanças* tinha conquistado seu lugar na estima publica e os editôres nunca mais lhe faltarão. Casada em segundas nupcias com um dos seus compatriotas, Thomas Pichon, durante sua morada em Londres, e mãe de seis filhos, os cuidados que sua familia exigia,

decidiram-n'a a tomar sua aposentadoria. Alguns nobres senhores, e até principes, zelosos de se assegurarem do seu util concurso para a educação de seus filhos, sollicitaram-na em vão. Ella teve a sabedoria de resistir ás offertas as mais brilhantes e deixou a Inglaterra em 1764, depois de ter passado alli dezeseite annos, para ir fixar-se na Saboia, onde comprou com suas modestas economias, uma terrinha chamada Chavanod, nos arredores de Annecy. Ahi viveu feliz e honrada até sua morte, que se deu em 1780. Sempre preocupada com o seu bem-estar e a instrucção dos que a procuravam, escreveu e publicou em Lyon, em 1768, o *Bazar dos Pobres, dos operarios, dos criados e dos camponios*, obra de um verdadeiro merito, que se tornou rarissima e que deixa uma lamentavel lacuna na Bibliotheca popular. N'ella traça a estas diversas classes os seus deveres com a mesma auctoridade de rectidão, justiça, a mesma affectuosa sympathia, que a tinham tão bem inspirado em suas palestras com as filhas de marquezes e de duques.

Morta aos setenta annos, Madame Leprince de Beaumont, que conservou este nome nas lettras, deixou setenta volumes.

De todas as suas obras, a mais notavel é sem contestação, o *Bazar das Crianças*. Sua apparição em 1757 fez sensação. Traduzido quasi logo em todas as linguas da Europa, inaugurou, para assim dizer, um ramo de litteratura nova muito desprezada até então. Tinha-se escripto muito sobre a educação, muito pouco para aquelles que se tratava de educar. Com excepção da admiravel obra de Foe, *Robinson Crusoe*, não existiam

quasi outras leituras para uso da infancia senão grammaticas e resumos. Compreendeu-se que lhe era preciso cousa melhor.

Homens de talento, mulheres distintas, metteram mãos á obra, e não desprezaram occupar-se das creanças. Na Inglaterra o Dr Aikin e sua irmã, *mistress* Barbauld, escreveram *Os Serões no Lar*; o erudicto Snr. Day tornou-se o auctor de *Sandford e Mentor*. Na Allemânia Weisse, Campe, em França Madame d'Epinau, Berquin, seguiram de perto Foe e Madame Leprince de Beaumont no caminho que tinham aberto. A moda se misturou n'isto: Grétry tomou emprestado ao conto d'*A Bella e a Féra*, o assumpto da opera de *Zemira e Azór*, cujas melodias suaves enterneciam moços e velhos que n'ellas encontravam um echo de suas mais frescas e mais ingenuas sensações.

Depois as imitações, as collecções infantis, multiplicaram-se; escriptores de primeira ordem, *miss* Edgeworth, Madame Guizot e muitos outros, compuzeram para a mocidade excellentes obras; nenhuma fez esquecer a sua predecessora.

*O Bazar das Creanças*, sempre reclamado, sempre reimpresso tão bem quanto mal, renasce constantemente de suas cinzas como a phenix.

A metaphora será esta vez, tanto mais justa quanto os editores d'esta nova edicção, os Snrs. Garnier Irmãos, quizeram dar a este livro um luxo typographico, digno da sua velha nomeada. Instada por elles para revêr o texto, a isto accedi com tanto melhor vontade, quanto a obra me tinha deixado excellentes recordações. Mas uma vez mãos á obra, achei

a taréfa difficil ; se os pensamentos são irreprehensíveis, a fórma deixa por vezes a desejar.

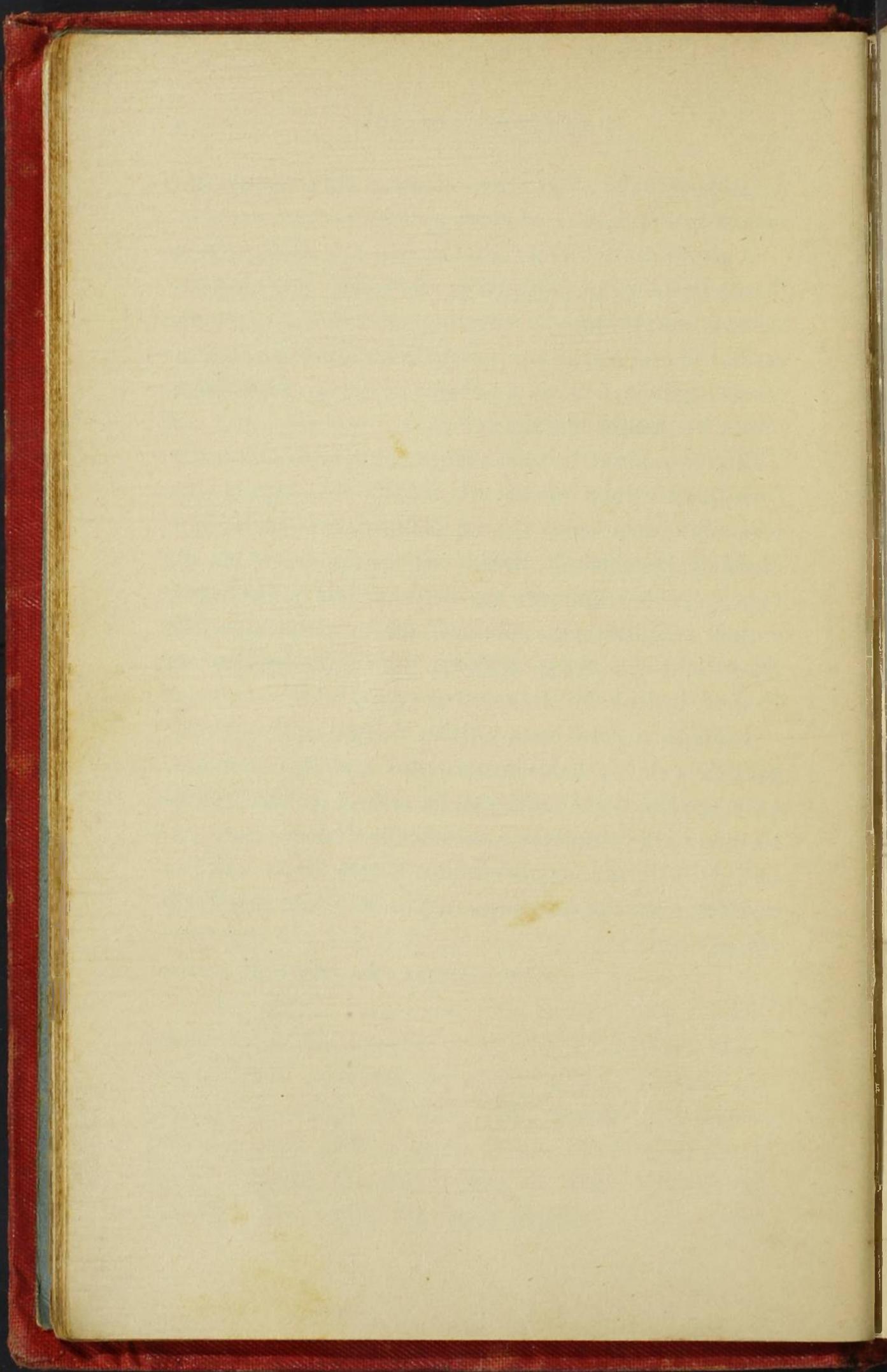
O estylo muitas vezes diffuso, não tem o vivo e brilhante desfilhar dos escriptores modernos ; em compensação é sempre simples, natural e perfeitamente intelligivel. Deveria respeitar estas raras qualidades e sacrificar a elegancia, á clareza, ao risco de deixar subsistirem muito frequentes repetições ?

Comparando entre si as velhas edições do *Bazar das Creanças* escolhi a que deveria ter sido revista pela auctora. Em uma collecção de pedaços destacados que Madame Leprince de Beaumont fez apparecer em diversas epochas, durante sua permanencia em Londres, e que, reunidos em volumes, foram publicados em Maestricht em 1775, descobri um conto inedito em França, intitulado, *A Derradeira das Fadas*.

Juntei-o a esta nova edição, á qual elle está ligado pela elevação dos sentimentos, a pureza da moral, e sua applicação ás provações da vida. A pedido dos editores, e para completar o volume, os dialogos 30º, 31º, 32º, e 33º foram accrescentados a esta nova edição ; possam elles ser julgados dignos de fazer parte do *Bazar*.

LUIZA SW.-BELLOC.

---



## DUAS PALAVRAS AO LEITOR

A educação moral das creanças é uma destas preocupações nada inferiores ás questões que se julgam de alta relevancia social.

O presente prepára o porvir.

Que será das gerações futuras, se desde já não cogitarmos do magno problema de educar a infancia ?

Não se trata aqui da educação rudimentar, d'aquella que deve ser ministrada ao iniciar a creança os seus primeiros estudos.

Trata-se da educação que prepara o cidadão e a mãe de familia ; da educação que tem por objectivo infundir no espirito da creança os salutaes ensinamentos sociaes.

Inspirada nesta ideia foi que cogitamos da apresentação do presente livro, ás creanças brazileiras, traduzindo-o para o vernaculo. Temos fé portanto na acceitação que terá o precioso *Bazar das Creanças*.

Madame Beaumont.

Não é bem conhecido nas letras patrias o nome desta grande alma feminina, desta grande preceptora que tanto admirou quer a culta França, quer a severa Albion.

Quem foi Mademoiselle Leprince, depois Madame Beaumont, verá o leitor no seguinte prefacio tão magistralmente traçado pela encantadora penna de Luiza Sw-Belloc.

A nós, basta, dizer que os seus trabalhos vindos á luz no ultimo quartel do seculo XVIII, parecem feitos na actualidade, tal a importancia do fim a que se propõe Madame Beaumont, tal a viveza das suas concepções.

Ainda em França Madame Beaumont tinha publicado os seus primeiros trabalhos, com applausos do mundo litterario d'aquelle tempo.

Circumstancias imperiosas, obrigaram-n'a a deixar a França querida e procurar em Inglaterra meios de subsistencia. Alli, chegando, teve que enfrentar mil obstaculos, entre outros os preconceitos d'aquelle meio social, principalmente os preconceitos de casta, tão profundamente arraigados na velha Inglaterra, muito mais ainda que na actualidade.

Teve Madame Beaumont que occupar posições humildes até que enfim, sendo reconhecida a sua envergadura moral de alta educadora, pode se elevar até as classes nobres, que deram o justo valor ao seu talento, aos seus meritos.

Foi então que teve a concepção de inculcar no espirito da mocidade a reacção contra os erros dominantes da sociedade, a lucta contra os preconceitos, contra a rotina. D'ahi o *Bazar das Creanças*.

De um estylo singelo todo original, podemos chamal-o de *obra-prima*.

Luiza Belloc fazendo reviver esta formosa perola

litteraria, é digna dos maiores elogios das mais vivas gratidões da mocidade, a quem apresentou esta joia com as fulgurações da sua penna scintillante.

A nós como traductora, cabe a satisfação de ter concorrido para um nobre intuito, fazendo conhecido dos nossos pequenos compatriotas um livro digno de figurar nos nossos meios escolares, mesmo nos nossos centros litterarios.

Temos a plena consciencia de ter apresentado ao publico um livro immortal.

A TRADUCTORA.

---

Nomes que apparecerão nestes dialogos.

*D. Luiza, preceptora da menina Noemia.*

NOEMIA . . . . .	12 annos.
SYLVIA . . . . .	12 annos.
MARIA . . . . .	5 annos.
CARLOTA . . . . .	7 annos.
LILI . . . . .	7 annos.
BRANCA . . . . .	10 annos.
ROSITA . . . . .	13 annos.

---



## A LIÇÃO DE GEOGRAPHIA

### DIALOGO UM

*As meninas BRANCA, NOEMIA e SYLVIA*

BRANCA, *entrando em casa de Noemia.* — Bôa tarde cara amiga ; estou muito contente por poder passar a tarde comtigo : disseram-me que tinhas recebido de Paris a mais linda boneca do mundo : ah ! como nos vamos divertir !

NOEMIA. — Com muito gosto, queridinha ; tenho muito prazer em possuir alguma cousa que te possa distrahir : mas, estão batendo ; com certeza é Sylvia que mandou-me dizer que viria tomar chá commigo.

SYLVIA. — Bôa tarde, caras amigas, eu... Mas, Deus me perdoe, parece-me que Noemia está brincando com uma boneca : ah !... (*Ella ri.*) Ora ! Eu que te julgava tão ajuizada ; já tens doze annos e ainda brincas com bonecas !

BRANCA. — Mas, que mal faz brincar quando se tem doze annos ? Parece que te vi com muitas bonecas ainda não ha muito tempo.

SYLVIA. — Ha mais de seis mezes atirei-as todas ao fogo, e pedi a papai que me desse o dinheiro destinado a estas bagatellas para comprar livros e pagar professores de toda especie.

BRANCA. — Não tenho o mesmo gosto. Si fosse senhora de mim em vez de dar dous guinéos por mez ao meu professor de geographia, mandaria vir de Paris as mais bellas cousas do mundo ; isto me distrahiria muito, ao passo que o professor me aborrece mortalmente : apenas o vejo começo logo a bocejar. Elle queixa-se a mamãi, ralham commigo, do que resulta destestar eu ainda mais o mestre e a geographia.

SYLVIA. — Não gostas então de ler historias ?

BRANCA. — Para te fallar francamente, não ; no entanto é preciso que eu leia, porque papai assim o quer ; mas quando eu crescer e que poder fazer o que bem me aprouver, asseguro-te que nunca hei de ler.

SYLVIA. — Serás então uma ignorante toda a tua vida, e nunca serás amavel. Ouve, vou contar-te o que me desgostou das bonecas. Durante a nossa estadia no campo este verão, a nossa casa era frequentada por muitas senhoras. Dentre ellas haviam duas muito feias,

mas feias de metter medo ! Pois bem, papai ficava contentissimo quando ellas vinham nos visitar, e dizia sempre que eram muito amaveis : isso me surprehedia, pois eu suppunha que era preciso ser bella para ser amavel : muito maior porem foi a minha admiração quando ouvi papai dizer que D. Lucia que tão bem conheces e sabes quanto é bella, era uma estatua, um automato, que não tinha alma : eu ignorava o que significava isso. Um dia em que eu estava só com as taes senhoras que são muito feias, perguntei-lhes qual a differença que havia entre ellas e D. Lucia ? Mas, minha querida debes comprehender, ella é bella e nós somos feias. — Bem o sei, retorqui ; papai o repete todos os dias ; mas elle diz tambem que sois amaveis e que ella não o é : que ella é uma estatua, um automato. Não sei o que quer dizer um automato, porem suppunha que uma estatua era de pedra ou de madeira : além disso, julgava que não se podia viver sem alma ; no emtanto elle diz que D. Lucia não a tem. As duas senhoras riram-se muito e depois disseram-me que uma pessoa era amavel quando tinha espirito, e que as ignorantes chamavam-n'as de estatuas ou automatos, porque um automato é uma machina que anda, toca flauta e faz muitas outras cousas, si bem que seja apenas uma estatua, feita de um pedaço de madeira, que não tem alma, não pensa, e que as pessoas ignorantes fallam, andam e fazem tudo sem pensar como o automato. « Ah ! ensinai-me o que é preciso fazer para aprender a pensar ; eu teria muito desgosto de ser um automato. De onde vos veio este espirito que vos torna tão amaveis, apezar de serdes tão feias ? — Nós o

adquirimos nos livros, responderam-me ellas, applicando nos ao estudo quando eramos creanças ». Desde essa occasião abandonei tudo para tratar de adquirir espirito, e já tenho muito, todos o dizem ; porem quero ter ainda mais, e para isto leio o dia inteiro.

BRANCA. — Dize-me, querida amiga, para que serve ter tanto espirito ?

SYLVIA. — Para que serve para mil cousas. O anno passado eu me aborrecia no salão, tratavam-me como uma menina : agora todos conversam commigo e eu converso tambem ; a cada instante dizem que sou espirituosa como um anjo. Outro dia fui em casa do Snr. C... que possui muitos quadros ; estavam lá muitas senhoras que perguntavam o que significavam elles ; puz-me a rir e o Snr. C... que sabe que eu li as *Metamorphoses*, perguntou-me si eu conhecia o assumpto dos quadros ; expliquei-os todos. Elogiaram-me muito, senti grande satisfação em ser louvada, admirada. Além disso, zombo das ignorantes e rio-me das asneiras que dizem a cada passo : isto me diverte muito mais do que uma boneca.

BRANCA. — Pois bem, eu prefiro ser ignorante a ser má. Si o espirito só serve para criticar os outros, não faço questão de tel-o. Que pensas disto Noemia ? Dizem que estudas muito ; é tambem para criticar d'aquellas que como eu não são espirituosas ?

NOEMIA. — Não, queridinha ; estudo porque isto me diverte e me instrue, e espero tambem que isto me tornará bôa quando eu crescer.

SYLVIA. — Já que os estudo te divertem, porque conservas ainda as bonecas ?

NOEMIA. — Para distrahir minhas amiguinhas : fico tão contente quando posso lhes causar algum prazer !

BRANCA. — Agradeço-te de todo o coração querida amiga ; guarda a tua boneca para mim, e quando eu estiver aborrecida de brincar virei estudar contigo para aprender a ser bôa, pois o és muito.

NOEMIA. — Si quereis, vamos para a sala de D. Luiza minha preceptôra, que nos espera para tomar chá.

## DIALOGO DOUS

SYLVIA e NOEMIA



SYLVIA. — Estou muito triste minha cara amiga, e venho contar-te a causa do meu pezar.

NOEMIA. — Que tens? Dir-se-hia que choraste de tal modo tens os olhos vermelhos.

SYLVIA. — Chorei toda a manhã, e ainda tenho bem vontade de continuar. Disse-te outro dia que lia muito para tornar-me espirituosa e fazer-me admirar : pois bem, não quero mais ler : vou jogar os meus livros e meus mappas no fogo.

NOEMIA. — Dá-m'os antes ; mas, dize-me porque já não gostas d'elles ?

SYLVIA. — Vou contar-te o que me aconteceu esta manhã : verás que tenho razão de estar zangada com o meu espirito e com os livros que m'o deram. O Sur. B... e seu irmão foram almoçar hoje connosco, e ficaram na sala enquanto papai acabava de ler algumas cartas. Apenas soube que o Snr. B... estava em

baixo, descí pressurosamente porque gosto muito de estar com elle que me diz sempre que eu sou amavel, espiituosa, instruida e mil outras cousas agradaveis. Chegando junto a porta e ouvindo-o fallar a meu respeito parei para escutar. Que falso! ah! minha querida! ainda não posso deixar de chorar quando penso no que elle dizia de mim: « E'um mau character, uma menina que será o flagello da sociedade! » Dizer que eu serei o flagello da sociedade! comprehendes? é a cousa mais feia do mundo. Disse ainda que eu sou orgulhosa como um demonio, critica, ironica, e que mais valeria que eu fosse ignorante do que continuar a instruir-me, porque isto acabaria de me estragar, augmentando a minha vaidade. Depois fallou, de ti. « Ella é muito amavel, disse elle, falla pouco mas tudo que diz é acertado; eu daria tudo no mundo para ter uma filha com o seu character ». Ia continuar porem ouvindo papai subir calou-se, e eu fui chorar em meu quarto. Tocaram a sineta para o almoço; eu porem mandei dizer que estava com colicas, sómente para não ver semelhante homem, que diz o que não pensa. Depois de jantar pedi licença a mamãe para vir ver-te, contar-te tudo isto, e perguntar-te como fazes para teres espirito sem seres uma peste, uma orgulhosa.

NOEMIA. — Francamente não sei o que responder-te; creio porem, que si sou bôa, devo-o a minha preceptora. Ella, diz-me sempre que ha duas especies de espirito. Um que só serve para nos fazer odiar e desprezar por todos; outro que nos torna amavel, meiga, virtuosa, induzindo as pessoas de nossas relações a fallarem bem de nós; e quando sou má ella me corrige.

SYLVIA. — Provavelmente eu tenho um mau caracter, que achas?... Não queres responder-me; não supponhas me offender, pois estimo-te muito para que isto succeda.

NOEMIA. — Já que assim queres, dir-te-hei o que penso. Não tens bom caracter, porem a culpa não é tua. Nunca te ensinaram que ha duas sortes de espirito, e estou certa que te corrigirás, quando te disserem o que é preciso fazer para isto.

SYLVIA. — És muito indulgente, desculpando-me assim; asseguro-te que tens razão; quero corrigir-me, porem receio nada conseguir. Si quizeses pedir á tua preceptora para ensinar-me como devo fazer, ficar-te-hia muito agradecida.

NOEMIA. — Estou certa que ella o fará com muita satisfação, pois nada lhe causa maior prazer do que encontrar meninas desejosas de se tornarem instruídas e virtuosas. Ella convidou mesmo algumas das minhas amigas para virem passar a tarde commigo, tres vezes na semana, no intuito de nos instruirmos divertíndo-nos. Dir-lhe-hei que desejas ser d'este numero. Aceitas?

SYLVIA. — De todo o coração, basta me avisares quando quizeres começar, serei uma das primeiras.

## DIALOGO TRES

### PRIMERO DIA

D. LUIZA, NOEMIA, SYLVIA, MARIA, CARLOTA,  
LILI

MARIA. — Bôa tarde, D. Luiza : Noemia me disse que sabieis os mais bellos contos do mundo, e como eu gosto loucamente de contos peço-vos para nos contar um.



D. LUIZA. — Sim, minha querida menina ; sei lindos contos, bellas<sup>s</sup> historias e te contarei quantas quizeres.

MARIA. — Que differença ha entre um conto e uma historia ?

D. LUIZA. — Uma historia é um cousa verdadeira, e um conto é uma cousa inventada, que se escreve e se conta para divertir os meninos.

MARIA. — Então os que fazem contos são mentirosos porque dizem cousas falsas.

D. LUIZA. — Não, minha querida ; mentír é procurar enganar. Ora, como avisam que são contos não querem enganar ninguem.

MARIA. — Peço-vos que me conteis uma historia e um conto para que eu possa julgar qual dos dous é mais bonito.

D. LUIZA. — Com muito gosto : dar-te-hei uma bella historia para leres e aprenderes de cór, e te contarei um lindo conto.

CARLOTA. — E a mim, D. Luiza, não dareis nada para ler ?

D. LUIZA. — Sim, caras meninas, darei uma historia a cada uma como si já fossem grandes ; antes porem vou contar a Maria o conto que lhe prometti. Ouvi com attenção :

## O PRINCIPE QUERIDO

### *Conto*

Havia um rei tão honrado que os seus subditos o appellidaram o *Rei Bom*. Um dia quando caçava, um pequenino coelho branco prestes a ser morto pelos cães, lançou-se em seus braços. O rei acariciou o coelhinho e disse : « Já que elle se pôz sob a minha protecção, não quero que se lhe faça mal ». Levou o coelhinho para o seu palacio, mandou fazer para elle uma linda casinha e dar-lhe bôas hervas. De noite quando estava só no seu quarto vio apparecer uma bella dama : não estava vestida de ouro e prata, mas suas vestes eram brancas como a neve, e na cabeça tinha uma bella corôa de rosas brancas. O bom rei ficou muito

admirado de ver aquella dama, porque a porta estando fechada não sabia como ella tinha entrado. Então ella lhe disse : « Eu sou a fada Candida ; passando no bosque durante a vossa caçada quiz saber se ereis bom



como todos dizem. Para isto, transformei-me n'um coelhinho e refugiei-me em vossos braços, porque sei que aquelles que são compassivos para com os animaes o são ainda mais para com os homens ; e si me tivesses recusado vossa protecção, eu teria acreditado que ereis máo. Venho agradecer-vos o beneficio que me fizestes e assegurar-vos que serei sempre vossa amiga. Podeis pedir-me o que quizerdes ; prometto vol-o conceder.

— Senhora, disse o bom rei, já que sois fada deveis saber o que eu desejo. Tenho um filho unico a quem muito amo, e por isso deram-lhe o nome de principe Querido ; si tendes alguma estima por mim, sêde sua amiga. — De todo o coração, disse-lhe a fada ; poderei tornal-o o mais bello principe do mundo, o mais rico, ou a mais poderoso. Escolhei o que quereis para elle. — Nada disto desejo para meu filho, respondeu o bom rei, mas vos ficaria muito reconhecido si quizesseis tornal-o o melhor de todos os principes.

De que lhe serviria ser bello, rico, possuir todos os reinos do mundo, si fosse máo ? Bem sabeis que elle seria infeliz, e que só a virtude pode fazel-o venturoso. — Tendes razão, lhe disse Candida ; mas eu não tenho o poder de fazer do principe Querido um homem honrado contra sua vontade : é preciso que elle procure por si mesmo tornar-se virtuoso. Tudo quanto posso prometter-vos, é dar-lhe bons conselhos, reprehendel-o pelas sua faltas e castigal-o si elle não quizer se corrigir e castigar a sí proprio ».

O bom rei ficou muito contente com esta promessa e morreu algum tempo depois. O principe Querido sentio mutio a morte de seu pai a quem amava de todo o coração, e teria dado todos os seus reinos, bens e fortuna para salval-o, si estas cousas fossem capazes de mudar a ordem do destino. Dous dias depois da morte do rei, Querido estando deitado, Candida lhe appareceu : « Prometti a vosso pai, disse-lhe, ser vossa amiga, e, para cumprir minha palavra venho fazer-vos um presente. » No mesmo momento poz no dedo de Querido um pequenino anel de ouro, dizendo-lhe : « Guardai

bem este anel, mais precioso do que os diamantes: todas as vezes que commetterdes uma má acção elle vos picará o dedo ; porem si apezar da picada

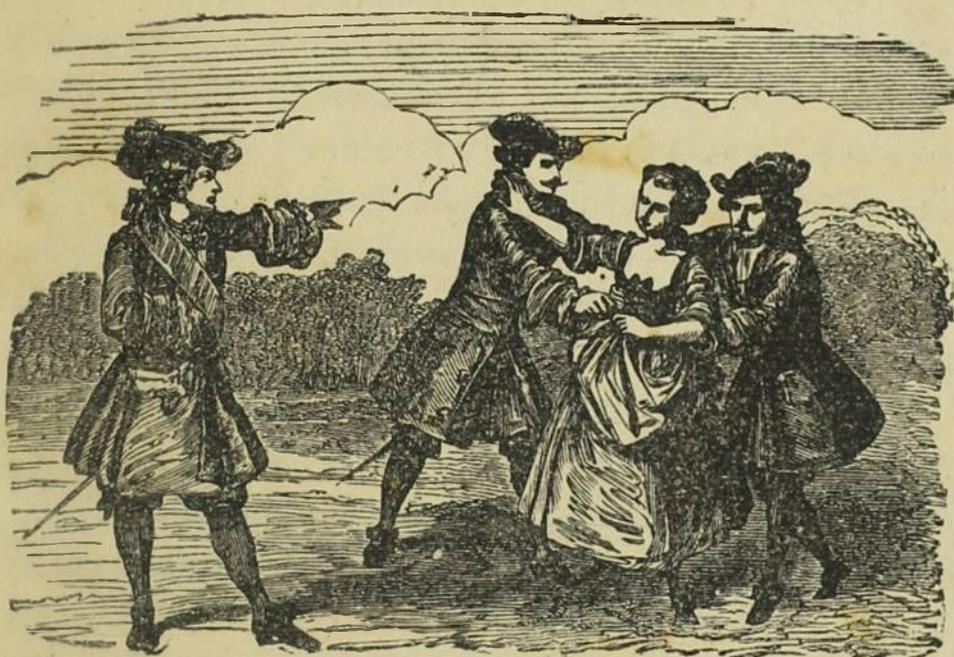


persistirdes n'essa má acção, perdereis minha amizade e me tornarei vossa inimiga ». Acabando de dizer estas palavras, Candida desapareceu deixando Querido muito admirado. Durante algum tempo elle procedeu tão bem que o anel não o picava, e isto o tornava tão venturoso que se juntou ao nome de *Querido* que elle usava o de *Feliz*. Algum tempo depois indo a caça

nada matou o que o pôz de máo humor ; pareceu-lhe então que o seu anel fazia-lhe uma certa pressão no dedo, mas como não o picava não prestou muita attenção. Ao entrar no seu quarto sua cachorrinha Bibi correu e pôz-se a saltar em redor d'elle para affagal-o : « Retira-te, disse-lhe ; não estou disposto a receber tuas caricias ». A pobre cachorrinha, que não o comprehendia, puxava-lhe as vestes para obrigar-o pelo menos a olhar para ella : isto impacientou Querido, que lhe deu um pontapé. No mesmo instante o anel picou-o como se fosse um alfinete. O principe ficou muito admirado e sentou-se muito envergonhado n'um canto do quarto dizendo comsigo mesmo : « Creio que a fada zomba de mim ; que grande mal fiz eu em dar um pontapé n'um animal que me importuna ? De que me serve ser senhor de um grande imperio, si não tenho a liberdade de bater no meu cão ?

— Não zombo de vós, disse uma voz que respondia ao pensamento de Querido ; commettestes tres faltas em vez de uma. Fícastes de máo humor porque não gostais de ser contrariado, e crêdes que os animaes e os homens foram feitos para vos obedecerem. Vos encolerisastes, o que é mal feito, e tambem fostes cruel para com um pobre animal que não merecia ser maltratado. Sei que sois muito superior a um cão, mas si fosse uma cousa licita os fortes maltratarem os fracos, eu poderia agora vos bater, matar-vos, porque uma fada é mais poderosa do que um homem. A vantagem que ha em ser senhor de um grande imperio não consiste em poder fazer o mal que se quer, porem todo o bem que se póde ». Querido reconheceu sua falta e pro-

metteu corrigir-se. Infelizmente não cumprio sua palavra. Fôra criado por uma ama ignorante que o tinha estragado com mimos quando era pequenino. Para obter qualquer coisa bastava-lhe chorar, enfurecer-se, sapatear, para essa mulher lhe dar tudo quanto pedisse, o que o tornara caprichoso. Tambem dizia-lhe da



manhã á noite que elle havia de ser rei um dia, que os reis eram muito felizes porque todos os homens deviam lhes obedecer, respeitá-los, e que ninguem os podia impedir de fazerem o que quizessem. Quando Querido tornara-se homem e ajuizado, comprehendera perfeitamente que nada era mais feio do que ser altivo, orgulhoso e caprichoso. Tentou todos os esforços para corrigir-se, mas habituara-se a todos os seus defeitos, e um máo habito é bem difficil dese destruir. Isto porem não quer dizer que tivesse máo coração. Chorava de pezar quando commettia uma falta e dizia : « Sou

muito infeliz por ter de combater todos os dias minha colera e meu orgulho ; si me tivessem corrigido quando eu era creança, não teria hoje tanto desgosto». O anel o picava constantemente : algumas vezes elle se detinha immediatamente, outras vezes continuava ; e o que havia de extraordinario é que, quando se tratava de faltas leves só o picava levemente ao passo que quando era realmente máo, o sangue sahia-lhe do dedo. Afinal já impaciente, e querendo ser máo a sua vontade jogou fóra o anel. Vendo-se livre das picadas julgou-se o homem mais feliz do mundo ; commetteu todas as asneiras que lhe passavam pela mente, de sorte que tornou-se tão máo que ninguem o podia supportar.

Um dia, quando Querido passeava, viu uma moça tão linda que resolveu casar-se com ella. Chamava-se Zelia e era tão bôa quão bella. Querido suppoz que Zelia se julgaria muito feliz em tornar-se uma grande rainha ; mas a moça lhe disse com muita franqueza : « Sire, sou apenas uma pastora, não tenho fortuna, mas ainda assim, nunca me casarei com vossa magestade. — Porventura não vos agrado ? perguntou-lhe Querido um pouco emocionado. — Não, principe, respondeu-lhe Zelia. Acho-vos tal qual sois, isto é, muito bello ; porem de que me serviria vossa belleza, vossas riquezas, os bellos vestidos, os magnificos carros que me darieis, si as más acções que vos visse praticar me fôrçassem a vos detestar e a vos odiar ? » Querido muito enfurecido contra Zelia ordenou aos officiaes que a conduzissem á força ao palacio.

Durante todo o dia preoccupou-se com o des-

prezo que a moça lhe testemunhara, porem como a amava não podia decidir-se a maltratal-a. Entre os seus favoritos, estava o seu irmão collaço no qual confiava plenamente : este homem propenso ás baixezas, gabava os vicios de seu senhor e dava-lhe máos conselhos. Vendo Querido muito triste perguntou-lhe a causa de seu pezar : como o principe lhe respondesse que não podia supportar o desprezo de Zelia e, que resolvera corrigir-se de seus defeitos já que era preciso tornar-se virtuoso para lhe agradar, este homem malevolo disse-lhe : « Sois muito bom em incommòdar-vos por essa pequena camponeza ; si eu fosse vossa magestade, accrescentou, obrigar-a-hia a obedecer-me. Lembrai-vos que sois rei e que seria humilhante submetter-vos ás vontades de uma pastora que se deveria julgar muito feliz em ser do numero de vossas escravas. Fazei-a jejuar a pão e agua ; encerrai-a n'uma prisão e si persistir em não querer vos desposar, fazei-a perecer pelos supplicios afim de ensinar as outras a cederem a vossa vontade. Ficareis deshonorado si souberem que uma simples pastora vos resiste, e todos os vossos subditos esquecerão que estão no mundo para vos servir. — Mas, disse Querido, não ficarei deshonorado si fizer morrer uma innocente ? Porque afinal Zelia não commetteu crime algum. — Não se é innocente quando se recusa a executar vossas vontades, retorquio o adulador, porem ainda mesmo que praticasseis uma injustiça, é preferivel que se vos accuse a se saber que é permittido algumas vezes se vos faltar com o respeito, contestando o que dizeis ». O cortezão tomava Querido pelo seu lado fraco : o receio

de ver sua autoridade diminuida impressionou profundamente o rei a ponto de o fazer reprimir o bello impulso que lhe dera vontade de corrigir-se. Resolveu pois ir naquella mesma noite ao quarto da pastora e maltratal-a si se obstinasse em recusar-se a desposal-o. O irmão collaço de Querido receiando ainda uma bôa resolução reuniu tres jovens fidalgos tão máos quanto elle, para fazerem companhia ao rei : ceiam juntos, tendocuidado de acabar de perturbar a razão do pobre principe fazendo-o beber demasiadamente. Durante a ceia excitaram sua colera contra Zelia, e o fizeram envergonhar-se tanto da fraqueza que tivera para com ella, que este levantou-se como um louco, declarando que ou ella lhe obedeceria ou a faria vender no dia seguinte como escrava.

Querido entrou no quarto onde estava a donzella ficando muito surprehendido por não encontral-a alli, pois tinha a chave no seu bolso ; a sua colera era tremenda e jurava vingar-se de todos aquelles que suspeitasse ter auxiliado Zelia a evadir-se. Ouvindo-o falar deste modo, seus confidentes resolveram aproveitar do seu furor para perder um fidalgo que fôra preceptor de Querido. Este honrado homem tomara algumas vezes a liberdade de fazer ver ao rei os seus defeitos, porque o amava como si fosse seu filho. A principio Querido lhe agradecia, mas depois impacientava-se por ser contrariado pensando que era por espirito de contradicção que o seu preceptor notava-lhe defeitos, quando todos lhe prodigalisavam elogios. Ordenou-lhe pois que se retirasse da côrte, mas apesar desta ordem dizia de vez em quando que era um homem honra-

do, e si bem que já não o amasse, ainda assim o estimava mesmo contra sua vontade. Os favoritos temendo sempre que o rei tivesse a fantasia de chamal-o novamente para junto de si, julgaram ter encontrado ocasião favoravel de afastal-o para sempre. Fizeram constar a Querido que Sulíman (assim, chamava-se o digno homem) gabara-se de ter dado liberdade a Zelia: tres bandidos subornados por presentes e dadivas de toda sorte, disseram que tinham ouvido Suliman contar o facto. O monarcha louco de colera ordenou a seu irmão collaço que mandasse os soldados trazerem á sua presença o preceptor acorrentado como um criminoso. Depois de dada esta ordem Querido retirou-se para seu quarto. Apenas alli entrou o chão estremeceu sob seus pés; ouviu um grande ronco e Candida appareceu-lhe. « Eu prometti a vosso pai, disse-lhe num tom severo, vos dar conselhos e castigar-vos se vos recusasseis a seguil-os; desprezastes estes conselhos, da creatura humana só conservastes a fórma pois vossos crimes vos transformaram num monstro, horror do céo e da terra. E' tempo de acabar a minha promessa castigando-vos. Eu vos condemno a tornar-vos semelhante aos animaes cujas inclinações, adquiristes. Vos tornastes igual ao leão pela colera, ao lobo pela gula, a vibora atormentando aquelle que foi vosso segundo pai, ao touro pela brutalidade. Trazei pois na vossa nova forma todos os signaes destes animaes ». Apenas a fada acabara de fallar, Querido vio-se com horror tal qual ella o desejara: tinha a cabeça semelhante a de um leão, os chifres do touro, os pés do lobo e a cauda de uma serpente. No mesmo

instante achou-se numa grande floresta, á beira de uma fonte na qual se reflectia sua horrivel figura, e ouviu uma voz que lhe disse : « Repara bem a que estado te reduziram os teus crimes. Tua alma tornou-se mil vezes mais horrenda que teu corpo ». Querido reconheceu a voz de Candida, e no seu furor voltou-se para atirar-se sobre ella e devoral-a ; mas não viu ninguém e a mesma voz lhe disse : « Zombo da tua fraqueza e da tua raiva ; vou confundir teu orgulho pondo-te sob o jugo dos teus proprios subditos ».

Querido julgou que se affastando daquella fonte encontraria remedio para seus males, pois não teria mais sob os olhos sua fealdade e deformidade : encaminhou-se pois para o bosque, mas, apenas dera alguns passos cahio num buraco que tinham cavado para apanhar os ursos ; no mesmo instante os caçadores occultos em cima das arvores desceram e depois de acorrental-o conduziram-n'o para a capital de seu reino. Durante o trajecto, em vez de reconhecer que por sua propria culpa attrahira sobre si tamanho castigo, maldizia a fada, mordia as correntes e dava livre curso a sua raiva. Approximando-se da cidade para onde o levavam notou grandes festejos, e como os caçadores perguntassem o que tinha succedido de novo, disseram-lhes que o principe Querido, que só tinha prazer em atormentar seu povo, fôra esmagado no proprio quarto pelo trovão. « Deus, accrescentavam, não podendo supportar o excesso de sua maldade, livrou o povo, matando-o. Quatro fidalgos cumplices de seus crimes, julgavam tirar partido disto partilhando entre si o imperio ; mas, o povo que sabia que seus mãos

conselhos tinham corrompido o rei, lynchou-os e



offereceu a corôa a Suliman, que o malvado Querido queria fazer perecer. Este digno cortezão acaba de ser co-

rôado e nós celebramos este dia como o do livramento do reino, pois elle é virtuoso e fará reinar novamente entre nós a paz e a abundancia ». Querido suspirava de raiva ouvindo esta conversa ; mas, ainda foi peor quando ao chegar na grande praça fronteira a palacio, vio Suliman sobre um throno magnifico e todo o povo desejando-lhe uma longa vida para reparar os males causados pelo seu predecessor. Com um aceno Suliman pedio silencio e disse ao povo : « Acceitei a corôa que me offerecestes no intuito de conserval-a para o principe Querido : elle não morreu como julgais, uma fada m'o revelou ; e talvez que um dia o torneis a ver virtuoso como na sua infancia. Ah ! continuou entre soluços, os aduladores perderam-n'o ; eu conhecia seu coração talhado para a virtude, e sem os conselhos envenenados d'aquelles que o cercavam, teria sido o pai de vós todos ; detestai seus vicios, mas lastimai-o de todo o coração e peçamos a Deus todos juntos para que nôl-o envie novamente ; quanto a mim , considerar-me-hia muito feliz em banhar este throno com meu sangue si podesse vel-o subir com disposições que o fizessem reinar dignamente ».

As palavras de Suliman foram direitas ao coração de Querido. Só então elle conheceu quanto a affeição e a fidelidade daquelle homem tinham sido sinceras, e pela primeira vez arrependeu-se de seus crimes. Apenas cedeu a este bello impulso, sentiu seu furor acalmar : reflectio sobre todos os crimes de sua vida não se julgando ainda tão rigorosamente punido como merecia. Cessou pois de se debater na jaula onde estava acorrentado, tornando-se manso como um cordeiro.

Conduziram-n'o para um museu de animaes onde estavam encerrados todos os monstros e bichos ferozes e ahi prenderam-n'o com os outros.

Querido tomou então a resolução de começar a reparar seus erros, mostrando-se muito submisso ao homem que o guardava. Este homem era um bruto, e quando estava de máo humor, o monstro podia ser manso como fosse, elle batia-lhe sem dó nem piedade. Um dia quando o guarda estava adormecido, um tigre tendo quebrado a corrente, lançou-se sobre elle para devoral-o ; a princípio Querido sentio uma certa alegria á ideia de que ia ver-se livre de seu perseguidor ; mas immediatamente reprimio aquelle primeiro movimento e desejou ser livre « Eu pagaria disse elle o mal com o bem salvando a vida a este infeliz ». Apenas formulou este desejo vio a sua jaula de ferro aberta : precipitou-se então para junto do homem que tinha despertado e que se defendia do tigre. Vendo o monstro, o guarda julgou-se perdido ; mas o medo converteu-se logo em alegria : Querido atirou-se sobre o tigre estrangulando-o, e deitou-se depois aos pés daquelle que acabava de salvar. Cheio de reconhecimento este quiz abaixar-se para afagar o monstro que lhe prestara tão grande serviço ; ouviu porem uma voz que dizia : « Uma hõa acção nunca fica sem recompensa », e no mesmo instante vio apenas a seus pés um lindo cão. Querido, encantado com a sua metamorphose, fez mil caricias ao guarda que o tomou nos braços e levou-o ao rei ao qual contou aquella maravilha. A rainha quiz possuir o cão, e Querido se julgaria muito feliz na sua nova situação se podesse esquecer que era homem e rei.

A rainha o enchia de caricias, mas receiosa de que elle engordasse e crescesse, consultou os medicos, que lhe disseram ser necessario alimentar-o sómente de pão, e assim mesmo dar-lhe apenas uma certa quantidade. O pobre Querido morria de fome o resto do dia, mas soffria o castigo com paciencia e resignação.

Um dia quando lhe trouxeram o seu pãozinho do almoço teve a fantasia de ir comel-o no jardim do palacio ; agarrou-o com a bocca e encaminhou-se para um atalho que conhecia e que ficava um pouco distante, mas, em vez do atalho encontrou uma grande casa cujo exterior reluzia de ouro e pedrarias. Alli vio entrar muitos homens e mulheres magnificamente vestidos : naquella casa dansava-se, cantava-se, comía-se lautamente, mas todos que dalli saham eram pallidos, magros, cobertos de chagas e quasi inteiramente nús, pois tinham as vestes em farrapos. Uns cahiam mortos ao sahir, sem terem forças de se arrastar para mais longe ; outros affastavam-se a custo, outros ainda ficavam deitados no chão morrendo de fome e pediam um pedaço de pão aos que entravam : estes porem nem os olhavam. Querido approximou-se de uma donzella que procurava arrancar a relva para comer. Cheio de compaixão, o rei disse comsigo : « Ainda não almocei, mas não morrerei de fome até a hora do jantar ; si eu desse meu pão a esta pobre creatura, talvez lhe salvasse a vida ». Resolveu ceder áquelle bom impulso, e pôz o pão na mão da donzella que o comeu vorazmente, parecendo logo fortalecida. Radiante de alegria por tel-a soccorrido tão a proposito, Querido pensava em voltar ao palacio

quando ouviu gritos muito fortes : era Zelia entre as mãos de quatro homens que arrastavam-n'a para a tal casa, onde forçaram-n'a a entrar. Querido suspirou então pela sua forma de monstro que lhe teria pro-



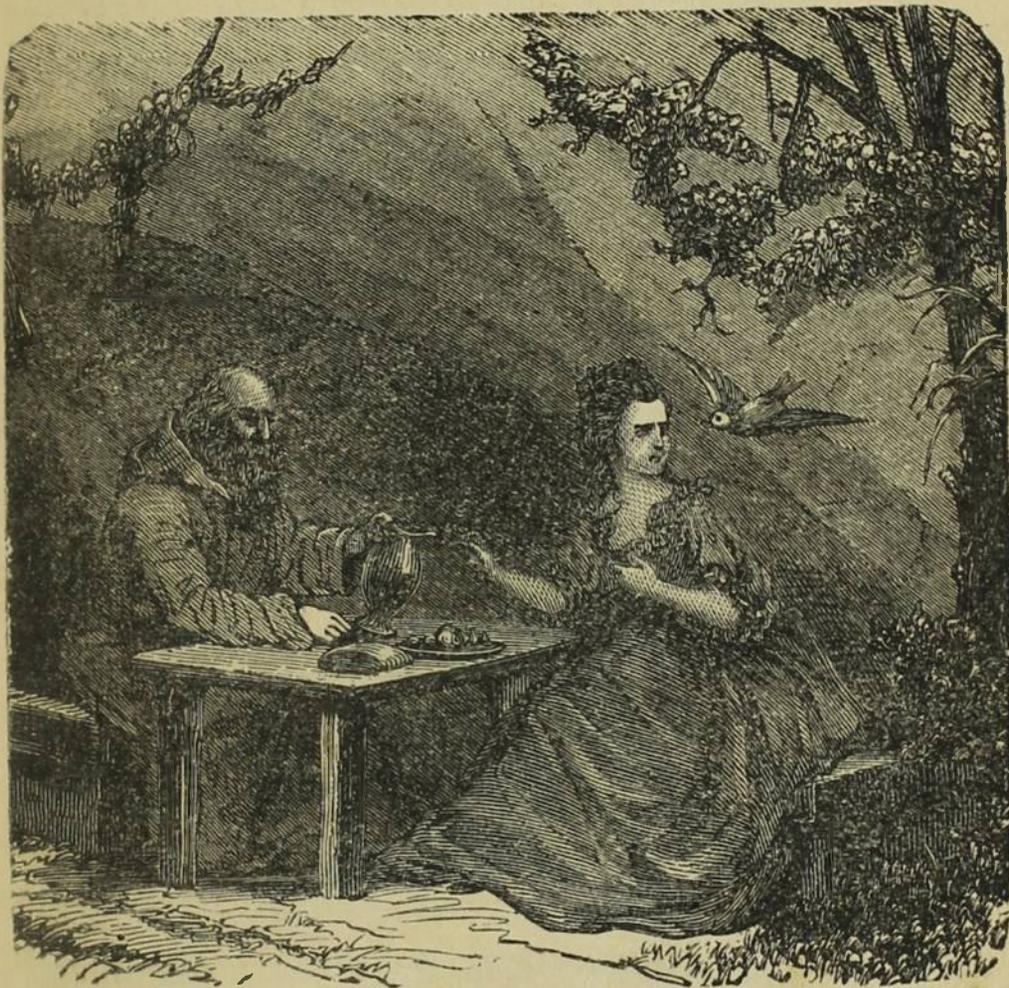
porcionado os meios de socorrer Zelia ; mas, pobre cão, só pôde ladrar seguindo no encalço dos raptos. Enxotaram-n'o a pontapés, elle porem resolveu não abandonar o logar enquanto não soubesse o que era feito de Zelia cuja desgraça causára.

« Ai de mim ! dizia no seu intimo, estou irritado contra aquelles que a raptaram, não commetti eu o mesmo crime ? E si a justiça dos Ceós não tivesse previsto o meu attentado não a teria eu tratado tão indignamente quanto estes ? »

As reflexões de Querido foram interrompidas por um barulho que ouviu acima da sua cabeça. No mesmo

instante abriu-se uma janella, e sua alegria foi intensa vendo Zelia apparecer e atirar um prato de iguarias tão bem preparadas que provocavam o appetite. Fechou-se depois a janella e Querido que jejuara todo o dia, julgou dever aproveitar a occasião. Ia pois comer, quando a donzella a quem dera o seu pão soltou um grito e tomando-o nos braços disse-lhe : « Querido animalsinho não toques nestas iguarias : esta casa é o palacio da Volupia, tudo que d'ahi sahe é envenenado ». No mesmo momento Querido ouviu uma voz que dizia : Bem vêes que uma boa acção nunca fica sem recompensa ; immediatamente vio-se transformado num bello pombinho branco. Lembrou-se que aquella era a côr de Candida e principiou a esperar que ella poderia talvez lhe conceder novamente suas boas graças. Querendo logo approximar-se de Zelia, elevou-se nos ares, voou em redor da casa notando com grande alegria que havia uma janella aberta ; mas em vão percorreu todo o interior. Não encontrando a moça, e desesperado de perdê-la resolveu não descansar antes de tê-la encontrado. Voou durante muitos dias, chegando finalmente em um deserto onde avistou uma caverna da qual se approximou : qual não foi porém a sua alegria ! Zelia estava sentada ao lado de um veneravel ermita fazendo ambos uma frugal refeição. Querido radiante pousou no hombro da pastora batendo as azas para exprimir a alegria que sentia em tornar a vê-la. Encantada pela mansidão do pombinho, esta acariciava-o docemente com a mão, e si bem que julgasse que elle não a podia comprehender, disse-lhe que acceitava o presente que elle fazia de si proprio e que o amaria

sempre. « Que fizeste Zelia ? disse-lhe o ermita : acabas de empenhar a tua palavra. — Sim, bella pastora, disse-lhe Querido, retomando naquelle momento sua forma primitiva : o fim da minha metamorphose depen-



dia do consentimento que darieis á nossa união. Promettestes amar-me sempre, confirmai essa promessa ou rogarei a fada Candida, minha protectora, dar-me de novo a forma sob a qual tive a felicidade de agradar-vos. Nada tendes a receiar de sua inconstancia, disse-lhe Candida, que disfarçada sob a forma de ermita, mostrou-se tal qual era : Zelia vos amou, desde que

vos vio; porem vossos vicios constrangeram-n'a a combater a sympathia que lhe tinheis inspirado. Hoje, que vos corrigistes ella vos dará sua amizade.



Ides viver felizes porque a vossa união será baseada na virtude ». Querido e Zelia lançaram-se aos pés de Candida. O rei não se cansava de agradecer-lhe os seus favores, e Zelia, encantada [por saber que o monarcha detestava seus erros, confirmava a pro-

missa de sua ternura. « Levantai-vos meus filhos disse-lhes afada, vou transportar-vos ao vosso palacio, onde Querido retomarà a corôa da qual seus vicios o tinham tornado indigno ». Apenas acabou de fallar, elles se acharam no quarto de Suliman que satisfitissimo por tornar a ver seu caro senhor, agora virtuoso, cedeu-lhe o throno conservando-se o mais fiel de seus subditos. Querido reinou muito tempo com Zelia, e dizem que se applicava de tal modo a seus

deveres, que o anel posto novamente no seu dedo nunca mais o picou até sahir sangue.

MARIA. — Ah! D. Luiza, como é bonito este conto! Si eu fosse Noemia, vos apoquentaria o dia inteiro pedindo-vos para me contar outros: Dizeí-me si eu souber bem minha lição me contareis outro da proxima vez?

D. LUIZA. — Sim minha querida; díze-me porem o que mais te agradou nelle.

MARIA. — Tudo; mas gosto sobretudo daquelle bello anel que impedia Querido de fazer tolices.

SYLVIA. — Eu teria bem necessidade de um igual; então teria sempre o dedo ferido.

D. LUIZA. — Aprecio a tua franqueza cara menina, mas vou ensinar-te uma cousa; é que todos nós temos um anel como aquelle.

NOEMIA. — Aposto que advinhei D. Luiza: não é a nossa consciencia que nos pica quando fazemos asneiras?

D. LUIZA. — Justamente, minha querida.

CARLOTA. — Com certeza é o meu anel que me diz muitas vezes que é feio sapatear; outrora eu fazia como Querido quando pequenino, e minha ama de leite era tão estúpida quanto a sua pois dizia: « Por que contrariam esta creança! dai o que ella pede ». Sabendo disto eu chorava trinta vezes por dia, e ainda hoje conservo um pouco o habito; mas tambem asseguro-vos que hei de corrigir-me, para não tornar-me como Querido n'um horrendo animal.

MARIA. — E' verdade que nos transformamos num monstro! E que nos nascem chifres quando somos más?

D. LUIZA. — Não querida Maria, teu corpo ficará tal qual é ; mas tua alma se tornará feia e mais abominavel do que um monstro, si não fores bôa menina.

CARLOTA. — Desejaria muito ser bôa, porem ás vezes mesmo contra a minha vontade sou má : faço tolices sem sentir. Não tolero que me contrariem e quando resistem ao meu desejo torno-me má, injurio minhas irmãs, zombo dos professores. O que devo fazer para corrigir-me ?

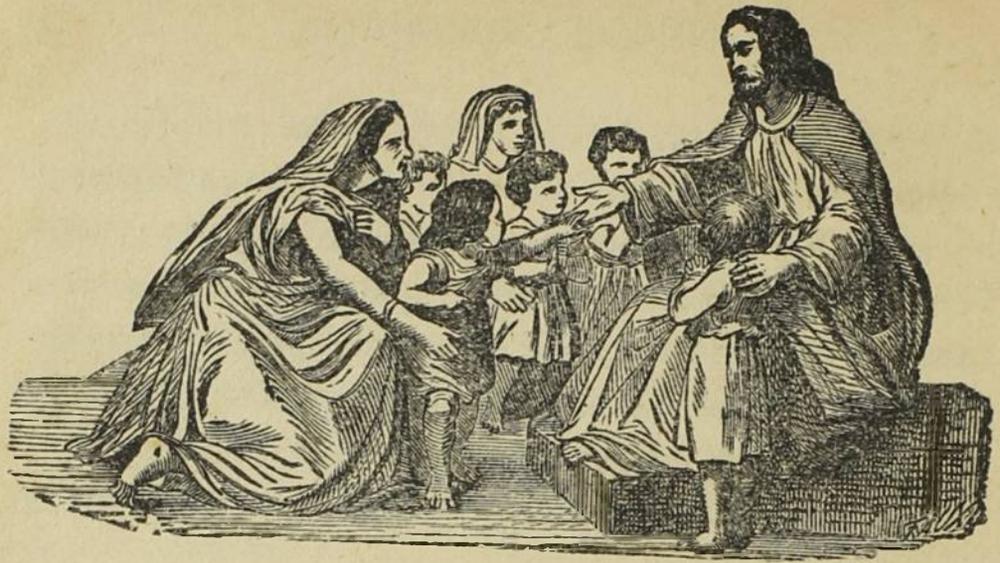
D. LUIZA. — Não és má contra tua vontade querida Carlota, pois podemos sempre ser bôas si para isso empregamos os meios. Vou ensinar-te quaes são elles : primeiramente é preciso pedir a Deus todas as manhãs e todas as noites nas tuas orações, a graça de corrigir-te, pois nada podemos sem o seu auxilio ; é necessario porem pedir esta graça de todo o coração como pedes á tua mãe aquillo que mais desejas ; em segundo lugar é preciso reparares os teus erros pedindo desculpas a tuas irmãs rogando-lhes que te perdoem quando as tiveres offendido. Finalmente si queres corrigir-te, deverás escrever todas as noites as más acções que tiveres feito : isto te envergonhará, tenho a certeza. Te lembrarás então que o bom Deus testemunha de tuas culpas, te castigará e se não te corrigires te punirá elle proprio nesta vida, ou depois da tua morte. Sabias d'isto ?

CARLOTA. — Já m'o tinham dito, mas nunca prestei attenção.

D. LUIZA. — Bem o suspeitava, porque não se pode ser má quando se pensa nestas cousas. Para lembrar-vos d'isto queridas meninas é necessario lerdes a historia

santa e aprenderes de cór o Evangelho, livro divino, dictado pelo Espirito-Santo. Tambem é preciso lel-o, aprendel-o e recital-o com profundo respeito ; nelle vereis quanto Deus é grande e poderoso ; conhecereis tambem quanto elle é bom, como deveis amal-o e quanto deveis receíar offendel-o, pois castiga severamente os máos. Adeus, queridas amiguinhas, espero que continueis sempre applicadas, para que eu possa tambem continuar satisfeita.

---



## DIALOGO QUATRO

### SEGUNDO DIA

D. LUIZA. — Bôa tarde, meninas ; porque não trouxestes Branca ?

SYLVIA. — Disse-nos que não quer vir porque as historias e os contos aborrecem-n'a.

D. LUIZA. — Bem vêdes o que são os máos habitos. Branca está acostumada a brincar o dia inteiro e tudo o que não é divertimento causa-lhe tédio e aborrecimento ; será toda a vida uma ignorante, uma tôla, e, si bem que tenha bôas disposições nunca se interessará pelo que vîr ou ouvir, por falta de instrucção. Não imiteis o seu máo exemplo. Estou certa que Maria é mais ajuizada, e que estudou sua lição.

MARIA. — Li-a quatro vezes-e contei-a a papai e a mamãi ; quereis ouvil-a ?

D. LUIZA. — Sim queridinha.

MARIA. — Ha já muitos annos não havia céo, terra, homens nem animaes ; só havia Deus que sempre existio e pode fazer tudo quanto quer. Si elle dissesse agora por exemplo : Quero que appareça um jardim



nesta sala, no mesmo instante appareceria. Pois bem ! De repente quiz que houvesse terra, arvores, passaros, peixes, flôres, etc... e á medida que dízia, « quero » tudo apparecia. Cinco dias levou elle creando o que vêmos ; no sexto, tomou um bocado de terra e della formou o homem ; este, porem, não fallava nem andava, sendo semelhante a uma estatua. Para que fal-

lasse e tivesse movimentos Deus deu-lhe uma alma a sua imagem e denominou-o Adão. Como se aborrecesse sósinho, Deus mergulhou-o num somno profundo durante o qual tirou uma de suas costellas e della fez uma mulher, grande como mamãi. Esta mulher, feita da costella de Adão, foi denominada Eva e posta com elle num bello jardim, onde havia todas as especies de fructos, como figos, ameixas, peras, pecegos, etc. Havia tambem nesse jardim uma macieira carregada de bellos fructos. Deus disse a Adão e a Eva. « Podeis comer todos os fructos deste jardim eu vól-os dou : mas, prohibo-vos tocar nestas maçãs porque si as comerdes morrereis ». O demonio que é máo, e que desobedecera a Deus, teve inveja de Adão e de Eva e quiz tornal-os tão máos e infelizes quanto elle : para isto tomou a forma de uma serpente e disse a Eva quando passeava sósinha : « Porque não comeis destas maçãs ? São tão bellas ! » Eva em vez de fazer-se surda ou fugir, divertio-se em conversar com o demonio dizendo-lhe : « Deus prohibio-nos comer destas maçãs dizendo-nos que nos faria morrer si nellas tocássemos. — Não deveis acreditar no que Deus disse, respondeu o demonio : elle vos prohibio de tocar nellas porque sabe que si as comerdes, vos tornareis tão grandes, tão sabios e tão poderosos quanto elle ». Eva querendo ser tão sabia quanto Deus, foi bastante tôla para dar credito ao demonio. Tirou uma maçã para si e deu outra a Adão. Quando acabaram de comer o fructo viram logo que tinham commettido uma falta, e envergonhados occultaram-se debaixo das arvores, como si nos podessemos occultar de olhos de Deus. Algum tempo depois

Deus chamou Adão e disse-lhe : « Porque foste desobediente ? » Porém Adão em vez de reconhecer a sua falta, e pedir-lhe perdão, desculpou-se dizendo : « Senhor, foi a mulher que me destes por companheira quem m'o deu, e eu comi. — Senhor, disse Eva ; a serpente me enganou, e eu comi. — Já que todos sois culpados sereis todos castigados, disse-lhes Deus. A serpente será maldicta, e a mulher lhe ha de esmagar a cabeça. Eva será sujeita a seu marido. Quanto a Adão, morrerá do mesmo modo que sua mulher, e comerá o pão amassado com o suor do seu rosto ». Depois expulsou-os do bello jardim denominado *Paraiso terrestre* e um anjo com uma espada de fogo ficou guardando a porta para não deixal-os mais entrar.

D. LUIZA. — Deixa-me abraçar-te, querida Maria. Repetiste a tua historia como uma menina grande. Mas, dize-me, é sómente para sermos instruidas que aprendemos historias ?

MARIA. — Não sei D. Luiza.

D. LUIZA. — Vamos, Noemia, diz a estas meninas o que se deve fazer depois de ter ouvido ou aprendido uma historia.

NOEMIA. — Devemos reflectir nas boas e más qualidades daquelles cujo historia se aprende, para não commettermos as mesmas faltas, e praticarmos suas virtudes.

D. LUIZA. — Respondeste muito bem, minha querida. Então, Lili, que deduzes desta historia ?

LILI. — Quando eu commetter um erro não me desculparei, mas pedirei perdão.

D. LUIZA. — Farás muito bem. E tu Carlota ?

CARLOTA. — Quando tiver vontade de ser gulosa ou desobediente, lembrar-me-hei que a serpente está a meu lado, que me aconselha estas cousas e lhe direi : Maldicta, antes obedecer a Deus que a ti.

D. LUIZA. — Es uma bôa menina pensando deste modo, e tu Sylvia, qual é a tua opinião ?

SYLVIA. — Acho que Eva era muito orgulhosa querendo ser tão sabia quanto Deus. Creio tambem que era muito gulosa. Si ella não tivesse nada para comer, eu lhe teria perdoado ; mas tinha tantas outras cousas ! Parece-me que si eu estivesse no seu lugar, não teria me lembrado daquellas maldictas maçãs.

D. LUIZA. — Si a nossa palestra não tivesse sido tão longa, vos contaria uma linda historia que me fizestes lembrar : será porem para breve.

SYLVIA. — Ah ! D. Luiza, estou certa que nenhuma de nós se aborrece de ouvil-a : contai-nos essa historia.

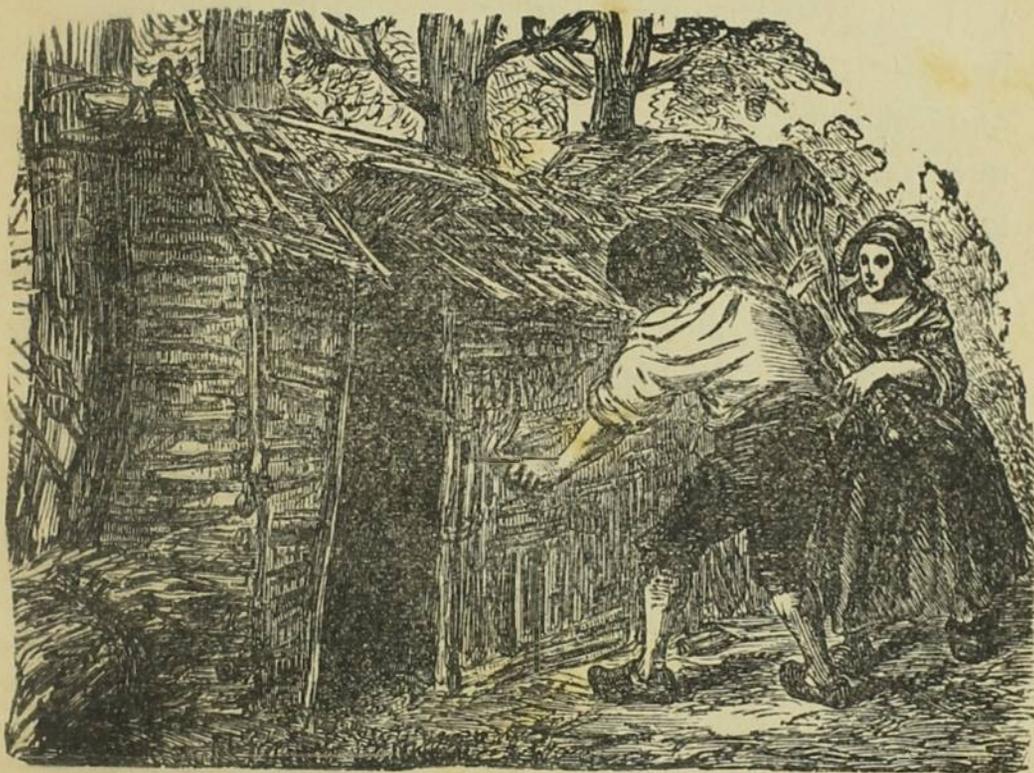
D. LUIZA. — Que dizem meninas ?

*Todas juntas.*

— Desejamos muito ouvil-a.

D. LUIZA. — Um dia, um rei foi caçar e perdeu-se. Quando procurava o caminho ouviu alguém fallar e, approximando-se do lugar de onde partia a voz, viu um homén e uma mulher occupados em rachar lenha. A mulher dizia como Sylvia : « Devemos convir que nossa mãe Eva foi bem gulosa tendo comido a maçã. Si tivesse obedecido á Deus, não precisaríamos trabalhar todos os dias ». O homem respondeu-lhe : « Si Eva era gulosa, Adão era um grande tolo por fazer o que ella

lhes dizia. Si fosse eu, e que tu tivesses querido me fazer comer as taes maçãs, ter-te-hia dado uma tremenda bofetada e nem sequer te escutaria ». O rei aproximou-se e lhes disse : « Trabalhais então muito pobres creaturas ? — Sim, senhor, responderam elles (pois não sabiam que era o rei) ; trabalhamos como animaes,



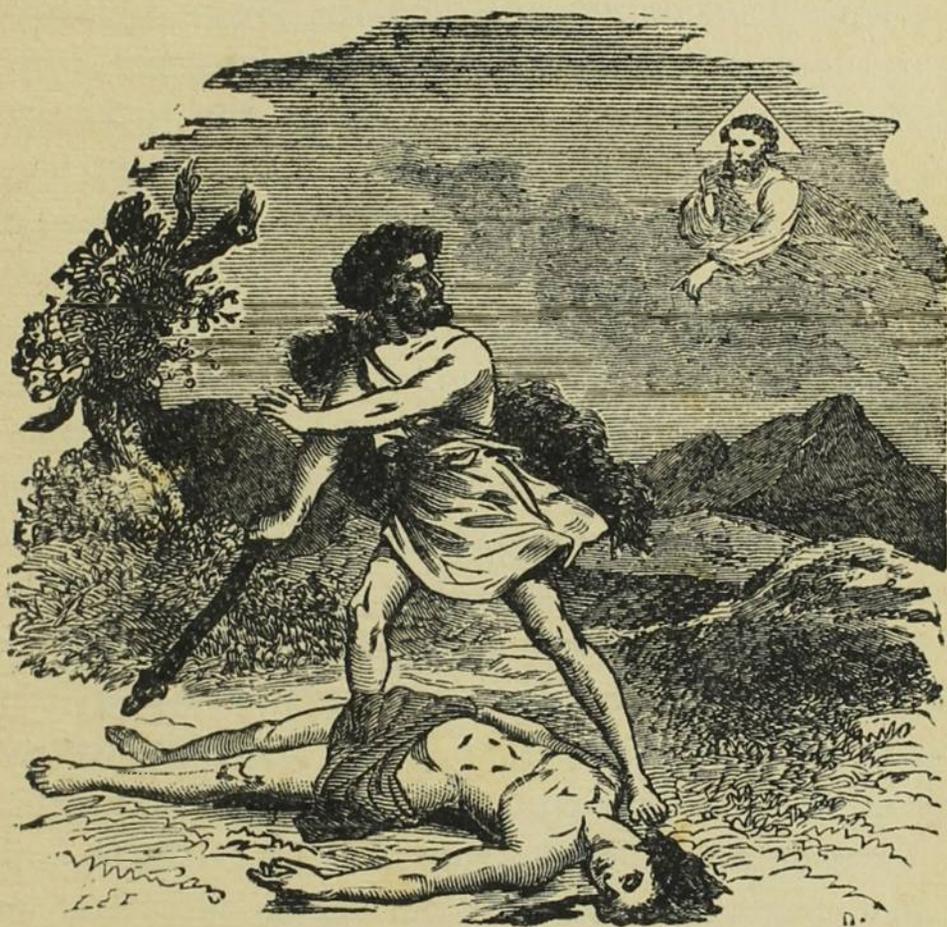
da manhã á noite, e ainda assim luctamos com muitas difficuldades para viver. — Vinde commigo, lhes disse o rei, dar-vor-hei os meios de subsistencia sem ser preciso trabalhades ». Naquelle momento chegaram os officiaes que procuravam o rei ; as pobres creaturas ficaram muito admiradas, e sobretudo muito alegres. Chegadas ao palacio, o rei mandoul-hes dar bellas vestimentas, um carro, lacaios e todos os dias tinham doze iguarias no jantar. Ao cabo de um mez, serviram-lhes

vinte-quatro pratos ; mas no centro da meza pozeram um coberto. A mulher, muito curiosa quiz logo descobrir-o, porem um official que estava presente lhes disse que o rei prohibia-lhes de tocar nelle, não querendo que vissem o que continha. Quando os criados sahiram, o marido notou que a mulher já não comia e que estava triste. Perguntou-lhe o que tinha. Ella respondeu-lhe que não queria comer das excellentes iguarias que estavam na meza, mas que desejava o que continha o prato coberto. « Estás louca, disse-lhe o marido, não te disseram que o rei nôl-o prohibio ? — O rei é um injusto, disse a mulher. Si não queria que vissemos o que está no prato, não devia mandal-o pôr na meza. No mesmo instante se pôz a chorar, dizendo que se mataria si o marido não quizesse descobrir o prato. Vendo-a chorar, este ficou muito contrariado, e como a amava bastante disse que faria o que ella quizesse para que não se aborrecesse. Imediatamente descobrio o prato do qual sahio um ratinho que fugio para o quarto. Correram atraz d'elle para apanhal-o, mas o animalsinho occultou-se num buraco, e no mesmo instante o rei entrou, perguntando onde estava o rato.

« Sire, disse o marido, minha mulher atormentou-me para ver o que continha o prato, abri-o contra minha vontade e o rato fugio.

— Ah ! ah ! replicou o rei, dizieis que se estiveseis no lugar de Adão darieis uma bofetada em Eva para ensinar-lhe a ser curiosa e gulosa : é preciso lembrar-vos de vossas palavras. E vós, mulher má, tinheis toda especie de iguarias como Eva, mas isto

não vos bastava : querieis comer do prato que vos tinha prohibido tocar. Ide, desventurados, voltai a trabalhar no bosque, e não culpeis mais Adão e sua mulher do mal que vos sobrevier, pois commettestes um erro semelhante áquelle de que o accusais.



SYLVIA. — Inventastes uma historia de proposito para mim, tenho a certeza.

D. LUIZA. — Não, minha querida, li-a num livro cujo titulo não me recordo ; é verdade porem que cabe-te admiravelmente. Vamos tomar chá meninas, depois Lili nos contará a sua historia.

LILI. — Depois que Adão e Eva sahiram do Paraiso

terrestre, tiveram dous filhos. Ao mais velho deram o nome de Caïm e ao mais moço o de Abel. Caïm fez-se jardineiro, Abel pastor o que quer dizer que cuidava das ovelhas. Adão tinha por habito offerecer a Deus uma parte do que possuia, bem como os fructos, as primeiras flôres, os primeiros animaes. Não porque Deus necessitasse destas cousas, mas assim procedia para lembrar-se de que tudo o que tinha lhe fôra dado por elle. Caïm e Abel seguiram o exemplo de seu pai, mas Caïm não dava de bôa vontade o que offerencia a Deus. Si havia uma bella pêra no seu jardim guardava-a para comer contentando-se em offerecer a Deus aquellas que não prestavam. Abel ao contrario escolhia os carneiros mais gordos e mais bellos para offerecer ao Senhor ; tambem Deus o amava muito mais do que a seu irmão Caïm. Este tornou-se invejoso e triste. Um dia Deus lhe disse : « Porque andas desconfiado e de semblante tristonho ? Se procederes bem, ser-me-has tão caro como teu irmão ; mas se fizeres o mal serás castigado ». Éra o mesmo que si Deus lhe tivesse dito : Só se deve ter pezares quando se é máo ; assim em vez de estares triste, torna-te bom ; isto te fará feliz immediatamente. Caïm em vez de aproveitar os conselhos que Deus tivera a bondade de lhe dar, disse a seu irmão Abel : « Queres vir passear commigo ? » Abel que o julgava tão bom quanto elle, respondeu : « Com muito gosto ». Foram pois passear bem longe, e o malvado Caïm matou seu pobre irmão Abel. Elle fôra tão longe para que Adão e Eva não tivessem conhecimento da sua malvadez ; porem Deus que está em toda parte, vio-o commetter o crime.

Querendo saber si Caím mentiria disse-lhe : « Caím, onde está teu irmão Abel ? » Não sei, senhor : Por ventura sou eu o guarda de meu irmão ? — Caím, mataste teu irmão Abel, disse Deus : Por isso serás maldicto, vagabundo e fugitivo sobre a terra ; nunca terás um momento de descanso. Teu crime te atormentará dia e noite, e para fazer-te soffrer mais tempo impedirei que os outros filhos de Adão te matem ». Na mesma hora Caím fugio daquelle paiz com sua mulher, depois teve innumerados filhos.

D. LUIZA. — Não se pode repetir melhor uma historia. Porem, Carlota, em nada pensaste ouvindo a historia de Caím ?

CARLOTA. — Sim, lembrei-me de uma cousa que entretanto não ousou dizer ; é muito feio.

D. LUIZA. — Vamos, minha querida, uma menina que tem coragem de confessar seus defeitos, está disposta a corrigir-se d'elles.

CARLOTA. — Pois bem, vou dizer-vos : como Caím, tenho inveja de minha irmã mais velha : papai e mamãe preferem-n'a a mim, o que me põe em tal estado de furor que algumas vezes lhe faria mal, si possível fosse.

D. LUIZA. — Porem não é culpa tua se estimam mais tua irmã ? Dize-me, se fosses mãe e tivesses duas filhas, uma meiga, bôa, obediente, applicada a seus estudos, polida para com seus mestres ; a outra cabeçuda, má, insolente com todos, desobediente para com os professores ; a qual amarias mais ?

CARLOTA. — A primeira.

D. LUIZA. — Então não deves zangar-te com o teu papai e tua mamãe se elles gostam mais de tua irmã que

de tí : torna-te bôa como ella, e estou certa que te amaráo do mesmo modo.

CARLOTA. — Desejo-o muito, e prometto-vos escrever todas as asneiras que fizer e disser.

D. LUIZA. — E eu prometto te corrigir, prometto tambem que te tornarás tão amavel como tua irmã mais velha e tão feliz quanto ella, pois estou certa que és muito infeliz cada vez que és má.

CARLOTA. — Isto é verdade : ainda outro dia eu dizia á minha criada que queria morrer.

D. LUIZA. — Me fazes tremer, querida menina : má como fostes, o que seria de ti se tivesses morrido antes de teres pedido perdão a Deus ? Elle é bom em te dar tempo para te corrigires ; hoje mesmo á noite debes agradecer-lhe esta graça dizendo-lhe que queres amal-o de todo o coração. Adeus, caras meninas ; estou muito satisfeita com a vossa applicação : em recompensa teremos bellas historias e um lindo conto para a proxima vez.

---

## DIALOGO CINCO

### TERCEIRO DIA

D. LUIZA. — Viestes muito cedo hoje, meninas : neste momento nos levantamos da meza.

SYLVIA. — Eu almocei com minhas amiguinhas e era tão grande o desejo de ver-vos, que apenas estivemos na meza uns quinze minutos.



D. LUIZA. — Vou ralhar comvosco caras meninas ; nada é mais prejudicial á saude do que comer muito depressa. Para castigar-vos, nada faremos antes de ter tomado chá, iremos antes passear no jardim.

MARIA. — Gosto muito de passear, porem gosto ainda mais de historias. Perdoai-nos por esta vez D. Luiza ; juro-vos, sobre minha cabeça, que não sabia que era uma falta comer muito depressa.

D. LUIZA. — E é tambem uma falta jurar pela tua cabeça ; não tornes pois a fazel-o. Nosso Senhor Jesus-Christo disse : « Não jureis nem pelo céo, porque é o

throno de Deus, nem pela terra, porque é o seu escabello ». Não jures tambem sobre a tua cabeça porque não podes tornar um só fio de cabello branco ou preto. Contenta-te apenas em dizer : Sim, é isto mesmo ; não, não é isto. Não quero fazer-vos repetir agora as lições, porque receio que vos faça mal estudar, tendo apenas acabado de almoçar.

CARLOTA. — Pois bem, não recitaremos as lições, mas em compensação nos contareis alguma cousa; nos promettestes um lindo conto, porventura nos faria mal ouvi-lo ?

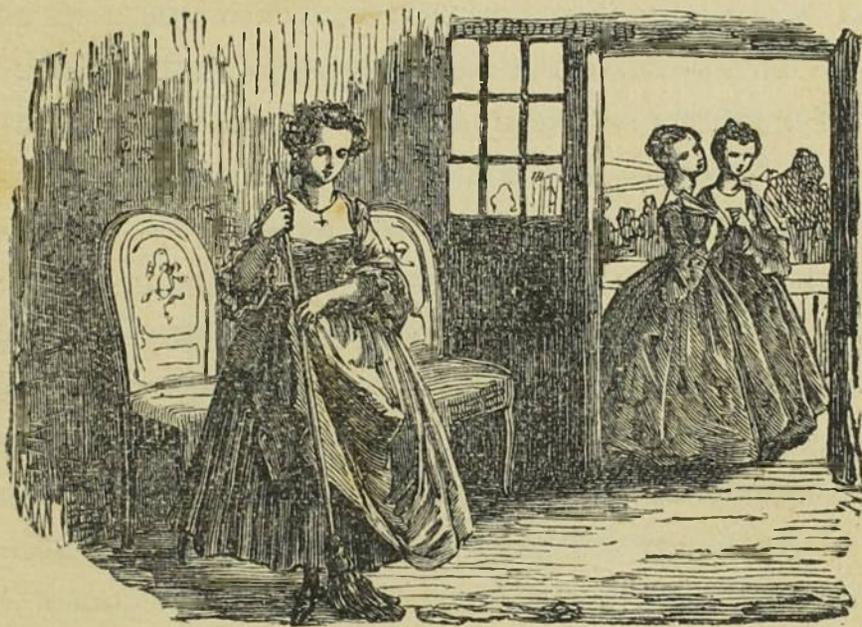
D. LUIZA. — Vejo que é preciso fazer o que quereis ; quando sois bôasinhas não tenho coragem de recusar-vos nada ; vamos então sentar-nos no jardim, e lá ouvireis o conto promettido.

## A BELLA E A FERA

### *Conto*

Havia um negociante extremamente rico, cuja família se compunha de seis filhos, tres rapazes, e tres moças. Como homem de juizo não poupou esforços para que tivessem uma bella educação, dando-lhes para esse fim toda sorte de professores. Suas filhas eram muito bonitas, porem a mais moça sobretudo era digna de admiração : quando pequenina, chamavam-n'a sempre A BELLA MENINA, de modo que conservou este nome o que causava muita inveja a suas irmãs. Mais bella do que as outras, essa menina era tambem melhor do que ellas. As duas mais velhas

eram muito orgulhosas, por serem ricas ; davam-se ares de grandes damas, e não queriam ser visitadas pelas outras filhas de negociantes : sahiam todos os dias a passeio, iam ao baile, ao theatro, e zombavam da mais moça que empregava a maior parte do seu tempo em ler bons livros. Como se sabia que eram



riquissimas diversos negociantes abastados pediram-n'as em casamento ; as mais velhas porem responderam que nunca se casariam, salvo se achassem um duque, ou pelo menos um conde. Bella (como se chamava a mais moça) agradeceu muito delicadamente áquelles que queriam desposal-a, dizendo-lhes que era ainda muito joven e que desejava ficar em companhia de seus pais durante alguns annos ainda. De repente o negociante perdeu toda a sua fortuna, ficando-lhe apenas uma casinha de campo muito distante da cidade. O pobre homem banhado em lagrimas

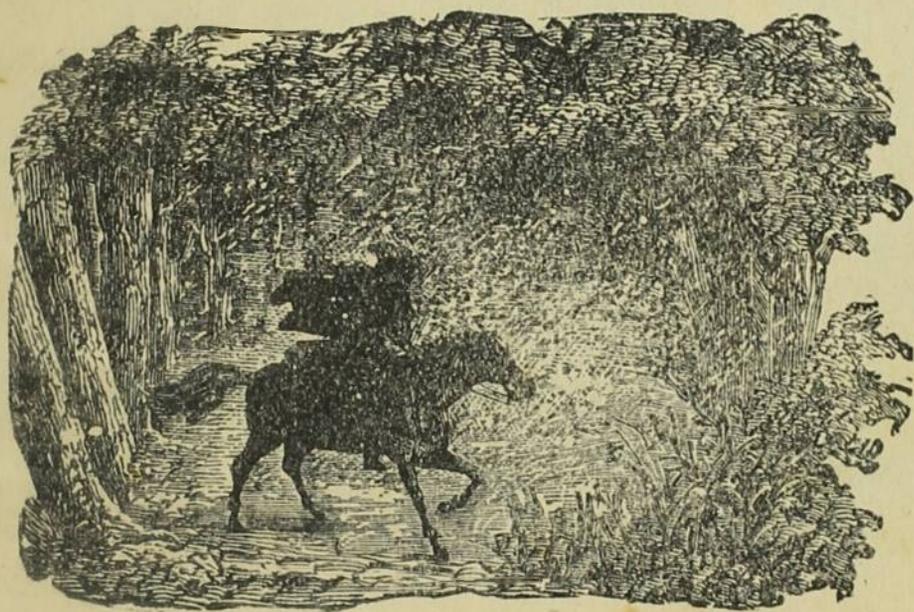
disse aos filhos que era forçoso irem para lá e que trabalhando como camponezes alli poderiam viver. As duas filhas mais velhas responderam que não queriam sahir da cidade, e que tinham muitos admiradores que se considerariam felizes em desposal-as, si bem que já não tivessem fortuna : enganaram-se pois os seus admiradores nem siquer as olhavam mais depois que ficaram pobres. Como ninguem gostava d'ellas por causa de tanto orgulho, todos diziam : « Não merecem ser lastimadas, estamos bem contentes por ver o seu orgulho abatido ; que vão se fazer de fidalgas pastorando o gado ». Ao mesmo tempo porem, diziam : « Quanto a Bella, temos dó da sua desgraça ; é uma bôa moça ! Fallava aos pobres com tanta bondade, é tão meiga, tão simples ! » Diversos cavalheiros mesmo, quizeram desposal-a si bem que não tivesse um real ; ella porem lhes respondeu que não podia se decidir a abandonar seu pai ferido por tão grande infelicidade, e que o acompanharia ao campo para consolal-o e o ajudar a trabalhar. A principio Bella ficara muito afflicta por ter perdido sua fortuna ; mas dissera consigo : Ainda mesmo que chorasse muito as lagrimas não me fariam recuperar novamente meus bens, é necessario pois procurar ser feliz, sem fortuna. Apenas chegaram no campo, o negociante e seus filhos trataram de preparar a terra. Bella cuidava do asseio da casa e fazia o almoço para a familia. Nos primeiros tempos isto custara-lhe muito por não estar habituada a trabalhar como uma criada, mas no fim de dous mezes tornou-se mais robusta pois o exercicio fortificava-lhe a saude. Quando acabava o trabalho, lia, tocava piano, ou

então cantava enquanto se divertia a fiar. Suas irmãs, ao contrario, aborreciam-se mortalmente ; levantavam-se ás dez horas da manhã, passeiavam o dia inteiro, passavam o tempo a lastimar seus ricos vestidos e bellas companhias. « Vê nossa irmã, diziam entre si, ella tem a alma tão baixa, é tão estúpida que se julga feliz na sua desgraçada situação ». O bom pai não pensava como suas filhas ; sabia que Bella mais do que suas irmãs fôra feita para brilhar nos salões : admirava a virtude daquella donzella e mormente sua paciencia, pois as outras não satisfeitas de deixarem a seu cargo todo o trabalho da casa, insultavam-n'a a cada instante.

Havia já um anno que aquella familia vívia retirada, quando o negociante recebeu uma carta na qual lhe avisavam que um navio em cuja carga vinham mercadorias suas, acabava de chegar sem incidente. Esta noticia quasi fez enlouquecer as duas mais velhas que suppunham poderem finalmente deixar o campo, onde tanto se aborreciam. Quando viram o pai prestes a partir, pediram-lhe que lhes trouxesse vestidos, pellicas, chapéos e toda sorte de bagatelas. Bella nada pedia, pois calculava que todo o dinheiro das mercadorias não bastaria para comprar o que suas irmãs desejavam. « Nada me pedes disse-lhe seu pai. — Já que pensastes em mim peço-vos que me traga uma rosa. Verdade é que Bella pouco se importava com a flôr, entretanto não queria reprovar pelo seu exemplo a conducta de suas irmãs, que diriam sem duvida que não fazendo pedido algum ella tinha em mira distinguir-se d'ellas. O bom homem partio ; assim que

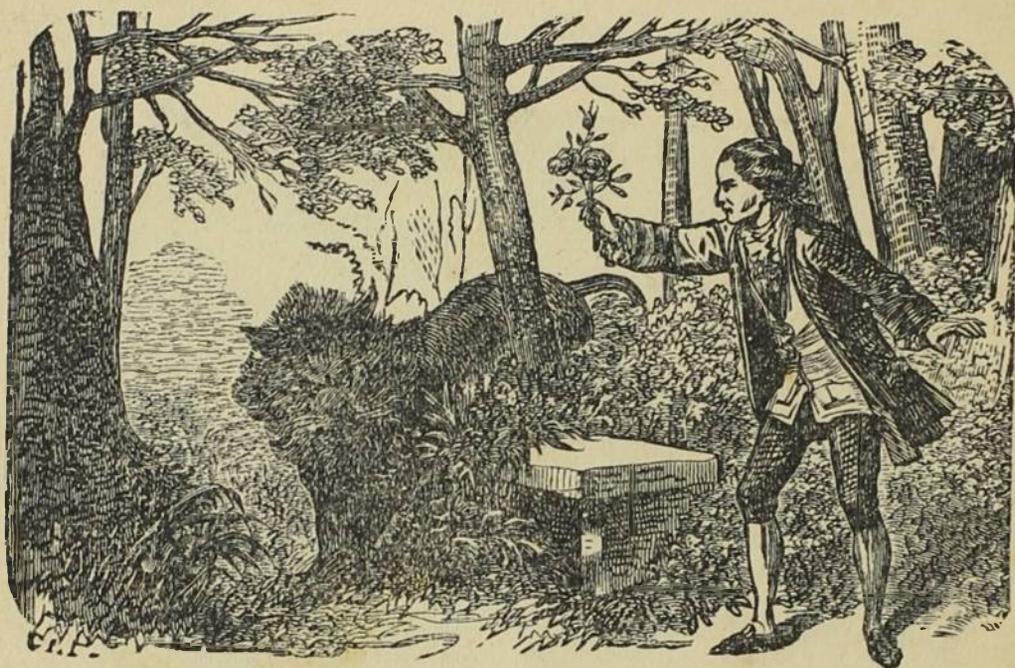
chegou processaram-n'ò por causa das mercadorias, e depois de muito trabalho voltou tão pobre como dantes. Faltavam ainda dez legoas para chegar em casa, e já elle se regosijava pelo prazer de ver seus filhos, mas tendo de atravessar um grande bosque, antes de chegar perdeu-se ; a neve cahia em grande abundancia , e o vento era tão forte que o fez cahir do cavallo duas vezes. Ao anoitecer pensou que morreria de fome ou de frio, ou que seria devorado pelos lobos que uivavam por perto. Subitamente, olhando na direcção de uma extensa aléa de arvores vio uma luz muito clara, parecendo porem muito distante. Encaminhou-se para aquelle lado, logo notando que a luz provinha de um grande palacio bellamente illuminado. O negociante deu graças a Deus pelo soccorro que lhe enviava e apressou-se em chegar ao castello : ficou porem muito surprehendido não vendo ninguem alli. O cavallo que o seguia, vendo uma cocheira aberta, entrou, e encontrando feno e aveia, morto de fome precipitou-se comendo tudo avidamente. O negociante prendeu-o na cocheira e dirigio-se para a casa onde não encontrou ninguem, mas entrando numa grande sala, deparou com um bom fogo e uma meza repleta de iguarias, onde só havia um talher. Molhado até os ossos, devido á chuva e á neve, approximou-se do fogo pensando consigo : O dono da casa, ou os criados desculparão a minha liberdade, e sem duvida virão immediatamente. Esperou durante muito tempo ; finalmente tendo dado onze horas sem que ninguem apparecesse ; não podendo resistir á fome, pegou num frango, comeu-o em dous boccados, todo a tremer ;

bebeu alguns goles de vinho, e mais animado sahio da sala atravessando varios aposentos muito grandes sumptuosamente mobiliados. Por fim encontrou num quarto onde havia uma bôa cama ; como era mais de meia noite e estava cansado, tomou o partido de fechar a porta e deitar-se.



No dia seguinte eram dez horas da manhã quando levantou-se, e bem surprehendido ficou vendo uma roupa muito límpa, no lugar da sua que estava toda suja. Com certeza este palacio pertence a alguma bôa fada que condeu-se da minha situação. Olhou pela janella e vio em vez de neve carramanchões cheios de flôres que encantavam a vista. Voltou á grande sala onde jantara na vespera e vio uma mezinha em cima da qual havia uma chicara de chocolate. « Agradeço-vos, bôa fada, disse em voz alta, terdes vos lembrado do meu almoço ». Depois de ter tomado o cho-

colate o bom homem sahio para ir buscar o cavallo, mas passando por um canteiro cheio de rosas, lembrou-se que Bella lhe pedira uma, e colheu um galho com diversas. Na mesma hora ouvio um grande barulho, e vio adiantar-se para elle um animal tão horrendo,



que esteve prestes a desfallecer. « Sois muito ingrato, disse-lhe a Fera com uma voz terrivel ; vos salvei a vida acolhendo-vos em meu castello, e em paga do meu acolhimento roubais minhas rosas, o que mais gosto no mundo ! Ides morrer para reparar esta falta : dou apenas um quarto de hora para pedires perdão a Deus ». O negociante lançou-se aos pés da Fera e disse-lhe juntando as mãos : « Monsenhor, perdoai-me ; não suppunha offender-vos colhendo uma rosa para uma de minhas filhas que m'a tinha pedido. — Chamo-me *Fera* e não *Excellencia*, respondeu o monstro. Não gosto de cumprimentos, quero que se diga o que

se pensa ; assim, não espereis me enternecer com as vossas lisonjas ; me dissestes porém que tendes filhas, perdoar-vos-hei, com a condição que uma dellas venha pela sua propria vontade morrer em vosso lugar.

Nada de hesitações, parti ; e si vossas filhas se recusarem a morrer por vós jurai voltar aqui dentro de tres mezes. « O pobre homem não tinha a intenção de sacrificar nenhuma de suas filhas áquelle horrendo monstro, mas pensava intimamente : Pelo menos terei a ventura de abraçal-as ainda uma vez. Jurou pois voltar e a Fera disse-lhe que poderia partir quando quizesse : « Porém acrescentou, não quero que partais com as mãos vasias : voltaei ao quarto onde dormistes, lá encontrareis um grande cofre, podeis pôr dentro o que vos aprouver, mandarei leval-o em vossa casa ». No mesmo instante a Fera retirou-se, e o pobre homem disse consigo : Uma vez que é preciso morrer, terei a consolação de deixar a meus pobres filhos os meios de subsistencia.

Voltou então ao quarto onde dormira, e encontrando uma porção de moedas de ouro, encheu o cofre, do qual a Fera fallara, fechou-o e montando no seu cavallo que encontrou na cocheira, sahio daquelle palacio cheio de uma tristeza equivalente a alegria de que se achava possuido quando alli entrou. O cavallo seguiu instinctivamente por um dos caminhos da floresta e em poucas horas o pobre homem chegou a sua casinha. Seus filhos agruparam-se em torno d'elle, mas em vez de se mostrar alegre com as suas caricias, o negociante pôz-se a chorar contemplando-os. Finha na mão o ramo de

rosas que trazia a Bella ; deu-lh'ò dizendo-lhe : « Bella toma estas rosas, custaram muito caro a teu desgraçado pai ; » e relatou logo a sua familia a funesta aventura que succedera. Ouvindo aquella narração, as duas mais velhas gritaram muito injuriando Bella, que não chorava. « Vêde a consequencia do orgulho desta tola creatura, diziam ellas ; porque não pedio vestidos, como nós ? Não, a fidalga queria se distinguir vai ser a causadora da morte de nosso pai e não chora ! Seria inutil fazel-o, replicou Bella : porque hei de chorar a morte de meu pai ? Elle não morrerá. Já que o monstro acceta uma de suas filhas, vou entregar-me ao seu furor, com muita satisfação, pois morrendo terei a ventura de salvar meu pai e provar-lhe minha affeição. — Não, querida irmã, não morrerás, disseram os tres irmãos ; iremos ter com este monstro, e pereceremos nas suas mãos, se não podermos matal-o. — Não o espereis meus filhos, disse-lhes o negociante ; o poder daquella fera é tão grande, que não me resta esperanza alguma de fazel-a perecer. Estou muito satisfeito do bom coração de Bella, porem não quero expôl-a á morte. Estou velho, pouco tempo me resta a viver, de modo que perderei apenas alguns annos de vida, que só lastimo por vossa causa queridos filhos. — Asseguro-vos meu pai, que não ireis a esse palacio sem eu ; não me podeis impedir de acompanhar-vos. Se bem que seja moça não tenho apêgo á vida, preferindo ser devorada por esse monstro a morrer do pezar que me causaria a vossa perda ». Debalde tentaram tudo, Bella quiz partir para o bello palacio, com grande contentamento de suas irmãs que estavam

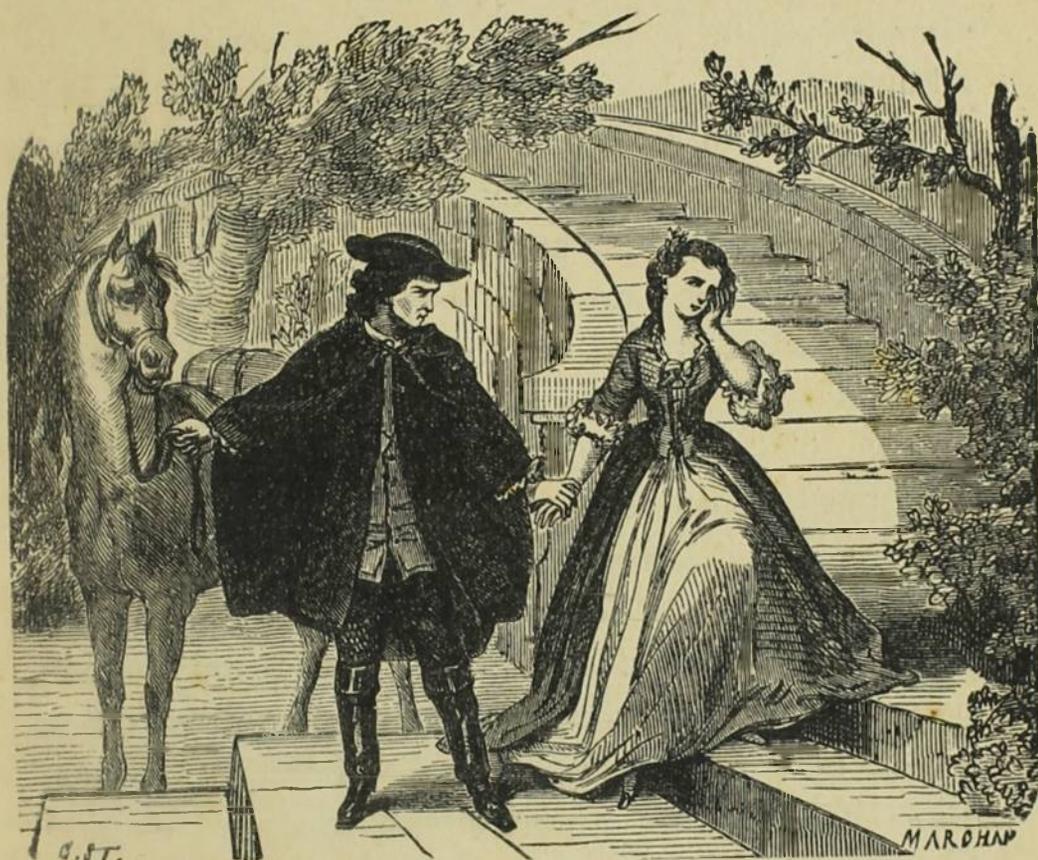
radiantes porque as virtudes da donzella lhes inspiravam muita inveja. O negociante entregue á dôr de perder sua filha, ja não se lembrava do cofre que enchera de ouro : apenas porem fechou-se no seu quarto para dormir, deparou com elle, ficando muito admirado de encontral-o entre a parede e a cama. Resolveu não



dizer a seus filhos que se tornara tão rico, porque as duas filhas mais velhas haviam de querer voltar immediatamente para a cidade, quando estava firmemente decidido a morrer alli no campo. No entanto confiou o seu segredo a Bella, que lhe disse ter vindo durante a sua ausencia alguns cavalheiros dois dos quaes amavam suas irmãs. Pedio a seu pai que as casasse, pois era tão bôa que as amava e perdoava-lhes de todo

coração o mal que lhe tinham feito. Aquellas duas más creaturas para chorarem esfregaram cebola nos olhos quando Bella partio com seu pai ; porem seus irmãos bem como seu pai choraram sinceramente : só Bella não querendo augmentar a dôr dos seus conservava-se calma, sem chorar. O cavallo tomou o caminho do palacio e ao approximar-se a noite o avistaram illuminado como da primeira vez. O cavallo dirigio-se sósinho para a cocheira, e o pobre homem entrou com sua filha para a grande sala onde encontraram uma meza magnificamente servída com dous talheres. O pai não tinha vontade de comer, porem Bella, esforçando-se por parecer tranquilla, sentou-se á meza e servio-o ; além disso dizia intimamente : a Fera quer engordar-me antes de comer-me, pois que me serve tão lautamente. Após a ceia ouviram um grande ruido e o pai disse adeus á sua pobre filha entre prantos ao pensar que era a Fera. Bella não pode deixar de estremecer vendo aquella horrenda figura ; acalmou-se porem quanto pode e como o monstro lhe perguntasse se tinha vindo por sua vontade respondeu-lhe, a tremer, que sim. « Sois muito bôa, disse a Fera e vos fico muito agradecida. Senhor deveis partir amanhã de manhã, e nunca mais vos lembreis de voltar aquí. Adeus Bella. — Adeus Fera, respondeu ella ; immediatamente o monstro se retirou. — Ai ! minha filha, disse o negociante abraçando Bella, estou quasi morto de medo. Ouve-me, deixa-me aqui. — Não meu pai lhe disse Bella com firmeza , partireis amanhã de manhã e me confiareis á protecção de Deus, talvez que elle tenha compaixão de mim. « Foram-se deitar

julgando que não dormirão toda a noite, mas apenas pozeram-se na cama, adormeceram. Durante o somno, Bella viu uma dama que lhe disse : « Estou muito



contente com o teu bom coração, Bella; a bôa acção que acabas de praticar dando tua vida para salvar a de teu pai não ficará sem recompensa ». Ao despertar Bella contou este sonho a seu pai, e se bem que o consolasse um pouco, não o impedio comtudo de chorar amargamente quando teve de se separar de sua querida filha.

Depois da sua partida, Bella sentou-se no salão e pôz-se a chorar tambem, mas como era muito corajosa encommendou-se a Deus resolvendo não se apoquentar

durante o pouco tempo que lhe restava a viver, pois acreditava firmemente que a Fera a comeria naquella noite. Tomou a resolução de passear e visitar aquelle bello castello emquanto esperava, não podendo deixar de admirar-lhe a belleza. Grande porem foi a sua admiração, ao encontrar uma porta na qual estava escripto : APOSENTO DE BELLA. Abrio-a precipitadamente ficando deslumbrada com a magnificencia que alli reinava ; o que porem mais a admirou, foi uma grande bibliotheca, um piano e varios livros de musica. « Não querem que eu me aborreça », disse baixinho, pensando logo : Si eu devesse passar aqui apenas um dia, não teriam preparado para mim tantas riquezas. Este pensamento reanimou-lhe a coragem. Abrio a bibliotheca e deparou com um livro no qual estava escripto em lettras douradas : *Desejai, ordenai : sois aqui rainha e senhora*. Ai de mim ! disse suspirando, não desejo mais do que ver meu pobre pai, e saber o que faz elle neste momento : tinha dito isto comsigo propria. Qual não foi porem a sua surpresa, quando olhando para um grande espelho nelle vio sua casa aonde chegava seu pai em cujo rosto se lia uma immensa tristeza ! Suas filhas acercavam-se delle, e apesar das carêtas que faziam para parecerem afflictas, a alegria que sentiam pela perda de sua irmã transparecia-lhe no semblante. Um instante depois, tudo desappareceu e Bella não pode deixar de pensar que a Fera era muito condescendente por isso nada tinha a receiar. Ao meio dia encontrou a meza posta ; durante o almoço ouviu um excellente concerto, si bem que não visse ninguem. A noite, quando ia sentar-se á meza,

ouvindo o barulho que a Fera fazia não pode deixar de estremecer. « Bella disse-lhe o monstro, quereis que assista ao vosso jantar ? — Sois o senhor, respondeu Bella muito tremula. — Não, replicou a Fera ; a unica senhora aqui sois vós. Basta dizer-me se vos incomodo, retirar-me-hei immediatamente. Dizei-me, não é verdade que me achais muito feio ? — E'exacto, disse Bella pois não sei mentir, creio porem que sois



muito bom. — Tendes razão, disse o monstro, mas, além de ser feio não tenho espirito ; bem sei que sou apenas um estúpido. — Não se é estúpido, replicou Bella, quando se julga não ter espirito. Um tólo nunca soube semelhante cousa. — Comei, Bella, disse-lhe o monstro e procurai não vos aborrecer muito na vossa casa, pois tudo aqui vos pertence e eu ficaria pezaroso se não estivesseis contente. — Como sois bom, disse Bella. Confesso-vos que me sinto feliz pelo vosso bom coração ; quando penso nisto não me pareceis tão

feito. — Oh! na verdade! sim, respondeu a Fera, tenho o coração bom, porem sou um monstro. — Ha muitos homens que são mais monstros do que vós, disse Bella, e vos quero antes com a vossa figura, do que áquelles que sob a forma de homens occultam um coração falso, corrompido, e ingrato. — Si tivesse espirito, replicou a Fera, vos faria um grande cumprimento para vos agradecer, porem sou um nescio, tudo quanto vos posso dizer é que sou muito reconhecido ».

Bella jantou com appetite. Quasi que já não tinha medo do monstro, porem pouco lhe faltou para morrer de terror quando elle lhe disse : « Bella, que-reis ser minha mulher ? » Ficou algum tempo sem responder, temendo excitar a colera do monstro, recusando ; no emtanto disse-lhe muito tremula : « Não Fera ». Naquelle momento o pobre monstro querendo suspirar deu um ronco tão tremendo que todo o palacio estremeceu : porem Bella tranquillizou-se logo, ouvindo a Fera dizer-lhe tristemente : « Então adeus, Bella », e sahir da sala voltando-se de vez em quando para olhal-a. Vendo-se só Bella sentio uma grande compaixão por aquella pobre Fera. « Coitada ! dizia ella, é pena ser tão feia, pois é tão bôa ! »

Bella passou tres mezes naquelle palacio muito tranquillamente. Todas as noites a Fera a visitava, distrahia-a durante o jantar com muito bom senso, porem nunca com o que se chama espirito na sociedade. Cada dia, Bella descobria no monstro novas qualidades; o habito de vê-la tinha-a acostumado á sua fealdade, e longe de temer o momento da sua visita, olhava

sempre o relógio para ver se já eram nove horas pois a Fera não deixava de vir áquella hora. Só uma cousa entristecia Bella, era que o monstro antes de se retirar perguntava-lhe sempre se queria ser sua mulher, parecendo cheio de dôr quando lhe respondia que não. Um dia Bella lhe disse : « Vós me causais pena, Fera ; bem queria poder vos desposar, mas sou muito sincera para vos fazer acreditar que isto jamais succederá : serei sempre vossa amiga, procurai contentar-vos com isso. — Assim é preciso, replicou a Fera ; faço-me justiça : sei que sou horrenda, mas vos amo muito ; entretanto considero-me feliz por quererdes ficar aqui : promettei-me que nunca me deixareis ». Bella córou ao ouvir estas palavras ; acabava de ver no espelho que seu pai estava doente da dôr de tel-a perdido, e desejava tornar a vê-lo. « Eu bem poderia promettei-vos nunca mais vos deixar, mas tenho tanto desejo de tornar a ver meu pai, que morrerei de tristeza se me recusardes este prazer. — Eu prefiro morrer, disse o monstro, a vos causar um pezar ; vos mandarei para a casa de vosso pai, lá ficareis, e a vossa pobre Fera morrerá de dôr. — Não, disse-lhe Bella chorando, amo-vos muito para causar vossa morte. Prometto-vos voltar dentro de oito dias. Me fizestes ver que minhas irmãs estão casadas, meus irmãos partiram para o exercito ; meu pai está sósinho, deixai-me passar com elle uma semana. — Lá estareis amanhã de manhã, disse-lhe a Fera, mas lembrai-vos de vossa promessa ; quando quizerdes voltar bastará pôr vosso anel sobre uma meza na occasião de deitar-vos. Adeus Bella ». A Fera suspirou como de costume ao di-

zer estas palavras, e Bella deitou-se muito triste por tel-a affligido. Quando despertou no dia seguinte de manhã estava em casa de seu pai, e tendo tocado a sineta que estava ao lado da cama, vio chegar a criada que deu um grande grito ao vê-la. O pobre homem correu ao ouvir o grito e só faltou morrer de alegria tornando a ver sua querida filha ; ficaram abraçados mais de um quarto de hora. Bella passados os primeiros transportes de alegria lembrou-se que não tinha vestido para se levantar, porem a criada lhe disse que encontrara no quarto visinho um grande cofre cheio de vestidos bordados a ouro e guarnecidos de diamantes. Bella agradeceu a bôa Fera suas attentões : vestio o mais simples e mandou a criada guardar os outros, tencionando fazer presente a suas irmãs ; apenas porem acabara de dizer estas palavras o cofre desapareceu. Seu pai lhe disse que a Fera desejava que ella conservasse tudo para si, e no mesmo instante o cofre e o vestido reappareceram no mesmo lugar. Bella vestio-se ; durante este tempo tinham ido avisar a suas irmãs que accorreram com seus maridos. Ambas eram muito infelizes. A mais velha casara-se com um joven fidalgo bello como Cupido, mas vivia tão apaixonado de si proprio, que só se occupava em mirar-se da manhã a noite, desprezando a belleza de sua mulher. A segunda despozara um homem de fino espirito, mas que d'elle servia-se apenas para enfurecer a todos começando por sua mulher. As irmãs de Bella quasi morreram de dôr ao verem-n'a vestida como uma princeza, e mais bella do que a aurora. Em vão ella acariciou-as, mas nada poude

abrandar-lhe a inveja que augmentou ainda mais quando Bella lhes contou quanto era feliz. As duas invejosas desceram ao jardim para chorar á vontade, e diziam uma a outra :

« Porque esta pretenciosa creatura é mais feliz do



que nós ? Porventura não somos tão amáveis como ella ? — Minha irmã, disse a mais velha, occorreu-me uma ideia : procuremos retel-a aqui mais de oito dias, porque a sua tôla Fera se enfurecerá contra ella por não ter cumprido sua palavra, e talvez a devore. — Tens razão, respondeu a outra. Para o conseguir

trataremos de agradal-a muito ». Tomada aquella resolução subiram novamente e foram tão gentis com a irmã a ponto de Bella chorar de alegria. Decorridos os oito dias, ellas arrancaram os cabellos e mostraram-se tão affictas pela partida de Bella que esta prometteu ficar ainda outros tantos dias.

Entretanto Bella se exprobara o pezar que ia causar a pobre Fera que amava de todo coração, e aborrecia-se por não a tornar a ver. Na decima noite que passou em casa de seu pai, sonhou que estava no jardim do palacio, vendo a Fera deitada sobre a relva prestes a morrer, censurando-lhe sua ingratidão. Bella accordou sobresaltada e derramou abundantes lagrimas. « Realmente sou muito má, dizia ella, causando pena a um animal tão complacente para commigo ! E'culpa sua se é feio e não tem espirito ? Mas em compensação é bom e isto vale mais do que tudo. Porque não quiz eu despozal-o ? Seria mais feliz com elle do que minhas irmãs com seus maridos. Não é a belleza nem o espirito de um marido que fazem a mulher feliz, é o bom caracter, a virtude, a indulgencia, e a Fera tem todas estas qualidades. Não a amo, mas tenho-lhe estima, amizade e reconhecimento. Bem, não devo fazel-a infeliz ; me exprobaria a minha ingratidão toda a minha vida ». Dizendo estas palavras Bella levantou-se, pôz o anel sobre a meza e tornou a deitar-se adormecendo logo ; no dia seguinte ao despertar vio-se com alegria no palacio da Fera. Vestio-se ricamente para lhe ser agradavel e aborreceu-se todo o dia emquanto esperava que desse nove horas da noite ; mas foi debalde, porque a Fera não appareceu. Bella

receiu então ter-lhe causado a morte. Percorreu todo o palacio gritando muito no auge do desespero. Depois de ter procurado por toda parte lembrou-se do seu sonho e correu ao jardim indo dar no canal onde a vira durante o somno. Encontrou a pobre Fera estendida sem sentidos e julgou que estava morta. Lançou-se so-



bre ella já sem ter horror á sua forma, e sentindo seu coração bater ainda, apanhou agua no canal para lhe molhar a cabeça. A Fera, abriu os olhos e disse a Bella : « Esqueceste vossa promessa, o pezar que me causastes fez-me decidir a deixar-me morrer a fome ; morro porem contente, pois tenho o prazer de ainda vos ver uma vez. — Não, minha querida Fera, não morrereis. disse-lhe Bella, vivereis para vos tornar meu marido ; a partir deste momento concedo-vos minha mão jurando que só a vós pertencerei. Ai de mim ! Julgava

vos ter apenas amizade, mas a dôr que sinto me demonstra que não poderia viver sem vós ». Apenas Bella pronunciou estas palavras, vio o castello profusamente illuminado ; fogos de artificio, musica, tudo lhe annunciava uma festa : seus olhos porem não se detiveram naquellas bellas cousas e voltou-se para sua querida Fera, cujo estado perigoso a fazia estremecer ! Mas, qual não foi a sua surpresa ! A Fera tinha desaparecido e ella vio a seus pés um principe mais bello que o dia, que lhe agradecia ter posto fim ao seu encanto. Sí bem que aquelle principe lhe merecesse toda attenção, não poude deixar de perguntar-lhe onde estava a Fera. « Vós a tendes a vossos pés, disse-lhe o principe. Uma maldicta fada condemnou-me a ficar sob aquella forma até que uma bella donzella consentisse em despozar-me, tendo-me tambem prohibido de mostrar-me espirituoso. De modo que no mundo só o vosso coração era capaz de deixar-se commover pela bondade do meu character ; e offerecendo-vos minha corôa não posso me desobrigar dos favores que vos devo ». Bella agradavelmente surprehendida, deu a mão ao bello principe para levantá-lo. Dirigiram-se juntos para o castello, e Bella faltou morrer de alegria encontrando no salão seu pai e toda sua familia que a bella dama que lhe apparecera em sonho transportara para lá. « Bella, disse-lhe a dama que era uma fada muito poderosa, vem receber a recompensa da tua bôa escolha : preferiste a virtude á belleza e ao espirito, mereces encontrar estas qualidades reunidas em uma só pessoa. Vaes tornar-te uma grande rainha : espero que o throno não destruirá

tuas virtudes. Quanto a vós, disse a fada ás duas irmãs de Bella, conheço vossos corações e toda sua maldade. Transformai-vos em duas estatuas, mas conservareis toda a vossa lucidez sob a pedra que vos envolver. Ficareis á porta do palacio de vossa irmã, e a única pena que vos imponho é serdes testemunhas da sua felicidade. Não podereis voltar ao vosso primitivo estado enquanto não reconhecerdes vossas faltas ; mas, receio muito que não fiquéis estatuas para sempre. As pessoas corrigem-se do orgulho da colera, da gula e da preguiça ; é porem um milagre a conversão de um coração máo e invejoso ». A fada dando então uma pancada com a sua varinha transportou todos que alli estavam para o reino do principe. Seus subditos viram-n'o com alegria, e elle despozou Bella, vivendo ambos muito tempo no gozo de uma felicidade completa por ser baseada na virtude.

CARLOTA. — E as duas irmãs de Bella ficaram sempre sendo estatuas.

D. LUIZA. — Sim, porque sempre tiveram máo coração.

SYLVIA. — Eu passaria uma semana inteira a vos escutar sem nunca me aborrecer. Gosto immensamente de Bella, mas, parece-me que se estivesse em seu lugar não teria querido casar-me com a Fera que era demasiadamente feia.

NOEMIA. — Mas, ella era tão bôa, que não terias consentido em deixal-a morrer de pezar, mormente depois della te haver feito tanto bem.

SYLVIA. — Eu teria dito como Bella dissera a prín-

cípío : Serei sempre vossa amiga, porem não quero ser vossa mulher.

MARIA. — Pela minha parte, creio que ella me faria muito medo ; pensaria sempre que ia me comer.

LILI. — E a mim parece-me que como Bella, me teria habituado a vê-la. Quando papai tomou ao seu serviço como lacaio um rapazinho preto, eu tinha muito medo d'elle ; apenas entrava eu me escondia, achava-o mais feio de que um bicho. Pois bem, pouco a pouco acostumei-me com elle ; hoje suspende-me quando tenho de subir para o carro, e já não penso em seu rosto.

D. LUIZA. — Lili tem razão : a gente se habitua com a fealdade porem nunca com a maldade. Não devemos pois nos importar de sermos feias ; o que é preciso é sermos boas para que se possa esquecer nosso rosto por amor de nosso coração. Notai bem, queridas meninas que somos sempre recompensadas quando fazemos nosso dever. Si Bella se tivesse recusado a morrer em lugar de seu pai, si tivesse sido ingrata para com a pobre Fera, não seria depois uma poderosa rainha. Vêde tambem quanto nos tornamos más quando somos invejosas : é o mais feio de todos os defeitos.

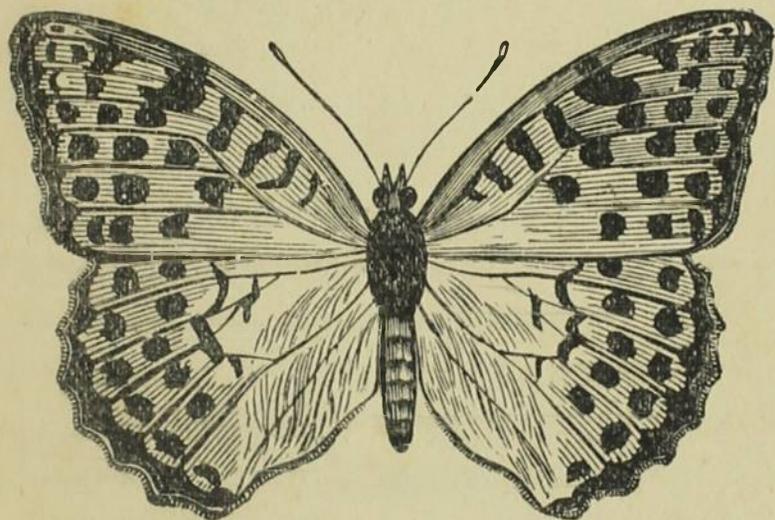
São apenas tres horas ; ide passear até as quatro. Podeis correr e saltar a vontade, comtanto que estejais á sombra ; eu que sou velha e não posso andar ficarei descansando aqui com Noemia que não tem passado muito bem.

MARIA, *voltando pouco depois*. — Vêde D. Luiza que lindas borboletas apanhamos ; vou pôr a minha numa caixa e dar-lhe-hei flôres a comer ; ella produzirá talvez e eu terei uma linda familia de borboletas.

D. LUIZA. — Ficarias muito admirada, encontrando em vez de borboletas, uma familia de lagartos.

MARIA. — Mas, não porei na caixa um lagarto e sim uma borboleta ; como pois encontraria outra cousa a não ser uma borboleta ?

D. LUIZA. — Certamente não se pode achar em uma caixa ou em qualquer outra parte senão aquillo que lá está ; porem fica sabendo que a borboleta que te parece tão linda, era ao nascer um pequenino verme tendo per-



nas, em seguida um lagarto, que depois transformou-se em borboleta.

SYLVIA. — E'como nas Metamorphoses. Mas, dizemos como pode isto se dar ? porque sempre considerei as Metamorphoses como contos proprio para divertir as crianças.

D. LUIZA. — Estás enganada minha querida ; as Metamorphoses são a historia dos Gregos, occulta, disfarçada sob as fabulas ; quando fôres maior eu te farei ver a relação que tem com a historia.

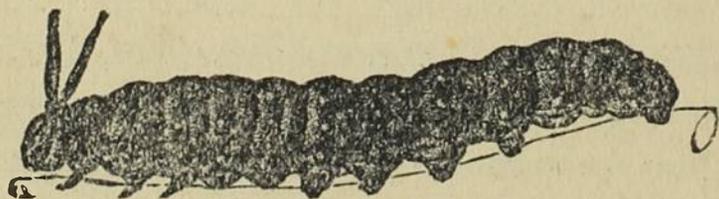
SYLVIA. — Dizei-me sempre : « Quando fôres maior

dir-te-hei o que me perguntas ; » lembrai-vos porem que brevemente farei treze annos e por conseguinte não sou mais uma menina ; porque então não dizer hoje, o que me direis daqui a algum tempo ?

D. LUIZA. — Porque ha outras muitas cousas que deves saber antes. Para te fazer ver a relação das Metamorphoses com a historia é absolutamente necessario conhecer a historia. Procura aprendel-a depressa e em seguida instruir-te-hei sobre tudo que desejas saber.

MARIA. — E eu, D. Luiza é preciso esperar tambem que eu cresça mais, para saber como a borboleta pode ser primeiro um lagarto ?

D. LUIZA. — Não, querida menina. Para te ser agradavel vou guardar diversas borboletas que no outomno depositarão os ovos sobre uma folha de papel que lhes darei : depois de terem posto as borboletas morrerão. Quando chegar a primavera pôrei a folha de papel no sol e uma vez aquecidos os ovos delles sahirão pequeninos lagartos que apenas nascidos comerão a folha que eu lhes fornecer, e chegados a certo tamanho tece-



rão como fazem as aranhas ; deste fio farão uma casa

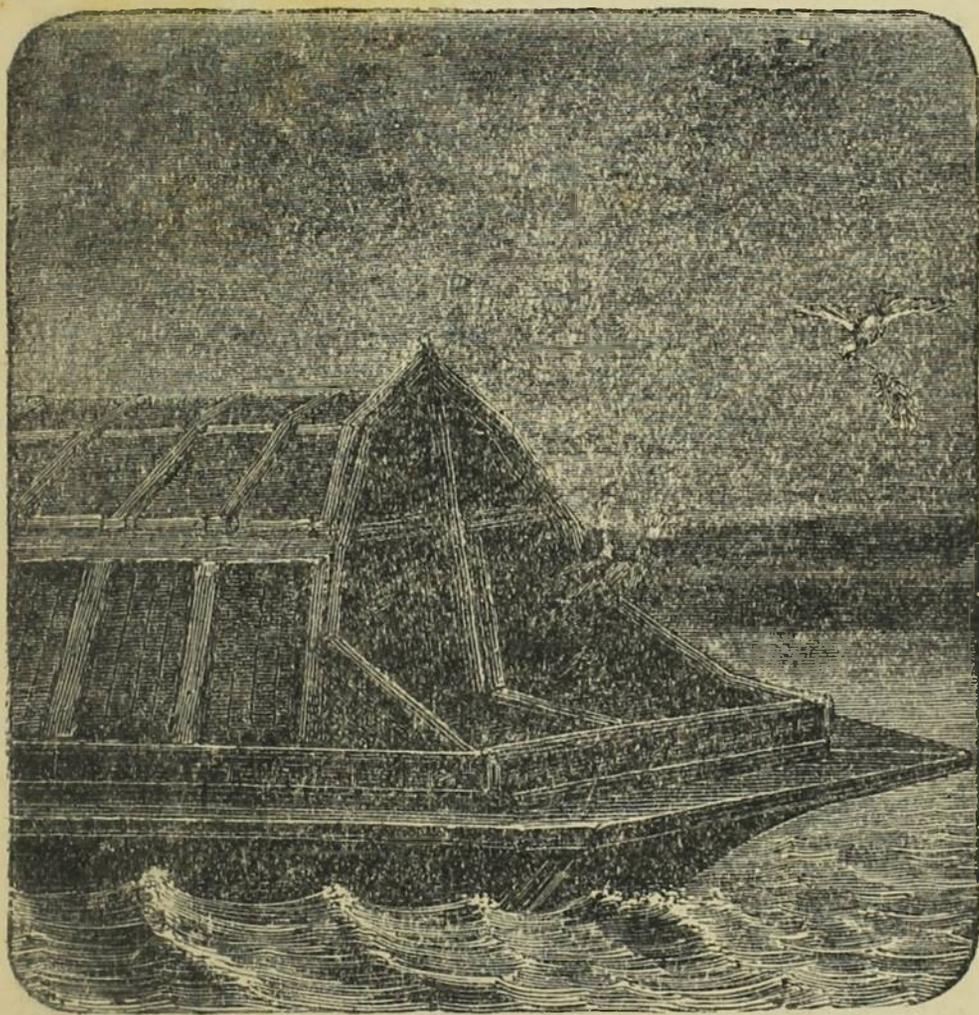
onde se abrigarão durante o inverno afim de não sentirem frio.

LILI. — Quem lhes dará de que fazer o fio, D. Luiza ?

D. LUIZA. — Deus minha querida Lili, que os creou dá-lhes tudo o que é preciso para viverem : tem no

corpo um armazem onde encontram de que fazer o fio necessario para edificar sua casa.

MARIA. — Dareis a esses pequeninos lagartos o alimento de que devem carecer ; porem os que ficam nos



campos, quem é que lhes leva a comida em suas casinhas ?

D. LUIZA. — Ninguém : elles não teem necessidade disto e não comem enquanto estão assim enclausurados. Quando fizer calor, sahirão de suas casas, e depois de terem comido durante algum tempo vél-os-

has construir um pequenino esquife onde se deitarão e ficarão como mortos. Então parecerão uma fava, porem algum tempo depois esta fava se mexerá e della sahirá uma cabeça, pernas, azas, finalmente uma linda borboleta como está, que se nutrirá de flores até pôr e morrer.

MARIA. — E veremos tudo isto D. Luiza ?

D. LUIZA. — Sim, decerto ; vereis tudo isto e mil outras cousas bellas se formos juntas para o campo, como o espero. Emquanto isto vou mandar buscar uma duzia de borboletas, guardal-as-hei em meu gabinete onde mandarei pôr flôres novas todos os dias e de vez em quando iremos visital-as. Agora vamos tomar chá e depois repetiremos nossa historia : é tua vez Lili.

LILI. — Muito tempos após a morte de Adão e de Eva os homens se tornaram tão máos, que Deus tomou-lhes horror. Mentiam, eram gulosos, encolerizavam-se, nunca faziam suas orações; finalmente só faziam mal. Deus resolveu castigal-os. Como porem havia um homem honrado entre os máos, Deus ordenou-lhe que fizesse uma grande habitação de madeira e nella pozesse toda sorte de animaes. Este bom homem chamava-se Noé : prompta a casa, nella abrigou-se com sua mulher e seus tres filhos, que se chamavam Sem, Cham, Japhet, e eram todos casados. Uma vez todos elles nessa grande casa, denominada a *Arca*, Deus fez chover tanto que a agua cobrio todas as casas, arvores e montanhas, de sorte que todos os homens bem como todos os animaes morreram afogados. Noé não pereceu como os outros, pois fechara bem a arca, que se conservou á superficie d'agua. Mortos

todos os homens, cessou a chuva e uma forte ventania seccou a terra : então Noé abriu uma das janellas da arca e deixou sahir um corvo : Este passaro que se nutre de cadaveres , encontrando muitos sobre a terra não voltou para a arca. Algum tempo depois , Noé abriu novamente a janella e deixou sahir um bello pombinho. Este colheu um ramo de arvore e trouxe no bico. Em seguida, Deus disse a Noé que sahisse da arca. Noé ajoelhou-se com toda a sua familia para dar graças a Deus, e nesse momento vio no céu um signal muito grande com as côres, azul, vermelha, verde, violeta; aquillo chamava-se um arco-iris ; era para fazer lembrar que nunca mais haverá outro diluvio, isto é chuvas tão abundantes.

MARIA. — Quem deu o que comer a Noé, seus filhos e a todos os animaes, durante o tempo em que estiveram na arca ?

D. LUIZA. — Elles tinham levado os alimentos necessarios. Fostes á Irlanda querida menina, pois bem, viajaste num vapor que era quasi como a arca e onde havia o que comer porque o tinham abastecido de tudo.

MARIA. — E' verdade ; e tinha tambem janellas. Eu receiava a cada instante que afundasse. Como se explica que o vapor se conservava á superficie d'agua , ao passo que minha faca que deixei cahir foi ao fundo ?

D. LUIZA. — Porque a agua que estava sob o vapor sendo mais pesada do que elle, sustentava-o, ao passo que a faca sendo mais pesada do que a agua, esta não a poudesuster.

SYLVIA. — Mas, um vapor é mais pesado do que uma faca.

D. LUIZA. — E' verdade ; mas tambem a quantidade d'agua que o sustenta é muito maior, emquanto que não havia quasi sob a faca. Façamos uma experien-  
cia no tanque que ha no fim do jardim ; vou servir-me de um pedaço de madeira do tamanho deste pedaço de chumbo. Pois bem-verás que o páo não afunda o que succede com o chumbo por ser elle mais pesado que a agua. Este passarinho que pousa sobre este galho não o faz vergar, porque é mais pesado que elle ; se porem eu subisse, quebral-o-hia por ser mais pesada do que elle.

MARIA. — Agora comprehendo, e quando voltar a Irlanda não terei mais medo, porque me lembrarei que o vapor sendo mais pesado do que a agua, não pode afundar.

D. LUIZA. — Então Lili, a historia que acabamos de repetir não te suggerio alguma bôa ideia ?

LILI. — Sim. Assim como Noé pensou logo em agradecer a Deus, eu não esquecerei de dar-lhe graças todos os dias por tudo quanto me tem dado.

MARIA. — Deus vos dá alguma cousa D. Luiza ? A mim nunca deu nada.

D. LUIZA. — Que dizes querida Maria ? Elle te deu olhos, ouvidos, pés, mãos. Te dá o que comes, os teus vestidos, finalmente tudo o que tens.

MARIA. — Perdão, é mamãi que me dá meus vestidos e aquillo que eu como.

D. LUIZA. — Lembra-te que Deus é o auctor de tudo e que tudo lhe pertence : si elle não tivesse dado dinheiro a tua mamãi para comprar para ti roupas, pão e todas as cousas de que careceis, nada terias.

MARIA. — Oh ! como vou amar o bom Deus que me dá todas estas cousas !

D. LUIZA. — É é muito justo querida Maria ; para mostrar a Deus quanto o amas, serás muito bôasinha, porque isto lhe faz muito prazer.

MARIA. — Foi tambem Deus quem fez a minha vóvó que está na Irlanda ?

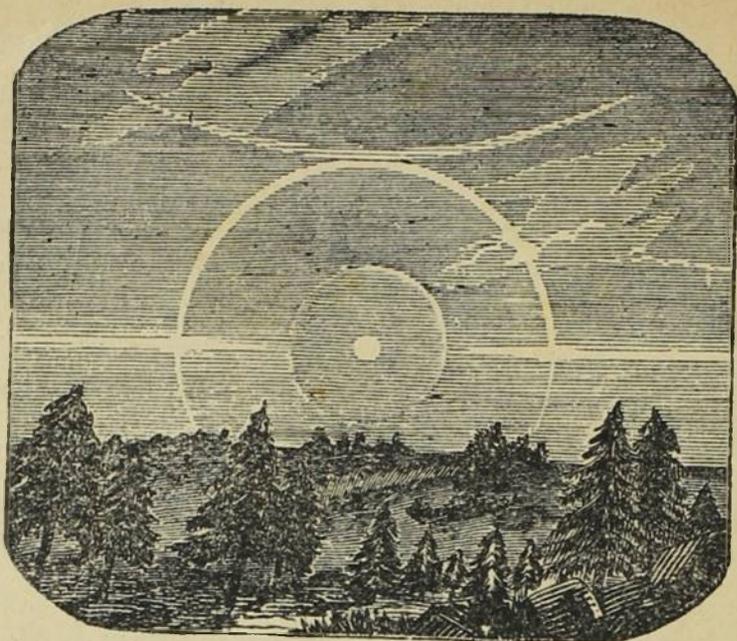
D. LUIZA. — Elle fez tudo o que está na terra e no céu, queridas meninas. Mas, creio que vai chover ; voltemos a sala.

CARLOTA. — Ah ! D. Luiza olhai deste lado ; creio que é'aquillo a bella cousa que chamais *arco-iris* ; oh ! que bellas côres !

D. LUIZA. — Tens razão. Pois bem, quando vêmos isto, devemos lembrar-nos que é o signal pelo qual Deus fez a paz com os homens. Nunca devemos pois, ver o arco-iris sem no nosso intimo agradecer a Deus o ter nos perdoado. Subamos depressa, senti já alguns chuveiros. São seis horas passadas, é preciso irdes embora meninas. Noemia vai deitar-se cedo. Espero-vos depois de amanhã, mas recommendo-vos sobretudo que não almoccis tão depressa.

SYLVIA. — Comeremos devagar ; em compensação teremos um conto antes do chá não é verdade ?

D. LUIZA. — Sim, prometto.



## DIALOGO SEIS

### QUARTO DIA

CARLOTA. — Estivemos bem uma meia hora, á meza, D. Luiza; tere mos pois uma historia.

D. LUIZA. — Que contarei com muito gosto ; mas, Carlota não tens nada para mim ?

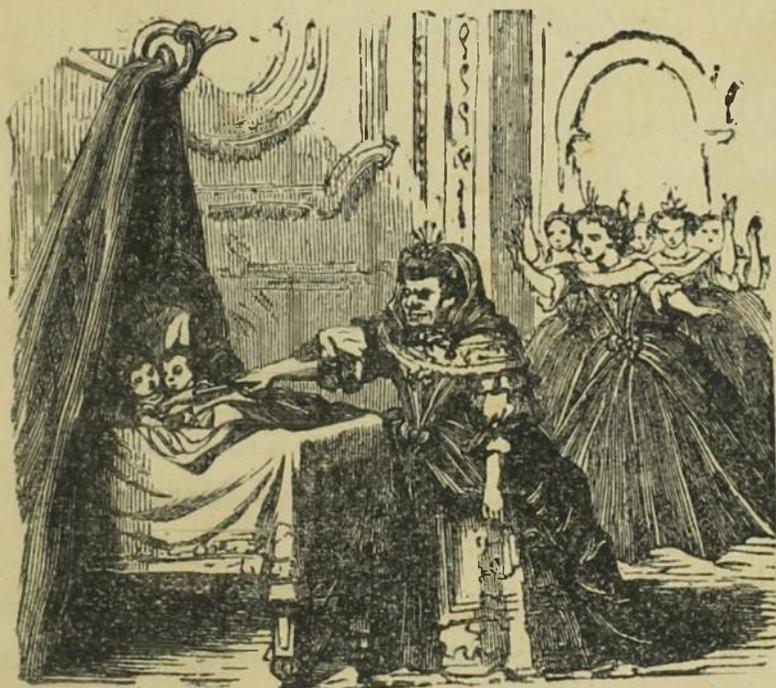
CARLOTA. — Tenho ; este papel onde ha cousas muito feias, peço-vos que o leia baixinho.

D. LUIZA. — Sim, querida menina, eu o lerei enquanto tomamos chá. Vamos, é preciso cumprir minha palavra e contar-vos a historia ; sentai-vos, vou pagar minha divida.

## FATAL E VENTUROSO

### *Conto*

Havia uma rainha que teve dous filhos igualmente bellos. Uma fada, muito sua amiga foi convidada para ser madrinha dos principes e lhes fazer algum dom :



« Doto o mais velho de toda sorte de infelicidades até a idade de vinte-cinco annos, e dou-lhe o nome de *Fatal* ». Ouvindo estas palavras a rainha soltou muitas exclamações e conjurou a fada a mudar aquelle dom. « Não sabeis o que me pedis, disse esta á rainha ; si elle não fôr infeliz será máo ». A rainha nada ousou

dizer, porem pedio á fada que lhe deixasse escolher um dom para seu segundo filho. « Talvez façais má-escolha, respondeu a fada, mas não importa, quero conceder-lhe o que para elle me pedirdes. — Desejo, disse a rainha, que elle seja sempre bem succedido em tudo quanto emprehender : éo meio de tornal-o feliz. — Poderieis vos enganar, por isso concedo-lhe este dom apenas até a idade de vinte cinco annos ».

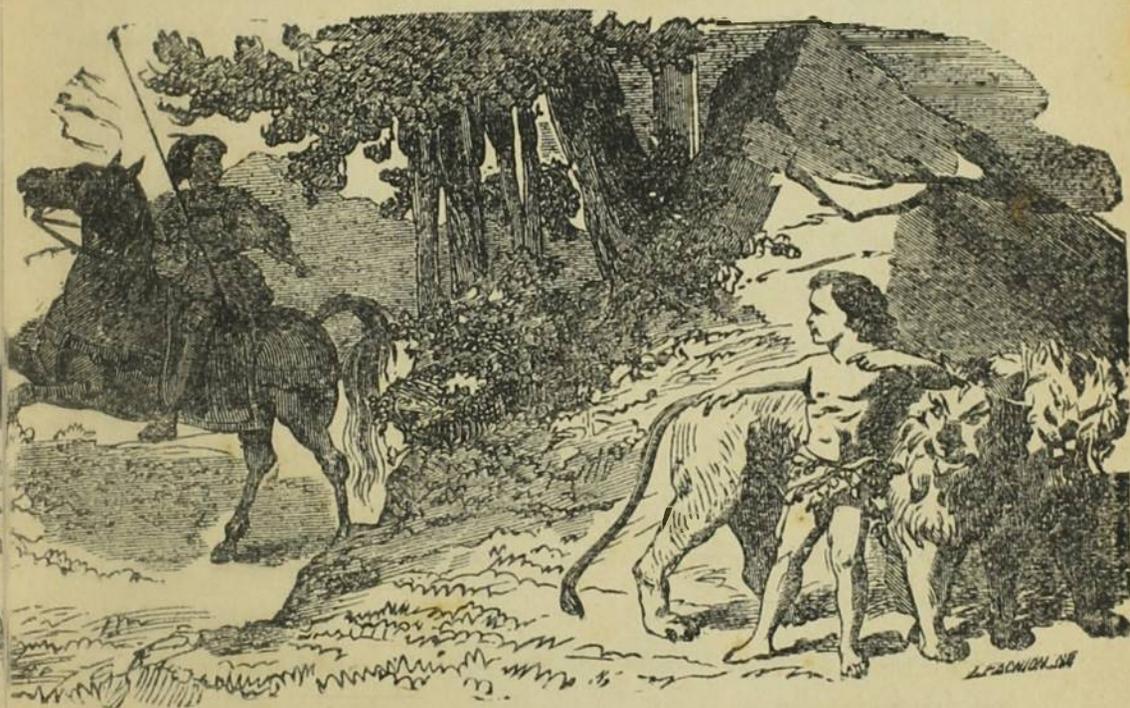
Deram amas de leite aos dous pequeninos principes ; porem desde o terceiro dia, a do principe mais velho teve febre ; deram-lhe outra que cahindo quebrou a perna : o leite da terceira seccou logo que o principe Fatal começou a mamar, e tendo-se espalhado na cidade o boato de que o principe acarretava desgraças sobre suas amas ninguem mais queria amamental-o nem se approximar d'elle. O pobre menino que tinha fome, gritava e no emtanto ninguem tinha dó d'elle. Uma gorda camponeza, mãe de muitos filhos, aos quaes, com muito sacrificio creava, propoz cuidar d'elle mediante uma grande somma : e como o rei e a rainha não gostavam do principe Fatal, deram-lhe a quantia exigida dizendo-lhe que levasse a creança para a sua aldeia. O segundo principe, chamado *Venturoso*, ao contrario crescia maravilhosamente. Seu pai e sua mãe amavam-n'o apaixonadamente e nem sequer pensavam no mais velho. A malvada mulher a quem o tinham dado, apenas chegou em casa, tirou-lhe as bellas vestes que o envolviam para dal-as a um de seus filhos da mesma idade de Fatal ; e tendo embrulhado o pobre principe em alguns trapos, levou-o para um bosque habitado por animaes ferozes e o pôz numa

tóca com tres leõsinhos, para que fosse devorado. A mãe dos leões porem, não lhe fez mal algum, pelo contrario, amamentava-o; isto o tornou tão forte, que no fim de seis mezes ja corria sósinho. No emtanto, o filho da ama que ella fazia passar pelo principe morreu ficando o rei e a rainha satisfeitissimos por verem-se finalmente livres delle. Fatal ficou no bosque até a idade de dous annos; um fidalgo da côrte, indo á caça, ficou muito admirado de encontrar aquelle pobre menino no meio dos animaes. Compadeceu-se delle, levou-o para sua casa, e sabendo que se procurava uma creança para fazer companhia a Venturoso apresentou Fatal á rainha. Deram um professor a Venturoso para ensinar-lhe a ler, recommendando porem ao mestre não o fazer chorar. O joven principe que ouvira isto, chorava todas as vezes que pegava no livro, de sorte que aos cinco annos nem conhecia as lettras, ao passo que Fatal lia correntemente e já sabia escrever. Para amedrontar o principe, ordenaram ao mestre que batesse em Fatal todas as vezes que Venturoso faltasse ao seu dever: Assim, de balde Fatal procurava ser bom, isto não o impedia de ser castigado. Venturoso era tão cheio de vontades e tão máo que maltratava sempre seu irmão que não conhecia. Si lhe davam uma maçã, um brinquedo, Venturoso os arrebatava; fazia-o calar quando queria fallar e o obrigava a fallar quando queria calar-se: finalmente era um pequenino martyr do qual ninguem tinha dó. Viveram assim até dez annos e a rainha estava muito admirada da ignorancia de seu filho. « A fada enganou-me, dizia ella, eu suppunha que meu filho seria o mais sabio de todos os principes, pois desejei

que fosse bem succedido em tudo quanto emprendesse ». Foi pois consultar a fada que respondeu : « Senhora, era preciso ter desejado a vosso filho a bôa vontade de preferencia aos talentos ; elle só quer ser muito máo, e como vêdes o consegue plenamente ». Depois de ter dito estas palavras a rainha, voltou-lhe as costas. A pobre princeza muito afflicta tornou ao palacio. Quiz ralhar com Venturoso para obrigal-o a ser melhor, porem este em vez de lhe prometter corrigir-se, disse, que se o contrariassem se deixaria morrer de fome. Então a rainha assustadissima, tomou-o ao collo, beijou-o, deu-lhe doces, dizendo-lhe que deixaria de estudar durante oito dias, se comesse como de costume. Entretanto o principe Fatal era um prodigio de sciencia e de meiguice ; habituara-se de tal modo a ser contrariado que já não tinha vontade, e só se preocupava em prever os caprichos de Venturoso.

Este porem, despeitado por vê-lo mais habilitado que elle, não o podia supportar, e os preceptores para serem agradaveis ao seu joven senhor, batinham em Fatal a cada instante. Por fim o máo menino disse a rainha que não queria mais ver Fatal e que não comeria enquanto não o expulsassem do palacio. Eil-o pois na rua : como todos tinham medo de desagradar ao principe, ninguem quiz tomal-o. O pobre passou a noite debaixo de uma arvore, morrendo de frio, pois estava-se no inverno, e tendo apenas para ceiar um pedaço de pão que lhe fôra dado por caridade. No dia seguinte de manhã, elle disse consigo : Não quero ficar aqui sem nada fazer ; trabalharei para ganhar minha vida até que seja bastante grande para

ir á guerra. Lembro-me de ter lido nas historias que simples soldados tornaram-se grandes generaes ; talvez tenha eu a mesma felicidade, si fôr um homem honrado. Não tenho pai nem mãe , porem Deus é o pai dos orphãos ; elle que deu-me por ama de leite uma leôa, não me ha de abandonar. Depois de ter dito isto, Fatal levantou-se e fez sua oração, pois nunca deixava de



rezar pela manhã e á noite ; quando orava tinha as mãos postas, os olhos baixos e não voltava a cabeça para um e outro lado. Um camponez que passava vendo Fatal orar a Deus de toda su'alma, disse consigo : Estou certo que este menino será um homem honrado ; estou quasi levando-o para guardar meus rebanhos. Deus me protegerá por causa d'elle. O aldeão esperou que Fatal terminasse a oração e disse-lhe : « Meu amiguinho queres vir guardar meus carneiros ? Proverei

a tua alimentação e tomarei conta de ti. — Quero, sim, respondeu Fatal, e farei todo o possível para vos servir bem ». O aldeão era um abastado fazendeiro, que tinha muitos criados que o roubavam constantemente; sua mulher e seus filhos roubavam-n'ò também. Quando viram Fatal ficaram muito contentes: « E'uma creança, diziam elles, fará tudo quanto quizermos. Um dia a mulher lhe disse: « Meu amigo, meu marido é um avaro, nunca me dá dinheiro; deixa-me levar um carneiro, tu dirás que o lóbo o carregou. — Senhora, respondeu-lhe Fatal, desejava de todo coração prestar-vos este serviço, mas antes morrer do que mentir, ser um ladrão. — És um tólo, disse-lhe a mulher, ninguém saberá que fizeste isto. — Deus o saberá, respondeu Fatal: elle vê tudo o que fazemos, castiga os mentirosos e aquelles que roubam ». Ao ouvir estas palavras a fazendeira atirou-se sobre elle, espancou-o e arrancou-lhe os cabellos. Fatal chorava, e o fazendeiro tendo ouvido perguntou a sua mulher porque batia naquella creança. « Na verdade, disse ella, é um guloso; hoje de manhã vi-o comer o creme que queria levar para o mercado. — Oh! como é feio ser guloso! » disse o aldeão; immediatamente chamou um criado e ordenou-lhe que batesse em Fatal. Debalde o pobre menino dizia que não tinha comido o creme, acreditavam mais na sua senhora do que nelle. Depois disto elle foi para o campo com o rebanho e a fazendeira lhe disse: Então! queres agora dar-me um carneiro? — Sinto muito, disse Fatal; podeis fazer contra mim o que quizerdes, mas não me forçareis a mentir ». A má creatura para se vingar, induzio

todos os outros criados a fazerem mal a Fatal. Elle ficava no campo de dia e de noite ; em vez de dar-lhe comida como aos outros servos , mandava-lhe somente pão e agua ; e quando voltava, ella o accusava



de todo mal que se fazia em casa. Assim passou elle um anno com esse fazendeiro, e, si bem que dormisse no chão frio e se alimentasse tão mal, tornou-se tão forte que se lhe daria quinze annos, quando realmente tinha apenas treze : alem disso elle se tornara tão paciente, que não se lastimava quando lhe ralhavam

sem razão. Um dia em que estava na fazenda, ouviu dizer que um rei visinho guerreava fortemente. Despediu-se de seu senhor e dirigio-se a pé para o reino desse monarcha, no intuito de fazer-se soldado. Alistou-se no regimento de um capitão, que era um grande fidalgo, porem que parecia antes um carregador d'agua, tão brutal era : praguejava, batia nos soldados, roubava-lhes metade do dinheiro que o rei dava para alimentar-os e vestir-os, e, sob as ordens desse máo capitão Fatal foi ainda mais infeliz do que em casa do fazendeiro. Alistara-se por dez annos, e se bem que visse desertar a maior parte de seus camaradas, nunca quiz seguir-lhes o exemplo, pois dizia : « Fui pago para servir dez annos, roubaria o rei si faltasse á minha palavra ». Apesar do capitão ser um homem máo e maltratar Fatal do mesmo modo que os outros, não podia deixar de estimal-o , porque o via sempre cumprir com o seu dever. Dava-lhe dinheiro para fazer suas commissões e Fatal guardava a chave de seu quarto quando elle ia para o campo ou jantava com seus amigos. O capitão não gostava de ler porem tinha uma bibliotheca, para fazer constar áquelles que o visitavam que era um homem illustrado, porque naquelle paiz pensavam que um official que não lia a historia nunca passaria de um tólo e de um ignorante. Quando Fatal terminava suas obrigações de soldado, em vez de ir beber e brincar com os camaradas, encerrava-se no quarto do capitão e procurava instruir-se sobre sua profissão, lendo a vida dos homens celebres : assim tornou-se capaz de commandar um exercito. Havia já sete annos que era soldado quando foi para a

guerra. O capitão acompanhado por seis soldados foi visitar um pequeno bosque ; uma vez alli os soldados disseram baixinho : « Matemos este malvado que nos dá tantas varadas e nos rouba o pão ». Fatal lhes disse que não deviam commetter tão má acção ; em



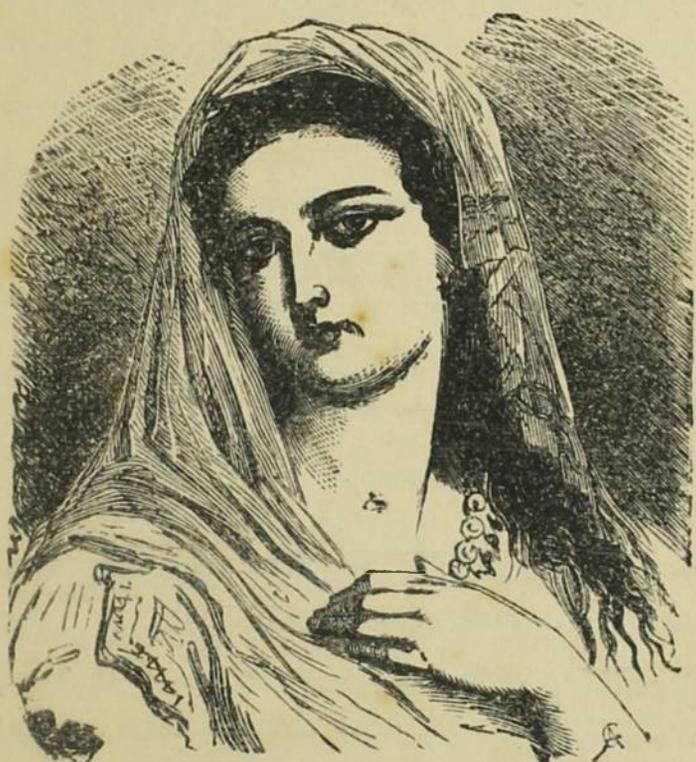
vez porem de attendel-o os soldados declararam que o matariam com o capitão, e todos cinco desembainharam a espada. Fatal pôz-se ao lado do seu capitão, e combateu com tanta coragem que sósinho matou quatro soldados. Este vendo que lhe devia a vida, pedio-lhe perdão de todo mal que lhe fizera, e tendo

contado ao rei o occorrido, Fatal foi nomeado capitão percebendo grande soldo. Por certo os soldados não teriam querido matar Fatal, porque elle amava-os como seus filhos, e longe de roubar-lhes o que lhes pertencia, dava-lhes ainda do seu proprio dinheiro quando cumpriam seus deveres.

Cuidava delles quando estavam feridos e nunca os reprehendia por máo humor. Naquelle occasião teve lugar uma grande batalha, e morto aquelle que commandava o exercito todos os officiaes e soldados fugiram ; mas, Fatal declarou abertamente que preferia antes morrer com as armas na mão a fugir como um covarde. Os soldados que serviam sob as suas ordens disseram-lhe que não o abandonariam ; envergonhados, diante daquelle bom exemplo os outros alinharam-se em tórno de Fatal e combateram com tanto valor que conseguiram fazer prisioneiro o filho do rei inimigo. O rei satisfeitissimo ao saber que tinha ganho a batalha nomeou Fatal general de todos os seus exercitos, apresentando-o em seguida a rainha e a princeza sua filha que lhe deram a mão a beijar. Quando Fatal vio a princeza, ficou immovel, pois era tão bella que elle apaixonou-se loucamente por ella, sendo desde aquelle momento muito infeliz, lembrando-se que um homem como elle não podia despozar uma tão nobre princeza. Resolveu pois occultar cuidadosamente seu amor, soffrendo porem os maiores tormentos.

Entretanto peor foi ainda quando soube que Venturoso tendo visto um retrato da princeza, que se chamava *Graciosa*, tinha-se apaixonado, e enviara embaixadores para pedil-a em casamento. Fatal quasi suc-

cumbe de dôr ; porem a princeza Graciosa, sabendo que Venturoso era um principe covarde e máo, rogou tanto a seu pai que não a forçasse a despozal-o, que este respondeu ao embaixador que a princeza ainda não queria casar-se. Venturoso habituado a tudo conseguir, ficou louco de colera quando lhe communica-



ram a resposta da princeza ; e seu pai que nada lhe podia recusar, declarou guerra ao pai de Graciosa, que não se inquietou muito, dizendo comsigo : « Emquanto eu tiver Fatal á frente do meu exercito, não receio ser vencido ». Mandou pois chamar seu general e lhe disse que se preparasse para guerrear ; porem Fatal lançando-se a seus pés declarou-lhe que nascera no reino do pai de Venturoso, e que não podia combater contra sua patria e seu rei. O pai de Graciosa encoleri-

sou-se muito, e disse a Fatal que o faria morrer si se recusasse a obedecer-lhe, e que pelo contrario lhe daria sua filha em casamento se vencesse Venturoso. O Pobre fatal amando loucamente Graciosa, vio-se muito tentado, mas finalmente resolveu fazer seu dever. Sem nada dizer ao rei, deixou a côrte abandonando todas as suas riquezas. Entretanto Venturoso pôz-se á frente de seu exercito para ir á guerra ; no fim de quatro dias, porem adoeceu de fadiga pois era muito fraco, nunca tendo querido fazer exercicio algum. O calor, o frio, tudo o fazia adoecer. Então o embaixador para conseguir a estima de Venturoso disse-lhe que vira na côrte de Graciosa o joven rapaz que elle expulsara de seu palacio e que garantiam que o pai da princeza promettera-lhe sua filha. A esta noticia Venturoso ficou desesperado, e apenas curou-se partio para desthronar o pai de Graciosa, promettendo uma somma importante áquelle que lhe trouxesse Fatal. Venturoso venceu grandes batalhas apesar de não ter combatido pessoalmente por receiar ser morto. Finalmente sitiou a capital do inimigo resolvendo dar o assalto. Na vespera deste dia levaram-lhe Fatal atado com grossas correntes : grande numero de pessoas tinham-se posto á sua procura. Venturoso radiante por poder vingar-se resolveu, antes de dar o assalto, mandar cortar a cabeça de Fatal diante de seus inimigos. Neste mesmo dia deu um grande banquete a seus officiaes para festejar o dia de seu nascimento pois completava justamente vinte e cinco annos. Os soldados que estavam na cidade sabendo que Fatal fôra preso e que dentro de uma hora deviam cortar-lhe a ca-

beça, decidiram perecer ou salvar-o, lembrando-se do bem que elle lhes fizera quando general. Pediram pois ao rei que lhes permittisse sahir para combaterem, sendo desta vez os vencedores. O dom de Venturoso tinha cessado, sendo elle morto na occasião em que fugia. Os soldados victoriosos correram, indo tirar as correntes de Fatal. No mesmo instante viram apparecer no céu dous carros resplandescentes de luz : num estava a fada, no outro a pai e a mãe de Fatal, porem adormecidos. Só despertaram no momento em que o carro baixou a terra, ficando muito admirados ao verem-se no meio de um exercito. Então a fada dirigindo-se a rainha, apresentou-lhe Fatal dizendo : « Senhora, reconhecei nesse heróe vosso filho mais velho : as desgraças por que passou corrigiram os defeitos de seu character violento e arrebatado. Venturoso ao contrario, nascido com boas inclinações, corrompeu-se completamente devido aos excessivos mimos, e Deus não permittio que vivesse mais tempo porque se tornaria peor cada dia. Acaba de ser morto, mas, para vos consolar da sua morte, sabei que estava prestes a destroonar seu pai, aborrecendo-se de não ser rei ». O rei e a rainha muito admirados abraçaram Fatal de quem tinham ouvido fallar muito bem. A princeza Graciosa e seu pai souberam com prazer da aventura succedida a Fatal que despozou Graciosa com a qual viveu muito tempo em perfeita paz porque se tinham unido pela virtude.

CARLOTA, *suspirando*. — Ah ! Como estou contente de ver o pobre Fatal descansado ! receiava sempre que o malvado Venturoso o fizesse degolar.

D. LUIZA. — Aposto que não ha uma só dentre vós que não esteja satisfeita por Venturoso ter sido morto.

MARIA. — Pela minha parte estou contentissima ; pois, se não tivesse morrido, procuraria sempre fazer mal a seu irmão.

LILI. — Venturoso não era culpado de ser assim tão máo, porem sim seus pais : para que o educaram tão mal ?

D. LUIZA. — Tens razão. Parece-me que se eu estivesse no lugar da fada, teria castigado severamente aquella mãe tão tãla que lhe dava doces para acalmal-o. Mas queridas meninas, é preciso reflectir um pouco. Todas vós gostais de Fatal e detestais Venturoso. Pois bem, imaginai que os homens teem todos o mesmo gosto que vós. Amam os bons e se entristecem quando lhes acontece algum mal. Si succede uma infelicidade a um homem honrado, todos sentem, até mesmo aquelles que não o conhecem particularmente. Fazei muita attenção a isto : sois nobres, sois ricas, porem não sereis amadas e estimadas por estas cousas, mas pelas vossas virtudes. De que vos serve a riqueza si não empregais bem vosso dinheiro, si não pagais aos operarios que trabalham para vós, si deixais os pobres morrerem de fome ? Bem vêdes que as riquezas não vos farão boas ; pelo contrario todas as vezes que recusardes soccorrer os pobres, aquelles que o virem dirão intimamente : Oh ! que mulher má, é pena ser rica ; seria melhor que sua fortuna pertencesse a fulana pois é muito mais caridosa. Observa isto Carlota : se continuas a ser má, serás desprezada, odiada apezar de seres nobre.

CARLOTA. — Pobre de mim ! Infelizmente isso é verdade. Minha preceptora, minha criada, papai, mamãe, minhas irmãs, até mesmo as copeiras e cosinheiras ninguém me supporta ; mas bem sabeis que quero corrigir-me.

D. LUIZA. — Assim o espero querida Carlota ; si



tiveres coragem de seguir meus conselhos conseguilo-has.

CARLOTA. — Farei de todo o coração o que me disserdes.

D. LUIZA. — A proposito, li o teu papel em segredo. Pois bem, si fosses uma bôa menina me permittirias que o lesse diante de todos. Sei que te seria penoso e

que ficarias muito envergonhada, mas tambem isto te ajudaria a corrigir-te.

CARLOTA. — Se assim é, estou prompta a consentir.

D. LUIZA. — Asseguro-te que sim. Quando tiveres vontade de dizer ou fazer qualquer asneira, pensarás comtigo mesma. « Prometti escrever os meus pensamentos que serão lidos diante das minhas amigas ; » e o medo de ouvir lêl-os te impedirá de agir mal. Vejamos pois este papel ; vem cá querida Carlota, quero abraçar-te antes, pois estou muito satisfeita por ver a tua coragem.

CARLOTA. — Estou muito envergonhada.

D. LUIZA. — É bom signal. Então leio eu.

« Recusei obedecer a minha dama de companhia, disse-lhe que era muito ousada querendo governa-me, pois era apenas minha criada. Disse-lhe tambem que desejava enraivecê-la a ponto della me dar uma pancada que me quebrasse um braço ou uma perna, porque então seria expulsa de casa.

CARLOTA, *chorando*. — Ah! agora que as minhas amigas sabem quanto sou má, não me supportarão perto dellas.

D. LUIZA. — Mas querida Carlota ellas veem tambem quanto desejas corrigir-te. Ouve bem : todos nós nascemos com defeitos ; as pessoas bôas quando moças, tinham tantos quanto as más, porem as primeiras corrigiram-se : eis a unica differença que ha. Devo confessar-te uma cousa ; quando pequenina era má como tu ; por felicidade, porem, tinha uma preceptora que me estimava muito. Segui seus conselhos, e em dous mezes corriji-me, de modo que já não

parecia a mesma. Não te direi quanto é horrivel o que disseste a tua criada ; quero mesmo esquecel-o uma vez que te reconheces culpada.

NOEMIA. — Não chores, querida amiguinha, te amamos de todo coração ; aposto que nunca mais farás semelhantes cousas.

SYLVIA. — Li ha algum tempo que houve um grande philosopho por todos admirado devido a sua bondade. Pois bem ! este homem disse um dia que nascera guloso, ladrão, mentiroso, beberrão ; porem ninguem acreditava naquillo porque elle se corrigira inteiramente. Assim tambem, quando Carlota crescer nunca se acreditará que ella fosse tão má, porque agradará a todos pela sua bondade.

D. LUIZA. — E tu mesma, querida Sylvia, se custará a crêr que eras, ha apenas um mez, uma orgulhosa, que tinha prazer em apontar os defeitos dos outros para humilhal-os : estás te corrigindo e se continuares assim te estimarei cada dia mais. Dize-me, porem, o nome desse philosopho.

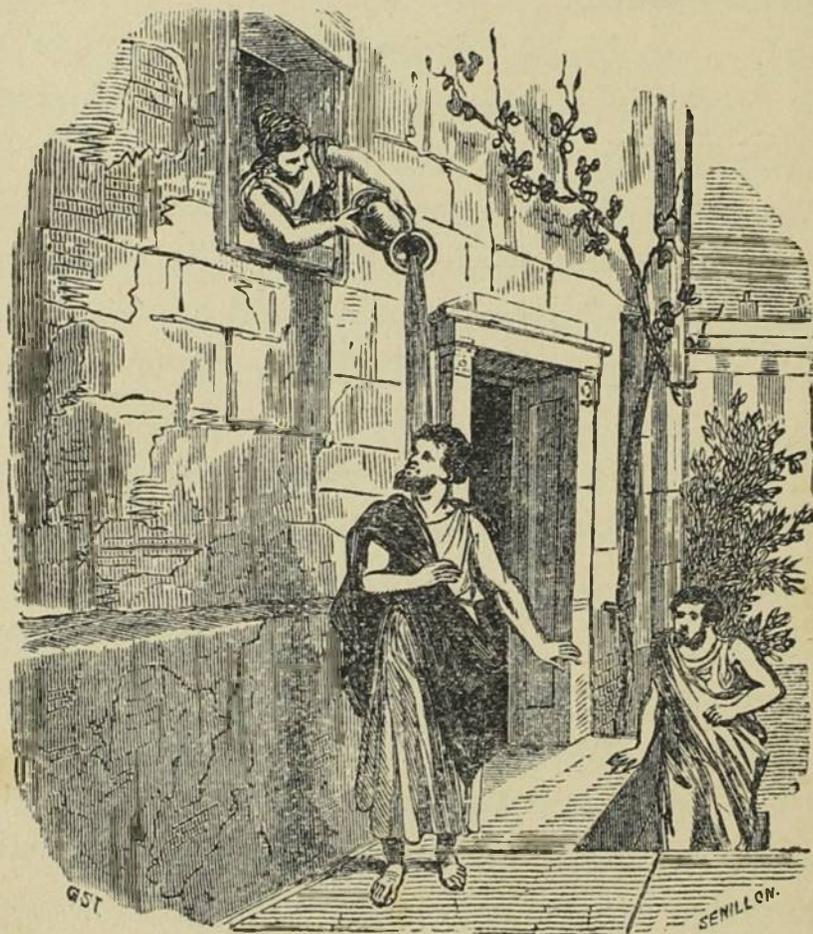
SYLVIA. — Chamava-se Socrates.

MARIA. — Ah ! tambem o conheço D. Luiza ; me contastes hontem uma linda historia sobre elle.

D. LUIZA. — Repete-a a tuas amigas.

MARIA. — Socrates tinha uma mulher muito má, que não cessava de injurial-o. Um dia depois della o ter ultrajado muito, Socrates sahio de casa para não a ouvir mais fallar. Desesperada por não ter ninguem com quem brigar, a mulher enfureceu-se a ponto de apanhar um balde cheio d'agua suja e atiral-a sobre a cabeça de seu marido. Pensais talvez que

Socrates zangou-se com ella ? absolutamente não ; poz-se a rir, dizendo a um de seus amigos, presente na occasião : *Após a trovoada, vem a chuva*. O máo humor de sua mulher elle chamava trovoada, e a agua suja era a chuva, que lhe emporcalhara a rcupa.



NOEMIA. — Estou certa que ella teria antes preferido apanhar do que vê-lo rir.

D. LUIZA. — Tens razão. Não devemos procurar vingar-nos, pois é muito feio. E'porem certo que nos vingamos das pessoas que nos fazem mal, rindo do mal que ellas nos fazem. Teem vontade de nos aborrecer, não lhes dêmos esse prazer ; isso as mortifica

bastante, mas, como vos disse, meninas, não devemos rir para zangal-os, seria malfeito ; pelo contrario, quando uma pessoa nos injuria ou procura nos causar dissabores, devemos dizer no nosso intimo : « Esta pobre creatura não me poderá fazer mal si eu não me zangar ; mas faz mal a si propria procurando aborrecer-me ; é digna de lastima. Meu Deus fazei-lhe a graça de se corrigir ; perdôai-lhe de todo coração o mal que me quiz fazer ». Porque, lembrai-vos bem, devemos amar nossos inimigos e perdoar-lhes si quizermos que Deus nos perdoe. Agora Lili e Maria vão nos contar as historias que leram.

LILI. — Quando Noé sahio da arca, plantou a vinha. Essa prosperou, as uvas cresceram e Noé dellas fez o vinho. Depois de prompto quiz saber que gosto tinha, porque é de crêr que antes disso não havia. Mas, o patriarcha bebeu tão grande quantidade desse vinho, que perdeu a razão fazendo muitas asneiras. Seu filho Cham, em vez de ficar penalizado com as tolices que seu pai fazia, poz-se a rir e chamou seus dous irmãos Sem e Japhet para zombarem delle : estes porem lhe disseram : E'muito feio a gente zombar de seus pais ; quando elles procedem mal, não devemos dizer a ninguem ». Depois de Noé haver adormecido e recobrado a razão, soube o que seus filhos tinham feito e disse a Cham : « És um máo filho porque perdeste o respeito que me devias ; eu te amaldição, e deito a minha benção em teus irmãos ».

MARIA. — O que quer dizer isto : *Eu te amaldição ?*

D. LUIZA. — Significa ; desejo-te todas as infelidades, e peço-a Deus que t'as envie.

CARLOTA. — E Deus torna desgraçados os filhos amaldiçoados ?

D. LUIZA. — Quasi sempre. A maior infelicidade que póde acontecer a um filho é ser amaldiçoado por seu pai ou sua mãe. Ora, nós nos expomos a isto quando lhes causamos pezar, desobedecendo-lhes, faltando-lhes ao respeito, casando-nos sem seu consentimento.

SYLVIA. — E'bem verdade ; conheço muitas moças que se casaram contra a vontade de seus pais ; e segundo dizem são muito infelizes.

D. LUIZA. — Quasi sempre assim succede. Portanto queridas meninas, tomai bem cuidado para não contrariardes vossos pais, porque, si por desgraça elles vos amaldiçoarem, sereis muito infelizes. Vêde tambem como é perigoso beber vinho e licores fortes que fazem perder o juizo e commetter asneiras.

SYLVIA. — E'peccado beber vinho ? As vezes que tenho bebido nunca perdi a razão, confesso-vos que gosto muito do vinho branco, adocicado.

D. LUIZA. — Vou contar-vos uma historia que li ha tempos, relatada por Santo Agostinho, e succedida a sua mãe que se chama Monica. Quando esta era creança tinha uma preceptora que não lhe permittia beber vinho, dizendo-lhe sempre : « Enquanto és creança, bebes apenas agua mas quando te casares e fores senhora de ti, se contrahiste o habito de beber a todo instante sem teres sêde, beberás vinho e perderás a razão ». Monica nunca tinha até então bebido vinho puro. Quando tinha quatorze annos, seu pai a mandava á dispensa com a criada, e um dia ella lhe disse : « Quero saber que gosto tem o vinho ». Bebeu

um golesinho não achando muito bom. No dia seguinte teve a fantasia de beber mais ; tomou alguns goles, achando melhor dessa vez ; finalmente habituou-se tanto que bebia copos cheios. Felizmente para ella, teve uma disputa com a criada que chamou-a « pequena beberrona » : esta censura envergonhou-a tanto, que ella corrigio-se ; porque não ha maior insulto



para uma mulher do que dizerem-lhe que bebe muito vinho, punch e licors fortes.

Por ahi vêdes, que devemos acautelar-nos contra os máos habitos, mormente este ; assim podeis beber vinho quando vos derem, pois, creio que isso não succede frequentemente ; seria porem muito feio pedir ou beber sem autorisação. Vamos, Maria, conta-nos outra historia.

MARIA. — Os descendentes de Noé tendo-se multiplicado, o paiz por elles habitado tornou-se muito

pequeno, pelo que resolveram separar-se. Antes porem tentaram construir uma grande torre, muito mais alta do que a de S. Paulo, porque desejavam que os que viessem ao mundo depois de sua morte, dissessem que eram muito intelligentes tendo construido uma obra tão bella. Diziam tambem : « Si Deus mandasse outro diluvio, subiriamos ao cimo dessa torre e a agua não nos attingiria ». Começaram pois a construcção ; mas Deus zombando de tanto orgulho, tanta audacia, fel-os de repente esquecer a lingua que sabiam e fallar outra, de modo que já não se comprehendiam. E' como se esquecessemos agora o francez e o inglez, eu fallasse latim, D. Luiza allemão, e Noemia italiano : seriamos obrigadas a separar-nos porque não poderiamos mais nos entender. Aquelles homens ficaram pois muito sorprendidos, porque, quando um dizia : « Dai-me uma pedra », o outro não o comprehendendo, trazia-lhe agua ou madeira. Forçoso foi pois deixar a torre, já bem adiantada : denominaram-n'a *Babel*, que quer dizer *confusão*, e cada um tomou seu rumo. Os filhos de Cham e de Chanaan, seu filho, foram para o Oriente, os de Japhet para o Occidente, e os de Sem habitaram o paiz d'Assur.

LILI. — Não conheço estes lugares.

D. LUIZA. — Vou mostrar-t'os numa carta geographica... Aqui tens o mappa. A parte que fica do lado de cima chama-se *norte* ou *septentrião* ; o opposto chama-se *sul* ou *meio-dia* ; o que fica á tua direita foi denominado *leste* ou *occidente*.

MARIA. — Porque esta carta é de quatro côres, D. Luiza ?

D. LUIZA. — Para marcar a *terra*, a *agua* e distinguir as quatro principaes partes do mundo chamadas, *Europa*, *Asia*, *Africa*, e *America*. Ha ainda a quinta descoberta em 1616 e successivamente visitada por varios navegadores. Chamam-n'a *Australia* ou *Nova-Hollanda*. A Europa fica ao norte, a Asia a leste, a Africa ao sul, a America a oeste e a Australia occupa no Grande Oceano um espaço quasi tão vasto como a Europa. Adam foi creado na Asia e nós vivemos na Europa.

SYLVIA. — Qual dos filhos de Noé é nosso pai ?

D. LUIZA. — Responde, Noemia.

NOEMIA. — Japhet.

MARIA. — Acho muito bonito conhecer bem as cartas geographicas ; quereis deixar-me olhar ainda esse mappa, e dizer-me o que significam estas linhas e tudo o que ahi está escripto ?

D. LUIZA. — Com muito prazer, querida Maria. O estudo concernente aos mappas chama-se *geographia* ; todos os dias diremos alguma cousa sobre elle : por hoje já aprendemos bastante ; lembrai-vos bem, meninas, dos quatro pontos cardeaes e das cinco partes do mundo, até a proxima vez.

SYLVIA. — Ha diversas cousas na fabula parecidas com a Historia Sagrada ; por exemplo, a idade de ouro, o diluvio, a empreza dos gigantes, etc.

MARIA. — O que eram esses gigantes ?

D. LUIZA. — És ainda muito creança para aprender essas cousas.

MARIA. — Ah ! serei muito boasinha, e ficarei muito quieta se quizerdes contar-nos.

D. LUIZA. — Fazendo-vos assim tantas vontades, vou habituar-vos mal. Ouvi porem :

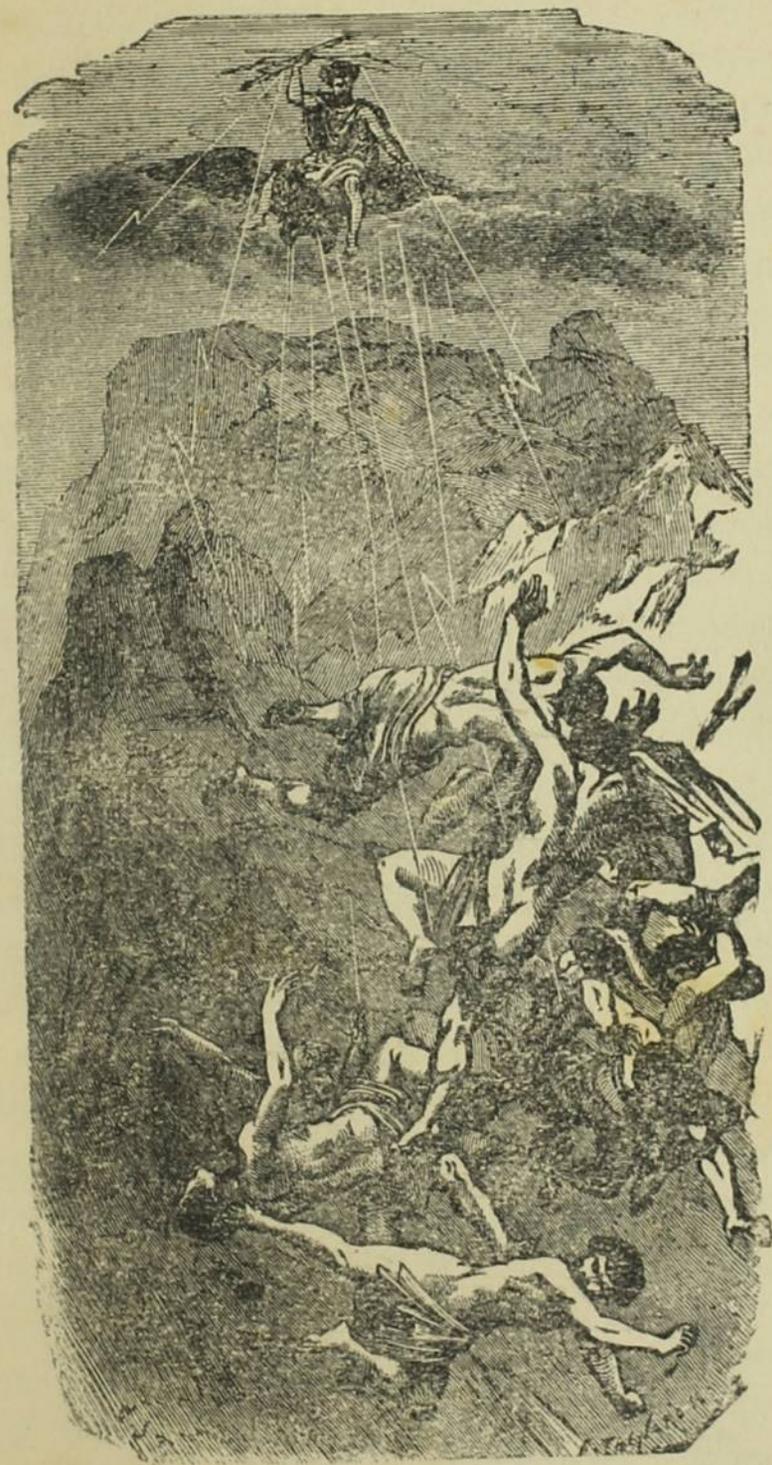
Depois do deluvio, os homens não sabiam ler nem escrever de modo que não havia livros.

CARLOTA. — Como podemos então aprender a historia de Adam, si não a escreveram ?

D. LUIZA. — Adam contou-a a seus filhos, estes repetiram-n'a a Noé, que por sua vez ao sahir da arca relatou-a a seus descendentes recommendando-lhes que a transmittissem a seus filhos. Sem, muito obediante a seu pai, obedeceu-lhe e nunca seus descendentes a esqueceram ; porem Cham e Japhet não fizeram grande caso da recommendação. Os quatro filhos de Japhet foram morar num paiz chamado Grecia, donde lhes veio o nome de *Gregos* ; ora os *Gregos* apreciavam muito os contos e as fabulas, faziam composições sobre todos os acontecimentos. Em vez de relatar em as historias como tinham ouvido de seus pais, transformaram-n'as em fabulas, e eis a que fizeram por occasião da torre de Babel. Antes, porem, de contar-vos essa fabula, é preciso dizer-vos que os *Gregos* em vez de adorar em Deus, adoravam a os homens e tinham uma religião extravagante. Haviam existido varios reis denominados *Jupiter* ; destes reis elles fizeram um deus e todas as acções boas e más praticadas pelos reis chamados *Jupiter*, eram por elles attribuidas a *Jupiter*, rei do céu.

Diziam tambem que os gigantes eram homens excessivamente grandes que desejaram expulsar *Jupiter* do céu ; porem como não tinham escada bastante grande para chegar até lá, serviram-se das mais

altas montanhas, e collocando-as umas sobre outras



fizeram uma escada. Estavam prestes a attingir o céo,

quando Jupiter matou-os por meio de uma terrível trovoadá. Comprehendeis perfeitamente, queridas meninas, que esta fabula não é verdadeira.

MARIA. — Ás mil maravilhas. Essas montanhas representam as pedras com que os filhos de Noé construíam a torre, e o trovão demonstra como Deus os castigou, fazendo com que esquecessem a própria lingua e fallassem outra.

D. LUIZA. — Eis o que se chama uma menina intelligente. Pois bem, já que comprehendeste esta fabula, vou contar-te outra invenção dos Gregos. Sabeis o que é um tremor de terra, meninas ?

LILI. — Não.

MARIA E CARLOTA. — Nem eu também.

D. LUIZA. — Estou certa que Sylvia e Neomia o sabem ; mas vou repetil-o por vossa causa. Algumas vezes succede a terra tremer sob nossos pés e abalar todas as casas : os Gregos diziam que a terra tremia todas as vezes que os gigantes sepultados sob as montanhas tentavam sahir.

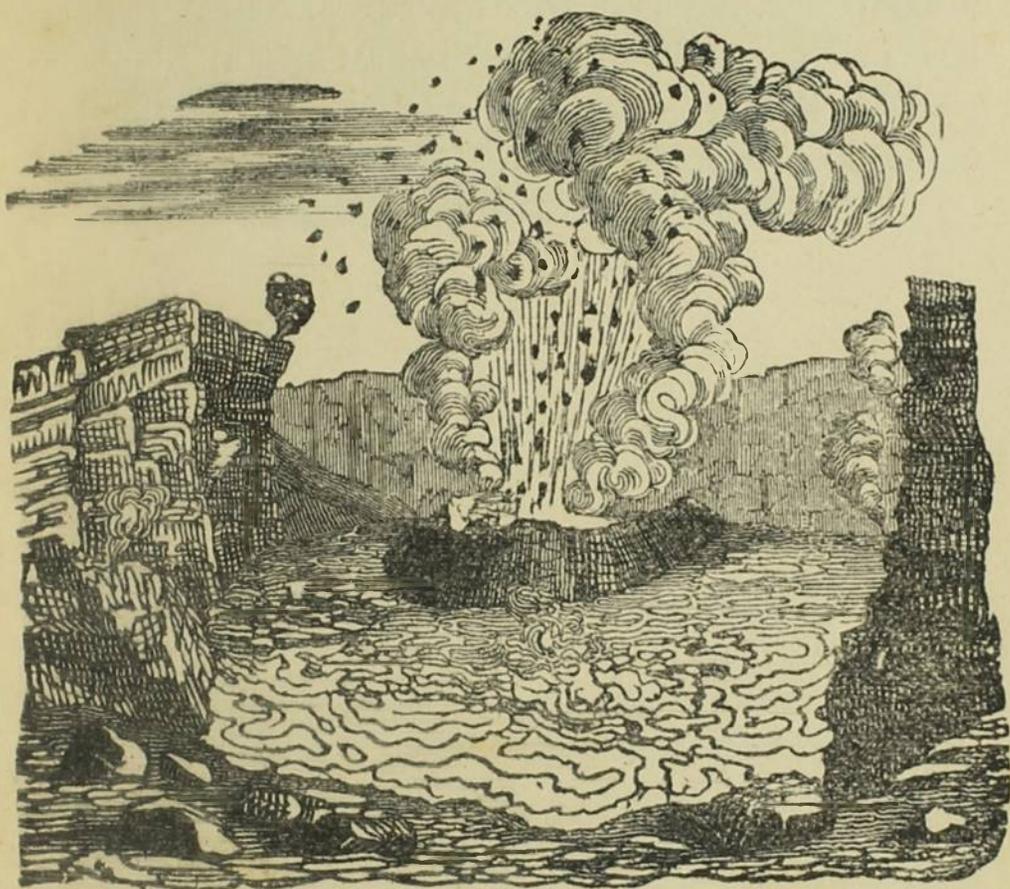
SYLVIA. — Que loucura ; dissei-nos, porem, a verdade : o que é que faz tremer a terra ?

D. LUIZA. — Ouvi dizer que são grandes calores subterraneos ou correntes d'agua e de ar que, encerradas na terra, se esforçam para sahir e algumas vezes abrem caminho e se dilatam.

MARIA, *juntando as mãos*. — Oh ! meu Deus, como deve ser horrível ver a terra vomitar fogo ! Eu morreria de medo se houvesse um terremoto em Londres ; seríamos todas queimadas.

D. LUIZA. — Não, minha querida ! Ha tres paizes

na Europa onde existem tres grandes montanhas que lançam fogo. Chama-se a isto *volcão* : não esqueçais estas palavras, meninas ; mas o fogo que os vol-



cões vomitam não impede os que arredores sejam habitados.

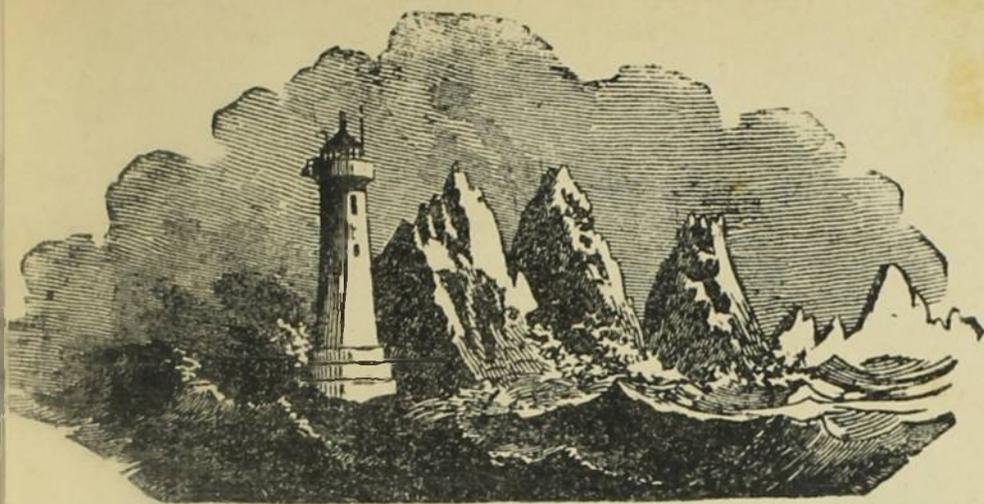
CARLOTA. — Quaes são estes paizes ?

D. LUIZA. — Ha um volcão na Italia, perto de uma cidade chamada Napoles ; fica no cimo de uma grande montanha denominada o Vesuvio. Ha outro na ilha de Sicilia, sobre um monte tambem muito alto chamado Etna, e outro na Islandia sobre o monte Hecla.

MARIA. — O que é uma ilha D. Luiza ?

D. LUIZA. — Teria muito prazer em ensinar-te isto hoje, porem ja passa de sete horas : ficará para a proxima vez. Adeus queridas meninas. Sejais sempre bôas ; recommendo isto sobretudo a Carlota. Si até a proxima lição ella se tiver corrigido, contar-lhe-hei uma bella historia.

---



## DIALOGO SETE

### QUINTO DIA

D. LUIZA. — Bôa tarde caras amiguinhas ; esperai um pouco, quero ler nos olhos de Carlota. Aposto que não fez muitas asneiras, pois parece muito contente.

CARLOTA. — Comecei muitas asneiras, mas não conclui uma só. Hontem disse á minha criada. « És uma imper... » mas no mesmo instante contive-me ; de outra vez levantei a mão para bater-lhe, mas não o fiz.

D. LUIZA. — Bem disse eu que te corrigirias. Tenho a certeza que cada dia farás maiores progressos. Já que cumpriste a tua palavra, é justo que eu faça o mesmo. Vamos sentar-nos sob as arvores do jardim, e enquanto esperamos a hora do chá contar-vos-hei o que prometti.

## O PRINCIPE GALANTE

### *Conto*

Havia um principe que tinha apenas dezeseis annos quando perdeu seu pai. A principio ficou um pouco triste ; bem depressa, porem, o prazer de ser rei consou-o. Esse principe, chamado *Galante*, não era máo de coração, mas fôra educado como principe, isto é, habituado a satisfazer seus caprichos, ; e esse máo costume o teria sem duvida com o decorrer do tempo tornado máo. Principiava já a se zangar quando se lhe fazia ver que se tinha enganado. Abandonava os negocios para se entregar aos prazeres, sobretudo dedicava-se com tanta paixão á caça que passava quasi os dias inteiros entregue a essa distracção.

Tinham-n'o estragado com mimos, como succede muito frequentemente aos principes. Entretanto tinha um bom preceptor, a quem amava muito quando creança mas, depois de se ter tornado rei, achava-o por demais virtuoso. « Nunca ousarei dar livre curso ás minhas fantasias diante d'elle, pensava comsigo, pois na sua opinião um monarcha deve consagrar todo o seu tempo aos negocios do reino, e eu só gosto dos meus prazeres. Mesmo que nada me dissesse ficaria triste, e eu leria no seu rosto o seu descontentamento ; é preciso afastal-o, porque me incommodaria ». No dia seguinte, Galante reunio o con-

selho, elogiou muito seu preceptor e disse que para recompensal-o dos cuidados que lhe dispensara, confiava-lhe o governo de uma provincia muito afastada da côrte. Após a sua partida, o rei occupou-se apenas de distracções, mormente da caça de que tanto



gostava. Um dia, achando-se numa grande floresta vio passar uma corça alva como a neve, tendo no pescoço um collar de ouro : ao approximar-se do principe olhou-o fixamente, em seguida afastou-se : « Não quero que a matem », exclamou Galante. Ordenou á sua comitiva que estacionasse alli

com os cães e seguiu a corça, que parecia esperal-o; porem quando elle chegou perto, ella afastou-se correndo e saltando. O rei tinha tanto desejo de apanhal-a que, seguindo-a, caminhou muito sem dar por isso. Anositeceu e elle perdeu de vista a corça. Eil-o então muito embaraçado, não sabendo onde se encontrava. De repente cuvio sons de instrumentos, que pareciam vir de longe. Acompanhou aquella agradável harmonia, e por fim chegou a um grande castello onde tinha lugar um bello concerto. Como o porteiro lhe perguntasse o que desejava, o rei contou-lhe sua aventura. « Sêde bemvindo, disse-lhe o homem; sois esperado para ceiar, porque a corça branca pertence á minha senhora, e todas as vezes que ella a faz sahir é para trazer-lhe alguém ». No mesmo instante o porteiro assobiou; diversos criados appareceram munidos de archotes e conduziram o rei a um aposento bellamente illuminado. Os moveis alli existentes não eram luxuosos, porem tudo estava aceiado e tão bem arranjado que fazia gosto. Pouco depois appareceu a dona da casa. O monarcha encantado pela sua belleza, lançou-se-lhe aos pés, sem poder articular uma palavra, tão enlevado estava na sua contemplação.

« Levantai-vos, principe disse-lhe, esta dando-lhe a mão. Estou encantada pela admiração que vos causo: pareceis-me tão bom que desejo de todo coração sejais aquelle que me deve tirar da minha solidão. Chamo-me *Verdadeira-Gloria* e sou immortal. Vivo neste castello desde o principio do mundo esperando um marido. Grande numero de reis teem vindo ver-

me ; mas apesar de me jurarem fidelidade eterna teem faltado á sua palavra, abandonando-me pela mais cruel das minhas inimigas. — Ah ! bella princeza, disse Galante, pode alguém vos esquecer depois de vos ter visto uma só vez que seja ? Juro-vos que só a vós amarei, e desde agora escolho-vos para rainha. — E eu vos acceito como meu rei, disse-lhe *Verdadeira-Gloria*, mas ainda não me é permittido desposarmos. Vou mostrar-vos outro rei que se acha em meu palacio e que tambem pretende minha mão. Si eu tivesse plena liberdade de acção, vos daria a preferencia, isto porem não depende de mim. E' preciso nos separar-nos durante tres annos, e aquelle dos dous que me fôr mais fiel durante esse tempo terá a preferencia ».

Galante affligio-se muito ao ouvir estas palavras ; mas, muito peor foi quando vio o principe do qual lhe fallara *Verdadeira-Gloria*. Era tão bello, tão intelligente, que Galante recebeu que *Verdadeira-Gloria* não o amasse mais do que a elle. Chamava-se *Absoluto*, e possuia um grande reino. Ambos ceiam com *Verdadeira-Gloria*, e quando no dia seguinte tiveram de deixal-a mostraram-se muito tristes. Esta disse-lhes que os esperava ao cabo de tres annos, e os monarchas sahiram juntos do palacio. Apenas tinham dado uns duzentos passos na floresta, viram um palacio muito mais sumptuoso do que o de *Verdadeira-Gloria* : o ouro, a prata, o marmore, as pedrarias deslumbavam a vista ; os jardins eram bellissimos e a curiosidade para lá os impellia. Ficaram muito surprehendidos encontrando alli a bella princeza que no emtanto tinha mudado de traje : tinha o vestido ricamente guarnecido

de diamantes, o cabelo artisticamente penteado, ao passo que na vespera trazia simplesmente um vestido branco enfeitado de flôres. « Hontem vos recebi em minha casa de campo, disse-lhes Verdadeira-Gloria. Outrora ella me agradava, agora porem que tenho por amantes dous reis, já não a julgo digna de



mim. Abandonei-a para sempre, esperar-vos-hei neste palacio, porque os principes devem gostar da magnificencia. O ouro e as pedrarias só foram feitas para elles, e quando seus subditos vêem-n'os assim tão ricos, respeitam-n'os ainda mais ». Vou mostrar-vos, disse-lhes, os retratos de varios monarchas que foram meus apaixonados. Eis aqui um chamado Alexandre e que eu teria desposado se não m'cresse tão moço. Este rei

que possuía um numeroso exercito, guerreou toda a Asia e assenhoreou-se della. Amava-me apaixonadamente, e varias vezes arriscou a vida para me ser agradável. Vêde este outro : chamavam-n'ò Pyrrho. O desejo de ser meu marido fel-o abandonar seu reino para conquistar outros ; combateu toda sua vida e morreu desgraçadamente devido a uma telha que uma mulher lhe atirou na cabeça. Este aqui chamava-se Julio Cesar : para merecer meu amor guerreou a Gallia durante dez annos ; venceu Pompeo e submetteu os Romanos. Tel-o-hia desposado, si não tivesse contra minha vontade perdoado a seus inimigos, que lhe deram vinte-duas punhaladas ». A princeza mostrou-lhes ainda numerosos retratos e depois de obsequial-os com um lauto almoço servido em pratos de ouro, convidou-os a continuarem a viagem. Uma vez fóra do palacio, Absoluto disse a Galante : « Deveis convir que hoje a princeza estava mil vezes mais bella do que hontem, e que tambem tinha muito mais espirito. — Não sei, respondeu Galante : hoje tinha o rosto pintado ; achei-a mudada por causa dos diamantes e das sumptuosas vestes que trazia ; porem asseguro que hontem me agradava muito mais com seu vestido branco apenas ornado de flôres. »

Os monarchas separaram-se, voltando ambos aos seus reinos firmementes resolvidos a tentar o impossivel para serem agradaveis á princeza. De volta ao palacio, Galante lembrou-se que na sua infancia seu preceptor fallara-lhe muitas vezes de Verdadeira-Gloria, por isso disse consigo : « Uma vez que conhece a princeza, vou fazel-o voltar a côrte ; elle me ensinará

o que devo fazer para lhe ser agradável ». Mandou pois buscal-o por um portador ; apenas chegou o preceptor, que se chamava *Sincero*, o rei mandou-o entrar para seu gabinete e contou-lhe o occorrido O bondoso *Sincero* disse ao monarcha chorando de alegria : « Ah ! rei meu senhor, como estou contente por ter voltado ; sem eu perderieis vossa princeza.



E' preciso saberdes que ella tem uma irmã, chamada *Falsa-Gloria* ; essa má creatura não é tão bella como *Verdadeira-Gloria*, porem pinta-se para occultar os defeitos. Espera todos os monarchas que sahem da

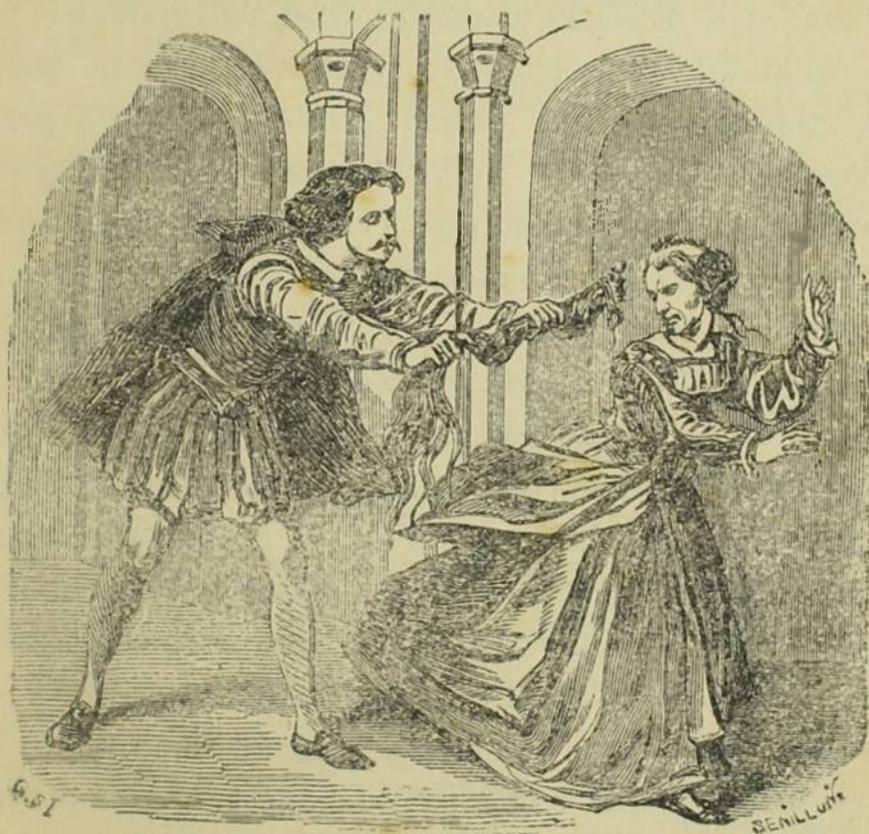
casa de *Verdadeira-Gloria*, e, como são ambas muito parecidas, engana-os. Elles supõem trabalhar para *Verdadeira-Gloria*, mas perdem-n'a seguindo os conselhos de sua irmã. Vistes que todos os amantes de *Falsa-Gloria* perecem miseravelmente. O rei Absoluto que vai seguir-lhes o exemplo não passará dos trinta annos ; mas se vos guiardes por meus conselhos, prometto-vos que sereis finalmente o esposo da princeza a quem amais. Ella deve casar-se com o mais poderoso rei do

mundo : procurai sel-o. — Meu querido Sincero, respondeu Galante, bem sabes que não é possível. Por maior que seja meu imperio, meus subditos são tão ignorantes, tão estupidos que nunca poderei incital-os a guerrear. Ora, para tornar-me o mais poderoso rei do mundo não será preciso ganhar innumeradas batalhas e conquistar muitas cidades ? — Ah ! rei, meu senhor, replicou Sincero, vejo que já esqueceste as lições que vos dei. Ainda mesmo que só tivésseis uma cidade, dous ou tres mil subditos, e que nunca fizésseis guerra, poderíeis tornar-vos o rei mais poderoso de mundo : para isto basta apenas ser o mais justo e o mais virtuoso ; é esse o meio de conquistar a princeza Verdadeira-Gloria. Aquelles que assaltam os reinos de seus visinhos, que para edificar bellos castellos, comprar vestes sumptuosas e muitos diamantes, tyranisam seu povo, serão illudidos, e só encontrarão a princeza Falsa-Gloria que então já não usará pinturas, e lhes apparecerá em toda sua deformidade. Dizeis que vossos subditos são grosseiros e ignorantes, é preciso instruil-os. Guerreai a ignorancia e o crime ; combatei paixões e sereis um grande rei, um conquistador superior a Cesar, Pyrrho, Alexandre, e a todos os heróes cujos retratos Falsa-Gloria vos mostrou ». Galante resolveu seguir esses excellentes conselhos. Para isto, confiou durante sua ausencia a regencia do throno a um seu parente, e partio em companhia de seu preceptor no intuito de percorrer o mundo observando o que era preciso fazer para tornar seus subditos felizes. Quando deparava com um homem instruido, num reino, dizia-lhe : « Queres vir

commigo ? dar-te-hei honras e poderes ». Depois de muitas observações, tendo já um numero sufficiente de pessoas capazes, voltou ao seu reino incumbindo-as da instrucção de seus subditos que eram pauperrimos e muito ignorantes. Fez construir grandes cidades e numerosos navios : fazia os moços aprenderem a trabalhar, sustentava os doentes e os anciãos, fazia elle proprio justiça a seus subditos de modo que estes se tornaram homens honrados e felizes. Dous annos foram empregados nesta tarefa, e ao cabo deste tempo elle disse a Sincero : « Julgas que serei dentro em breve digno de Verdadeira-Gloria ? -- Resta-vos ainda um grande trabalho a emprehender disse-lhe o preceptor. Vencestes os vicios de vossos subditos, vossa indolencia, vosso amor aos prazeres, mas sois ainda escravo da colera : é o ultimo inimigo a combater ». Galante lutou muito para se corrigir desse horrivel defeito, mas como amava muito a princeza empregou os maiores esforços para tornar-se meigo e paciente, o que conseguiu. Decorridos os tres annos, dirigio-se á floresta onde vira a corça branca. Não se fizera acompanhar pela comitiva, apenas levava Sincero. Dentro em pouco encontrou Alsoluto em um magnifico carro, no qual fizera pintar todas as batalhas ganhas, as cidades conquistadas ; á sua frente seguiam os principes que tinha feito prisioneiros, accorrentados como escravos. Quando avistou Galante zombou d'elle e da conducta que adoptara. No mesmo instante viram os palacios das duas irmãs que não ficavam muito afastados um do outro.

Galante encaminhou-se para o primeiro, com grande

contentamento de Absoluto, pois aquella que elle tomava pela princeza lhe dissera que nunca mais lá voltaria. Apenas, porem, Galante o deixou, a princeza Verdadeira-Gloria, mil vezes mais bella porem sempre vestida com simplicidade como da primeira vez que a vio, correu ao seu encontro. « Vinde, disse-lhe



ella ; graças a vosso amigo Sincero que vos ensinou a distinguir-me da minha irmã, sois digno de ser meu esposo ». No mesmo instante Verdadeira-Gloria ordenou as Virtudes suas subditas, que organizassem uma festa para celebrar seu casamento com Galante ; e, enquanto elle gozava da felicidade que ia ter sendo o esposo daquella princeza, Absoluto chegou em casa de Falsa-Gloria que o recebeu perfeitamente, propondo-

lhe desposal-o immediatamente. Elle acceitou, mas apenas tornou-se seu marido, notou, olhando-a de perto que era velha, cheia de rugas, apesar de não se ter esquecido de pôr muito carmim e pó de arroz. Emquanto conversava, uma correntinha de ouro que prendia seus dentes postiços, quebrou-se e a dentadura cahio. Absoluto vendo-se assim illudido, encolerisou-se a ponto de atirar-se sobre ella para espancal-a ; porem como agarrara-a pelos bellos cabellos pretos muito longos, ficou admirado vendo que soltavam-se, pois Falsa-Gloria usava uma cabelleira postiça e como a cabeça ficou descoberta, notou que tinha quando muito uns doze fios de cabello e estes brancos. O rei abandonou aquella má creatura e dirigio ao palacio de Verdadeira-Gloria que acabava de casar-se com Galante. Adôrque sentio vendo a princeza perdida para si foi tão grande que o matou. Galante lamentou sua infelicidade e viveu muito tempo com Verdadeira-Gloria. Teve diversas filhas, mas só uma se parecia com sua mãe. Depositou-a no castello campestre, até ella encontrar um marido, e para impedir que sua malvada tia roubasse-lhe os admiradores, Galante escreveu a propria historia, para que os principes que desejassem desposar sua filha, soubessem que o unico meio de pussuir Verdadeira-Gloria era procurar ser virtuoso, util a seus subditos e para conseguil-o fiar-se nos conselhos e na protecção de um amigo sincero.

MARIA. — Não acho esse conto tão bonito como os outros porque não conheço as pessoas de quem falla Falsa-Gloria ; vejo que ainda tenho muito que apren-

der : peço-vos que não tardeis muito a ensinar-m'as. Sabeis que já tenho mais de seis annos ? estou velha.

D. LUIZA. — E' verdade queridinha : a gente é velha aos seis annos quando não sabe nada ; mas quando se é applicada nesta idade ainda se é bastante joven para aprender muita cousa. Vamos ver a geographia ; antes porem desejo que Sylvia me dê sua opinião sobre o que acabo de contar-vos.

SYLVIA. — Primeiramente creio que fiz como o rei Absoluto ; tomei Falsa-Gloria por Verdadeira-Gloria. Suppunha fazer-me estimar por meu espirito, não sabendo que me tornaria desprezível, si ao mesmo tempo eu não fosse bôa. Acho tambem que o principe Galante parece-se um pouco com Pedro o Grande, imperadar da Russia, cuja historia li no Bazar francez.

D. LUIZA. — Pensas muito bem, querida Sylvia. Vêde meninas, todas nós gostamos de ser estimadas, elogiadas, isto é, todas nós amamos Verdadeira-Gloria, o que é muito justo. Deveis porem convencer-vos do que já tantas vezes vos tenho dito, e que vos repetirei ainda : somos estimadas sómente pelo amor da nossa virtude, e não pelos titulos. Trabalhemos pois, para sermos virtuosas, queridas meninas, é a unica cousa necessaria nessa vida e na outra. Vamos, Lili, conta-nos a tua historia.

LILI. — Entre os filhos de Sem, existio muito tempo, após o diluvio, um homem chamado *Abraham*. Esse homem amava Deus com toda sua alma e Deus o amava tambem muito. Veio habitar num paiz denominado *Chanaan*, com Sara sua mulher e Lot seu

sobrinho. Deus ordenara-lhe que ahi viesse estabelecer-se promettendo tornal-o pai de um grande povo. Abraham já muito velho, não tinha filhos, o que porem não o impedia de crêr no que Deus lhe promettera, sabendo perfeitamente que *Elle* podia tudo. Abraham e seu sobrinho Lot tornaram-se muito ricos ; possuíam muitos bois, carneiros e servos. Um dia os criados de Abraham e os de Lot tiveram uma grande disputa e Abraham sabendo que é um peccado a gente se disputar, disse a Lot. « Meu sobrinho, não quero contendias, assim é preciso separarmo-nos. Escolhei entre estes dois paizes : eu irei viver naquelle que não quizerdes ». Lot, em vez de dizer a Abraham : Meu tio não quero separar-me de vós, e prohibirei a meus servos que se disputem com os vossos », escolheu o mais bello indo residir numa cidade chamada *Sodoma*. Todos os habitantes daquelle paiz eram muito máos, e quando appareciam estrangeiros por lá, maltratavam-n'os muito ; todavia não fizeram mal a Lot. Um dia que este estava sentado á sua porta, dous rapazes dirigiram-se a elle. Tendo aprendido com seu tio Abraham a ser caridoso, Lot disse aos dous homens : « E'quasi meia noite, vinde ceiar e passar a noite em minha casa ». Os moços entraram, porem os moradores da cidade, querendo maltratar os estrangeiros, vieram para a porta de Lot, e disseram-lhe que o matariam se não os pcesse na rua. Lot teve muito medo ; no emtanto respondeu áquelles malvados : « Podeis fazer-me o que quizerdes, mas não vos entregarei estes homens ». Então os rapazes lhe disseram. Nada receeis, somos dous anjos enviados por Deus para vos fazer abandonar esta cidade,

pois elle quer castigar esse máo povo. Retirai-vos pois com vossa mulher e vossas filhas ; mas, recommendo-vos sobretudo que não olheis para traz ». Lot e sua familia sahiram immediatamente de Sodoma, guiados pelos anjos que iam adiante.



Quando estavam já um pouco longe ouviram um barulho terrível ; a mulher de Lot, muito curiosa, olhou para traz querendo saber qual a causa daquelle grande estrondo. Vio cahir do ceó uma chuva de fogo que queimava todos aquelles máos homens ; e como tinha desobedecido a Deus ficou transformada numa estatua de sal. Seu marido e filhas tiveram mais juizo pois não olharam ; e foram conduzidos pelos

anjos a uma montanha de onde viram a destruição de Sodoma e varias outras cidades, cuja população era muito má.

CARLOTA. — Ah! Como é horrivel ser queimado vivo!

D. LUIZAS. — Certamente, e isto nos mostra que não devemos offender a Deus, desobedecendo-lhe. Hoje elle não faz morrer queimados os máos, porem os que não forem castigados em vida sel-o-hão com certeza depois da morte; não o esqueçais. Deus é inimigo daquelles que não querem se corrigir; elle toma ncta de todos os nossos actos, e aquelles que não lhe pedirem perdão do fundo d'alma de todas as suas faltas, serão muito desgraçados nesta vida ou na outra. Notai tambem, queridas meninas, que devemos procurar lidar sempre com pessoas honradas. Si Lot não se tivesse separado de Abraham, não teria perdido sua mulher; e foi salvo porque vivendo com Abraham adquirio o bom habito de ser caridoso. Procuremos pois ser amigas das moças boas, caridosas, obedientes, e fujamos como da peste da companhia daquellas que nos quizerem dar máos exemplos. Vamos, Maria, repete a historia que leste.

MARIA. — Abraham estando um dia em sua tenda, vio chegar tres viajantes. Foi ao encontro delles e disse-lhes: « Dai-me a honra de descansar um pouco em minha casa e comer alguma cousa ». Os estrangeiros responderam-lhe: « Aceitamos com prazer ». Abraham mandou então que sua mulher preparasse pão e bôlos para elles; ordenou aos servos que trouxessem agua para lavar-lhes os pés, e apromptassem carne para elles

jantarem. Finda a refeição os hospedes disseram a Abraham : « Onde está vossa mulher ? » « Em sua tenda, respondeu este ». E os estrangeiros que eram anjos mandados por Deus, disseram-lhe que Sara teria brevemente um filho. Ouvindo isso, Sara já muito velha pôz-se a rir, porque de ordinario as mulheres velhas não concebem. « Porque duvidais ? Porventura Deus que é Tdo-Poderoso não vos pode dar um filho ? » Sara envergonhada, disse então que não rira. « Ah ! como é feio mentir ! disseram os anjos ; pedi perdão a Deus desta má acção ». Os anjos retiraram-se e algum tempo depois Sara teve um filho que recebeu o nome de *Isaac*.

D. LUIZA. — Muito bem, minha bôa amiguinha. Então, Noemia, que reflexões fazes sobre o que acabas de ouvir ?

NOEMIA. — Repetirei as reflexões que fizestes quando me contastes esta historia. Abraham era um homem muito caridoso pois não deixava passar viajante algum sem pedir-lhe que entrasse para descansar ; e Sara era muito modesta porque occultava-se na sua tenda sem se mostrar aos homens e sem ter curiosidade de vel-os.

CARLOTA. — Porventura Abraham não tinha casa, sendo preciso Sara ficar numa tenda ?

D. LUIZA. — Não, minha querida, Abraham apesar de ser um grande senhor e ter mais criados do que o rei, não tinha casa. Actualmente as pessoas ricas possuem terrenos, bellas casas, dinheiro ; porem naquella epocha para ser rico era preciso ter muitos rebanhos. Ora, Abraham possuia innumerados e care-

cia de muito capim para alimentar-os, de modo que, quando o gado comia toda a herva de um lugar, conduziam-n'os para outro. Bem vêes que assim elle não podia ter casa, porque não era possível transportal-a ; por isso morava numa barraca que facilmente se carrega todas as vezes que se quer mudar de um paiz para outro.

MARIA. — Já que Sara tinha tantos servos, porque motivo seu marido a mandava preparar pão para os estrangeiros, como se ella fosse criada ?

D. LUIZA. — As mulheres daquella epocha não eram preguiçosas como as de hoje, cara Maria. Sara que entre os seus era considerada como uma princeza o é por nós, occupava-se dos arranjos da casa de seu marido, fazendo ella propria a comida ; as criadas davam de beber aos carneiros, emfim todos trabalhavam.

MARIA. -- Mas, não seria bonito mamãe mesmo cosinhar !

D. LUIZA. — Tens razão ; porem si as senhoras não devem cosinhar, pelo menos devem se occupar dos arranjos do lar, vigiar, dirigir os criados, e lembrar-se que uma bôa dona de casa deve ser a primeira intendente de seu lar.

SYLVIA. — Mas isto não é possível D. Luiza ; uma grande dama não dispõe de tempo para isso. E' preciso frequentar os bailes, o theatro, a opera.

D. LUIZA. — Lembra-te bem do que vou dizer-te : Deus não nos pôz no mundo para divertirmo-nos, frequentar reuniões, espectaculos. Podemos ir algumas vezes a certos lugares para distrahir-nos, porem as pessoas que não fazem outra cousa obram muito mal, e Deus as castigará um dia porque se descuidam de seus

deveres o que constitue um grande peccado. Uma mulher é obrigada a cuidar de seus filhos, de seus famulos. Deus lhe pedirá contas de todo mal que elles fizerem durante sua ausencia, e muitas mulheres serão castigadas por essa negligencia : além disso é pec-



cado gastar tanto dinheiro em bagatellas, dispendendo-o assim em detrimento dos pobres e de seus filhos.

SYLVIA. — Porventura não somos livres de gastar nosso dinheiro como bem nos apraz ?

D. LUIZA. — Dize-me uma cousa : teu pai tem rendeiros que vendem o trigo e os fructos de suas terras ; estes rendeiros são porventura donos do dinheiro que se lhes dá em troca desse trigo e desses fructos ?

SYLVIA. — Absolutamente, porque tudo isso pertence a papai a quem tem de prestar contas.

D. LUIZA. — Pois bem, querida Sylvia, nós o mos rendeiros de Deus. Elle nos dá dinheiro para alimentar-nos, vestirmo-nos, vestir-nos, educar nossos filhos, pagar aos fornecedores, aos criados, e soccorrer os pobres. Ora, como os rendeiros são obrigados a prestar contas a seus patrões, que os fariam prender si elles dispendessem o dinheiro sem necessidade, assim tambem Deus pedirá conta aos ricos do dinheiro que lhes tiver dado, e castigal-os-ha si o tiverem gasto em extravagancias. Demais é preciso ser-se muito frivolo para gastar tanto dinheiro em jogo, theatros, bailes de mascara, quando ha tantos pobres que não teem sequer um pedaço de pão.

MARIA. — Então ha pessoas que nem pão teem D. Luiza ?

D. LUIZA. — Sim, querida menina. Outras não teem cama e dormem no chão ; outras ainda passam o inverno sem lenha nem carvão, por fim morrem de frio ; e a outras faltam roupas e trabalho que lhes permitta ganhar a vida.

MARIA. — Ah ! meu Deus, como estou compadecida ! Peço-vos D. Luiza, que acceiteis todo meu dinheiro que de bôa vontade vos offereço para comprar pão, camas, e carvão para todos estes pobres.

D. LUIZA. — Tens então muito dinheiro ?

MARIA. — Tenho dous *schelings* : eil-os ; antes quero dal-os aos pobres do que comprar bonecas e doces.

D. LUIZA. — Vem abraçar-me, querida amiguinha ;

amo-te de todo coração. Si não soubesse que eras uma menina nobre, tel-o-hia advinhado neste momento, porque és bôa e generosa como uma dama pertencente a aristocracia deve sel-o. Para recompensar-te pelo teu bom coração, diremos alguma cousa sobre a geographia, de que tanto gostas ; foi para isto que mandei vir um prato cheio d'agua.

Aqui temos este prato ; supponhamos que é o mar ; os pedaços de papelão que vou pôr em cima figurarão a terra, e aos pedacinhos de papel, cercados d'agua por todos os lados, chamaremos *ilhas*. Eis aqui outro papelão que communica com a beira do prato por uma pontinha, é quasi uma ilha ; chamal-o-hemos *peninsula*. A este grande papel que toca n'agua apenas de um lado, daremos o nome de *terra firme* ou *continente* ; denominaremos *cabo* esta ponta de terra que avança para a agua ; e a uma terra elevada chamaremos *montanha* ; comprehendéis bem ?

MARIA. — Perfeitamente. Uma ilha é uma terra inteiramente rodeada d'agua ; uma peninsula tem um cantinho fóra d'agua, e por esta pontinha de terra communica com essa outra porção de terra a que chamais continente.

D. LUIZA. — Perfeitamente. Vejamos agora sobre um mappa geographico : ahí encontrareis ilhas, peninsulas, continentes, cabos e montanhas ; precisamos de uma esphera.

MARIA. — Eis aqui paizes chamados Grã-Bretanha, Irlanda ; creio que são ilhas porque estão cercados pela mar.

D. LUIZA. — E de que lado se acham estes paizes ?

MARIA. — Em cima, e á esquerda do mappa.

D. LUIZA. — Deves porem nos dizer os nomes deste lado de cima, bem como do esquerdo. Lembra-te que t'os ensinei na ultima lição.

MARIA. — Recordo-me bem : estes paizes, ou ilhas ficam ao norte, e ao mesmo tempo a oeste da Europa.

D. LUIZA. — Muito bem. Carlota mostra-nos uma península sobre o mappa.

CARLOTA. — A Africa é uma península pois communica com a Asia por esse lado que aqui vêdes ; creio tambem que esta ponta é um cabo.

D. LUIZA. — De facto, é o cabo da Bôa-Esperança. Chegou a tua vez Lili, mostra-nos um continente.

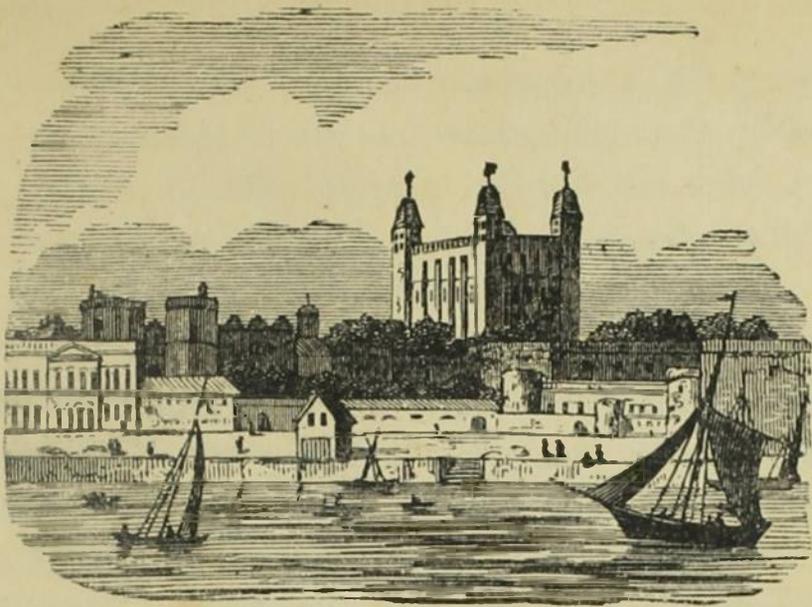
LILI. — Aqui tendes quatro muito vastos, que são ao mesmo tempo as quatro partes do globo terrestre já estudadas, a saber : a Europa, Asia, Africa e a America. Eis aqui tambem a quinta, denominada Australia ou Nova-Hollanda, no Oceano Pacifico.

D. LUIZA. — Perfeitamente. Agora Noemia vai dizer-nos como se chamam estas linguas de terra que ligam a península ao continente.

NOEMIA. — Chamam-se *isthmus* ; e o que une a Africa a Asia tem o nome de *isthmo de Suez*.

D. LUIZA. — Guardai bem os nomes das diversas partes do mundo ; da proxima vez apprendereis mais alguma cousa, já é muito tarde.

---



## DIALOGO OITO

### SEXTO DIA

CARLOTA. — Bôa tarde, D. Luiza : tenho me comportado muito bem e todos em casa são tão gentis commigo, que me considero feliz como uma rainha. Vêde que lindo relógio ! foi papai quem m'o deu, porque está muito contente commigo.

D. LUIZA. — É'muito bonito ; mas disseste querida Carlota, que eras feliz como uma rainha ; julgas então que todas as rainhas são felizes ?

CARLOTA. — Creio que sim, porque sempre se diz quando se quer fallar de alguém que vive muito satisfeita : Ella é feliz como uma rainha.

D. LUIZA. — Aquelles que assim fallam, enganam-se, minha querida : muitas rainhas teem tido uma triste sorte, vou contar-vos uma historia a este respeito.

## A VIUVA E SUAS DUAS FILHAS

Havia uma viuva muito bôa que tinha duas filhas, ambas muito amaveis : a mais velha chamava-se *Branca*, a segunda *Coralia*. Sua mai deu-lhes estes nomes porque tinham, a primeira, a mais bella, cutis do mundo, e a segunda, as faces e os labios vermelhos como coral. Um dia a bôa mulher fiava perto da porta quando vio uma pobre velha que mal se podia arrastar apoiada ao seu bastão. « Deveis estar muito fatigada, disse-lhe a viuva ; sentai-vos um instante para descansar : » Immediatamente chamou suas filhas, e pedio-lhes que trouxessem uma cadeira para a pobre velha. Ambas levantaram-se, Vermelha porem andou mais depressa do que sua irmã e trouxe a cadeira : « Quereis beber alguma cousa ? perguntou a viuva á pobre mulher.—Acceito com prazer, respondeu-lhe esta ; creio mesmo que comeria um bocadinho, si me podesseis dar alguma cousa. — Dar-vos-hei tudo que fôr possível, disse a bôa mulher, porém como sou pobre não será grande cousa. No mesmo instante disse a suas filhas que servissem a velha, que sentou-se á meza, e ordenou á mais velha que fosse colher algumas ameixas na ameixeira que ella propria plantara e da qual muito gostava. Branca, em vez de obedecer á sua mãe, murmurou contra aquella ordem, dizendo comsigo : « Não foi para esta velha gulosa que eu tive

tanto cuidado com a minha ameixeira ». No entanto não ousou recusar os fructos, porem deus-os de má vontade. « E tu, Coralia, disse a viuva á sua filha mais moça ; não tens fructos para offerecer a esta senhora, pois tuas uvas não estão maduras. — E' verdade, disse Coralia ; mas estou ouvindo minha gallinha cantar ; com certeza acabou de pôr, e se essa senhora quizer beber o ovo quente, offereço-o de todo coração » Sem esperar pela resposta da velha foi buscar o ovo ; porem no momento em que o apresentava á mulher, a estrangeira desapareceu, vendo-se em seu lugar uma bella dama que disse á mãe : « Vou recompensar vossas duas filhas conforme merecem : a mais velha tornar-se-ha uma grande rainha, e a segunda uma fazendeira ». Batendo no mesmo instante com o seu bastão na casa transformou-a numa bella fazenda. « Eis a parte que vos toca disse ella a Coralia : sei que dou a cada uma de vós o que preferis ». Ao dizer estas palavras a fada afastou-se, com grande espanto da viuva e suas filhas que entraram na herdade e ficaram encantadas do aceio dos moveis : As cadeiras eram de madeira, porem estavam tão limpas, tão lustrosas que as pessoas se viam como num espelho ; as roupas das camas eram de linho alvo como a neve. Havia nos estabulos vinte carneiros, outras tantas ovelhas, quatro bois, quatro vaccas e no terreiro toda sorte de animaes, gallinhas, patos, pombos e outros muitos ; havia tambem um lindo jardim repleto de flôres e fructos. Branca contemplava sem inveja o presente que tinham feito á sua irmã, preocupando-se apenas com o prazer que sentiria em ser rainha. De

repente ouvindo a trombeta que annunciava a passagem de caçadores, no intuito de vê-los, dirigio-se para a porta : o rei vio-a e achou-a tão bella que resolveu desposal-a. Tornando-se rainha Branca disse á sua irmã. « Não quero que sejas rendeira : vem para minha companhia, far-te-hei desposar um grande fidalgo. — Agradeço-te de coração minha irmã, respondeu Coralia, estou acostumada no campo, e desejo ficar aqui ». Branca então rainha, partio ; era tal o seu contentamento que passou muitas noites sem dormir. Nos primeiros mezes, preocupada unicamente com seus bellos vestidos, bailes, theatros, não pensava em outra cousa ; depressa porem habituou-se a tudo isso, de modo que já nada a divertia ; pelo contrario teve grandes desgostos. Todas as damas da côrte rendiam-lhe homenagens na sua presença ; sabia porem que não era estimada, e que todos diziam. « Ora, vêde esta aldeãzinha como quer se fazer de fidalga ! realmente é preciso que o rei tenha um coração muito vil para ter-se casado com uma mulher de tal condição ». Estes comentarios provocaram reflexões da parte do rei, que julgou então ter agido mal casando-se com Branca, e, como seu amor por ella fôra muito ephemero, pouco interesse lhe despertava agora. Quando notaram que o rei já não amava sua mulher, começaram a recusar-lhe as devidas honras, de sorte que não tendo uma unica amiga sincera a quem pudesse confiar-se, a pobre rainha era muito infeliz. Via que era moda na côrte trahir-se os amigos por interesse, mostrar-se amavel com aquelles que se odiava, emfim, mentir a cada instante. Era necessario apparentar muita seriedade

porque lhe diziam que uma rainha deve ter um ar grave e magestoso. Teve muitos filhos e durante todo este tempo, tinha junto a si um medico que examinava o que ella comia, tirando-lhe justamente aquillo de que mais gostava ; não punham sal nos caldos que lhe davam, e prohibiam - lhe

passeiar quando mais o desejava, finalmente contrariavam-n'a desde a manhã até a noite

Deram a seus filhos preceptores que os educavam mal sem que no entanto ella tivesse

liberdade de oppôr-se a isto. A pobre Branca morria de pezar, tornando-se tão magra que causava dó a todos. Desde que era rainha, isto é, ha tres annos, não via sua irmã, porque julgava que uma pessoa da sua condição ficaria deshonorada visitando uma rendeira ; mas sentindo-se acabrunhada de desgostos, resolveu ir passear alguns dias no campo para distrahir-se. Pedio ao rei autorisação para isso, o que lhe foi concedido de muito boa



vontade, tão satisfeito elle estava por se livrar della durante algum tempo. Ao anoitecer chegou á herdade de Coralia, avistando de longe diante da porta uma multidão de pastores e pastoras que dansavam e se divertiam extraordinariamente. « Ai de mim ! disse a rainha suspirando, onde vai o tempo em que eu me divertia como esta pobre gente ? ninguem achava o que replicar ». Apenas ella appareceu sua irmã correu a abraçá-la ; parecia tão feliz, estava tão gorda que a rainha ao vê-la não poudé deixar de chorar. Coralia desposara um jovem camponez sem fortuna, que lembrando-se sempre que sua mulher o escolhêra por amor, procurava por suas maneiras complacentes testemunhar-lhe gratidão. Coralia não tinha muitos criados, mas estes meninos amavam-n'a como se fossem seus filhos porque ella os tratava bem : os visinhos tambem estimavam-n'a e procuravam todos dar-lhe provas disso. Não era muito rica, porem tinha o necessario para viver, porque de suas terras tirava trigo, vinho, e azeite : o gado lhe formecia leite, de que fazia queijos e manteiga ; fiava a lã dos carneiros para fazer roupas tanto para seu marido, como para seus dois filhinhos ; a noite, terminando o trabalho divertiam-se em jogar, e assim viviam felizes.

« Ai de mim ! exclamou a rainha, a fada dando-me uma corôa fez-me um presente funesto : a felicidade não se encontra nos sumptuosos palacios, mas sim nas innocentes occupações da vida campestre ». Apenas acabou de dizer estas palavras appareceu a fada. « Fazendo-vos rainha, disse-lhe então a fada, não foi minha intenção recompensar-vos, porem castigar-vos

por me ter dado as ameixas de má vontade. Para ser feliz, é preciso como vossa irmã ter apenas o necessário e não desejar demais. — Ah! senhora, exclamou Branca, deveis estar bem vingada, ponde fim á minha



desgraça. — Está acabada, replicou a fada; o rei que já não vos ama, desposou neste momento outra mulher e amanhã seus officiaes virão vos ordenar da sua parte que não torneis ao palacio ». Succedeu o que a fada predisse. Branca passou o resto de seus dias em casa de Coralia satisfeita e feliz e nunca mais lembrou-se

da côrte senão para abençoar a fada por tel-a reconduzido á sua aldeia.

NOEMIA. — Gosto muito desse conto : sempre desejei ser pastora, adoro o campo e parece-me que nada mais almejaria si tivesse como Coralia uma bella herdade, mas era preciso tambem ter livros.

D. LUIZA. — Creio que tens bom gosto, cara Noemia ; porem para achar prazer na vida campestre, é preciso a gente ser destituída de ambições, de vaidades e desejos o que é bem difficil. Mesmo sem viverdes no campo, queridas meninas, sereis felizes em qualquer parte onde vos achardes si conseguirdes desfazer-vos destes tres defeitos que acabo de citar.

LILI. — O que é a ambição D. Luiza ?

D. LUIZA. — E' o desejo de imperar sobre todos ; e a vaidade consiste em querer ser elogiada pela sua belleza, seu espirito, suas riquezas, bellos vestidos etc. Perguntai a Sylvia quão infeliz a tornou a vaidade.

SYLVIA. — E má tambem ; todavia ainda sou muito má e vaidosa, o que me fez commetter ainda não ha muito uma grande falta ; quero vol-a contar diante das minhas amigas para crrigir-me.

D. LUIZA. — Tens razão, querida Sylvia ; o melhor modo de nos corrigirmos de nossas faltas é confessal-as. Vejamos o que fizeste.

SYLVIA. — Fomos hontem á recepção da Snra D... que é um tanto edosa pois já tem filhos. Essa senhora perguntou-me em que me occupava. « Actualmente estou lendo Quinto-Curcio, lhe respondi. — O que é

Quinto-Curcio ? replicou ella. — Oh ! disse-lhe eu, é um bello livro, onde se encontra a descripção da vida de Alexandre o Grande ». A Snra D... respondeu: « Ignorava que tivesse existido um rei da Inglaterra chamado Alexandre o Grande ; entretanto quando eu era creança decorei toda a historia da Inglaterra ; é verdade porem que já a esqueci ». Em vez de responder, fingi que estava deitando sangue pelo nariz, puz o lenço no rosto porque estava estourando de riso, e retirei-me para os outros salões onde ralatei a todos a ignorancia d'aquella senhora que nunca ouvira fallar de Alexandre.

D. LUIZA. — Realmente obraste muito mal. Aposto que julgaste fazer muito mal a essa senhora ?

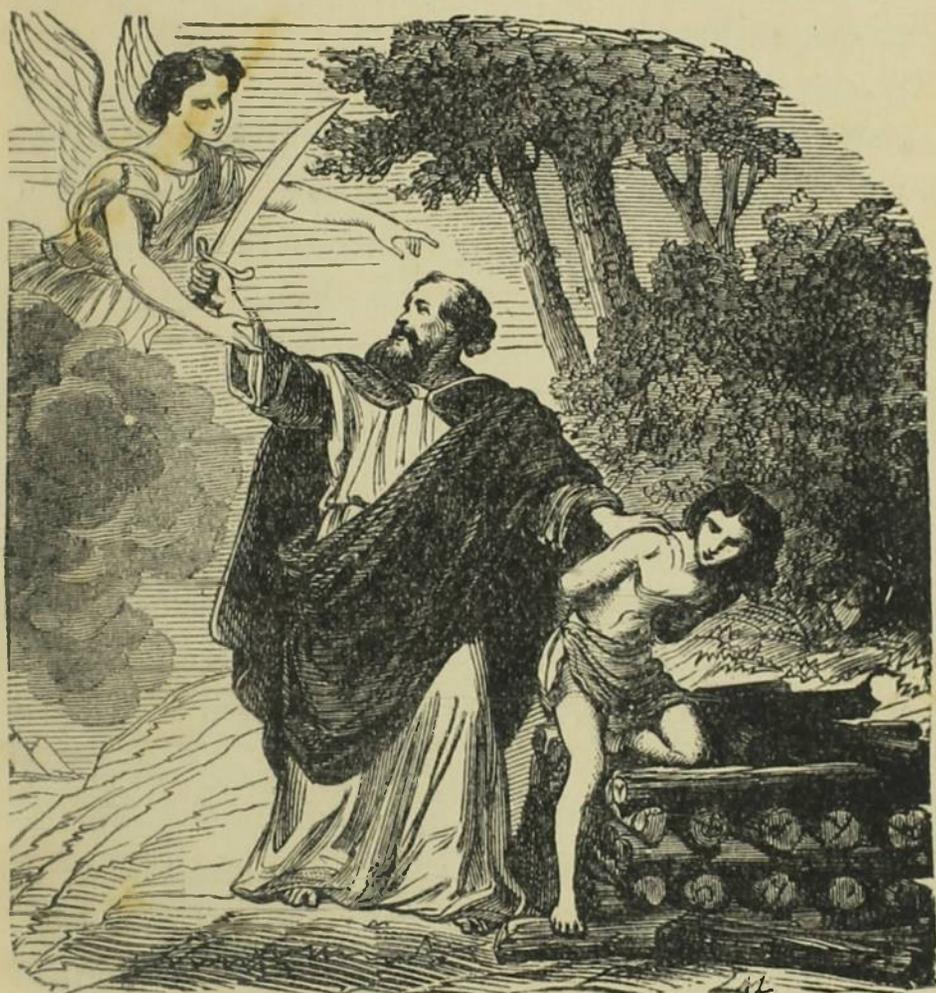
SYLVIA. — Com effeito ; porem quando assim procedi não era para fazer-lhe mal, mas unicamente por querer mostrar a todos que sou uma menina muito applicada e que leio muito.

D. LUIZA. — Asseguro-te que ninguem pensou nisso. Hoje de manhã fomos visitar a Snra B... ; como sabes tem muito espirito : « Como aquella Sylvia é má ! disse-nos ; hontem zombou cruelmente da pobre Snra D... Si fosse minha filha, eu a teria expulsado da nossa companhia ; como eu tinha vontade de bater-lhe ! » Bem vêes que o seu amor proprio em logar de te tornar estimada, te faz desprezar. Fizeste saber a todos que aquella senhora era uma ignorante ; porem ao mesmo tempo provaste que eras má : causaste mais mal a ti propria do que aquella de quem zombavas. Procura a ser bôa, caridosa. Antes de fallar, pensa sempre : « Não irei dizer uma maldade ? »

Em vez de rir dos defeitos alheios, procura mostrar tuas boas qualidades ; então todos te amarão. Conta-nos a historia, Maria.

MARIA. — Abraham amava ternamente seu filho Isaac ; mas amava a Deus acima de todos as cousas, como deve ser. Um dia Deus disse-lhe : « Toma teu filho Isaac e vai sobre sobre uma grande montanha offerecer-m'o em sacrificio, isto é, degola-o e em seguida queima o seu corpo ; » porque naquelle tempo era uso matar animaes, offercel-os ao Senhor, em seguida queimal-os ; Deus escolhera Isaac em vez de um animal. Outro teria dito comsigo : Deus prometteu-me dar a meu filho Isaac uma grande descendencia ; si o mato isto não se dará. Abraham porem era muito mais prudente, por isso não murmurava quando Deus lhe ordenava qualquer cousa, sabendo de antemão que elle pode fazer o que nos parece impossivel. Abraham tomou a lenha e disse a Isaac que a levasse. — Emquanto subio o monte, Isaac dizia : « Meu pai, temos lenha e fogo para accender, falta-nos o animal que devemos offerecer em sacrificio ». — Deus providenciará, respondeu-lhe seu pai. Mas quando chegaram ao cimo da montanha, Abraham disse a Isaac : « Meu filho, és tu que vou immolar em sacrificio a Deus que assim m'o ordenou. Seja, disse Isaac ; Deus me deu a vida, devo sacrificar-lh'a já que assim o quer ». Immediatamente Abraham armou uma grande fogueira, em seguida tomando uma grande faca, ergueu o braço para ferir seu filho ; mas nesse momento um anjo o deteve dizendo-lhe : Não mateis Isaac, Deus queria ver apenas se lhe obedecerias ».

Abraham desligou Isaac, e, vendo um carneiro preso pelos chifres a um pé de arvore, foi buscal-o e sacrificou ao Senhor. Em seguida voltaram para a tenda.



LILI. — Tive muito mêdo que o pobre Isaac fosse morto.

CARLOTA. — Si matar uma pessoa é uma mã acção como Deus ordenava isso ?

D. LUIZA. — Deus não queria que Isaac morresse ; e Abraham, sabendo que Deus é bom e justo, dizia comsigo mesmo : « Já que Deus me ordena isso,

não ha mal em fazel-o, pois Deus nunca ordena o peccado ».

MARIA. — Isaac era um bom filho ; quero ser obediente como elle ; e si Deus dissesse a mamãi que me matasse, dir-lhe-hia que sim.

D. LUIZA. — Deus não dirá isto a tua mamãi, porem mandará talvez a febre, a variola ou qualquer outra molestia. Si não quizer tua vida, talvez queira teus olhos, teus ouvidos ou outra qualquer parte do teu corpo. Quando pois estiveres doente debes dizer como Isaac : « Meu Deus, vós me destes a vida, si m'a quizerdes tirar por meio desta molestia cumpra-se a vossa vontade ». Carlota, custa muito a ouvir porque soffre do ouvido, outra soffre da vista, deveis dizer de todo coração : « Meu Deus eu vos pertenço ; si vos apraz tornar-me surda ou cega, que seja feita a vossa vontade ». Quando perdemos nossa fortuna e tudo que possuímos nesse mundo devemos dizer o mesmo e pensar : « Estou certa que sou amada por Deus ; uma vez que me tira estas cousas é porque de nada me servem ; pois si me fossem uteis decerto não m'as tiraria ».

NOEMIA. — Si a gente pensasse sempre assim nunca passaria por dissabores.

D. LUIZA. — Com effeito queridas meninas ; e por isso que muitas vezes vêmos pessoas que nos parecem desgraçadas, mas que no emtanto são muito felizes. Carlota repete-nos a historia.

CARLOTA. — Chegando a epocha de casar Isaac Abraham chamou seu intendente e mandou-o ao paiz onde residia seu irmão, que se chamava Nachor,

incumbindo-o de procurar uma mulher para seu filho. Chagado ao paiz de Nachor o intendente rogou pelo feliz exito da sua viagem, dizendo : « Senhor, mostrai-me a mulher que quereis dar a meu jovem amo ». E tendo-se sentado perto de um poço accrescentou : « Senhor,



as aldeãs hão de vir buscar agua na fonte : pedir-lhe-  
hei de beber : inspirai aquella que deve ser a mulher  
de Isaac que me apresente castamente sua bilia offe-  
recendo-me tambem de dar de beber aos camellos.  
Dentro em breve as moças sahiram da cidade, vindo  
entre ellas uma muito bonita. O intendente approxi-

mou-se e pediu-lhe de beber. « De todo o coração disse-lhe a moça ». No mesmo instante arriou a bília dizendo : « Vou dar de beber a vossos camellos também ». O intendente perguntou-lhe seu nome : « Chamo-me Rebecca ; meu avô chamava-se Nachor ». Então o intendente deu graças a Deus, e fez presente a Rebecca de um anel de ouro e de um bello par de brincos. Rebecca dirigio-se para casa com o fim de mostrar aquelles presentes a seus irmãos, pois sabia que uma moça não deve acceitar presentes de um homem sem o consentimento de seus parentes. Laban irmão de Rebecca, vendo as joias foi ter á fonte, e rogou ao intendente para vir hospedar-se em sua casa. Esse não quiz beber nem comer enquanto não desempenhou a sua commissão. Pedio Rebecca em casamento para Isaac, obtendo o consentimento de seus irmãos, que em seguida disseram á Rebecca : « Queres acompanhar este homem para desposar teu primo Isaac ? ao que ella respondeu affirmativamente partindo com o intendente que lhe fez magnificos presentes, bem como a seus irmãos. Após muito tempo de viagem, Rebecca avistou um homem passeiando pelos campos ; como o intendente lhe dissesse que era Isaac, ella cobrio a cabeça com o véo e pouco depois desposou-o. Seu marido amava-a tanto que só assim se consolou um pouco da morte de Sara sua mãe.

LILI. — Que bella historia ! Eu desejava porem saber porque motivo Abraham mandou procurar tão longe uma mulher para seu filho ? Porventura não haviam moças no paiz onde elle morava ?

D. LUIZA. — Certamente ; mas faltava-lhes piedade

ou religião e Abraham que desejava para seu filho uma digna mulher, preferio-a ás riquezas. Notai, meninas, o que fez o intendente de Abraham. Pedio a Deus que escolhesse uma mulher para seu senhor. Isto nos ensina a pedir-lhe tudo que carecemos ; elle é tão bom que não se offende por esta liberdade. Devemos pedir geralmente a Deus todas as cousas que nos são necessarias.

MARIA. — Como Deus bem sabe que necessitamos dessas cousas, não havia necessidade de pedir-lh'as.

D. LUIZA. — Perdão, cara amiguinha ; Deus bem sabe que carecemos de pão, no emtanto Nosso Senhor Jesus-Christo nos ordena pedir-lh'o todos os dias na oração. Não dizes de manhã e á noite : O pão nosso de cada dia nos dai hoje », isto é, o pão quotidiano ?

CARLOTA. — É verdade, D. Luiza, nunca tinha prestado attenção.

NOEMIA. — Pela minha parte, peço sempre a Deus tudo aquillo de que necessito. Quando começo minhas lições, rogo-lhe que me conceda a graça de bem aprendel-as ; quando mamãi, papai, minhas irmãs estão doentes peço-lhe para cural-os ; quando desejo alguma cousa peço a Deus que inspire mamãi, fazendo com que m'a dê ; e Deus é tão bom que me concede sempre o que lhe peço.

D. LUIZA. — Conservai este bom habito, querida Noemia. Acostumemo-nos meninas, a considerar Deus como nosso pai e senhor. Uma creança pede cheia de confiança as cousas que são razoaveis a seu pai, um servo a seu amo ; porem como não conhecemos nossas verdadeiras necessidades, e poderiamos portanto pedir

cousas prejudiciaes para nós, digamos sempre : Senhor, concedei-me essa graça si é util á vossa gloria e á minha salvação.

Vejamos agora se poderemos dizer alguma cousa sobre a geographia. Da ultima vez fallamos acerca dos nomes pertencentes as differentes partes da terra, isto é, continente, ilha, peninsula, isthmo e cabo ; hoje aprenderemos os differentes nomes das diversas partes dagua.

Vêdes esta grande porção dagua ? chama-se *Oceano*, e tambem *mar*, por causa do amargo que tem essa agua. Ha quatro mares que tiram seus nomes das partes ou pontos do mundo perto dos quaes estão situados : são, o Oceano septentrional ou mar glacial do Norte, o Oceano meridional ou mar glacial do Sul, o Oceano oriental ou Oceano Pacifico, e o Oceano occidental ou Atlantico. Chama-se *golpho* uma parte do Oceano que se avança para terra ; *bahia*, é um golpho pequeno. Dá-se o nome de *archipelago* a um mar onde ha um grupo de ilhas ; *estreito* é uma porção de mar apertada entre duas terras ; chama-se *lago* uma grande quantidade de agua doce ou salgada cercada de terra por todos os lados ; e denomina-se *rio*, uma porção dagua que corre continuamente. Comprehendestes bem ?

CARLOTA. — Sim, D. Luiza : golpho é um mar que se avança para terra, como o golpho de Venesa ; um estreito, é um pedaço de mar que põe dous mares em communicação, como o estreito de Gibraltar que liga o Oceano Atlantico ao mar Mediterraneo.

D. LUIZA. — Muito bem. Chama-se tambem es-

treito um mar comprimido entre duas porções de terra : entre a ilha da Corsega e a Sardenha, ha um pedaço de mar ; chamam-n'ó estreito de Bonifacio.

SYLVIA. — Porque denominaram a pequena porção de mar que separa a Italia da Sicilia, *pharol de Messina* ? Que significa a palavra *pharol* ?

D. LUIZA. — Não sei grego, cara menina, e esta



palavra tem a sua origem neste idioma, porem podemos advinhal-a. Os navios que perccrrem os mares não podem se approximar de terra sem perigo. Para avisal-os de que esta não está longe faz-se uma fogueira ou accende-se uma luz na praia, de sorte que as pessoas que se acham no navio vendo essa fogueira ou essa luz durante a noite, não se approximam. Ora, havia no Egypto um rei, chamado *Ptlomeu* : esse homem mandou construir sobre um rochedo da pe-

quena ilha de *Faros* uma torre de marmore tão bella, que foi classificada entre as sete maravilhas do mundo. No alto desse torre situada á entrada do porto de Alexandria, perto de uma das boccas de Nilo, collocava-se uma luz, para advertir aos navios que naquelle logar havia escolhos. Deram a essa torre o nome de *pharol de Alexandria*, e a partir dessa epocha ficaram sendo chamados *pharoes* todos os logares elevados onde se accende uma luz durante a noite para servir de signal áquelles que se acham no mar : uma dessas torres denominada *pharol de Messina* deu seu nome ao estreito que separa a Italia da Sicilia. Devemos pois suppor que a palavra *pharol* significa : *uma luz que guia durante a noite*.

MARIA. — De modo que as lanternas collocadas a entrada dos portos são pharóes ?

D. LUIZA. — Sim, querida Maria.

LILI. — Dissestes que haviam sete maravilhas do mundo : explicai-nos quaes são as outras.

D. LUIZA. — Vou dizer-vos tal como sei. As muralhas e os jardins da Babylonia, o pharol de Alexandria, o tumulo de Mausolo, o colosso de Rhodes, o templo de Diana em Epheso, o labyrintho de Minos na ilha de Creta, e as pyramides do Egypto.

CARLOTA. — O que eram todas estas cousas ?

D. LUIZA. — Noemia vai explicar-t'as. Ensina as tuas amiguinhas, querida, o que era o tumulo de Mausolo.

NOEMIA. — Havia em Caria, uma rainha chamada Artemisia, que amava muito seu marido Mausolo : morto o rei, ella mandou erigir-lhe um magnifico tu-

mulo. A partir dessa epocha chamou-se *mausoléos* as construcções erigidas em memoria dos mortos.

CARLOTA. — Ah ! Eis porque chamam *mausoléos* as estatuas de marmore de Westminster. Não esquecerei a origem deste nome.

NOEMIA. — Si bem que o tumulo construido por Artemisia fosse sumptuoso, ella não o julgou digno de receber as cinzas de seu marido.

CARLOTA. — Onde as pôz então ?

NOEMIA. — Todos os dias deitava uma pequena quantidade na sopa e no vinho ; bebendo até acabar.

SYLVIA. — Não foi Artemisia que combateu com Xerxes, rei da Persia, contra os Gregos em Salamina ?

D. LUIZA. — Exactamente. Basta por hoje, meninas, é já um pouco tarde. Da proxima vez fallaremos sobre as outras maravilhas do mundo.

---

## DIALOGO NOVE

### SETIMO DIA

MARIA. — Bôa tarde, D. Luiza, teremos hoje um lindo conto de fadas ?

D. LUIZA. — Não, em vez do conto, Noemia nos fará a narrativa da fabula do *Labyrintho*, uma das sete maravilhas do mundo. Digo que é uma fabula, não porque o labyrintho, Minos, Thesos, e outros personagens dos quaes vamos fallar não tenham existido, mas sim porque aos verdadeiros actos destas pessoas, accrescentaram algumas fabulas. Começa, Noemia.

NOEMIA. — Havia na ilha de Creta, um rei chamado Minos. Os Athenienses tendo matado seus filhos, este declarou-lhes guerra, ganhou a victoria, e condemnou-os a darem-lhe todos os annos sete moças e sete rapazes destinados a serem devorados pelo Minotauro. Este Minotauro era um monstro, metade homem metade touro, que habitava numa casa chamada Labyrintho. Esta casa era dividida de modo que uma vez dentro a pessoa não dava mais com a sahida, tantos cantos e recantos haviam. De modo que os pobres Athenienses, alli encerrados ainda que não fossem

devorados pelo monstro, succumbiriam forçosamente de fome. O filho do rei de Athenas, que se chamava Theseo, resolveu ir a Creta em companhia dos jovens para lá enviados, afim de matar o Minotouro. Chegando nesse paiz, a filha de Minos chamada Ariana, apaixonou-se por Theseo e este prometteu raptal-a si consentisse em salvá-o. Ariana deu-lhe um novelo de linha, recommendando-lhe que o prendesse na porta do Labyrintho. O principe segurava o novelo que ia se desenrolando á medida que avançava. Encontrara o Minotouro, matou-o, e, seguindo a linha, encontrou a porta e sahio. Deste modo os Athenienses não foram



nou-se por Theseo e este prometteu raptal-a si consentisse em salvá-o. Ariana deu-lhe um novelo de linha, recommendando-lhe que o prendesse na porta do Labyrintho. O principe segurava o novelo que ia se desenrolando á medida que avançava. Encontrara o Minotouro, matou-o, e, seguindo a linha, encontrou a porta e sahio. Deste modo os Athenienses não foram

mais obrigados a fornecer victimas ao monstro. Quando Theseo partio para Athenas, levou comsigo Ariana ; bem depressa porem desprezou-a, pois uma moça que se deixa raptar não merece ser estimada. Levantou-se pois de madrugada e fugio emquanto ella dormia numa ilha onde tinha desembarcado para passar a noite. Quando Ariana despertou e vio que o navio tinha partido, chorou amargamente lamentando ter abandonado a casa de seu pai ; era porem inutil seu arrependimento. Baccho, deus de vinho, passando por aquellas paragens e notando a belleza de Ariana, compadeceu-se della e desposou-a. Baccho atirando do céu a corôa que lhe adornava a fronte, transformou-a em estrellas. Na occasião de sua partida de Athenas, Theseo promettera a seu pai Egeo, collocar uma bandeira branca no mastro do navio si sahisse victorioso ; esqueceu porem a sua promessa, e seu pai que todos os dias vinha ver ser o navio chegara, vendo-o sem a bandeira, julgou seu filho morto e lançou-se ao mar. Theseo enviou presentes ao deus Apollo em agradecimento a victoria, e ordenou que todos os annos o mesmo navio fosse enviado com donativos. Emquanto esse navio permanecia fóra de Athenas, era interdicto matar quem quer que fosse.

CARLOTA. — Theseo foi muito máo, abandonando assim a pobre princeza que lhe salvara a vida.

D. LUIZA. — Tens razão ; porem si não a tivesse abandonado, seria necessario casar-se com ella, e é desagradavel desposar-se uma moça que se deixa raptar. Emquanto precisou della fez-lhe as mais bellas promessas, mas os homens não se julgam obrigados a

cumprir o que promettem as mulheres. Teem prazer em illudil-as para zombar depois, dizendo a todos : « Vêde, fulana, eu lhe disse que a amava, que achava-a bella, e ella foi tão tôla que acreditou em mim ».

MARIA. — Oh ! como é feio ser mentiroso ! Mas todos os homens são assim, D. Luiza ? Não haverá uma marca que nos permitta reconhecer aquelles que riem-se de nós ?

D. LUIZA. — Decerto, queridinha. Supponhamos que és uma moça e que um cavalheiro se apaixona por ti. Si são boas as suas intenções, nada te dirá, porem procurará teus pais e lhes dirá : « Vossa filha é muito distincta : ficar-vos-hei muito agradecido, se m'a quizerdes dar por mulher, pois amo-a com toda minh'alma ». Si pelo contrario este homem quizer rir de ti, dir-te-ha em segredo que te ama, supplicando-te que não o repitas a teus pais.

MARIA. — Perfeitamente, eu porém responderei antes : « Senhor, vou participar a papai e a mamãi que me amais ». Ficarà bem embaraçado, si m'o tiver dito para zombar de mim ; não é assim D. Luiza ?

D. LUIZA. — Certamente, isto o envergonharà, e tu não deixarás de avisar teus pais ; no emtanto debes dizel-o unicamente a elles e nunca as tuas amigas nem á tua criada de quarto.

SYLVIA. — Muito desejaria saber o que ha de veridico no que Noemia acaba de nos relatar.

D. LUIZA. — Quasi tudo. Tratava-se em vez do monstro de um general cretense, chamado Tauro. Em vez do novelo de linha Ariana deu a Theseo o

plano do labyrintho ; e em logar de Baccho, a princeza desposou um sacerdote desse deus. Vcu explicar as outras quatro maravilhas do mundo.

As *muralhas de Babylonia* cercavam essa cidade, capital do mais antigo imperio do mundo : tinham vinte legoas de extensão, e trezentos e cincoenta pés de altura. Eram tão largas que seis carros poderiam passar de frente sem risco de se esbarrarem. Os jardins suspensos de Babylonia foram uma obra tão gigantesca quanto suas muralhas.

O *colosso de Rhodes* era uma estatua de bronze massiço de uma altura extraordinaria representando a figura de um homem. Os Rhodios consagraram-n'a ao deus Apollo e collocaram-n'a á entrada do porto da cidade de Rhodes, na ilha deste nome. Era tal a sua altura, seus pés descansavam sobre dous rochedos tão afastados que os navios passavam-lhe entre as pernas, de velas enfumadas. Um terremoto destruiu-a.

O *templo de Diana* era um bellissimo edificio da cidade de Epheso, consagrado a deusa Diana. O extravagante Erostrato incendiou-o para tornar-se celebre na historia, 356 annos antes de Jesus-Christo.

As *pyramides do Egypto* são obras celebres, construidas ha quatro mil annos e que ainda existem nas immediações do Cairo. Serviam de sepultura aos reis do Egypto : os quatro lados correspondiam precisamente aos quatro pontos cardeaes, norte, sul, leste e oeste. Levaram vinte annos a construir a maior, sendo empregados nesse trabalho trezentos e sessenta-seis mil operarios. Avaliou-se o custo, simplesmente dos aipos, cebolas e outras legumes fornecidos aos

operarios, em mil e oitocentos talentos que são pouco mais ou menos quatrocentas mil libras esterlinas ou quinhentos mil napoleões. Mas, por hoje, basta de fabula. Digamos alguma cousa sobre a geographia. Eis aqui o mappa dividido em tres partes principaes, a do norte, a do centro, e a do sul.

A parte do norte comprehende de oeste a leste, as ilhas Britanicas, comprehendendo duas grandes ilhas e um numero regular de outras menores. A mais consideravel é a Grã-Bretanha. Nesta, ha dous reinos ; o da Inglaterra ao sul, e o da Escossia ao norte. A outra ilha que é menor, chama-se Irlanda.

MARIA. — Ignorava que residia na Grã-Bretanha.

D. LUIZA. — Agora o sabes querida Maria ; Londres é a cidade principal e a capital da Inglaterra. A capital da Escossia chama-se Edimburgo, e a da Irlanda Dublin. Estes tres reinos são regidos por um mesmo soberano que chamamos rei ou rainha da Inglaterra, segundo a ordem de successão, porque nesse paiz as mulheres reinam igualmente como os homens. A leste da Inglaterra fica a Dinamarca cuja capital é Copenhague, na ilha de Zelandia. A ella pertence a Islandia situada ainda mais ao norte da Europa do que a Inglaterra. Ao norte da Dinamarca está a Noruega, cujas costas são banhadas pelo Oceano Atlantico, e a Suecia que se estende sobre a margem esquerda do golpho de Bothinia no mar Baltico. Stockolmo é a capital da Suecia, e Christiania a da Noruega. Estas duas regiões reunidas formam um só reino. Finalmente a leste da Suecia está situada a Russia ou Moscovia, paiz vastissimo que tem por capital S. Petersburgo onde resi-

dem o imperador e a côrte da Russia ; outrora era Moscou. Eis as cinco principaes partes do norte da Europa : não as esqueçais. Da proxima vez aprenderemos as partes que ficam no centro.

SYLVIA. — Li hontem, no *Bazar Francez*, a historia de Pedro o Grande fundador da cidade de S. Petersburgo. Achei-a muito semelhante ao conto do principe Galante que ha dias nos contastes.

D. LUIZA. — É quasi a mesma cousa ; o rei Absoluto assemelha-se um pouco a Carlos XII rei da Suecia. Quando acabares de ler Rollin, te emprestarei a sua historia. Vejamos o que aprendestes da historia sagrada.

MARIA. — Casando-se com Rebecca, Isaac rogou a Deus que lhe dêsse filhos ; dentro em breve teve dous que se chamaram : o mais velho Esaú, e o segundo Jacob. Bem sabeis, queridas amigas, que na Inglaterra entre os nobres só o primogenito tem um titulo e é *lord* ; o segundo não o é. Dizia-se pois *milord*. Esaú, e mestre Jacob. Um dia milord foi a caça e de regresso a casa tinha muita fome. Encontrou mestre Jacob acabando de preparar uma sôpa de lentilhas, e prompto para bebel-a. Milord Esaú lhe disse : « Irmão dai-me a tua sôpa. — Preparei-a para mim, respondeu Jacob, mas se queres ceder-me o teu titulo de primogenitura, dar-te-hei a sôpa ». Esaú que era um guloso, vendeu-lhe o titulo pela sôpa, de modo que Jacob tornou-se primogenito, ficou sendo lord, ao passo que Esaú perdeu todos os seus direitos.

D. LUIZA. — Isso nos demonstrar quantas asneiras a gula nos faz commetter. E'um grande defeito. Alem de

ser um peccado, a gula nos faz adoecer, ficar estupidos e morrer moços : finalmente nada mais direi sobre isto, pois vos estimo muito para suppôr que sejais gulosas. E'um vicio tão baixo, tão odioso, que não toleraria em vossa companhia uma menina que eu suspeitasse ser



gulosa. Coraste, Lili, terás porventura alguma cousa a te censurares ?

LILI. — Sim, D. Luiza. Ha dous dias chorei durante mais de uma hora, porque a criada não quiz me dar chá de noite.

D. LUIZA. — Deves corrigir-te deste defeito, querida Lili. Si queres ser uma bôa menina, si queres que te

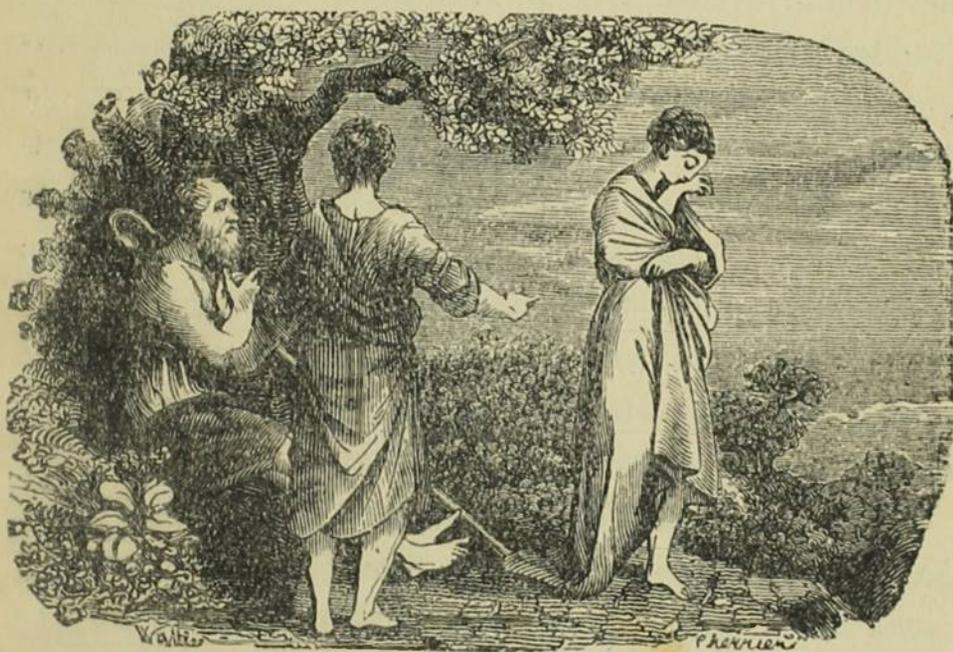
estime, ainda é preciso reparares essa falta. Vejamos, que farás para esse fim ?

LILI. — Ficarei sem tomar chá durante oito dias ; mas, em compensação não pensareis na tolice que fiz.

D. LUIZA. — E porque havia de pensar minha bôa amiguinha ? Quando nos arrependemos de nossos erros e os reparamos, Deus Nosso Senhor os esquece ; procurarei não me lembrar. Conta-nos a historia.

LILI. — Esaú não amava seu irmão Jacob, porque este lhe comprara o titulo, e roubara-lhe a benção de seu pai. Rebecca disse a Jacob : « Receio que teu irmão Esaú se vingue de ti ; assim, meu filho vai procurar teu tio Laban, e fica na sua companhia até que se abrande a colera de teu irmão ». Laban tinha duas filhas : Lia, a mais velha, era feia, e Rachel a segunda muito bella. Jacob apaixonou-se por Rachel e pedio-a em casamento a Laban que lhe respondeu : « Dar-te-hei minha filha Rachel, se quizeres ser meu criado durante sete annos ». Jacob consentio ; o seu amor por Rachel era tão grande que os sete annos lhe pareceram muito curtos. Ao cabo deste tempo suppôz que desposaria Rachel ; porem Laban pôz em lugar desta sua filha Lia. Como ella trazia um véo, Jacob não percebeu que seu sogro o tinha illudido ; no dia seguinte de manhã, porem, a coleira foi igual á surpresa. Laban disse-lhe : « Não é costume casar a mais moça antes da mais velha, mas se quizeres me servir ainda mais sete annos, dar-te-hei Rachel ». Jacob consentio ; e decorridos os sete annos, Laban vendo que Deus o protegia por causa de Jacob, supplicou-lhe que ficasse em sua casa, promettendo-lhe uma recompensa ;

comtudo procurava sempre enganar-o, o que não impedio que Jacob se tornasse riquissimo. Elle não amava sua mulher Lia e Deus compadecendo-se della, deu-lhe muitos filhos, ao passo que Rachel não tinha. Por fim teve um que recebeu o nome de José. Por essa epocha Jacob separou-se de seu sogro, regressando a sua terra. Já bem proximo della, soube que seu irmão Esaú dirigia-se ao seu encontro com innumeros homens



armados. Como tivesse medo, Deus enviou-lhe um anjo para tranquillisal-o e Jacob acalmou a cclera de seu irmão fazendo-lhe muitos presentes.

D. LUIZA. — Chegou a tua vez, Carlota.

CARLOTA. — Jacob estacionou com sua familia perto da cidade de Sichem. Tinha doze rapazes e uma moça chamada Dina. Esta muito curiosa, desejou ver as donzellas de Sichem. Sahio pois, e o filho do rei a tendo visto, apaixonou-se por ella e raptou-a. Os filhos de

Jacob sabendo do occorrido encolerisaram-se muito, porem o rei lhes disse : « Não vos zangueis, dai-me vossa irmã para mulher de meu filho, e tornemo-nos todos amigos ». Os irmãos de Dina acquiesceram, mas dous dentre elles, chamados Semeão e Levi, resolveram vingar-se. Por traição mataram o rei, seu filho, e todos os habitantes de Sichem, fazendo prisioneiras as mulheres. Ao saber desta má acção Jacob ficou muito contrariado, receiando tambem que os povos das cidades visinhas lhe declarassem guerra. Deus tranquillizou-o, promettendo-lhe como fizera a Abraham e a Isaac, dar a seus filhos o paiz no qual então residiam. Jacob abandonou aquelle logar e foi habitar em Bethel, chamado depois Bethléem. Alli chegados Rachel deu novamente á luz um filho morrendo logo em seguida. Deu-lhe o nome de Benoni, isto é, filho da minha dôr ; mas Jacob o appellidou Benjamin. Rachel foi enterrada perto de Bethléem.

SYLVIA. — Parece-me que nem todos os filhos de Jacob eram homens honrados. Semeão e Levi procederam cruel e barbaramente matando todos os habitantes da cidade de Sichem que não tinham commettido crime algum.

D. LUIZA. — Quasi todos eram viciados, como ides ver. Judas, o mais velho commetteu grandes crimes ; entre elles, porem, havia um muito virtuoso.

NOEMIA. — Meu Deus, não comprehendo porque os homens sãc máos ! E'tão agradavel a gente fazer o seu dever ! Eu, por exemplo, quando commetto uma falta, fico tão contristada que não me é pssivel dormir durante a noite. Porventura Levi e Semeão,

depois de matarem tanta gente não se teriam sentido afflictos ?

D. LUIZA. — Decerto. Quando principiamos a ser máos, a nossa consciencia nos atormenta ; porem, quando apezar das suas censuras, proseguimos na senda do crime, os remorsos vão diminuindo pouco a pouco, tornamo-nos duros de coração e por fim a nossa consciencia já não se revolta, o que constitue uma das maiores infelicidades. Notai bem, queridas meninas, quanto é perigoso uma moça ser curiosa e gostar de se mostrar a todos. Si Dina tivesse ficado em casa, não teria sido a causadora das grandes desgraças que acabamos de ouvir contar. As mulheres são feitas para o lar, é pois necessario que se habituem a amal-o : não faço um juizo muito lisongeiro de uma moça que se apraz em andar por toda parte e mostrar-se a todos. Ainda ha pouco vos disse, que a mulher foi destinada a velar sobre sua familia e sua casa ; como poderia desempenhar esta missão, si está sempre ausente do lar ?

SYLVIA. — Porem quando se é rico, tem-se criados para cuidar dos arranjos da casa e vigiar tudo : suppunha que só as mulheres pobres deviam cuidar do seu interior.

D. LUIZA. — Estás enganada, querida Sylvia. Deus não excluiu os ricos quando disse que o homem havia de comer o pão com o suor de seu rosto. Todos devem trabalhar : é a lei divina, e tanto uma senhora nobre como uma plebea tem obrigação de cuidar de sua familia. Mesmo suppondo que a ociosidade não fosse um peccado, as senhoras deveriam se occupar sempre do

seu lar. Não esqueçais caras meninas, o que acabo de dizer-vos. Ainda mesmo que fosseis muito mais ricas do que sois, si não fiscalisais o que vos pertence, vossos criados estragarão tudo, os negociantes combinarão com elles para vender-vos tudo muito caro, e assim vos empobrecereis, ou pelo menos vossos filhos. Ora, nada é mais humilhante do que tornarmo-nos pobres por essa culpa : todos zombam de nós e longe de terem compaixão, desprezam-nos.

MARIA. — Dizeis que todos são obrigados a trabalhar, entretanto os reis e as rainhas não trabalham.

D. LUIZA — Perdão, querida Maria ; um bom rei, e uma bôa rainha, trabalham tanto quanto o mais pobre de seus subditos. Ha dous modos diversos de trabalhar : um camponio trabalha nas suas terras, um marceneiro na madeira, uma modista faz vestidos ; estes porem não são muito difficeis. O trabalho que depende do espirito o é muito mais, e nelle se occupam os reis e as rainhas. Como Deus lhes pedirá contas de todo o mal praticado por culpa delles ou devido á sua negligencia, elles devem pensar dia e noite em se informar do que se passa no reino ; e asseguro-vos caras meninas que um verdadeiro rei, um grande rei não tem um momento de repouso.

SYLVIA. — Si assim é, não deve ser muito agradavel ser-se rei.

D. LUIZA. — Perdão ; um rei pode ser o mais feliz dos mortaes si desempenha seus deveres de rei conscienciosamente. Este trabalho que consideras um supplicio fará a felicidade e a gloria de sua vida. Dize-

azougue. Finalmente o rei tendo a felicidade de surpreender Minon durante o somno, pisou-lhe a cauda com toda força. O gato despertou miando horriavelmente ; depois transformando-se subitamente num

homem, contemplou colericamente o monarcha e disse-lhe : « Desposareis a princeza porque destruiste o encanto que te impedia de fazello ; mas eu me vingarei. Terás um filho que ha de ser infeliz até conhecer que tem o nariz immensamente comprido ; e, se fallares do que acabo de dizer-te morrerás immediatamente ». Si bem que o rei fi-



casasse muito admirado de ver o gigante, que era um magico, não poude deixar de rir da ameaça. « Si meu filho tiver o nariz muito comprido disse elle comsigo, a menos que seja cego ou maneta ha de vê-lo e sentil-o ». Tendo desaparecido o feiticeiro o rei foi ter com a princeza que consentio em desposal-o ; mas não viveu muito tempo com ella pois morreu ao cabo

de oito mezes. Seis semanas mais tarde, a rainha deu á luz um principe que recebeu o nome de *Desejo*.

Tinha olhos azues, grandes, muito bellos; a bocca pequenina e muito bem feita, porem o nariz era tão comprido, tão grande, que lhe cobria a metade do rosto. A rainha ficou inconsolavel, mas as damas de honra disseram-lhe que não era tão grande como parecia, que era um nariz romano e que todos os heróes de que fazia menção a historia tinham o nariz grande. A rainha que amava loucamente seu filho ficou contentissima com essas observações, e á força de contemplar *Desejo* seu nariz pareceu-lhe menor. O principe foi creado com todo carinho; apenas principiou a fallar zombavam diante delle das pessoas que tinham o nariz curto. Só consentiam perto delle, aquelles cujo nariz se approximava um pouco do seu; e os cortezãos para serem agradaveis á rainha e ao principe, puxavam diversas vezes por dia o nariz de seus filhinhos no intuito de alongal-o: debalde porem o faziam, pois comparado ao do principe *Desejo*, o destes parecia muito chato. Depois de crescido, o principe estudou a historia; e quando lhe fallavam de algum monarcha poderoso ou de uma bella princeza, diziam-lhe sempre que tinha o nariz comprido. Seu quarto estava repleto de quadros onde todos os personagens representados tinham narizes encrmes. Deste modo *Desejo* habituou-se por tal fórma a considerar o tamanho de seu nariz como uma perfeição que não consentiria, mesmo por uma corôa em fazer diminuir um pouco o seu.

Ao completar vinte annos, pensaram em casal-o, e, para esse fim, apresentaram-lhe o retrato de varias

princezas. Elle apaixonou-se por uma dellas chamada Mimosa, filha de um grande rei e possuidora de muitos reinos, no que porem Desejo não pensava, tão preoccu-



pado estava com a sua belleza. Esta princeza, que elle achava encantadora, tinha no emtanto um narizinho arrebitado que lhe dava muita graça, mas que lançou os cortezãos na mais embaraçosa das situações. Tendo contrahido o habito de caçoarem dos narizes pequenos

succedia-lhes as vezes rir do da princeza ; mas Desejo que não tolerava a mais leve caçoada neste sentido, expulsou da côrte dous fidalgos que ousaram zombar do nariz de Mimosa. Tornando-se prudentes diante deste exmplo os outros corrigiram-se e um delles disse ao rei que na verdade, um homem só podia ser bello tendo um grande nariz, porem que a belleza das mulheres era differente, pois um sabio dissera-lhe ter lido num velho manuscripto grego que a bella Cleopatra tinha a ponta do nariz arrebitada. O principe deu um presente riquissimo áquelle que lhe deu esta noticia, e despachou embaixadoies incumbidos de pedirem Mimosa em casamento. Concederam-lha ; elle foi ao seu encontro, a trez leguas de distancia, tanta pressa tinha ; de vel-a, mas quando se approximava para beijar-lhe a mão, appareceu o magico, arrebatou a princeza, tornando-o inconsolavel. Desejo resolveu não voltar ao reino emquanto não encontrasse Mimosa. Sem permittir que nenhum de seus subditos o acompanhasse, montou num bom cavallo, pôz-lhe as redeas ao pescoço, e deixou-o tomar o caminho que bem lhe pareceu. O cavallo dirigio-se para uma grande planicie por onde andou o dia inteiro sem encontrar uma só casa. O dono e o animal morriam ambos de fome ; por fim já ao anoitecer o principe descobrio uma caverna onde avistou uma luz. Entrando deparou com uma velhinha que parecia ter mais de cem annos. Para poder olhar para o principe, pôz a luneta ; mas como o seu nariz era muito curto, custou muito a fazel-a aguentar. Desejo e a fada deram ambos uma gargalhada ao olharem-se, e

exclamaram ao mesmo tempo : « Ah ! que nariz engraçado ! — Não tanto quanto o vosso, disse Desejo á fada : mas, senhora, deixemos nossos narizes como são, e dai-me por favor alguma cousa para comer, porque estou morrendo de fome bem como meu pobre cavallo. — Com todo gosto, disse-lhe a fada. Apesar do vosso ridiculo nariz, não deixais de ser filho do meu melhor



amigo. Amava o rei vosso pai como um irmão. Elle tinha o nariz muito bem feito. — E o que falta ao meu ? disse Desejo. Oh ! nada, replicou a fada, pelo contrario, ha materia demais : mas não importa, pode ser um homem muito honrado e ter o nariz muito comprido. Dizia-vos que era amiga de vosso pai, que n'aquelle tempo vinha ver-me muito frequentemente. E a proposito sabeis que eu era então muito bella ? assim m'o

dizia elle. Preciso contar-vos uma conversa que tivemos da ultima que nos vimos. — Perfeitamente senhora, replicou o principe, escutar-vos-hei com muito prazer depois que tiver ceiado ; lembrai-vos que hoje ainda não comi. — Pobre rapaz ! tornou a fada, tendes razão, já não me lembrava d'isto. Vou fazer-vos ceiar, e enquanto comeis, vos contarei a minha historia em quatro palavras, pois detesto as conversas compridas ; uma lingua muito longa é ainda mais insupportavel do que um nariz comprido ; e recorde-me ainda, quando era creança admiravam-me por ser eu pouco loquaz, assim o diziam a rainha minha mãe, pois tal qual me vêdes, sou filha de um grande rei. Meu pai... — Vosso pai comia quando tinha fome, disse-lhe o principe interrompendo-a. — Certamente replicou a fada, tambem vós ceiareis neste instante. Queria dizer-vos apenas que meu pai... — E eu nada quero ouvir antes de comer », disse o principe já meio encolerizado. No entanto acalmou-se, pois precisava da fada, a qual disse. « Vejo que teria tanto prazer em escutar-vos que bem poderia esquecer-me de que estou com fome, mas meu cavallo que não vos pode ouvir tem necessidade de tomar algum alimento ». A fada lisongeadada com este comprimento chamou os criados e disse então ao principe. « Não esperareis por mais tempo ; sois muito cortez, e apesar do vosso enorme nariz, muito amavel. — Maldicta velha, sempre a dar com o meu nariz ! disse o principe consigo ; dir-se-hia que minha mãe roubou-lhe o que falta ao seu. Si não tivesse necessidade de comer deixaria ahi esta tagarela que se julga tão pouco loquaz. E' preciso a gente

ser muito tolo para não conhecer seus defeitos ; eis ali o que é se nascer princeza ; os adutores viciaram-n'a, persuadindo-a de que fallava pouco ». Emquanto o principe fazia estas reflexões, as criadas punham a meza e Desejo contemplava a fada que lhes fazia mil perguntas, sómente pelo prazer de fallar ; observava sobretudo uma criada de quarto que a proposito de tudo quanto via, elogiava a discrição de sua senhora. « Na verdade ! pensava consigo, emquanto comia, estou encantado por ter vindo esbarrar aqui. Este exemplo me demonstra como agi com sabedoria, não dando ouvidos aos adutores e suas lisonjas. Esta gentes elogia-nos impudentemente, occulta-nos os defeitos e os convertem em perfeições ; pela minha parte nunca serei tão tolo ; conheço os meus, graças a Deus ! » O pobre Desejo acreditava piamente assim ser, e não sentia, quanto tinham zombado d'elle, aquelles que achavam seu nariz bonito, que procediam como a criada de quarto que caçoava da fada, pois o principe notou que de vez em quando ella voltava-se para rir. Quanto a este nada dizia occupado em comer vorazmente. « Principe meu senhor, voltai-vos um pouco por favor, vosso nariz faz tanta sombra que me impede de ver o que tenho no prato. Ah ! é verdade, fallemos de vosso pai. Eu ia á sua cõrte no tempo em que elle era apenas um rapazinho, mas, ha já quarenta annos, retirei - me para esta solidão. Contai-me como se vive agora na cõrte ; as damas gostam ainda de andar por toda parte ? Na minha mocidade, viam-n'as no mesmo dia nas reuniões, nos theatros, nos bailes, em passeios... Como vosso nariz é comprido !

+

Não me posso habituar a elle. — Realmente, respondeu-lhe Desejo, basta de fallar de meu nariz ; seja como fôr, que vos importa isto ? estou contente com elle e não queria que fosse mais curto ; cada um como Deus o fez. — Oh ! estou vendo que isso vos contraria meu pobre Desejo, replicou a fada ; no emtanto não tive a intenção de aborrecer-vos, pelo contrario, sou do numero de vossas amigas e quero prestar-vos serviço ; porem apezar disto, não posso deixar de ficar pasmada diante do vosso nariz ; entretanto procurarei não vos fallar mais d'elle ; me esforçarei mesmo em pensar que é chato, si bem que para fallar a verdade, ha nelle quantidade sufficiente para se fazer trez já bem razoaveis ». Tendo ceiado Desejo impacientou de tal modo com os commentarios sem fim que a fada fazia sobre seu nariz, que arremessou-se sobre o cavallo e partic. Proseguiu a viagem, e por toda parte onde passava, julgava que as pessoas estavam loucas, porque todos fallavam de seu nariz ; tinham-n'ò, porem, habituado tanto a ouvir dizer que era bello, que nunca poudes convencer-se de que era demasiado comprido. A velha fada querendo ser-lhe util, mesmo contra sua vontade, lembrou-se de internar Mimoso num palacio de crystal e collocou-o no caminho do principe. Louco de alegria, Desejo tentou despedaçal-o, não o conseguindo porem ; desesperado, quiz approximar-se pelo menos da princeza que por sua vez approximava tambem a mão do vidro. O principe quiz beijar-lhe a mão, mas para qualquer lado que se voltasse não conseguia encostar a bocca, porque nariz não l'ho permittia. Pela primeira vez notou o seu extraor-

dinario tamanho, pegando-o para pô-lo um pouco de lado disse : « Devo convir que meu nariz é muito comprido ». No mesmo instante o palacio de crystal cahio em pedaços, e a velha segurando Mimosa pela mão disse ao principe : Concordai que muito



me deveis ; debalde vos fallei de vosso nariz, nunca terieis reconhecido o defeito, si elle não se tivesse tornado um obstaculo aos vossos desejos. E assim que o amor-proprio nos occulta as deformidades de nossa alma e de nosso corpo. Em vão a razão procura nol-as descobrir, só nos rendemos no momento em que este mesmo amor-proprio acha-os contrarios aos

seus interesses. Desejo, cujo nariz tornara-se um nariz commum, aproveitou a lição : desposou Mimososa e durante muitos annos viveu com ella sempre muito feliz.

SYLVIA. — Tinheis razão em dizer que este conto é bonito ; porem como é possivel a gente não conhecer seus defeitos ? Eu sempre soube que não sou bonita, e si alguém me dissesse o contrario, julgaria logo que queriam caçoar de mim.

D. LUIZA. — Teu amor-proprio te fez ver que não eras bella ; mas, aposto que tambem não te achas feia.

SYLVIA. — Quando me olho no espelho acho-me feia ; mas como teem dito diante de mim que sou dessas feias que agradam, creio que sou feia e sympathica ao mesmo tempo.

D. LUIZA. — Pois bem queridinha, si alguém para te lisongear te dissésse que és bonita, a principio supporias que era para zombar de ti, porem si t'o repetissem varias vezes, acabarias acreditando-o, porque é muito facil esquecermos nossos defeitos, a menos que tenhamos uma bôa amiga que nos advirta. Bem agora digamos as historias : Começa tu Lili.

LILI. — Jacob estimava seu filho José, mais que todos os outros, porque era de todos o mais honesto e tambem por ser filho da sua cara Rachel : seus irmãos, porem, odiavam-n'o por diversos motivos. Um dia vendo-os praticar uma má acção. José foi avisar seu pai, o que lhe alienou a sympathia de todos elles. Um outro dia, lhes disse : « Sonhei que estavamos num campo atando feixes de trigo, e que o meu feixe levava

tava-se, ficava de pé, ao passo que os vossos abai-xavam-se e o adoravam. De outra vez sonhei que o sol, a lua e onze estrellas prostravam-se aos meus pés ». Si bem que Jacob pensasse que os sonhos de seu filho bem poderiam ter sido enviados por Deus, reprehendeu-o dizendo-lhe : « Porventura suppões que tua mãe e teus irmãos serão teus servos ? » Os outros filhos de Jacob enfurecidos, um dia em que tinham conduzido os rebanhos muito longe disseram entre si ao avistarem José que vinha da parte de Jacob saber como tinham passado : « Eis o nosso sonhador ; matemol-o ». Ruben menos máo do que os outros disse : « Não o matemol, lancemol-o antes n'esta cisterna ». A intenção de Ruben era voltar durante a noite e tiral-o do poço ; foi pois embora ; apenas elle partio seus irmãos avistaram negociantes que se dirigiam para o Egypto. Tiraram José da cisterna e venderam-n'o como escravo aos negociantes. Ruben, ausente nesta occasião voltou á noite para salvar José, mas, ficou muito triste não o encontrando e chorou amargamente. Seus irmãos tomaram a tunica de José, ensoparam-n'a do sangue de um cabrito e levaram-n'a a Jacob que suppondo que uma féra o tinha devorado, chorou-o durante muito tempo sem se consolar da perda de seu filho querido.

CARLOTA. — Porventura devemos crêr nos sonhos ?

D. LUIZA. — De modo algum ; é a maior tollice do mundo. E' verdade que Deus servio-se algumas vezes dos sonhos para fazer conhecer a seus servos a sua vontade ; nós porem não somos assás bôas e puras para merecermos semelhantes graças. De resto isto é muito

raro, e só aconteceu tratando-se de cousas da mais alta importancia.

LILI. — En conheço uma senhora que explica todos os sonhos ; derrama tambem um pouco de café em cima da mesa, depois explica este café derramado, e prediz a suas amigas o que lhes ha de acontecer ; é milady...

D. LUIZA. — Nunca devemos citar as pessoas minha querida, quando dizemos dellas cousas poucou lisongeiras ; como esta senhora é uma ignorante não caremos saber do seu nome. Lembrai-vos bem, caras meninas, que só a Deus pertence o futuro ; ora, é preciso se ser muito tôla para acreditar que se obrigará a Deus descobril-o, todas as vezes que se derramar uma chicara de café : uma pessoa intelligente não deve dar credito a taes superstições.

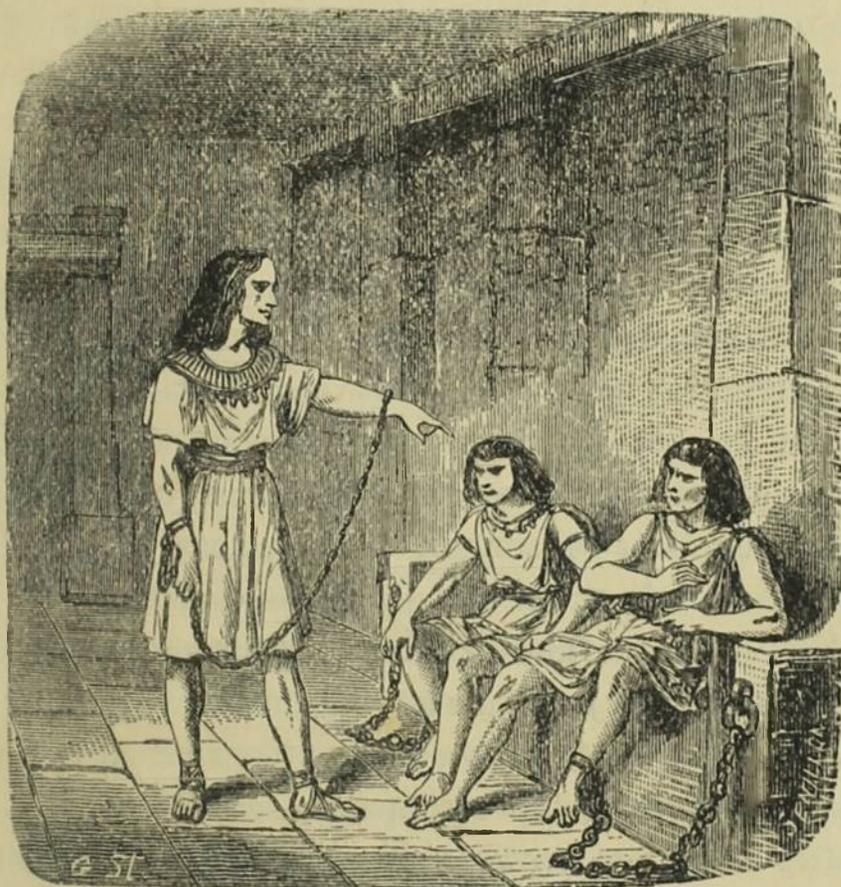
SYLVIA. — No emtanto algumas explicações dadas sobre sonhos confirmam-se algumas vezes.

D. LUIZA. — Sim, por acaso, uma vez sobre mil : assim é uma asneira ficar-se triste ou alegre por causa de um sonho. Vamos Carlota, continua a historia de José.

CARLOTA. — Os negociantes que compraram José, chegando ao Egypto, revenderam-n'o a um grande senhor. Vendo-se escravo, José resolveu servir fielmente seu senhor, chamado *Putiphar*, cuja estima conquistou.

Sua mulher porem, de muito má indole quiz induzir José a trahil-o : Este não querendo praticar tão má acção, attrahio sobre si o odio da mulher de *Putiphar* que offendida com a sua recusa disse a seu marido que elle era um homem máo, que o enganava. Ignorando que sua mulher era uma calumniadora, *Putiphar*

encolerisou-se contra José e mandou-o no mesmo instante para a prisão. Ahi ficou elle durante muito tempo, por fim commovido pela sua virtude o governador da prisão começou a estimal-o. Nessa mesma occasião eram tambem prisioneiros dois officiaes de *Pharaon*



rei do Egypto. Um delles era o copeiro-mór isto é, aquelle que lhe servia o vinho, o outro, o padeiro-mór ou o que lhe fornecia o pão. Um dia o copeiro-mór disse a José : « Sonhei que eu tinha bellas uvas ; eu as espremia numa taça, apresentava-a ao rei que bebia o seu conteudo ». José respondeu-lhe : Este sonho significa que Pharaó vos perdoará e vos restituirá vosso,

cargo. Quando voltardes novamente á côrte, peço-vos pedireis ao rei que me tire da prisão, pois estou innocente. O padeiro-mór disse a José : « E eu sonhei que levava á cabeça um cesto cheio de pasteis, e que os passárcos vinham comel-os ». José respondeu-lhe : Este sonho quer dizer que sereis enforcado e que as aves comerão vosso corpo ». As cousas passaram-se como José tinha predito ; mas uma vez na côrte o copeiro-mór esqueceu seu amigo José que ficou na prisão.

D. LUIZA. — Bem vêdes meninas que Deus enviava estes sonhos e mais outros de que fallaremos, para proclamar a innocencia de José. Era um milagre que Deus fazia para recompensal-o e tornal-o feliz ; ora, não devemos crêr que Deus faça milagres a tôa e queira revelar o futuro aos homens sem necessidade ; assim, torno a repetir-vos, é uma grande asneira querer explicar os sonhos, e as pessoas inteligentes riem-se de tudo que se lhes diz a este respeito.

NOEMIA. — Sou muito contra o copeiro-mór que esqueceu-se do pobre José, que nos emtanto era seu amigo.

D. LUIZA. — As pessoas que vivem na côrte quasi que não teem amigos, preocupando-se unicamente com o prazer de serem agradaveis ao rei para conquistar-lhe as boas graças ; algumas dir-vos-hão que são vossos amigos, que querem vos ser uteis, mas apenas vos retirardes da sua presença, já não pensarão mais em vós ; assim não deveis fiar-vos nas suas promessas, a menos que tenhais razões de crêr na sua sinceridade, mas o melhor ainda é não precisar.

SYLVIA. — Como ! Então todas as damas que frequentam a côrte são falsas ?

D. LUIZA. — Não, querida Sylvia ; todos aquelles que vão á côrte, não são pessoas da côrte. Assim são chamados aquelles que são estimados pelo rei, que querem fazer fortuna por meio dessa amizade e que tem inveja de todos que se approximam do soberano.

SYLVIA. — Parece-me que si fosse estimada pela princeza ou pela rainha, isto não me tornaria má, pelo contrario ficaria muito satisfeita por poder servir a todos.

D. LUIZA. — Julgas que seria assim, porem a amizade dos monarchas transforma o coração, e para conservar um bom coração, vivendo na côrte, é preciso se ser quatro vezes mais virtuosa do que qualquer outra. Tornemos porem á historia. Notai bem queridas meninas que José obedeceu fielmente a seu senhor e ao homem que governava a prisão, se bem que não tivesse nascido para ser escravo ; e devido á sua conducta conquistou-lhes a estima.

MARIA. — José ficou sempre na prisão, D. Luiza ?

D. LUIZA. — Não, querida Maria : Lili continua a historia.

LILI. — Um dia Pharaó sonhou que via sete vaccas tão bellas e gordas que tinha prazer em olhal-as. De repente vio outras sete tão magras que só tinham a pelle e os ossos. Estas sete vaccas magras devoraram as gordas : Ao despertar o rei mandou procurar quantos advinhos e sabios haviano Egypto, paralhe explicarem o sonho ; nenhum d'elles, porem, o poudo fazer visto Deus não lhes ter mostrado o que significava. Nessa occasião o copeiro-mór, lembrando-se então de José disse ao rei, que este lhe explicára o seu sonho, bem

como o do padeiro. Mandaram buscar José que disse ao rei: «Senhor, as sete vaccas gordas significam sete annos de fartura durante os quaes haverá trigo em abundancia; a elles porem succederão sete annos de esterilidade, que são as vaccas magras que devorarão as gordas». O rei disse a José: Já que conheceste o mal, é preciso dares o remedio; dou-te plena liberdade de acção; agirás como entenderes no meu reino». José mandou edificar enormes casas, e, quando todos os Egypcios tinham-se abastecido de trigo, comprou o que ainda restava e mandou pôl-o nas casas que fizera construir; ao cabo de sete annos todas as casas ou celleiros estavam repletos de trigo. Não se sabia porque José assim procedia, mas em breve todos conheceram a causa, pois, após os sete annos, o trigo semeado não nascendo, os Egypcios eram forçados a irem comprar o trigo do rei, a cargo de José. Pharaó conhecendo então a sabedoria de José nomeou-o Vice-Reido Egypto.

MARIA. — Ah! como estou satisfeita por ver o pobre José finalmente fóra da prisão! Mas, D. Luiza, não mandou elle dizer a seu pai Jacob que ainda era vivo?

D. LUIZA. — E'o que veremos da proxima vez; hoje temos apenas o tempo necessario para a lição de geographia. Como deveis lembrar-vos fallamos já sobre os cinco paizes principaes do norte da Europa: no contro ha oito; Noemia vai dizer quaes são elles.

NOEMIA. — A leste, acha-se a *França*, capital Paris. Ao norte da França estão os Paizes-Baixos, assim denominados outrora porque ficam situados para o lado do mar, onde o territorio é em geral plano. Formam hoje o reino da *Hollanda*, que tem por capital Amsterdam, e

o reino da *Belgica*, cuja principal cidade é Bruxellas. A leste da França, temos a Allemanha ou Confederação germanica, composta de varios Estados independentes uns dos outros, porem unidos entre si por um tratado de alliança : a *Austria* capital Vienna ; a *Prussia* capital Berlim ; a *Polonia* capital Cracovia ; e finalmente a *Suissa* que tem por cidade principal Genebra, mas que se compõe de diversos cantões governados como republica. E'um paiz cheio de montanhas altissimas entre as quaes estendem-se bellas planicies, lagos immensos, e rios que formando cachoeiras e cascatas despenham-se de altas geleiras. Assim a Suissa é o sitio predilecto de innumerous viajantes que veem de todas as partes do mundo visital-a.

D. LUIZA. — Muito bem, Noemia. Comprehendestes bem, meninas ?

LILI. — En não sei o que é uma republica.

D. LUIZA. — E'um Estado governado por varias pessoas eleitas pela nação, ao passo que um Estado governado por uma só, chama-se monarchia. Noemia não esqueceste nada ? Parece-me que não nos fallaste da Saboia ?

NOEMIA. — Com effeito, esqueci-me de dizer-vos que este paiz, tambem cheio de montanhas cujos picos estão sempre cobertos de neve, e onde ha geleiras como na Suissa, tem por capital Chambery e pertencia outrora ao rei da Sardenha que, tornando-se rei da Italia, cedeu-a á França.

D. LUIZA. — Adeus meninas ; estudai bem as lições que por meu lado procurarei um bello conto para a proxima vez.



## DIALOGO ONZE

### NONO DIA

SYLVIA. — Vou contar uma linda historia D. Luiza. Não é um conto, porque isso se deu em Paris com uma pessoa das relações de mamãe e que lhe escreveu hontem uma carta na qual lhe refere o occorrido.

D. LUIZA. — Teremos muito prazer em ouvir-te.

SYLVIA. — Durante a estada de mamãe em Paris, ella travou relações com uma senhora que tem uma filha chamada Julia. Esta menina é a melhor creatura

do mundo. Nunca fez mal a ninguém, mem mesmo aos animaes, e fica zangada quando vê matar uma mosca. Um dia, passeiando, vio um cãesinho com uma corda amarrada ao pescoço puxado por uns meninos, que queriam atirál-o ao rio. O pobre cão era muito feio e estava todo enlameado. Julia teve dó delle e disse aos meninos : « Dar-vos-hei uma prata, si quizerdes me dar este cão ; » sua criada, disse-lhe. « Que quereis fazer d'elle ? é tão feio ! — E' verdade disse Julia, mas é infeliz ; si eu o abandonar, ninguem terá compaixão d'elle ». Mandou lavar o cão e pôl-o no seu carro. Voltando á casa todos caçoaram d'ella ; isto porem não a impedio de conservar o cão durante trez annos já. Ha uns oito dias, estava deitada e prestes a adormecer, quando o cão saltou em cima da cama e pôz-se a puxar a manga da sua camisa, latindo tanto que a despertou inteiramente. Como tinha uma lampada no seu quarto, notou que o cão emquanto latia, olhava para debaixo da cama. Julia amedrontada, correu a abrir a porta, chamou os criados, que por felicidade ainda não se tinham deitado. Estes accorreram ao chamado e encontraram occulto debaixo da cama um ladrão armado de um punhal, que confessou a sua intenção de matar a menina para roubar-lhe os diamantes. De modo que o pobre cão de Julia salvou-lhe a vida.

D. LUIZA. — Tinhas razão de dizer-nos que a tua historia era bonita. E indubitavel que a piedade, mesmo para com os animaes é prova evidente de um bom coração ; aprecio muito o modo de pensar da tua Julia : *Este cão nao é, bello mas é desgraçado.* Todos os infelizes se tornam dignos de compaixão, para uma pessoa de

bom character : é por este motivo que as gentes honradas e bôas tratam com brandura os famulos e os operarios.

MARIA. — E estas pessoas são infelizes, D. Luiza ?

D. LUIZA. — Não querida, amiga, não se é infeliz por procurar ganhar honestamente a vida, mas ha certas circumstancias que podem tornar essa situação penosa : por exemplo-tua dama de companhia tinha outrora criados ; ella ordenava e elles obedeciam ; mas tendo empobrecido, é ella que deve obedecer aos outros. Bem comprehendes quanto isto lhe deve custar. Em geral, os criados não são infelizes, quando teem bons senhores, mas se reprehendem-n'os a tóa, si desprezam-n'os, si lhes fallam asperamente, elles dizem no seu intimo : Como sou digno de lastima, por ser forçado, devido a pobreza, a servir a pessoas tão más, que me maltratam que me fallam como a um escravo, apesar de não serem mais do que eu. Os melhores patrões teem as vezes caprichos que tornam os famulos infelizes ; devemos pois observar bem a nossa conducta. Além disso cara Maria esta pobre gente soffre já bastante. Teu lacaio, teu cocheiro estão na rua expostos á chuva, ao vento, ao frio, ao passo que tu estás no teu carro bem aquecida, ou no baile, no theatro etc. Como nós, elles teem tambem pezares, seria pois muita crueldade causar-lhes novos dissabores. O mesmo acontece com todos aquelles que são obrigados a trabalhar para ganhar a vida ; é preciso abstermo-nos de tornal-os desgraçados. Por exemplo, mandas vir um operario, e quando elle chega, tu o fazes esperar duas horas, ou então mandas dizer-lhe que volte outra hora, pois agora não lhe podes fallar ; não te lembras

isso, porque minha dama de companhia ralha commigo quando eu lhes fallo.

D. LUIZA. — E tem razão querida Sylvia. Devemos ser justas e bôas com os criados, mas não familiarisarmos-nos com elles pois assim nos faltariam com o respeito.

CARLOTA. — O que significa familiarisar-se com os criados ?

D. LUIZA. — Significa fallar-lhes sem necessidade, rir, brincar com elles, pedir-lhes noticias de tudo, contar-lhes o que se faz.

LILI. — Mamãi faz tudo o que acabais de dizer com sua criada de quarto ; conta-lhe tudo o que faz, e essa mulher reprehende-a algumas vezes como si ella fosse uma creança.

D. LUIZA. — Primeiramente cara Lili, nunca debes relatar o que faz tua mamãi, mórmente quando achas que não é bem feito. Segundo, tua mãi tem razão de proceder assim. Ha vinte annos tem essa criada, sabe que ella a adora mais que tudo no mundo, e que recusou ir morar em companhia de outras senhoras que lhe pagavam muito mais. Quando tua mãi está doente



essa pobre mulher não se quer deitar, ficando a velar. Além d'isso ella sabe que é uma bôa créatura que sempre lhe deu bons conselhos e nunca a adulou. Quando temos a felicidade de ter um tal servo, devemos considerá-lo um amigo, e perdoar-lhe a liberdade que elle se permite, reprehendendo-nos algumas vezes, porque sabemos que é por affeição e para nosso bem ; mas, criados desta especie, são rarissimos : assim podemos dizer, geralmente fallando que é prejudicial familiarisarmo-nos com elles. Mas ia-me esquecendo uma historia muito interessante que li hontem com Noemia. Foi relatada por uma testemunha ocular, e esta narração de um auctor latino, traduzida por um dos melhores escriptores do seculo decimo sexto, vos fará conhecer o francez que se fallava ha cerca de duzentos e noventa annos. Sómente, para que a possais comprehender melhor, ao copiar para vós essa historia, Noemia substituiu a orthographia antiga pelo nosso modo de escrever actual. Lê Noemia.

NOEMIA. — « Um dia », diz Appio...

D. LUIZA. — E' o nome do auctor latino que traduzio Montaigne. Adiante.

NOEMIA. — Um dia em que se proporcionava ao povo Romano o prazer de assistir a um combate de varios animaes extraordinarios, principalmente de leões de tamanho desmarcado, havia um dentre todos, que pelo seu ar enfurecido, pela força e grossura de seus membros e pelo rugido poderoso e tremendo, attrahia sobre si os olhares de toda a assistencia. Entre os escravos apresentados ao povo, e destinados ao combate achava-se um chamado *Androdus* ou *Androcles*, de

Dacia, pertencente a um fidalgo romano. O leão ao avistal-o, parou subitamente como que extasiado, depois aproximou-se devagar de uma maneira indolente e tranquilla, como para travar conhecimento com elle. Feito isto, tendo-se certificado do que queria, principiou a agitar a cauda á moda dos cães quando querem fazer festa aos senhores, e a lamber as mãos e os



pés do pobre desgraçado, transido de medo. Cobrando animo diante da mansidão do leão, Androcles ponde fital-o e reconhecel-o. Deu-se então uma scena commovente : o homem e o animal afagavam-se e acariciavam-se mutuamente. A vista disto o povo soltou exclamações de alegria, o imperador mandou vir á sua presença o escravo querendo saber d'elle proprio qual a causa de um tão estranho acontecimento. Androcles fez a seguinte narração :

« Meu senhor, disse elle, proconsul na Africa, forçou-me pela crueldade e rigor, com que me tratava, fazendo-me espancar quotidianamente, a fugir e occultar-me d'elle. Para esconder-me de um personagem de tão grande autoridade na provincia, lembrei-me que o melhor era ganhar os desertos e as aridas e inhospitas regiões desse paiz, decidido, si me faltassem os meios de subsistencia, a procurar por qualquer modo, matar-me eu proprio. Perto de meio-dia o sol estando abrasador e o calor insupportavel, abriguei-me numa caverna occulta e inaccessible. D'ahi a pouco appareceu este leão com a pata ensanguentada e ferida, gemendo muito devido as dôres que com certeza sentia. A sua chegada, tive um medo horrivel; elle porem, vendo-me acororado num canto da tóca, aproximou-se devagarinho, apresentando-me a pata ferida, mostrando-m'a como para pedir soccorro: tirei então um enorme espinho e já mais acostumado com elle, apertei a pata de modo a sahir a terra e ciscos que estavam dentro da ferida, limpei-a e enxuguei-a o melhor que pude. Elle sentindo-se melhor e mais alliviado da dôr pôz-se a descansar e adormeceu, sempre com a pata entre minhas mãos. Disto resultou que vivemos ambos nessa caverna durante trez annos inteiros alimentando-nos da mesma comida, porque dos animaes que elle matava na caça, trazia-me os melhores pedaços que eu á falta de fogo para cosinhal-os seccava ao sol e d'elles me alimentava. Por fim, aborrecido dessa vida brutal e selvagem um dia em que o leão foi, como de costume á caça, parti; e ao terceiro dia de viagem, fui surprehendido por soldados

que da Africa me trouxeram a esta cidade onde entregaram-me a meu senhor, que immediatamente me condemnou á morte e a ser devorado pelas feras. Ora a julgar pelo que vejo este leão foi apanhado pouco depois de mim, e agora quiz recompensar-me pelo bem que lhe fiz ». Eis a historia que Androcles contou ao imperador e pouco a pouco a todos os assistentes. A pedido dos espectadores, foi posto em liberdade, absolvido da condemnação e por ordem do povo recebeu como presente o leão. A partir dessa epocha diz Appio, viamos Androcles, puxando o leão por uma corda, passeiando pelas tavernas de Roma recebendo o dinheiro que lhe davam, o leão deixando-se cobrir des flôres que lhe atiravam e cada um dizer ao encontral-os : Eis o leão hospedeiro do homem ; eis o homem medico do leão ».

D. LUIZA. — Antes de conhecer vossa opinião sobre a moral da historia, desejava saber se comprehendestes todas as palavras.

*Todas juntas.* — Sim, perfeitamente.

D. LUIZA. — Que deduzes desta historia Sylvia ?

SYLVIA. — Que é muito interessante sobretudo contada por alguem que conheceu o homem e o leão. Acho tambem que o povo Romano mostrou-se mais justo e mais clemente do que o senhor do pobre escravo ao qual concedeu a liberdade e deu ainda o leão.

D. LUIZA. — Tens razão ; muitas vezes um bom exemplo actúa sobre os máos e dá-lhes vontade de se tornarem melhores. Aquellas creaturas vindas para ver estrangular e devorar um homem, ficaram de repente

envergonhados, e não quizeram se mostrar mais fe-  
rozes do que a propria fera.

CARLOTA. — Então os imperadores assistiam a morte  
dos criminosos D. Luiza;? Acho muita crueldade.

D. LUIZA. — E' verdade querida Maria ; porem o que  
ha de mais abominavel é que as damas e todos os fidal-  
gos romanos assistiam estes horriveis espectaculos.  
Eram como a opera ou a comedia. Divertiam-se tam-  
bem em ver combater homens aos quaes davam o  
nome de *gladiadores*, e que por dinheiro se dilaceravam.

MARIA. — Asseguro-vos D. Luiza que estou satis-  
feitissima por não ter nascido entre este povo. Um dia  
destes dous homens luctavam diante da nossa casa ; eu  
não quiz olhar, porem minha criada me disse que  
tinha prazer nisto porque jamais vira semelhante  
cousa : desde esta occasião deixei de estimal-a. Porque  
razão não se procura impedir o povo de brigar ?  
Si eu fosse rainha, mandaria prender todos os que  
assim procedessem.

NOEMIA. — E eu tambem, cara amiguinha ; porem,  
em vez de deterem-n'os, incitam-n'os. Ha poucos dias,  
tendo sahido, vi um homem morder o braço de seu ca-  
marada como si este fosse um cão : eu, do carro, onde  
estava puz-me a gritar com todas as forças, e a censu-  
rar todos os que alli se achavam, por não impedirem  
aquelles dous homens de se baterem.

D. LUIZA. — Tendes muita razão em detestar estas  
scenas. E'tarde porem, vamos ás historias. Começa  
Lili.

LILI. — Como sabeis, Jacob tinha muitos filhos e  
innumerados criados ; ora, faltando-lhe trigo para fazer

pão e sabendo que no Egypto havia á venda, disse a seus filhos : « Ide ao Egypto e comprai o trigo necessario para que não venhamos a morrer de fome ». Os dez irmãos de José puzeram-se á caminho, conservando Jacob, junto a si, o pequeno Benjamim. Uma vez na presença de José, seus irmãos não o reconheceram, o que não succedeu a este ultimo, que, fingindo-se encolerizado, lhes disse : « Sois uns espiões, viestes a este paiz para trahir o rei ». Curvando-se humildemente diante d'elle os irmãos lhe responderam : « Senhor, não somos espiões, somos todos irmãos, filhos do mesmo pai ; ha ainda um irmão que ficou em casa, e outro que é morto ha muito tempo.

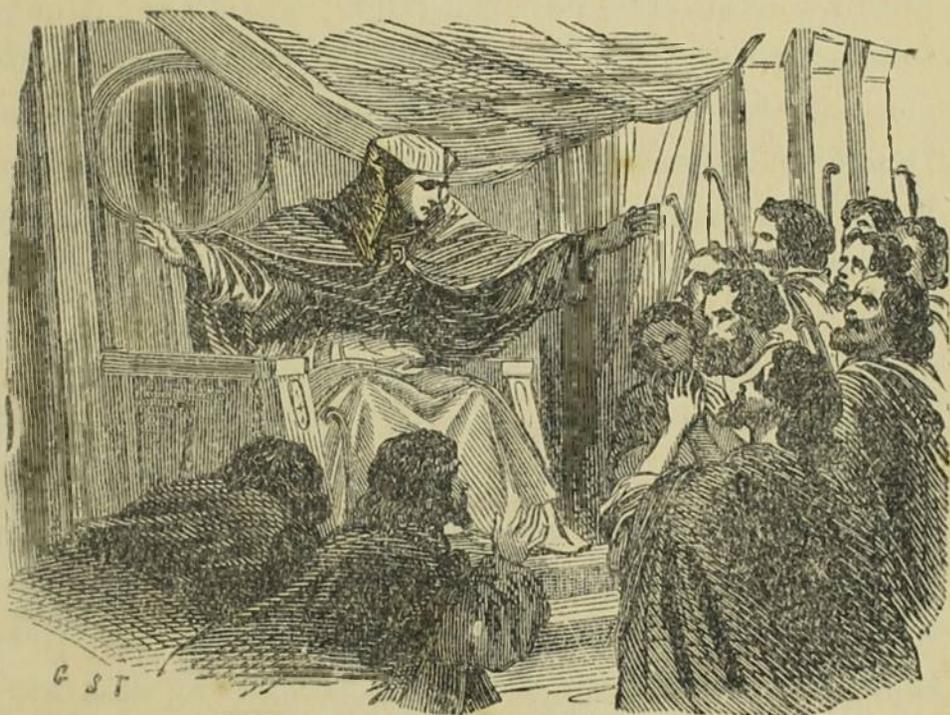
— Sois uns mentirosos, disse-lhes José, não acreditarei no que dizeis se não trouxerdes á minha presença o vosso irmão mais moço ». Então seus irmãos que não o reconhecendo suppunham que elle não comprehendia a lingua que fallava, commentaram entre si : « Deus nos castiga agora porque matamos nosso irmão José que nos supplicava tivéssemos piedade d'elle ». José, não tendo esquecido a sua lingua comprehendeu-os perfeitamente : « Tornai a casa de vosso pai, continuou elle, e trazei-me o pequeno Benjamim ; guardarei um de vós como prisioneiro, e se não voltardes fal-o-hei morrer ». Os nove filhos de Jacob voltaram para sua terra, ficando muito admirados por encontrarem nos saccos de trigo o dinheiro que tinham dado para pagallo, e que José ordenara fosse posto nos saccos. Entretanto contaram a Jacob que mesmo assim não queria deixar partir Benjamim. No emtanto acabado o trigo era forçoso voltar ao Egypto ; Judas o mais

velho garantio-lhe que se responsabilisava por seu irmão mais moço ; diante disto Jacob consentio na sua partida.

D. LUIZA. — Continua Maria.

MARIA. — Ao ver Benjamim, filho como elle de Rachel, José ficou muito contente. Pondo Simeão em liberdade, deu ordem a seu intendente que conduzisse os estrangeiros a seu palacio pois queria jantar com elles. Ouvindo isto, muito receiosos elles disseram ao intendente : Não sabemos o que se passou, mas, o facto é que encontramos dentro dos saccos o dinheiro que tinhamos pago pelo trigo da vez passada ». O intendente replicou : « Tranquillisai-vos, recebi o dinheiro ; nada vos reclamo ». Chegando José, perguntou-lhes como passava Jacob, e ao ver seu irmão Benjamim, as lagrimas vieram-lhe aos olhos, forçando-o a se retirar durante um instante. Em seguida puzeram-se á meza ; a Benjamim foi servido um quinhão cinco vezes maior que o dos outros. No dia seguinte José ordenou ao intendente que lhes dêsse trigo : mas ao mesmo tempo disse-lhes que escondesse no sacco de Benjamim uma bella taça de ouro da qual se servira na vespera. Já um tanto longe os filhos de Jacob, o mordomo correu atraz d'elles dizendo-lhes : Sois uns ladrões, uns malvados : meu amo vos recebeu muito bem na sua casa, para recompensal-o lhe roubastes a sua taça ». Todos responderam : « Não praticamos semelhante acção ; e si encontrardes a taça entre nós, consentimos em ser escravos de vosso amo ». No mesmo memento despejaram os saccos, sendo a taça encontrada no de Benjamim. Voltaram logo ao pa-

lacio de José que lhes disse : « Não é justo que os innocentes paguem pelo culpado ; tornai a casa de vosso pai, e o ladrão ficará meu escravo ». Então Judá, lançando-se aos pés de José, lhe disse : Senhor, peço-vos não vos encolerisar ; permitti-me ficar vosso escravo, em lugar de Benjamim, porque si meu pai nos vir voltar sem elle morrerá de dôr ». José já não



podendo conter as lagrimas fez sahir os estranhos e disse a seus irmãos : Eu sou José vosso irmão, que vendestes ; nada rece eis, porem, eu vos perdô. Foi Deus que para aqui me trouxe para vossa salvação ». Pharaó ao saber que José tinha encontrado seus irmãos regosijou-se com elle e disse-lhe « Mandai buscar vosso pai ; quero que venha habitar no Egypto com sua familia, dar-lhe-hei a mais bella parte deste paiz para nella se estabelecer ». Em seguida José despedio-se de

seus irmãos ordenou-lhes que trouxesse seu pai, e depois de fazer-lhes muitos presentes sobretudo a Benjamim, fel-os partir.

D. LUIZA. — Continua Carlota.

CARLOTA. — Chegando ao seu paiz, os filhos de Jacob lhe disseram : « Alegrai-vos, vosso filho José vive ainda e é senhor de todo o Egypto ». Jacob custou muito a acreditar n'essa bôa nova ; mas ao ver os presentes, deu graças a Deus chorando de alegria e partio com sua familia para tornar a ver seu filho querido. Depois de o ter abraçado, José apresentou-o ao rei, que lhe perguntou a sua idade. « Tenho cento e trinta annos respondeu Jacob, e os meus dias teem sido curtos e máos ». Pharaó deu a Jacob e seus filhos um bello paiz, onde havia capim em abundancia para os rebanhos e onde Jacob viveu ainda muitos annos. Antes de morrer predisse a seus filhos tudo o que lhes aconteceria, garantindo a Judá, que seria rei e que o sceptro jamais sahiria da sua geração. Depois de morto transportaram-n'o para o tumulo de seus pais, pois tinha supplicado a José que lhe concedesse essa alegria. José viveu muitos annos, e, como Deus lhe revelára que os descendentes de Jacob denominados Israelitas, sahiriam um dia do Egypto, elle exigio de seus filhos, a promessa de levarem seus ossos para juntal-os aos de seu pai, Jacob.

SYLVIA. — Na verdade, não pude deixar de chorar ao ouvir esta historia ! José tinha realmente um bom coração, pois fez tanto bem a seus irmãos que no emtanto o tinham tratado tão cruelmente.

D. LUIZA. — Após a morte de Jacob, seus irmãos re-

ceiaram que elle se vingasse ; José porem tranquillizou-os dizendo-lhes que a sua escravidão succedera pela vontade de Deus, e que portanto lhes perdoava de todo coração.

• NOEMIA. — Pela minha parte admiro a sabedoria de Deus que se serve da maldade dos homens para realizar os seus designios. Quem não teria considerado José muito infeliz por ter tão máos irmãos, ter sido vendido como um escravo, ter sido accusado pela mulher de Putiphar e finalmente preso ?

Entretanto si todas essas desgraças não lhe tivessem succedido, não teria tido a gloria de salvar o Egypto, sua familia, nem o prazer de perdoar a seus irmãos.

CARLOTA. — É então um prazer perdoar áquelles que nos fizeram tanto mal ?

D. LUIZA. — Sim querida menina ; é um dos maiores prazeres que se póde ter no mundo ; julga tu mesma. Supponhamos que estás furiosa commigo, que me insultas, me roubas meu dinheiro, me furas os olhos, e que depois de me teres feito tanto mal, eu te encontro no matto, prestes a morrer de fome, e te dou de comer : não é verdade que dirias : Realmente fui muito malvađa, fazendo tanto mal a uma pessoa tão bôa ?

CARLOTA. — Só de vos ouvir fallar assim tenho vontade de chorar. Asseguro-vos que me arrependeria immensamente do mal que vos tivesse feito, vos pediria perdão e procuraria fazer-vos tanto bem, que esquecerieis toda a minha maldade.

D. LUIZA. — Não vês como eu ficaria contente por ver que te tornavas bôa ? Isto me causaria muito

mais prazer do que todo o mal que eu te fizesse para vingar-me.

SYLVIA. — Mas, si em vez de vos agradecer o pão que lhe tivésseis dado, Carlota procurasse novamente fazer-vos mal, não teríeis o prazer de vel-a tornar-se bôa.

CARLOTA. — Asseguro-te Sylvia que não sou tão má como pensas, e que jamais farei mal a D. Luiza que é tão bôa para mim.

SYLVIA, *abraçando-a*. — Bem o sei querida amiga ; e o que acabo de dizer é apenas uma hypothese.

D. LUIZA. — Imaginai que Carlota ou qualquer outra continuasse a ser má depois que eu lhe pagasse o mal com o bem, restar-me-hia ainda o prazer de estar satisfeita commigo propria por ter feito meu dever. Este é o maior prazer que podemos ter, do qual nossos inimigos não nos podem privar.

NOEMIA. — D. Luiza, permiti-me contar uma historia que me lembrei neste momento.

D. LUIZA. — Com todo prazer, cara Noemia.

NOEMIA. — Havia um homem, chamado Lycurgo que dictava leis na cidade de Sparta. Estas leis não agradavam a um moço que não gostava de Lycurgo e que por isso deu-lhe uma paulada e vasou-lhe o olho. O povo de Sparta disse ao legislador : Aqui tendes este mão repaz, castigai-o como bem vos aprouver. — Acceito, disse Lycurgo, hei de punil-o de uma maneira que causará admiração a todos, Tomou pois o rapaz, levou-o para sua casa e tratou-o como si fosse seu filho, provando-lhe assim todos os dias o prazer que sentia em perdoar, em ser clemente e bom. O rapaz ficou tão

commovido de ver a bondade de Lycurgo, que resolveu tornar-se tão bom como elle si possível fosse ; e, realmente todos ficaram admirados da vingança de Lycurgo. Porem o rapaz disse ao povo : « Elle castigou-me mais severamente do que pensais : si me tivesse feito morrer de fome, eu teria soffrido apenas durante um momento, ao passo que assim soffrerei toda minha vida, arrependido por lhe ter vasado o olho ».

D. LUIZA. — Esta historia é muito bonita e a constate muito bem. Digamos alguma cousa sobre a geographia ; já é tarde. Prometti ensinar-vos os nomes dos paizes que ficam ao sul da Europa. Ha cinco principaes que são : ao sudoeste Portugal ; a leste de Portugal está a Hespanha ; ao sul e a leste da Hespanha ha um grande mar chamado *Mediterraneo* ; e, depois de atravessar este mar, encontramos a Italia que tem a forma de uma bóta. A leste da Italia, está a Turquia da Europa e ao sul da Turquia o reino da Grecia e as ilhas Jonias que d'ella fazem parte. A capital de Portugal chama-se Lisbôa, a da Hespanha, Madrid, a da Italia, Roma, a da Turquia, Constantinopla e a da Grecia, Athenas.

MARIA. — Noemia disse uma palavra que eu ignoro. O que quer dizer legislador ?

D. LUIZA. — Legislador, quer dizer um homem que dicta leis. Como Lycurgo dictou leis na cidade de Sparta, chamam-n'o legislador.



## DIALOGO DOZE

### DECIMO DIA

CARLOTA. — D. Luiza, encontrei num livro tudo que dissestes sobre a geographia, e muitas outras cousas que decorei.

D. LUIZA. — Fizeste muito bem, mas vejamos o que aprendeste.

CARLOTA. — Aprendi a viajar em todos os mares da Europa, passando pelos estreitos. Primeiro tomo o vapor num mar que se acha a leste da Europa e que se chama o mar d'Azof ou d'Azov. D'ahi saio pelo es-

treito de Caffa ou Kertch e entro no mar Negro. Deste, dirijo-me pelo estreito de Constantinopla, ao mar de Marmara, e d'ahi entro no mar Mediterraneo, pelo estreito de Dardanellos. Entre a Italia e a Sicilia, encontro o estreito de Messina. Entre as ilhas de Corsega e de Sardenha, que se acham tambem no Mediterraneo, ha o estreito de Bonifacio. Pelo de Gibraltar saio do mar Mediterraneo e entro no Oceano Atlantico. Entre a França e a Inglaterra, ha o mar da Mancha ou canal Britannico, de onde vou ter ao Passo de Calais, tambem chamado estreito de Douvres ; em seguida ao mar do Norte ou da Allemanha, e finalmente pelo Sund entro no mar Baltico.

D. LUIZA. — Descansa querida Carlota, pois fizeste uma longa viagem.

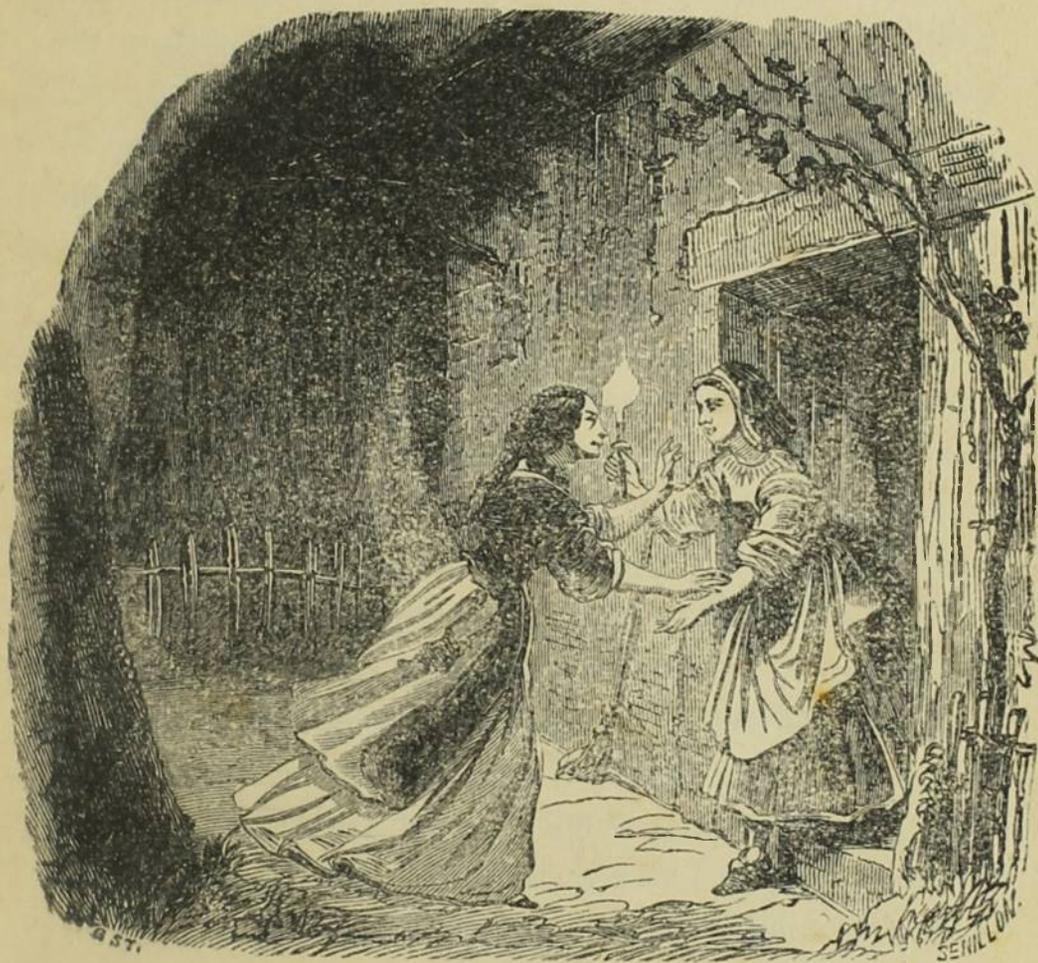
CARLOTA. — Nem por isso estou cansada. Da proxima vez aprenderei os nomes de todas as montanhas e golfos da Europa.

D. LUIZA. — E farás muito bem. Para recompensarte vou contar-te um lindo conto.

Havia uma senhora que tinha duas filhas : a mais velha chamada *Aurora*, era bella como o dia e dotada de um bom character. A segunda, que se chamava *Amada* era tão bella como sua irmã, porem era maliciosa, e só empregava a intelligencia em fazer mal. A mãe, que tambem fôra bella, começava a envelhecer o que lhe causava grande pezar. Aurora tinha dezeseis annos, e Amada, apenas doze ; deste modo, a mãe receiando parecer velha, abandonou o paiz onde todos a conheciam, mandou sua filha mais velha para o campo, não querendo que se soubesse que tinha uma

filha d'aquella idade, e conservando junto a si a mais moça, retirou-se para outra cidade, onde fazia constar a todos que Amada tinha apenas dez annos e que viera ao mundo antes d'ella completar os quinze. No emtanto, temendo que viessem a descobrir o embuste, mandou Aurora para um paiz longinquo, e como esta tivesse se deitado em caminho para repousar e adormecesse, aquelle que a conduzia abandonou-a num grande bosque. Ao despertar, vendo-se só no meio do matto, a pobre Aurora pôz -se a chorar. Era quasi noite ; mesmo assim levantou-se e procurou sahir da floresta, mas em vez de acertar o caminho, embrenhou-se ainda mais. Por fim vio brilhar ao longe, muito longe uma luz, e encaminhando-se para aquelle lado foi dar numa casinha. Aurora bateu á porta ; uma pastora vindo abril-a perguntou-lhe o que desejava. « Bôa mulher respondeu a menina, peço-vcs me deixeis por caridade dormir em vossa casa, pois receio si ficar no matto, ser devorada pelos lôbos. — Da melhor vontade bella menina tornou a pastora ; mas dize-me porque motivo te achas aqui neste bosque assim tão tarde ? » Depois de relatar o occorrido Aurora acrescentou : Sou bem infeliz em ter uma mãi tão cruel ! melhor fôra ter morrido ao nascer do que viver para ser assim tão maltratada. Que fiz a Deus para ser tão desgraçada ? — Querida menina, replicou a pastora, nunca devemos murmurar contra Deus que é todopoderoso e que tanto nos ama ; se elle permittio essa infelicidade foi para teu bem. Confia nelle certa de que protege os bons, e compenetra-te de que as cousas desagradaveis que as vezes a estes succedem nem sempre

são infelicidades : fica em minha companhia, servir-te-hei de mãe e te amarei como se fôras minha filha ». Aurora accitou a proposta. No dia seguinte a pastora lhe disse : « Vou confiar-te um pequeno rebanho que



levarás a pastar, mas como receio que te aborreças aqui tens um fuso ; enquanto fiars te distrahirás. — Minha mãe respondeu Aurora, sou uma menina nobre, não sei trabalhar. — Leva então um livro, tornou a pastora. Não gosto de ler », disse ainda Aurora, corando por ter vergonha de confessar á fada que não sabia ler correntemente. No entanto foi preciso dizer a

verdade : contou pois á pastora, que quando creança nunca quizera aprender a ler, e que tornando-se grande faltara-lhe o tempo. « Tinhas então muito que fazer ? perguntou-lhe a pastora. — Sim, minha mãe, respondeu Aurora. Todas as manhãs ia passear com minhas amiguinhas ; á tarde fazia toilette, e á noite ficava no salão ou então ia á opera, á comedia ou ao baile. — Realmente, disse a pastora, tinhas grandes occupações e sem duvida não te aborrecias. — Enganai-vos, tornou Aurora. Apenas estava só durante um quarto de hora, o que me acontecia algumas vezes, aborrecia-me mortalmente ; mas, quando iam ao campo era peor ainda, e por isso passava o dia inteiro a vestir-me e a despir-me para distrahir-me. — Não te agradava então o campo ? perguntou a pastora. — Nem a cidade tão pouco, respondeu Aurora. Si eu jogava perdia o dinheiro ; si ia a uma festa, via minhas amigas mais bem vestidas do que eu, o que muito me entristecia ; si me achava num baile só cogitava de procurar descobrir defeitos nas que dansavam melhor do que eu ; emfim nunca passei um dia sem uma contrariedade. — « Então não te queixes mais da Providencia, disse-lhe a pastora, pois conduzindo-te a esta solidão, ella te poupou mais dissabores do que prazeres ; ainda não é tudo porém. Com o decorrer do tempo terias sido ainda mais infeliz, porque afinal, não ficamos moços eternamente ; o tempo dos bailes e dos theatros passa ; quando envelhecemos, e que apesar disto queremos frequentar a sociedade, os moços caçoam de nós : alem disto já não podemos dansar, nem ousamos enfeitar-nos ; de modo que só nos resta aborrecei-nos mortalmente e sermos

por esse motivo muito infelizes. — No emtanto, minha bôa mãe, tornou Aurora, a gente não póde estar sempre só ; o dia parece longo como um anno, quando não se tem uma companheira. — Não sou dessa opinião, replicou a pastora, pois isolada como vivo, os annos me parecem curtos como dias : si quizeres ensinar-te-hei o segredo de nunca te aborreceres. — Aceito com o maior prazer, respondeu Aurora : ordenai o que julgardes conveniente, obedecer-vos-hei cegamente ».

Aproveitando da bôa vontade da menina, a pastora escreveu num papel tudo quanto ella devia fazer. O dia dividia-se entre a oração-a leitura, o trabalho e os passeios. Não havendo relógio na floresta, Aurora não estava a par das horas, porem a pastora lh'as indicava pelo sol. Pouco tempo depois chamou Aurora para almoçar. « Minha mãe, disse-lhe esta, almoçais muito cedo ; ainda ha pouco nos levantamos. — No emtanto são duas horas respondeu rindo a pastora, e estamos acordadas desde cinco. O tempo vôa quando o empregamos utilmente não permittindo que nos aborreçamos ». Satisfeita por se ver livre do tédio, Aurora dedicou-se de todo coração ao estudo e ao trabalho, achando-se muito mais feliz com suas occupações campestres do que na cidade. « Agora vejo, dizia ella, que tudo quanto Deus faz é bom. Si minha mãe não tivesse sido injusta e cruel para comigo, teria me conservado ignorante, e a vaidade, a ociosidade, o desejo de agradar, me teriam tornado má e desgraçada ».

Havia um anno que Aurora vivia em casa da pastora,

quando o irmão do rei veio caçar no campo onde ella apascentava os rebanhos. Esse homem chamava-se *Ingenuo* e era o melhor principe do mundo ; mas o rei, seu irmão que se chamava *Malicioso* não se lhe assemelhava, pois seu unico prazer era enganar os vizinhos e maltratar seus subditos. *Ingenuo* encantado pela belleza de *Aurora*, disse-lhe que se julgaria muito feliz si ella consentisse em desposal-o. Esta achou-o muito amavel, porem sabendo que uma moça bem comportada não presta attenção aos homens que lhe dizem semelhantes cousas, respondeu-lhe. « Senhor, si o que acaba de ouvir é verdade, ide ter com minha mãe que é pastora e mora n'aquella casinha que vêdes além : si ella consentir em que sejais meu marido, eu tambem concordarei, pois é tão prudente e tão bôa que nunca lhe desobedecerei. Bella menina, retorquiu *Ingenuo*, irei com todo prazer pedir a vossa mão, mas não desejaria desposar-vos contra vossa vontade : si ella acceder, talvez isto vos contrarie, e eu preferiria antes morrer que vos causar um desgosto. — Só um homem honrado e de bon coração pensa deste modo, disse comsigo *Aurora*, e uma moça não pôde ser infeliz com um homem virtuoso ». O principe deixando-a foi ter com a pastora, que já o conhecia e portanto consentio com prazer no casamento : prometteu vir visital-as dentro de trez dias e depois de ter deixado um anel como garantia da sua promessa, partio contentissimo. *Aurora* por seu lado tinha pressa de regressar á casa : *Ingenuo* parecera-lhe tão bom, que a simples ideia de que aquella a quem dava o nome de mãe poderia tel-o recusado, a entristecia ; porém a pastora lhe disse :

« Não é porque Ingenuo é príncipe que consenti no vosso casamento, mas sim por ser o homem mais honesto do mundo ». A moça aguardava impaciente a volta do príncipe : entretanto, dois dias após sua par-



tida, quando reconduzia o rebanho, cahio num espinhal, com tanta infelicidade que ferio horrivelmente o rosto. No mesmo instante mirou-se num regato e teve medo de si propria pois o sangue corria de todas as partes. Como sou desgraçada, disse á pastora apenas

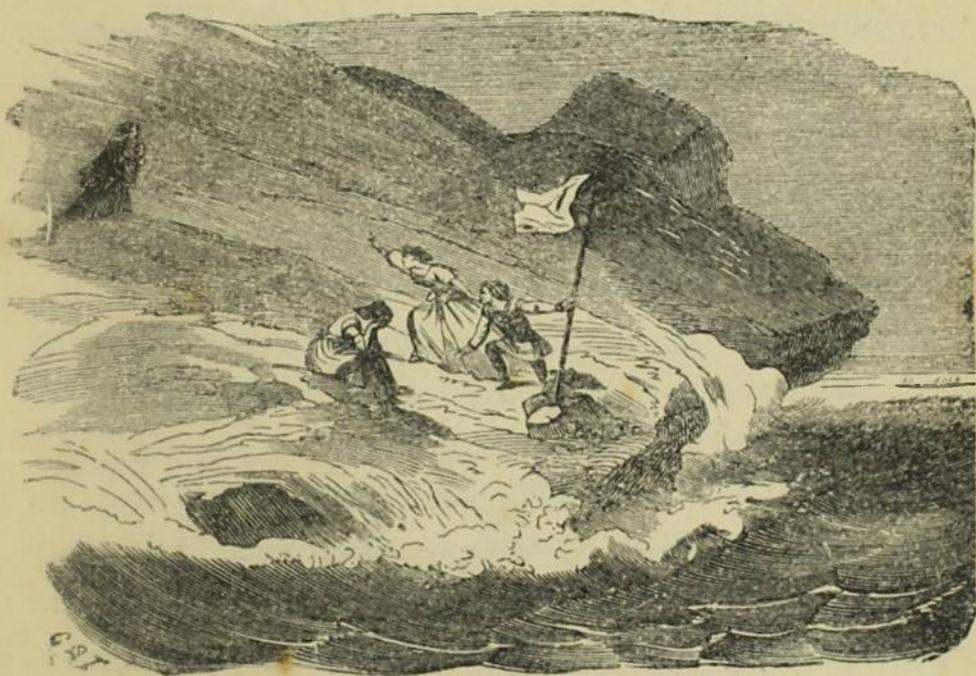
entrou em casa ; Ingenuo virá amanhã de manhã, e não mais me amará tão horrivel vai me encontrar ». A pastora respondeu sorrindo : « Si Deus permittio que cahisses foi sem duvida para teu bem, porque bem sabes que elle te ama e melhor do que tu sabe o que é bom ». Aurora reconheceu sua falta, pensando « Si o principe não me quizer desposar porque já não sou bonita, provavelmente seria infeliz na sua companhia ». A pastora lavou-lhe o rosto e tirou-lhe os espinhos enterrados na carne. No dia seguinte de manhã a moça estava horrorosa, pois com o resto horrivelmente inflammado só se lhe via os olhos.

As dez horas pouco mais ou menos parou um carro em frente da porta, mas em lugar de Ingenuo desceu o rei *Malicioso*. Um dos cortezãos que caçava com o principe, dissera ao rei que seu irmão encontrara a mais bella de todas as moças e que ia desposal-a. « Es muito audaz, pois queres casar-te sem meu consentimento disse o monarcha a seu irmão ; para punir-te desposarei essa moça, si de facto é bella como dizem ». Entrando em casa da pastora o rei purguntou-lhe onde estava sua filha ? « Eil-a, respondeu esta mostrando Aurora. — Como ! este monstro ? tornou elle ; não tendes outra, a qual meu irmão deu um anel ? — Eil-o no meu dedo », respondeu Aurora. Ouvindo estas palavras o rei deu uma enorme gargalhada, dizendo : « Não suppunha que meu irmão tivesse tão máo gosto, mas, estou contentissimo por poder castigal-o ». Na mesma hora ordenou que pousessem um véo na cabeça de Aurora, e tendo mandado buscar Ingenuo, disse-lhe : « Meu irmão, já que amas a bella Aurora quero que

a desposes immediatamente. — E eu não quero enganar ninguém disse esta arrancando o véo ; vêde meu rosto Ingenuo ! Nestes trez dias tornei-me horrivel assim, quereis-me ainda por vossa mulher ? — Agora mais que nunca, respondeu este, pois reconheço que sois ainda mais sincera e mais virtuosa do que eu suppunha ». No mesmo instante estendeu-lhe a mão. Malicioso ria a bom rir, ordenando logo que se casassem alli mesmo. Em seguida disse a Ingenuo : « Como detesto os monstros podes ficar com tua mulher nessa choupana, prohibo-te leval-a á côrte ». Subio immediatamente para o carro deixando Ingenuo delirante de alegria. « Então, ainda te julgas infeliz por teres cahido ? perguntou a pastora á moça. Sem este accidente o rei se teria apaixonado por ti, e si não quizesse desposal-o teria matado Ingenuo. — Tendes razão, bôa mãe, retorquio Aurora ; no emtanto estou feia de metter medo, e receio que o principe se arrependa de se ter casado commigo. — Asseguro-vos que não, replicou este ; a gente se habitua com uma pessoa feia, o que não succede com uma pessoa má. — Aprecio vossos sentimentos, disse a pastora ; Aurora tornará a ser bella ; tenho uma agua que ha de cural-a ». Effectivamente, ao cabo, de trez dias, o rosto da moça tornou-se como dantes, porem seu marido supplicou-lhe que usasse sempre o véo, receiando que seu irmão a raptasse si a visse. Malicioso desejando casar-se despachou varios pintores que lhe deviam trazer os retratos das mais bellas moças. Apaixonou-se pelo de Amada, irmã de Aurora, fel-a vir á côrte e desposou-a. Esta ficou muito assustada ao saber que sua irmã

tornara-se rainha ; não ousava mais sahir sabendo quanto ella era má e como a detestava. No fim de um anno Aurora teve um filho que recebeu o nome de *Bello-dia* ao qual amava extremosamente. Essa creança viva e intelligente era o encanto de seus pais. Um dia estando a brincar na frente da porta perto de sua mãe, esta adormeceu, e quando despertou já não o encontrou. Louca de dôr, gritou, chorou, percorrendo toda a floresta no intuito de descobri-lo. Debalde a pastora lhe ponderava que tudo que nos succede é para nosso bem, mesmo assim não se consolava ; no dia seguinte porem foi forçada a render-se á evidencia. Malicioso e sua mulher, furiosos por não terem filhos mandaram os soldados matarem seu sobrinho, e, como este não fosse encontrado, pozeram Ingenuo, sua mulher e a pastora numa barca que foi impellida ao alto mar, para que nunca mais se ouvisse fallar d'elles. Desta vez ainda Aurora julgou-se muito infeliz, porem a pastora repetia sempre que tudo quanto Deus faz é bom. O tempo estando bello, a barca vogou mansamente durante trez dias, aportando finalmente numa cidade situada á borda do mar. O rei desta cidade, estando em guerra, foi assaltado no dia seguinte pelos inimigos. Ingenuo, muito corajoso pedio-lhe algumas tropas, deu diversos ataques tendo a felicidade de repellir o inimigo que assediava a cidade. Morto o commandante os soldados debandados fugiram, e o rei não tendo herdeiros adoptou Ingenuo por seu filho testemunhando-lhe assim o seu reconhecimento. Quatro annos mais tarde soube-se que Malicioso morrera, desgostoso por se ter casado com uma mulher má. O povo que a odeava,

expulsou-a como indigna, mandando embaixadores offercerem a corôa a Ingenuo. Este embarcou com sua mulher e a pastora, mas, sobrevindo uma violenta tempestade, o navio despedaçou-se, sendo elles atirados a uma ilha deserta. Aurora muito resignada agora, devido a tudo que lhe tinha acontecido, pouco se affligio, pensando comsigo, que, si Deus permittira aquelle



naufragio era com certeza para seu bem : fincaram na praia uma vara á cuja ponta estava preso o avental branco da pastora, no intuito de avisar aos navios de passagem por alli, a desgraça que lhes succedera. Ao cahir da noite viram approximar-se uma mulher carregando uma creança. Apenas Aurora avistou-a reconheceu seu filho Bello-dia. Perguntou a mulher onde encontrara aquelle menino, esta respondeu-lhe que seu marido que era corsario o tinha roubado, e que naufraga-

gando perto d'aquella ilha, salvara-se com a creança, que tinha nos braços na occasião do desastre. Dois dias depois, os navios enviados á procura dos cadaveres de Ingenuo e de Aurora que se suppunha mortos, avistaram o panno branco e aportando á ilha recolheram o rei e sua familia trazendo-os ao reino. A partir d'aquella epocha qualquer que fosse o accidente que succedesse a Aurora ella não murmurava, sabendo por experiencia propria que as cousas por nós consideradas grandes desgraças, são muitas vezes a origem da nossa felicidade.

SYLVIA. — Asseguro-vos D. Luiza que me impacien-tei com as infelicidades de Aurora ; não podia persua-dir-me de que tudo aquillo fosse para seu bem.

CARLOTA. — E eu conheço agora o motivo que me faz achar os dias tão longos : é que sou uma grande preguiçosa que não gosta de trabalhar.

D. LUIZA. — Tens razão, o dia só é longo para os preguiçosos. Si não queres te aborrecer, debes ter como Aurora, um papel onde todas as horas do dia estejam empregadas utilmente : si quizerdes meninas, dar-vos-hei um pequeno horario que vos fará achar os dias muito curtos.

SYLVIA. — Com todo prazer.

*Todas juntas.* — Da melhor vontade o acceitamos.

D. LUIZA. — Pois bem, trataremos disto durante o chá . Emquanto esperamos Maria recitará a Historia Sagrada.

MARIA. — Os filhos de Jacob, chamados então *Israe-litas* tiveram numerosos filhos, do que resultou forma-rem uma grande geração. Muito tempo depois, outro

rei, tambem chamado Pharaó subio ao throno : José fallecera antes de seu nascimento. Esse malvado rei querendo exterminar os Israelitas forçou-os aos mais rudes trabalhos, empregando-os na construcção de cidades e dos immensos tumulos chamados Pyramides. Porem, quanto mais elles trabalhavam tanto mais robustos se tornavam e mais filhos tinham. Pharaó que só visava extinguil-os, ordenou que fossem lançados ao Nilo todos os meninos varões filhos de pais Israelitas. Uma mulher da tribu de Levi deu á luz um filho lindissimo, que conseguiu occultar durante o espaço de trez mezes. Mas receiando que viessem a descobri-lo, fez um cestinho de junco, calafetou-o com bitume, accommodou dentro o menino e levou-o ao Nilo incumbindo sua filha Maria de vigiar o que succederia. A filha de Pharaó veio banhar-se justamente n'aquelle logar, e vendo o cestinho mandou que uma de suas criadas o apanhasse. Ao ver o formoso menino, compadeceu-se d'elle e disse : « Quero salvá-lo ». Ouvindo estas palavras, Maria, appareceu e disse-lhe : « Senhora, se quizerdes irei buscar uma mulher para amamentá-lo ». Algum tempo depois voltou com sua mãe que se encarregou de criar o seu proprio filho a quem a princeza deu o nome de Moysés que significa *salvo das aguas*.

D. LUIZA. — Continua Carlota.

CARLOTA. — Quando Moysés cresceu a filha de Pharaó fel-o um dos grandes da cõrte, porem elle apezar das riquezas e dos prazeres não esqueceu os Israelitas, seus irmãos. Um dia vendo um d'elles maltratado por um Egypcio matou este ultimo que por sua vez tentava

matar o Israelita, e escondeu o cadaver na areia, crendo piamente que ninguem presenceara o seu acto. No dia seguinte encontrando dois Israelitas que se disputavam, disse-lhes : « Porque brigais;? Sois irmãos, deveis viver em paz ». Um d'elles respondeu-lhe então : « Que vcs importa isto ? não sois nosso juiz ; quereis tambem matar-me como matastes hontem aquelle Egypcio ? » Moysés crente de que todos ignoravam aquella morte, ficou assustadissimo, e sabendo que o rei queria mandar matal-o, fugio para outro paiz. Depois de ter andado muito, sentou-se para descansar, perto de um poço para onde se dirigiram tambem sete donzellas, todas irmãs, filhas de um homem chamado *Jethro*. Quando tiravam agua para dar de beber aos rebanhos, chegaram alguns pastores que tentaram expulsal-as d'aquelle logar ; Moysés porem as defendeu, e de regresso a casa ellas contaram ao pai o que se tinha passado : Jethro lhes disse então : « Porque não convidastes esse honrado moço para comer alguma cousa comnosco ? » e logo mandou buscar Moysés que mais tarde casou-se com uma de suas filhas, chamada *Sephora*.

D. LUIZA. — Continua Lili.

LILI. — Um dia, pastorando o gado de seu sogro, Moysés foi á montanha d'Horeb. Emquanto reunia os carneiros vio uma sarça em chammas, sem comtudo se consumir. Approximando-se para admirar aquella maravilha ouviu uma voz dizer-lhe : « Tira tuas sandalias pois a terra onde pisas é santa ». Então Moysés prostou-se por terra, e a voz continuou : « Sou o Deus de Abrahão de Isaac e de Jacob ; vi a afflicção de meu

povo que está no Egypto e quero livral-o ; ordeno-te que vás ter com Pharaó, dizendo-lhe que és mandado por mim. — Senhor disse Moysés, ignoro vosso nome, como pois poderei dizer-lh'o ? — *Sou aquelle que*



*sempre existio*, respondeu a voz. Vai ao Egypto e pede permissão ao rei para conduzir meu povo ao deserto, onde durante trez dias me offerecerá sacrificios. — Senhor, replicou Moysés, Pharaó não me acreditará e mandar-me-ha matar. — Eu serei comtigo, respondeu a voz, e te darei o poder de fazer milagres. Atira ao

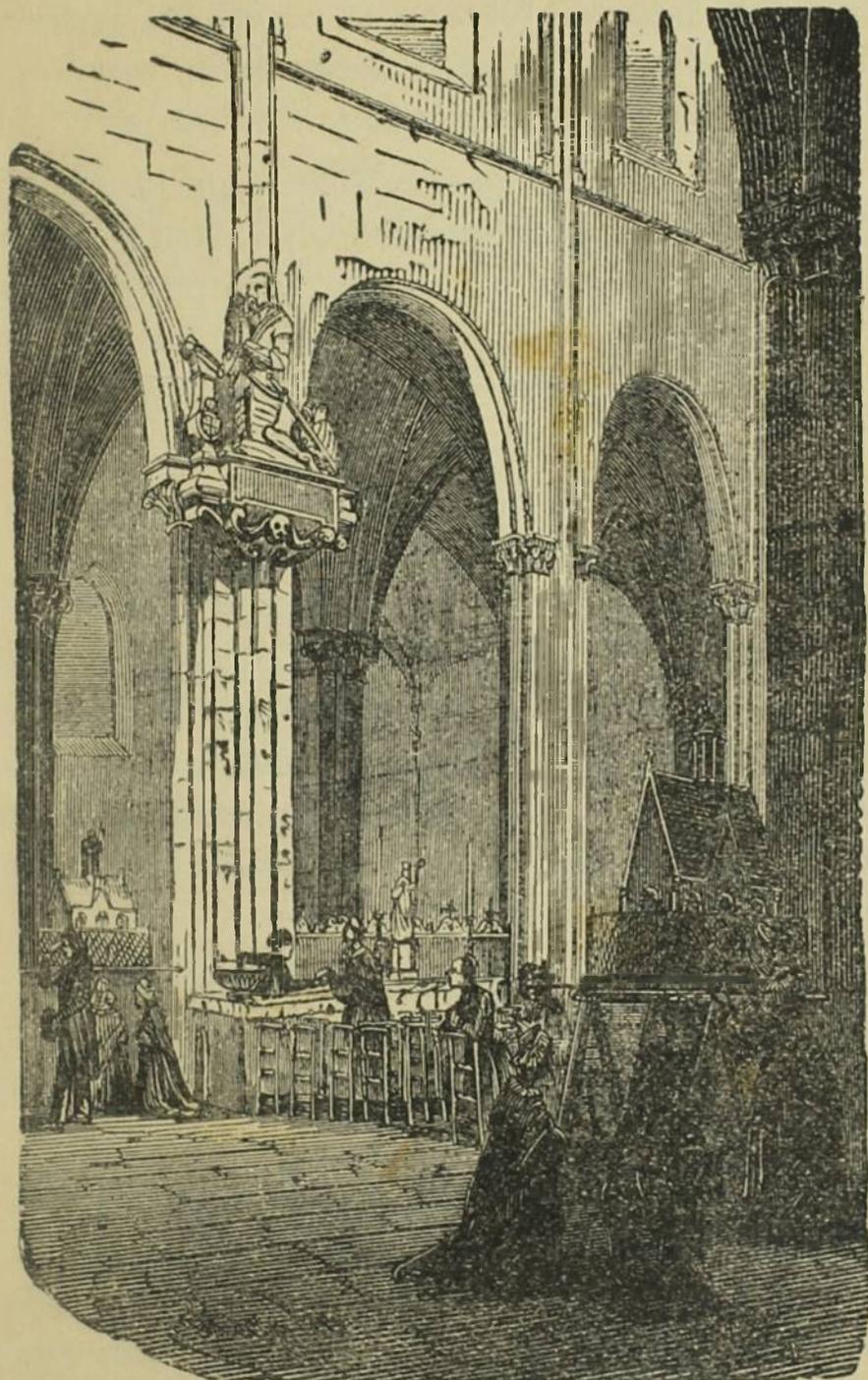
chão a varinha que tens na mão ». Moysés obedeceu, e esta transformou-se immediatamente em serpente. Amedrontado, porem, elle fugio, mas a voz lhe disse : Toma esta serpente pela cauda e no mesmo instante voltará ao seu primitivo estado ». Assim succedeu, entretanto Moysés ainda não estava convencido. A voz ordenou-lhe que pozesse a mão no seio, e no mesmo momento esta cobrio-se de lepra ; pondo a de novo no mesmo lugar, retirou-a completamente curada. Se bem que conhecendo por todos estes milagres que era o proprio Deus que lhe fallava, custava-lhe muito decidir-se a ir ter com Pharaó : Senhor, tornou elle, bem sabeis que não tenho eloquencia alem disso sou tartamudo e sempre tive muita difficuldade em fallar, mórmente depois que vos ouvi ». A voz respondeu -lhe : Quem fez a bocca do mudo e d'aquelle que falla ? não fui eu ? Vai, eu fallarei pela tua bocca ; além disso mandarei ao teu encontro, teu irmão Aarão que é bastante eloquente e te servirá de interprete ». Moysés desceu pois da montanha e voltou ao Egypto ; em caminho Aarão veio ao seu encontro, como Deus lh'o havia promettido.

SYLVIA. — Como esta passagem da Santa Escriptura é bella, D. Luiza ! Eu passaria a noite e o dia a ouvi-la.

NOEMIA. — Quando leio essas historias que as minhas amigas acabam de repetir, sinto-me possuida do maior respeito.

D. LUIZA. — Tens razão querida Noemia. Somos tão pequenos comparados a Deus, que nunca o nosso respeito será bastante na sua presença. Deus está em toda parte caras meninas, mas, muito particularmente nas igrejas e nos logares onde se faz oração. E'pois um

grande peccado faltar-lhe respeito nesses logares,



quer seja fallando, rindo, ou olhando para traz.  
E' tambem peccado fazermos nossas orações sem atten-

ção. O que dirieis si uma mulher do povo pedisse licença para fallar ao rei, e, uma vez na sua presença para pedir-lhe uma graça, voltasse-lhe as costas e si divertisse rindo ou conversando com os criados ?

MARIA. — Eu diria que era louca, e que tambem eu o sou algumas vezes, porque emquanto estou ajoelhada para fallar a Deus, viro a cabeça e não penso no que digo. Mas, quero corrigir-me, e, antes de fazer oração, pensarei durante alguns instantes que vou fallar a Deus.

D. LUIZA. — E'um excellente habito, o de pensar sempre na presença de Deus. Si nos tornamos más é porque o esquecemos. Si, antes de mentir, de encolerisar-nos de sermos gulosas, dissessemos : Vou commetter estas faltas diante de Deus ; elle me vê, odeia os máos, póde castigal-os, e vai talvez punir-me immediatamente ; si, como acabo de dizer, reflectissemos em tudo isto, não teriamos bastante coragem para commettel-as. Adeus, meninas, eu...

LILI. — D. Luiza, antes de retirar-vos, peço-vos para explicar-me uma palavra que desconheço. Disseram-nos que o pai de Moysés era da tribu de Levi ; o que significa *tribu* ?

D. LUIZA. — *Tribu* quez dizer *familia*. Como sabeis, Jacob tinha doze filhos, que formaram doze familias ou *tribus*. Vou cital-as : Ruben, Simeão, Levi, Judá, Issachar, Zabulon, Dan, Gab, Aser, Nephtali, José, Benjamin. Eram estas as doze tribus d'Israel, isto é, as doze familias descendentes de Jacob. Mas como este adoptou dous filhos de José, chamados Manassé e

Ephraïm estes formaram duas tribus menores ou familias que representaram a tribu de José. Eis o que desejavas saber, Maria. Mas, quando me interrompeste, ia dizer-vos que iremos passar o dia no campo depois de amanhã, e si quizerdes vir de manhã iremos todas juntas. Pedi licença a vossos pais e mandai-me dizer amanhã se devemos esperar-vos.

---

## DIALOGO TREZE

### DECIMO PRIMEIRO DIA

D. LUIZA. — Vou contar-vos, durante o trajecto, um lindo conto que li ha hias.

### OS TRES DESEJOS

#### *Conto*

Havia um homem, cuja fortuna não era muito grande, que se casou com uma mulher muito bonita. Por uma noite de inverno, sentados junto á lareira, conversavam sobre a felicidade de seus visinhos mais ricos do que elles. « Oh ! si me fosse dado ter tudo quanto desejasse, disse a mulher, seria mais feliz que toda esta gente. — E eu tambem, disse o marido ; queria que estivessemos no tempo das fadas e que houvesse uma tão bôa que me concedesse tudo que eu desejasse ». No mesmo instante appareceu-lhe uma bella dama que lhes disse : « Sou fada ; prometto conceder-vos as tres primeiras cousas que desejardes : mas, tomai cuidado, depois d'ellas nada mais vos concederei ». A fada desapareceu dei-

xando o homem e a mulher muito embaraçados. « Eu disse a mulher, si mandasse, bem sei o que desejaria. E' verdade que ainda não desejo ; parece porem que não ha nada melhor do que a gente ser rica bella e nobre. —



No emtanto tornou o marido, com todas estas cousas pode-se adoecer, passar dissabores e morrer moço : seria mais acertado desejar saúde felicidade e uma vida longa. — E de que serviria viver muito sendo pobre ? replicou a mulher ; só para se ser infeliz mais tempo. Na verdade, a fada devia ter promettido conceder-nos uma duzia de dons, porque tenho necessidade, pelo

menos de doze cousas. — E'exacto respondeu o marido, reflectamos com calma. Examinemos d'aqui até amanhã de manhã as trez cousas que nos são mais necessarias, em seguida as pediremos. — Hei de pensar nisso a noite inteira disse a mulher ; enquanto esperarmos, tratemos de aquecer-nos, pois está fazendo muito frio ». No mesmo instante tomou a tenaz e atçou o fogo : vendo as brazas muito accesas disse irreflectidamente : « Que bello fogo ! eu queria ter um bom pedaço de chouriço para o jantar ; poderíamos assal-o aqui muito facilmente ». Apenas acabou de pronunciar estas palavras, cahio da chaminé um enorme pedaço de chouriço. « Maldicta seja a gulosa com o seu chouriço ! bradou o marido ; eis ahi um bello desejo ! agora só nos resta duas cousas a desejar ; estou tão furioso que bem queria que o chouriço ficasse preso á ponta de teu nariz ». Na mesma hora o homem reconheceu que ainda era mais louco do que sua mulher, porque ao formular este segundo desejo o chouriço saltou ao nariz da pobre mulher, que não achava meio de arrancal-o. « Que desgraça, a minha ! exclamou : és um malvado, pois desejaste que este maldicto chouriço ficasse agarrado ao meu nariz. — Juro-te querida amiga que não me lembrava, respondeu o marido ; mas que havemos de fazer ? Vou desejar riquezas extraordinarias, e mandarei fazer um apparelho de ouro para occultares este malvado chouriço. — E'inutil, replicou a mulher, porque me mataria se devesse viver com isto no nariz : ouve-me, só nos resta uma cousa a desejar, deixa-me esse cuidado ou então atirar-me hei pela janella ». Dizendo estas palavras dirigio-se correndo

para o logar indicado, mas seu marido que a amava, gritou : « Não faças isto, querida mulher ! és livre de desejar o que quizeres. — Pois então, tornou esta, desejo ver-me livre deste chouriço ». Immediatamente o chouriço cahio-lhe do nariz e ella disse com muito espirito ao



marido : « A fada zombou de nós, com bastante razão. Talvez si fôssemos ricos, fôssemos mais infelizes do que assim. Acredita-me, querido amigo, não desejemos nada e acceitemos as cousas como aprouver a Deus nol-as enviar; enquanto isto comamos o chouriço unica cousa que nos resta dos nossos trez desejos ». O marido

concoirdou que sua mulher tinha razão : ceiaram pois alegremente não se preocupando mais do que tinham intenção de desejar.

NOEMIA. — Essa mulher queria pelo menos doze cousas, mas talvez de posse de todas ellas, fosse ainda mais infeliz. Por exemplo, si tivesse desejado um lauto jantar, seria preciso ter bastante appetite para fazer-lhe honra, e tambem moderação para não comer demasiado afim de não adoecer : eis trez desejos só para um jantar.

MARIA. — Si eu fosse livre de desejar alguma cousa, desejaria tornar-me de repente a menina mais sabia do mundo.

D. LUIZA. — Porem, queridinha, isto não bastaria ; seria preciso ainda desejares fazer um bom uso da tua sciencia, porque, não sendo assim, ella poderia tornar-te pedante, orgulhosa e má.

CARLOTA. — E eu desejaria ser a melhor de todas as meninas, porque, só com muito esforço tenho conseguido não ser tão má como dantes.

D. LUIZA. — Nada tenho a replicar ; teu desejo é perfeitamente justo, tendo tambem uma vantagem que por certo desconheces. Supponhamos que desejaesses ser bella, ou rica ; de balde o desejarias a tua vida inteira, nunca serias nem mais rica, nem mais bella. Os desejos deste genero de nada servem. Mas, apenas desejamos seriamente tornar-nos bôas e virtuosas, principiamos a sê-lo. Notai bem, queridas meninas, estas palavras : *Apenas desejamos seriamente* isto é, quando trabalhamos para o conseguir empregando os maiores esforços para esse fim, porque não ha ninguem, mesmo

entre as pessoas de peor indole, que não deseje tornar-se bôa e virtuosa de repente, comtanto que não tenha o menor trabalho. Dize-me Carlota, não é verdade que desejarias ser bôa repentinamente, para te livrares do trabalho de corrigir teus defeitos ?

CARLOTA. — Exactamente ; parece que advinhais ! Quando penso o quanto me ha de custar a tornar-me meiga e submissa, fico aterrorisada. Asseguro-vos que faço o possivel, apezar disto, a cada instante commetto uma falta ; tenho medo de nunca conseguir emendar-me.

D. LUIZA. — E'a preguiça que te causa esse receio. Lembra-te sempre que reparar nossas faltas é corrigir-nos. Si quizeses ir d'aqui a Kensington e cahisses a cada passo, certamente levarias muito tempo a fazer esse trajecto, mas afinal chegarias comtanto que de cada vez te levantasses. Si, pelo contrario, disseses : Ora, caio constantemente e custo muito a me levantar, portanto ficarei no chão ; por certo jamais chegarias. Assim acontece com o trajecto que percorremos para adquirir a virtude ; um dia havemos de chegar, desde que por preguiça não nos conservemos inactivos.

CARLOTA. — Eu não me julgava preguiçosa, D. Luiza : gosto de trabalhar, de estudar e decorar as lições, mórmente as de geographia. A proposito decorei uma bem grande.

D. LUIZA. — Pode-se ser preguiçosa mesmo gostando de trabalhar e estudar : ha uma preguiça de espirito, muito perigosa, porque aniquila a coragem. Vejamos o que aprendeste da geographia.

CARLOTA. — Aprendi os nomes de todas as monta-

nhas da Europa, dos principaes rios, peninsulas e isthmos.

D. LUIZA. — Falla-nos das montanhas e das peninsulas ; quanto aos rios deixaremos para aprendel-os quando fallarmos dos paizes que banham.

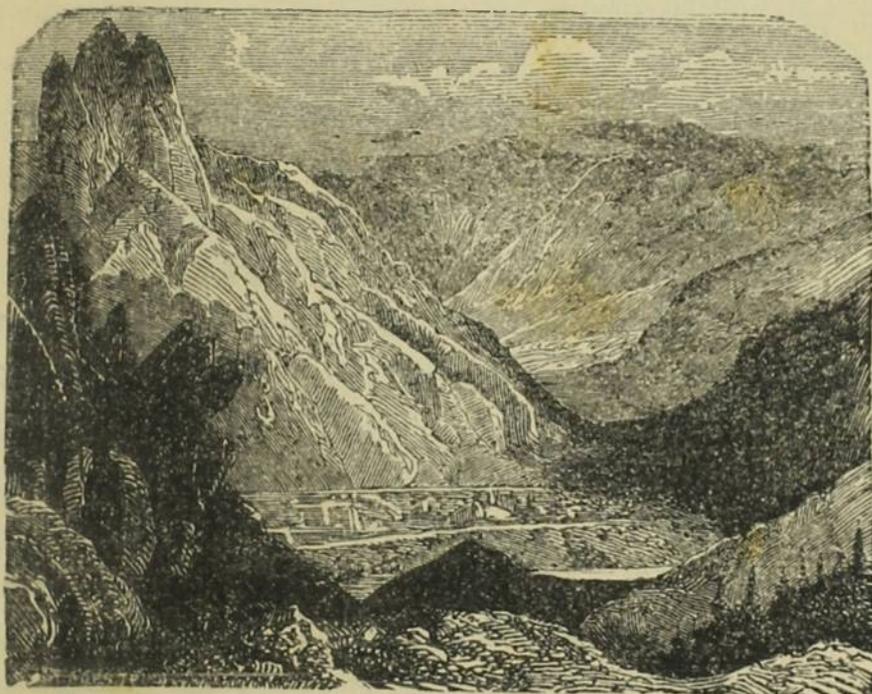
CARLOTA. — Ao norte da Grã-Bretanha temos os montes Grampians, e entre a Inglaterra e a Escossia o monte Cheviot ; entre a Suecia e a Noruega estão as montanhas Dofrinas ; os Pyrenêos separam a França da Hespanha ; entre a França, a Saboia e a Italia temos os Alpes ; os Apeninos atravessam a Italia, e na Hungria encontramos os montes Carpathos.

Duas das peninsulas da Europa são ligadas á terra firme por isthmos. A Morea que é uma d'ellas, fica ao sul da Europa na Grecia, e está ligada pelo isthmo de Corintho á Grecia septentrional. A outra chamada Criméa, acha-se ao norte do mar Negro e está ligada a Russia pelo isthmo de Perekop. Dizem que a Jutlandia, pertencente ao rei da Dinamarca, é tambem uma península.

D. LUIZA. — Coragem, querida Carlota, brevemente te tornarás um verdadeira geographa : vejamos agora se as outras sabem tão bem as historias. Começa Maria.

MARIA. — Moysés e Aarão foram ter com Pharaó, e lhe disseram : « Eis o que o senhor Deus d'Israel te manda dizer : Deixa ir o meu povo, afim de que me offereça um sacrificio ». Pharaó respondeu : « Não conheço o Deus d'Israel ». Mandando vir aquelles que faziam trabalhar os Israelitas, lhes disse : Augmentai o trabalho desse povo ; si o trabalho fosse sufficiente elle

não teria tempo de desejar ir para o deserto ». Os Israelitas viram-se pois sobrecarregados de trabalho, espancados e maltratados quando não acabavam a tarefa. Diante de tanta infelicidade disseram a Moysés : « Sois a causa da nossa desgraça : para que dissestes a Pharaó que nos deixasse ir para o deserto ? » Por sua vez Moysés disse ao Senhor : « Meus irmãos estão enco-



lerisados contra mim ». O Senhor respondeu-lhe : « Eu sou o Deus de Abrahão de Isaac e de Jacob. Darei aos Israelitas a terra de Chanaan, o mais fertil paiz do mundo ; volta novamente junto a Pharaó ; Aarão fará milagres na sua presença ». Voltaram elles outra vez a casa de Pharaó, e Aarão atirando ao chão a vara que trazia, esta transformcu-se em serpente. Os magos de Pharaó converteram tambem seus cajados em

serpentes que porem foram devoradas pela de Aarão. Este bateu com a vara nas aguas do Nilo que foram mudadas em sangue : essas aguas pestilentas fizeram morrer todos os peixes ; mas como os magos mudavam tambem as aguas em sangue, Pharaó não quiz deixar partir os Israelitas.

D. LUIZA. — Continua Lili.

LILI. — Deus ordenou depois a Aarão que estendesse sua vara, immediatamente appareceu no Egypto uma infinidade de rãs que subiam pelas paredes, pelas camas indo até mesmo no quarto do rei. Então Pharaó disse a Moysés : « Roga ao teu Deus que faça desaparecer estas rãs, e deixarei partir os Israelitas ». Moysés rogou a Deus e as rãs morreram ; mas depois Pharaó recusou-se a cumprir sua promessa. Então Deus mandou sobre o Egypto uma grande quantidade de insectos e de moscas, depois uma tremenda saraivada que dizimou homens e animaes. Cobrio tambem de ulceras toda a população, e a terra, de um espesso nevoeiro que ao meio-dia já não permittia se enxergar cousa alguma. Só no paiz dos Israelitas estas desgraças não aconteciam : apezar de tudo Pharaó não os deixava partir. Então Deus disse a Moysés : « Que cada familia de meu povo tome um cordeiro ou um cabrito, o immole no decimo quarto dia deste mez, e com o seu sangue tinja as suas portas. Em seguida todos deverão comer esta carne assada, com pão asmo e legumes amargos ; é preciso comerem tudo, e, si ficar algum pedaço, que seja queimado. Comereis de pé, ás pressas como quem vai de viagem, de cinta posta, pés, calçados, bastão na mão pois vou tirar-vos do Egypto. D'ahi em diante cele-

brareis todos os annos a epocha deste livramento, durante sete dias, comendo pão asmo. »

D. LUIZA. — Continua Carlota.

CARLOTA. — Conhecedores da vontade do Senhor, pela bocca de Moysés e de Aarão, os Israelitas fizeram tudo quanto lhes era ordenado. Nesta mesma noite Deus enviou um anjo que matou todos os primogenitos dos Egyptios desde o filho do rei até o do mais infimo escravo. Só as casas cujas portas estavam tintas do sangue dos cordeiros, foram poupadas. Então Pharaó e o seu povo depois de sentidos clamores disseram aos Israelitas : « Ide-vos embora o mais breve possivel e rogai a Deus por nós ». Apressaram-se em expulsal-os do paiz dizendo : « Si elles não partem, morreremos todos ». Os Israelitas em numero de seiscentos mil homens, sem contar as mulheres e as creanças, deixaram o Egypto. Deus recommendou-lhes que jamais deixassem de comer todos os annos aquelle cordeiro em commemoração daquella cerimonia. « E quando vossos filhos perguntarem : Que significa este sacrificio ? respondereis : E' o sacrificio da Paschoa, offerecido ao Senhor que passou por sobre as casas dos filhos d'Israel, e os poupando ferio o Egypto ». Deus prohibio tambem quebrar um só que fosse dos ossos do cordeiro e dal-o aos que não fossem Israelitas.

CARLOTA. — D. Luiza, peço-vos explicar-me o que é uma cerimonia.

D. LUIZA. — Ha varias especies de cerimonia caras meninas. Por exemplo, era preciso comer o cordeiro paschoal, de pé, em traje de viagem, com legumes amar-

gos e um bastão na mão ; o bastão, os legumes, a vestimenta, eram cerimoniaes.

NOEMIA. — Lembro-me de ter lido na Historia Sagrada que Deus ordenou aos Judeus offerecerem-lhe os primogenitos.

D. LUIZA. — Ia dizel-o ; não sómente offereciam-n'os como tambem davam-n'os ao Senhor. Depois disto os parentes eram obrigados a resgatal-os, dando em troca de seus filhos um cordeiro ou duas rôlas.

SYLVIA. — D. Luiza, eu sou a mais velha dos meus irmãos ; si tivesse nascido n'aquelle tempo ter-me-iam então offerecido ao Senhor ?

D. LUIZA. — Deves offerecer-te tu mesma, como as primicias da familia. Vamos jantar meninas, depois iremos passear no jardim.

---

## DIALOGO QUATORZE

### DECIMO SEGUNDO DIA

CARLOTA. — Esta noite não dormi durante uma hora sequer D. Luiza : deram-me uma figura e disseram-me que ao explicar-m'a me contarieis uma bella fabula ; estou anciosa por conhecê-la.

D. LUIZA. — Approxima-te Noemia, vem explicar esta figura.

CARLOTA. — Mas D. Luiza, si occultais os nomes, como quereis que ella os advinhe ?

D. LUIZA. — Para conhecê-los não tem necessidade de ler os nomes dos personagens aqui representados ; quando se sabe bem a historia e a fabula, advinha-se os assumptos dos quadros, das tapeçarias e das gravuras a ellas concernentes ; vais ver.

NOEMIA. — Este ancião e esta pobre mulher, trajando ambos roupas já muito usadas, são marido e mulher ; chamam-n'os Philemon e Baucis. Este homem enorme que tem um pato entre as pernas, é Jupiter denominado pelos pagãos, deus do céu, e este outro que está a seu lado, é seu filho Mercurio, embaixador dos deuses, protector dos negociantes e dos ladrões.

CARLOTA. — Mas, como podeste advinhar querida amiga ?

NOEMIA. — Creio que teria reconhecido facilmente estes pobres anciãos, mas, bastava o pato fugindo por entre as pernas de Jupiter para me fazer conhecer o assumpto ; si D. Luiza o permittir contar-vos-hei esta fabula, vereis então que não era difficil advinhar.



D. LUIZA. — Da melhor vontade minha boa Noemia.

NOEMIA. — Um dia Jupiter e Mercurio transformando-se em homens forão viajar. Chegando uma noite numa cidade pediram hospedagem por caridade, mais ninguem quiz acolhel-os. Depois de terem batido em todas as portas, avistaram uma pequena cabana coberta de palha e folhas seccas : o dono da casa, um pobre ancião, alli vivia em paz com sua mulher Baucis. Os deuses pediram-lhes agasalho por

aquella noite, encontrando o melhor acolhimento e bôa vontade da parte da pobre gente. Philemon mandou Baucis aquecer agua para lavar os pés dos estrangeiros ; e a bôa mulher para accender mais depressa o fogo, tirou algumas palhas das que cobriam a choupana, depois não tendo abano, soprou o fogo com a bocca. Uma vez quente a agua, Philemon tirou uma gamella que estava pendurada á parede e enquanto lavava os pés dos estrangeiros, Baucis esfregou um pouco de hortelã na mesa para tornal-a cheirosa, em seguida calçou-a com um pedaço de telha, porque um dos pés estava quebrado. Não havendo cadeiras, tornava-se mistér os hospedes sentarem-se num banco : para tornal-o menos duro a bôa mulher estendeu por cima um pedaço de velha tapeçaria, com o quai adornava a cama nos dias de festa ; foi tambem ao jardim trouxe alguns figos, um pouco de mel num caco de prato, e um pedaço de queijo. Sentaram-se todos á meza e Philemon pedio desculpa aos estrangeiros de recebê-los tão mal. De repente, lembrando-se que tinha um pato, resolveu matal-o para offerecer a seus hospedes um jantar melhor : levantou-se pois com sua mulher para pegar o pato, o animal porém fugia ora para um canto, ora para outro, com grande desespero dos pobres velhos que de tanto correrem, estavam alagados de suor. Por fim o pato refugiou-se entre as pernas de Jupiter, que disse a Philemon e sua mulher : « Estou satisfeito com a vossa caridade ; vinde commigo a esta alta montanha ». No mesmo instante pareceu aureolado de luz, bem como Mercurio. Chegados ao cimo do monte, Jupi-

ter lhes disse : Olhai para trás ». Obedecendo, notaram que a aldeia tinha desaparecido, havendo apenas em seu logar grande quantidade d'agua, porque Jupiter para castigar os habitantes pelo seu duro coração, affogara-os todos transformando a aldeia num lago, em cujo centro porem via-se a choupanasinha dos pobres velhos, que fôra poupada. Estes muito caridosos affligiram-se com a desgraças de seus visinhos, que no emtanto só lhes tinham feito mal. Jupiter disse-lhes : « Pedi-me uma recompensa, eu vol-a concederei ». Depois de conferenciarem durante alguns momentos, Philemon e sua mulher responderam : « Já que quereis nos recompensar, transportai nossa casinha para o cume desta montanha, e transformai-a num templo onde sejais adorado : que eu seja vosso sacerdote, continuou Philémon, e Baucis sacerdotisa ; fazei-nos tambem morrer, ambos no mesmo dia, para que me seja poupada a dôr de chorar minha querida Baucis, e que ella não tenha de derramar lagrimas pelo seu fiel Philemon. Esse justo pedido foi satisfeito ; a casa foi convertida num templo onde os bons velhos viveram em paz durante muitos annos ainda. Um dia quando sentados em frente á porta do templo, conversavam sobre a gratidão que deviam aos deuses, Philemon, querendo levantar-se, notou que lhe faltavam as pernas, agora mudadas em arvore. Desejando ir soccorrel-o, Baucis comprehendeu que a mesma mudança se operara nas suas. Disse pois adeus a seu querido marido, que conversou emquanto teve o uso da palavra ; mas, o tronco subindo pouco a pouco, envolveu-os completamente, e assim se tornaram em duas

bellas arvores que se conservaram sempre á porta do templo. Bem vêdes que depois de ter lido esta fabula não era difficil explicar a gravura.

SYLVIA. — Vejo tambem querida Noemia que nunca te mostras orgulhosa do que sabes. Si fosse eu que tivesse feito esta narrativa, estaria radiante.

D. LUIZA. — Ha dois mezes passados, isto poderia



talvez te acontecer ; agora porem creio-te emendada. Noemia tem bastante razão de não se gloriar por ter explicado essa fabula : isso prova apenas que tem bôa memoria ; e esta, não lhe foi dada por si propria ; é uma graça de Deus.

SYLVIA. — Sei que a memoria lhe vem de Deus, porem sua applicação em tirar proveito d'ella, merece elogios.

NOEMIA, abraçando Sylvia. — És muito bondosa cara

amiguinha. Agradeço-te o lisonjeiro juizo que de mim fazes.

D. LUIZA. — Que grande prazer sinto em ver Sylvia tão mudada ! Outrora minha bôa amiga terias ficado triste e tido inveja da memoria e da applicação de uma das tuas companheiras ; hoje tens prazer em constatar o facto, te sentes contente com elle. Corrigindo o teu orgulho, expulsaste a inveja e todos os dissabores que te causava, és querida pelas tuas companheiras, que desejam ver-te constantemente, porque em vez de procurar mortifical-as, só te empenhas em dizer-lhes amabilidades. Francamente, não te sentes hoje mil vezes mais contente do que outrora ?

SYLVIA. — Com effeito D. Luiza, mas commetto ainda muitas faltas. Por exemplo, não pude perdoar ao Snr. B... o ter dicto que eu era uma peste.

D. LUIZA. — Como ! o homem de sociedade a quem deves as maiores attensões ! Sê justa, querida Sylvia, e confessa que elle tinha razão ; não era por maldade que assim fallava, pelo contrario, te quer até muito bem, e tendo notado perfeitamente a tua conversão, dizia, ha apenas trez dias que si continuasses assim, serias um dia a mais digna e melhor senhora de Londres.

SYLVIA. — D. Luiza, será uma falta ficar muito contente com o que disse o Snr. B... ?

D. LUIZA. — De modo algum cara menina. Devemos procurar agradar a todos comtanto que seja pelas nossas virtudes, e nada é peor do que dizer : Pouco me importa que me aborreçam.

CARLOTA. — Muitas vezes tenho dito esta asneira,

asseguro-vos porem que irreflectidamente, impellida apenas pelo despeito e pela raiva, no intuito de aborrecer minhas irmãs e a criada. Ignorava que era tão malfeito.

D. LUIZA. — Que bella vingança, a tua! é o mesmo que se pozesses fogo á tua casa para queimar a cocheira de teu visinho, que fica junto. Mas, dêmos isto por acabado, uma vez que te corrigiste. Voltando novamente a Philemon e Baucis, um poeta celebre, chamado Lafontaine, escreveu a sua historia. Acha-se ordinariamente no meio das fabulas; farieis muito bem em lê-la e decoral-a. Agora, continuemos a lição.

MARIA. — Antes, peço-vos explicar-me duas palavras que não comprehendo bem. O que quer dizer a palavra hospede? o que é um lago?

D. LUIZA. — Chama-se hospede a possoa que come e dorme em nossa casa, como na fabula de Philemon e Baucis: Jupiter e Mercurio erão seus hospedes. Noemia, explica-nos o que é um lago, e ao mesmo tempo dize-nos qual a differença que ha entre os mares, rios, ribeiras e lagos.

NOEMIA. — Chama-se mar uma vasta massa d'agua estabelecida num logar, e que não corre como as ribeiras.

MARIA. — E as ribeiras correm?

D. LUIZA. — Sim; correm constantemente; collocaste na ponte de Westminster e verás que a agua não fica immobilisada, ao contrario dirige-se para o lado da ponte de Londres.

LILI. — De onde veem as ribeiras.

D. LUIZA. — Veem ordinariamente das monta-

nhas e correm sem cessar até que encontrem outra, onde se perdem. Caso isto não aconteça e por conseguinte a ribeira vá lançar-se no mar, toma então o nome de rio. Um rio é pois uma grande ribeira que ordinariamente conserva seu nome até perder-se no mar.

CARLOTA. — Não comprehendo bem D. Luiza.

D. LUIZA. — Olhando uma carta entenderás facilmente. Vês este grande rio chamado Rhodano ? Aqui estão outros que nelle se lançam. Nota sobretudo estes dous grandes o Saona e o Isera. Depois de lançados no Rhodano, já não ha mais Saona nem Isera, porem sómente e Rhodano que corre durante muito tempo ainda, e depois vai despejar suas aguas no mar Mediterraneo.

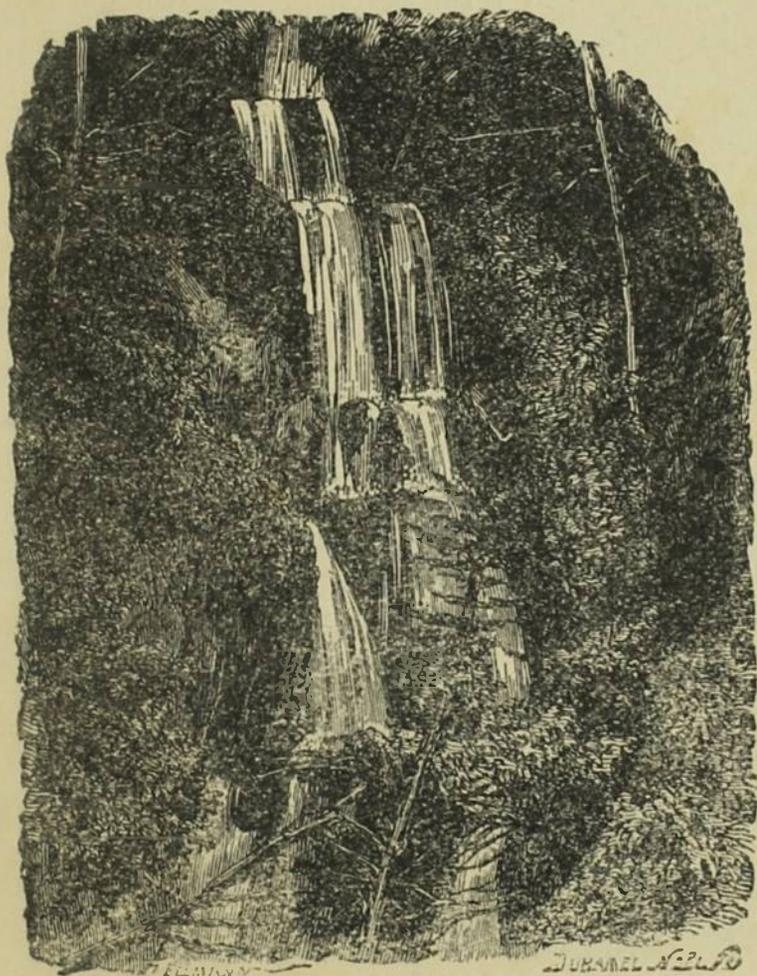
Chegando ao mar, chamam-n'o ainda Rhodano ; é pois um rio, porque conserva o seu nome até lançar-se no mar. Isto acontece ordinariamente, porem nem sempre, pois o Rheno que banha o oeste da Allemanha não se precipita todo no mar, porque divide-se em varios braços alguns dos quaes se lançam no mar do Norte, outros perdem-se nas areias e outros ainda juntam-se ao Mosa. Noemia explica-nos o que é um lago, e quaes são os maiores da Europa.

NOEMIA. — Lago é uma especie de mar pequenino cercado de terra por todos os lados. Ha dous na Russia, o Onega e o Ladoga ; um ao nordeste da Suissa, chamado lago de Constança, outro conhecido pelo nome de Lemán ou Genebra, perto dessa cidade, atravessado pela Rhodano. Ha ainda na Suissa varios lagos menores, taes como os de Zurich, Lucerna,

Neufchatel, etc. Na Italia encontramos o bello lago. Maior, os de Como e de Garda.

D. LUIZA. — Está terminada por hoje a lição de geographia. Maria, principia a historia.

MARIA. — Quando Moysés e os Israelitas entraram



no deserto, Deus disse ao anjo que os guiasse. Durante o dia este os precedia numa columna de nuvens, de noite numa de fogo que os alumiaava. Arrependido de tel-os deixado partir, Pharaó, reunindo um grande exercito, pôz-se sem detença no seu encalço. Vendo os Egypcios, os Israelitas, aterrados, disseram a Moysés :

« Para que nos conduzistes a este deserto, onde vamos perecer de repente ? Antes nos deixasseis no Egypto ; tinheis medo porventura que lá faltasse terra para nos abrigar depois da nossa morte ? » Moysés exhortou-os a confiar em Deus e rogou ao Senhor que tivesse compaixão de seu povo. Na mesma hora o anjo que precedia os Israelitas, passou para trás, collocando-se entre estes e os Egyptios. Do lado do povo de Israel estava claro porque a columna de fogo os alumiaava ; emquanto que do lado dos Egyptios uma nuvem negra expessa como um nevoeiro, obstruia-lhes a vista. Então Moysés por ordem do Senhor estendeu a mão sobre o mar Vermelho que immediatamente separou-se em duas partes ; as aguas divididas levantaram-se dos dous lados como uma parede, permittindo assim que os Israelitas atravessassem a pé enxuto. De manhã os Egyptios quizeram seguir-os aproveitando-se da mesma passagem, mas por ordem de Deus Moysés estendeu novamente a mão sobre o mar as aguas divididas juntaram-se e todos os Egyptios, sem escapar um só, foram afogados. Então Moysés, Aarão e sua irmã Maria reunidos com o povo entoaram um cantico de acção de graças ao Senhor que os livrara de seus inimigos.

D. LUIZA. — Continua Carlota.

CARLOTA. — Chegados a um lugar onde as aguas eram tão amargas que não se podia beber, os Israelitas começaram a murmurar contra Moysés. O santo homem porem sem fazer caso de tanta ingratição, rogou ao Senhor que os protegesse. Deus ordenou-lhe que atirasse n'aquellas aguas um pedaço de madeira de

certa qualidade, e immediatamente tornaram-se doces. Em seguida entraram num deserto onde não havia alimento algum ; ainda uma vez murmuraram, dizendo : « Para que nos tirastes do Egypto onde tinha-



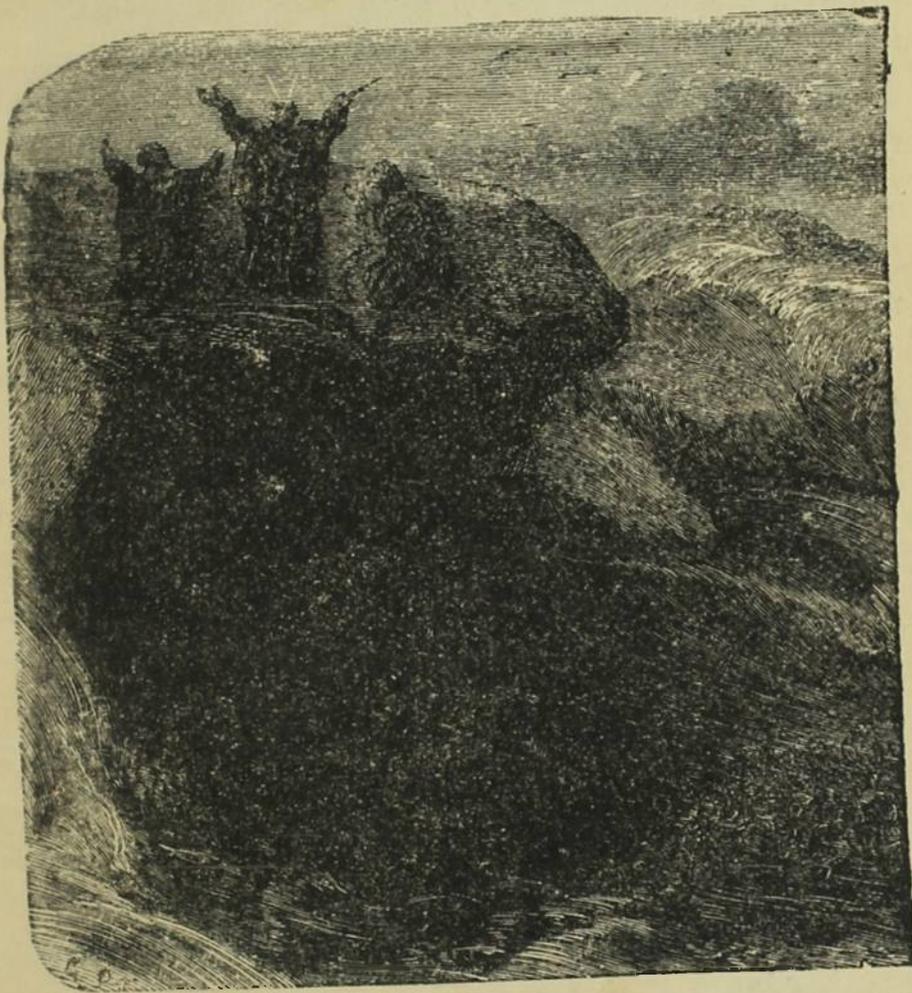
mos carne e pão em abundancia ? Foi para matar-nos de fome que nos conduzistes a este deserto ? » Moysés rogou ao Senhor que fez cahir sobre a terra uma chuva de pequeninos grãos brancos semelhantes a geadas. Então Moysés disse ao povo : « Eis o pão que Deus vos envia ; tome cada um quanto lhe bastar ; mas não

o guardeis para amanhã ». O povo que até então nada vira semelhante áquelles grãosinhos cujo sabor era igual ao dos favos de mel, deu-lhes o nome de *Maná*. Todos se pozeram a apanhar alegremente os pães ; alguns porem desobedecendo a Moysés guardaram um pouco para o dia seguinte, mas ficaram muito surprehendidos quando, de manhã, querendo comer o maná encontraram-n'o fedorento e cheio de vermes. Moysés então disse ao povo da parte de Deus : « Durante cinco dias apanhareis uma medida de maná, cada um, mas no sexto tomareis duas ; estas se conservarão sãs e frescas até o dia seguinte, porque no setimo dia não cairá. Esse dia será consagrado ao Senhor, e durante elle não será permittido trabalhar ». As cousas succederam como Moysés predissera, e o maná que guardado de um dia para outro, se estragava, durante a semana inteira, conservou-se perfeito no dia de Senhor. Este setimo dia ficou sendo chamado Sabbado. Moysés ordenou tambem a Aarão que apanhasse uma medida d'aquelle maná que seria guardado como uma prova do milagre que Deus fizera aos Israelitas, que d'elle se sustentaram durante quarenta annos. Os preguiçosos que não gostavam de se levantar cedo, perdiam o maná, que se dissolvia com a acção do sol ; de modo que era preciso accordar de madrugada para fazer a provisão.

D. LUIZA. — E'a tua vez Lili.

LILI. — Dirigindo-se para outro logar, os Israelitas sentiram falta d'agua, e esquecendo todos os milagres que Deus lhes fizera, disseram a Moysés : Para que nos tirastes do Egypto, e nos trouxestes para aqui onde

vamos morrer de sede com nossas familias e nossos rebanhos ? » Não é contra mim que murmurais porém sim contra Deus ; todavia vou rogar-lhe que vos dê agua ». Por ordem do Senhor, Moysés, bateu no



rochedo com sua vara, e d'elle jorrou immediatamente grande quantidade d'agua.

Algum tempo depois um rei chamado Amalec reunindo um numeroso exercito, declarou guerra aos Israelitas. Moysés ordenou a Josué que escolhesse soldados entre o povo para combater Amalec. Durante a batalha, seguido de Aarão e Hur, Moysés subio á montanha

e alçou as mãos ao céu orando a Deus, mas sentindo-se fatigado foi obrigado a sahir d'aquella posição. Ora os Israelitas, vencedores emquanto Moysés conservara-se de mãos postas, foram batidos, apenas elle baixou-as. Ao ver isto Moysés sentou-se numa pedra ; Aarão e Hur seguravam-lhe cada um um braço ; deste modo os Amalecitas, subditos de Amalec foram obrigados a fugir. Deus lhes declarou uma guerra eterna e ordenou a Moysés que escrevesse tudo que succedera.

SYLVIA. — D. Luiza, todos estes factos são verdadeiros ? São tão extraordinarios, que se custa a crêr.

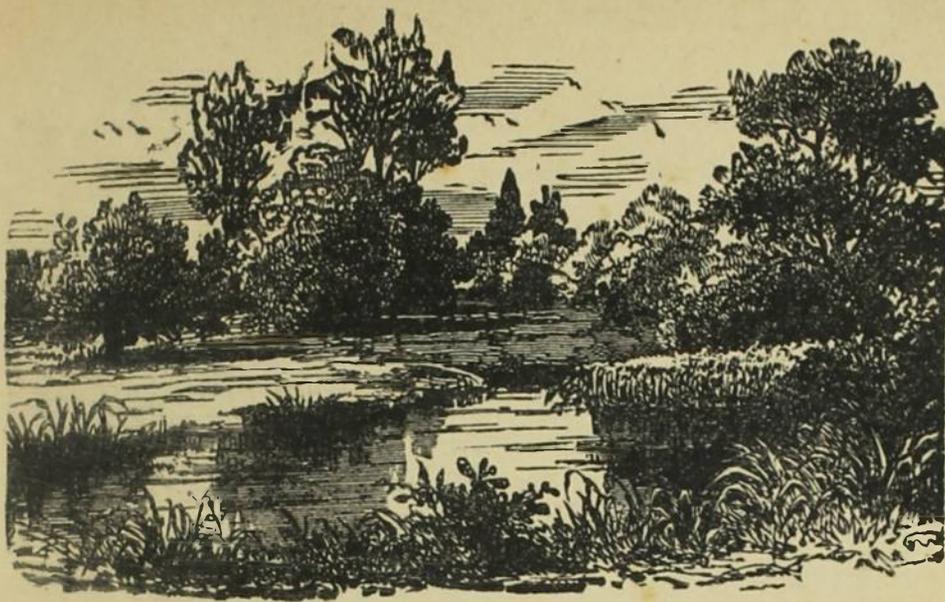
D. LUIZA. — Esqueces que a Deus nada é impossivel.

SYLVIA. — Bem o sei. Mas, não pode muito bem succeder que Moysés tenha escripto cousas inexactas ? Não digo que tudo seja falso, porem como se pode ter a certeza de que é verdade ?

D. LUIZA. — Vou dizer-t'o, da melhor vontade : tenho grande prazer em constatar que escutas as cousas como uma menina ajuizada, pois queres as provas, e esse é o meio de nunca sermos enganadas. Sabemos que Deus póde fazer milagres e queremos saber se de facto os que Moysés relatou são reaes : não é isto que desejas ?

SYLVIA. — Exactamente.

D. LUIZA. — Si Moysés tivesse escripto mentiras, os Israelitas, nada condescendentes, tel-o-iam desmentido, e lhe perguntariam : Porque dizeis que atravessamos o mar vermelho, que comemos maná cahido do céu e que este maná guardado de um dia para outro durante os seis dias da semana, só no setimo se conserva ?



## DIALOGO QUINZE

### DECIMO TERCEIRO DIA

MARIA. — D. Luiza, tenho innumeradas perguntas a fazer-vos hoje, si m'ò permittirdes.

D. LUIZA. — Com muito prazer, querida Maria.

MARIA. — Desejava conhecer a origem da chuva.

D. LUIZA. — A chuva vem dos mares, dos rios e de todas as aguas da terra.

MARIA. — Quereis zombai de mim : como é possível a agua do mar e dos rios elevar-se até o céu ?

D. LUIZA, *descobrimdo a chaleira*. — Como é que a agua que está dentro desta chaleira subio á tampa ? Como vês, esta está cheia d'agua, apesar do conteúdo da chaleira não passar do meio. Quando a agua começa a aquecer, e sobretudo a ferver, desprende-se d'ella uma especie de nuvem : pois bem, essa nuvem, a parte

mais delicada d'agua, chama-se fumaça e é muito subtil. Ora, o calor do sol, attrahe continuamente as partes mais delicadas da agua, que em vapores se elevam no ar e formam as nuvens que a atmosphaera sustem emquanto em pequenas camadas ; á medida porém que estas se accumulam, se tornam mais espessas, o ar não podendo mais supportal-as, as nuvens rompem-se, desfazem-se e cahem sobre a terra transformadas em chuva.

SYLVIA. — Ignorava que a atmosphaera pudesse manter qualquer cousa, sendo a meu ver invisivel, pois, por mais que olhe em tórno de mim nada vejo.

D. LUIZA. — Não é culpa do ar, mas sim da tua vista que não é bastante perfeita para poder divisal-o. Ha muitas cousas que não vêmos mas que entretanto existem. Por exemplo, vês poeira nesta sala ?

SYLVIA. — Não ; pela simples razão de que não ha poeira aqui.

D. LUIZA. — Levanta-te, vai até o fim da sala e olha para o logar onde bate o sol ; verás se não ha poeira.

SYLVIA. — Vejo, de facto, uma infinidade de pequeninas cousas em continuo movimento.

D. LUIZA. — Estas pequeninas cousas como dizes, chamam-se atomos, e delles está carregada a atmosphaera. As partes do ar são muito mais tenues e menores, motivo pelo qual não as vê.

CARLOTA. — Eu bem desejaria ver o ar, de que côr é ?

LILI. — Pois é possivel que o ar cujas partes são tão diminutas possa ter côr ?

D. LUIZA. — Sim caras meninas. Olhai para o céu : qual é a sua cor ?

LILI. — Azul.

D. LUIZA. — Pois bem ! aquillo a que damos o nome de céu é o ar accumulado e comprimido lá nas alturas. Não vêdes os atomos no logar onde não ha sol, porque estão muito distanciados uns dos outros e são além disto muito pequenos ; mas vou fazer apparecer maior quantidade, e então como estarão mais proximos podereis vê-los melhor. (*D. Luiza toma uma vassoura e varre a sala.*)

SYLVIA. — Oh ! Que poeira ! não enxergo mais, está me cegando !

D. LUIZA. — Entretanto vês a poeira ou os atomos, o que é a mesma cousa, porque fiz levantar grande quantidade dessas particulas que se tocam entre si ; ao passo que não vês o ar que nos rodeia porque as partes não estão comprimidas umas contras as outras, uma vez lá em cima, porem, ellas se reúnem e então podemos vê-las.

Vou fazer-vos comprehender isto pondo um pouco de vinho do Porto num copo. Como estais vendo este vinho é bastante vermelho ; vou tirar uma gotta com a ponta do dedo e pol-a no lenço ; olhai agora ; já não é tão vermelho como o do copo porque neste não só ha maior quantidade de partes como tambem estas ahi estão mais juntas do que no lenço. Aqui temos este fio de seda vermelha : pois bem, como vêdes, fóra da meada parece menos vermelho e isto pela mesma razão.

SYLVIA. — Pois bem, D. Luiza, creio que o ar é um corpo composto de uma infinidade de pequeninas par-

tes azues ; porem não comprehendendo como este corpo, cujas partes são tão leves, possa sustentar a agua que é mais pesada, pois que suas partes são bastante grandes para me permittirem vê-las.

D. LUIZA. — Muito bem Sylvia ! Pelo que vejo vais-te tornar uma sabia em *physica*. Um passarinho é mais pesado do que o ar entretanto este o sustem perfeitamente. Nunca foste num jardim após um grande aguaceiro ?

SYLVIA. — Certamente.

D. LUIZA. — Nunca reparaste que de todas as pontas dos ramos e das folhas pendem gôttas d'agua ?

SYLVIA. — Com effeito, e muitas vezes me tenho quedado a contemplal-as ; sobretudo quando o sol lhes bate em cheio : dão-me a ideia de diamantes pendurados nas folhas.

D. LUIZA. — O que é que sustem esses diamantes pendurados nas pontas das folhas ? E'o ar, que, por conseguinte, é mais pesado do que elles ; mas finalmente a bolinha d'agua cresce, torna-se maior, porque o resto da agua que está sobre a folha ou sobre o galho vem juntar-se a ella ; então, tornando-se mais pesada do que o ar, desprende-se vindo cahir no chão.

SYLVIA. — Agora comprehendendo perfeitamente. A agua é sem duvida mais pesada do que o ar quando em quantidades iguaes, o que não impede que uma grande quantidade de ar possa aguentar uma pequena porção d'agua. E'como aquelle vapor de que fallastes ha algum tempo que por si só era mais pesado do que a agua, que no emtanto o mantinha á superficie por estar reunida em grande quantidade.

D. LUIZA. — Exactamente.

MARIA. — Dissestes que Sylvia ia tornar-se uma sabia physica : porventura as mulheres devem aprender physica ? Julgava que era privilegio dos sabios.

D. LUIZA. — A palavra *Physica*, querida Maria designa uma sciencia que ensina a conhecer todos os corpos. Um physico é pois um homem que conhece a natureza do ar, do fogo, da agua e da terra ; conhece tambem os corpos dos homens e dos animaes, as arvores, as plantas, os mineraes e os metaes : as mulheres podem tambem saber tudo isto.

CARLOTA. — O que são mineraes e metaes ?

D. LUIZA. — São o ouro, o cobre, o ferro e tudo mais que se encontra na terra.

MARIA. — E o ouro vem da terra ?

D. LUIZA. — Sim querida menina, mas por hoje basta de physica, deixemos o resto para a proxima vez. Agora ides ouvir um conto, depois repetireis as historias.

## O PESCADOR E O VIANDANTE

### *Conto*

Havia um homem cujo unico bem consistia numa pobre choupana situada á borda duma pequena ribeira. Ganhava a vida pescando, mas, como não havia muita fartura de peixe naquelle rio, pouco resultado tinha, e quasi que só se alimentava de pão e agua. No entanto estava contente e nada desejava. Um

dia teve a phantasia de ver a cidade e resolveu para lá dirigir-se no dia seguinte. No momento de se pôr a caminho encontrou um viandante que lhe perguntou si ficava ainda muito distante alguma aldeia onde podesse encontrar uma casa para pernoitar. « A primeira dista daqui quatro leguas, respondeu o pescador, e já é muito tarde : si quizerdes passar a noite na minha choupana, eu vól-a offereço de muito bom coração ». O viajante accetou o offerecimento, e o pescador querendo obsequial-o accendeu o fogo para preparar alguns peixes. Enquanto apromptava a ceia, cantava, ria, e parecia de muito bom humor. « Como sois feliz em levar uma vida tão alegre ; disse-lhe seu hospede », daria tudo quanto possuo no mundo para viver tão contente como vós. — E quem vos impede ? replicou o pescador : a minha alegria nada me custa, e nunca tive razão para viver triste. Tendes porventura algum pezar que não vos permite alegrar-vos ? — Ai de mim ! todos me julgam o homem mais feliz do mundo. Eu era negociante e ganhava muito dinheiro, porem não tinha um minuto de socego, receiando sempre uma fallencia, ou que as mercadorias se estragassem, ou ainda que es navios que tinha no mar naufragassem ; diante disto, para procurar viver mais tranquillo, deixei o commercio, e consegui com difficuldade obter um cargo no palacio do rei. A principio tive a ventura de agradar ao rei, tornei-me seu favorito e suppunha que ia ser feliz ; em breve porem comprehendí que era mais seu escravo do que seu favorito. A cada instante era preciso renunciar ás minhas inclinações para seguir as suas. Elle gostava da caça e eu do repouso ; entretanto era obrigado a

acompanhal-o o dia inteiro nas suas correrias pelos bosques, voltando ao palacio fatigado, e ancioso para deitar-me, o que entretanto não lograva fazer porque si a rainha dava um baile, um festim, fazia-me a honra de convidar-me, para ser agradavel ao rei. Aceitava o convite muito aborrecido, mas a estima do rei con-



solava-me um pouco. Ha quinze dias, porem, tenho-lhe notado uma certa distincção por um dos fidalgos da cõrte, ao qual encarregou de duas commissões, dizendo que o julgava muito honesto. A partir desse momento comprehendi que estava perdido e passei muitas noites sem dormir. — Mas, disse o pescador interrompendo-o, o rei vos acolhia mal, não se mostrava mais vosso amigo? — Absolutamente, tornou o

homem, mais do que nunca me agradava e acolhia amigavelmente ; mas, eu já não era o unico a possuir sua estima e todos diziam que aquelle fidalgo ia tornar-se um segundo favorito. Bem comprehendéis que isto é insupportavel, e pouco faltou para que eu morresse de desgosto. Hontem á noite encerrei-me no quarto, muito triste, e uma vez sósinho, puz-me á chorar. De repente appareceu-me um homem de physionomia sympathica, que me disse : Azael, tenho dó da tua infelicidade ; queres viver tranquillo e contente ? Renuncia ao amor das riquezas e ao desejo das honras e das glorias. — Ai de mim ! senhor, respondi-lhe bem o desejaria, mas como o conseguir ? Abandona a côrte, tornou elle, e anda durante dois dias pelo primeiro caminho que se offerecer a tua vista : a loucura de um homem prepara-te um espectaculo capaz de curar-te para sempre da tua ambição. Depois de teres viajado durante dois dias, retrocede, e creio firmemente que só de ti depende viveres dahi em diante alegre e feliz. Seguindo o seu conselho já viajei um dia inteiro, amanhã pôr-me-hei novamente em marcha, mas custa-me muito a crêr no repouso que me prometteu ». Ouvindo essa historia, o pescador não pode deixar de admirar a loucura daquelle ambicioso, cuja felicidade dependia das attenções e das palavras do monarcha. « Teria muito prazer em tornar -vos a ver e saber da vossa cura, disse ao viajante ; terminai vossa viagem e dentro de tres dias voltai a minha cabana : tambem eu vou viajar ; nunca fui á cidade e julgo que vou divertir-me bastante com o bulicio que lá deve haver. — Tivestes uma má lembrança, replicou o vian-

dante, já que sois feliz, porque procurais tornarvos desgraçado ! Hoje vossa cabana vos parece sufficiente, porem quando tiverdes visto os palacios dos fidalgos, achal-a-heis bem pequena e miseravel. Estais contente com a vossa roupa, porque vos cobre ; mas depois de haverdes examinado as luxuosas vestes dos ricos, ella vos causará horror. — Senhor, respondeu-



lhe o pescador, fallais como um livro ; servi-vos dessas bellas razões para aprenderdes a não vos zangar quando se distingue os outros ou quando se lhes falla. O mundo está cheio de pessoas que aconselham o proximo, quando entretanto são incapazes de se governarem a si proprias ». O viajante não replicou, sabendo que não era delicado contradizer-se aquelles que nos obsequiam, na sua propria casa ; No dia seguinte continuou a viagem, enquanto o pescador emprehen-

dia a sua. Ao cabo de dous dias, nada tendo encontrado de extraordinario, Azael voltou á cabana. Alli, chegando deparou com o pescador sentado em frente da porta, com a cabeça apoiada entre as mãos e os olhos fitos no chão. « Em que pensais ? perguntou-lhe Azael. — Penso que sou muito desgraçado, respondeu o pescador. Que mal fiz a Deus para me ter feito tão pobre, quando, entretanto ha tantos homens tão ricos e tão felizes ? » No mesmo instante, o homem que tinha ordenado a Azael caminhar durante dois dias, e que era um anjo appareceu. « Porque não seguiste o conselho de Azael ? perguntou ao pescador : a contemplação das magnificencias da cidade fez nascer no teu coração a avareza e a ambição, d'elle expulsando a felicidade e a paz. Modera teus desejos e recobrarás essas preciosas graças. — Isto é muito facil de dizer, replicou o pescador, mas já não me é possivel, pois sinto que de agora em diante serei sempre infeliz a menos que Deus transforme a minha situação. — Seria a tua perda, disse-lhe o anjo ; convence-te do que te digo, não desejes mais do que tens. — Debalde fallareis, replicou o pescador, não me impedireis de almejar outra situação. — Deus attende algumas vezes ás supplicas dos ambiciosos, retorquio o anjo, mas si o faz é para castigal-os. — Que vos importa isto ? disse o pescador ; si bastasse apenas desejar, pouco me incommodaria com as vossas ameaças. — Já que queres perder-te, tornou o anjo, seja : podes desejar tres cousas, Deus t'as concederá ». O pescador louco de alegria, desejou que a choupana si transformasse num sumptuoso palacio, sendo o seu desejo immediatamente satis-

feito. Depois de ter contemplado e admirado o palacio, desejou que a pequena ribeira que havia diante da sua porta fosse convertida num mar immenso ; no mesmo momento vio o seu voto realizado. Restava-lhe ainda pedir a terceira cousa. Após algum tempo de reflexão, desejou que sua barquinha se tornasse um magnifico



navio carregado de ouro e diamantes. Logo que o vio, correu a admirar as riquezas de que se tornara possuidor, mas, apenas entrou no navio, desencadeou-se uma violenta tempestade. Debalde tentou desembarcar e voltar á praia, não achou meios de o conseguir. Foi então que maldisse sua ambição : arrependimento este, porem, tardio, inutil, o mar tragou-o com suas riquezas, e o anjo disse a Azael : Que este exemplo te sirva de lição. O fim dos ambiciosos é quasi sempre semelhante

ao desse homem. A côrte, onde actualmente vives, é um mar, famoso pelos naufragios e pelas tempestades : ganha a costa emquanto ainda é tempo : senão um dia desejarás fazel-o, mas já será tarde ». Azael, aterrorizado, prometteu obedecer ao anjo e cumprio a palavra, abandonando a côrte e indo morar no campo onde casou-se com uma donzella mais virtuosa do que bella e rica. Em vez de procurar augmentar suas riquezas, já consideraveis, limitou-se a desfructualas moderadamente, distribuindo o superfluo com os pobres. A partir então dessa occasião, conheceu a felicidade e a alegria e nunca passou um dia sem agradecer a Deus o tel-o curado da avareza e da ambição que até então lhe tinham envenenado a vida.

NOEMIA. — E'pois possivel que a ambição torne as pessoas assim tão más ?

D. LUIZA. — Pergunta a Sylvia quanto ella soffreu, no tempo em que só cuidava de agradar, de fazer brilhar seu espirito, de ser admirada, de se salientar emfim.

SYLVIA. — Tendes razão, eu era então muito infeliz. Si me achava no salão quando vinha em nossa casa alguma moça, com á qual as pessoas presentes procuravam ser amaveis, eu ficava de um humor detestavel ; parecia-me que me roubavam os elogios que lhe eram prodigalisados e por isso a detestava. Sabes, querida Noemia, muitas vezes te odiei.

NOEMIA. — E porque queiida amiga ?

SYLVIA. — Porque não podia deixai de compenetrar-me de que valias muito mais do que eu Asseguro-te, porem, que hoje, amo-te de todo coração, e longe

de invejar-te, sinto grande prazer em ouvir fallar bem de ti.

NOEMIA. — Agradeç-te muito minha boa Sylvia, mas serias realmente uma ingrata si me não estimasses, porque sempre te amei muito.

D. LUIZA. — Pouco tempo nos resta para as lições de historia e geographia. Começa Maria.

MARIA. — Jethros, sogro de Moysés, ao saber dos grandes milagres que Deus operara por meio de seu genro, veio vê-lo, trazendo para sua companhia sua mulher e seus dous filhos. Vendo-o passar o dia inteiro a resolver os negocios do povo, Jethros lhe disse : « Si continuardes assim, cahireis doente : fazei como vos digo, escolhei alguns homens honrados que tomem conhecimento dos negocios do povo, dos quaes, em seguida, vos farão sciente. Moysés seguiu esse conselho, e depois de seu sogro ter descansado, separaram-se. Chegando os Israelitas perto do monte Sinai, Deus disse a Moysés : Subi nesta montanha, mas que o povo não se approxime porque morreria. Moysés obedeceu, e Deus ahi se revelou em toda sua grandeza ; um espesso nevoeiro cobria a montanha de cujo cume sahiam chammas e fumaças ouvindo-se alem disso um forte som de trombetas. No meio destas chammas Deus fez conhecer ao seu povo pela bocca de Moysés, seus dez mandamentos, querendo mostrar-lhe que era um Deus poderoso, e que saberia vingar e punir os homens que ousassem desobedecer-lhe. Esses dez mandamentos são os mesmos que nos ensinaram e que todos os dias recitamos nas nossas orações.

D. LUIZA. — Continua Lili.

LILI. — Deus chamou outra vez Moysés á montanha, onde ficou durante quarenta dias e quarenta noites. Durante esse tempo dictou-lhe leis para o povo ordenando-lhe tambem que construísse uma arca e um tabernaculo para o Senhor ; explicou-lhe de que modo deveria ser feita essa arca, e o que era preciso fazer quando se lhe offercesse algum sacrificio ; depois ordenou-lhe que Aarão e seus filhos fossem os immoladores e sacerdotes. Emquanto, porem, Moysés conversava com Deus, os Israelitas, esquecendo os milagres que este lhes fizera, disseram a Aarão : « Fazei-nos deuses como os dos Egypcios, pois não sabemos o que é feito de Moysés ». Receioso do que o matassem, Aarão lhes disse : Trazei-me os adereços de vossas mulheres e vossas filhas. Trouxeram elles as joias das quaes fez Aarão um bezerro de ouro que elles adoraram dizendo : Eis aqui o deus que nos tirou do Egypto. Deus disse a Moysés que se achava então sobre a montanha : « O povo acaba de commetter um monstruoso crime, por isso fal-o-hei perecer e dar-te-hei outro povo ». Mas Moysés disse : « Lembrai-vos, Senhor, de Abraham, de Isaac e de Jacob ; perdoai a essa pobre gente ; riscai-me do livro da vida, em vez de destruil-o ». Deus respondeu a Moysés : « Só os máos serão riscados do livro da vida, todavia perdão a esse povo ». Então Moysés desceu da montanha trazendo duas taboas de pedra, onde o proprio Deus gravara suas leis. Vendo os Israelitas dansarem em redor do bezerro de ouro, enfureceu-se tanto que arremessou as taboas ao chão e quebrou -as. Reprehendeu severamente Aarão e tomando o bezerro calcinou-o e reduzio-o a pó, que depois misturou com agua e

deu a beber ao povo ; em seguida chamando os filhos de Levi disse-lhes « Ordeno-vos, da parte de Deus, tomar vossas espadas e atravessar o campo de uma á outra extremidade, matando á direita e á esquerda todos aquelles que encontrardes sem excepção de parentes nem de amigos ». Os filhos de Levi obedeceram. ma-



tando tres mil homens. Em seguida disse-lhes Moysés : « Deus vos abençoará porque executastes sua sentença ». Depois encerrou-se no tabernaculo, á cuja porta via-se uma nuvem da qual immergia o Senhor. Os Israelitas, tremulos de medo, prostravam-se por terra, tendo despido suas bellas vestes, para obter de Deus, misericordia.

MARIA. — Que cousa horrivel, matar assim trez mil homens !

D. LUIZA. — Entretanto todos os Israelitas mereciam a morte, porque tinham promettido observar a lei do Senhor que condemnava a morrer todos aquelles que adorassem idolos. Deus era pois ainda muito clemente, castigando apenas trez mil homens. Estou certa que permittio que os filhos de Levi matassem sómente os mais culpados. Continua Carlota.

CARLOTA. — Os filhos d'Israel murmuraram ainda contra o Senhor, dizendo : Para que abandonamos o Egypto onde tinhamos tanto peixe de graça, e onde comiamos tão bons legumes ? Estamos fartos de alimentar-nos de maná ». Moysés entristeceu-se tanto ao ver a ingratição do povo para com Deus, que supplicou ao Senhor que lhe tirasse a vida, para não mais presenciar tanta maldade. Deus o consolou, e enviou aos Israelitas grande quantidade de codornizes que elles comeram com muita satisfação e voracidade ; ainda porem não tinham acabado de mastigar Deus matou muitos d'elles. Moysés teve outro motivo de pezar : Aarão e sua irmã Maria zombaram delle porque sua mulher era Ethiopica ; Deus porem tomou o seu partido, cobrindo Maria de lepra ; debalde Moysés rogou ao senhor que a curasse, durante sete dias ella ficou leprosa. Em seguida Moysés mandou exploradores ao paiz que Deus promettera a Abraham, de onde trouxeram um cacho de uvas, tão grande que era necessario dous homens para carregal-o. Entre estes exploradores achavam-se Josué e Cabeb que exhortaram o povo a ir habitar aquelle excellente paiz,

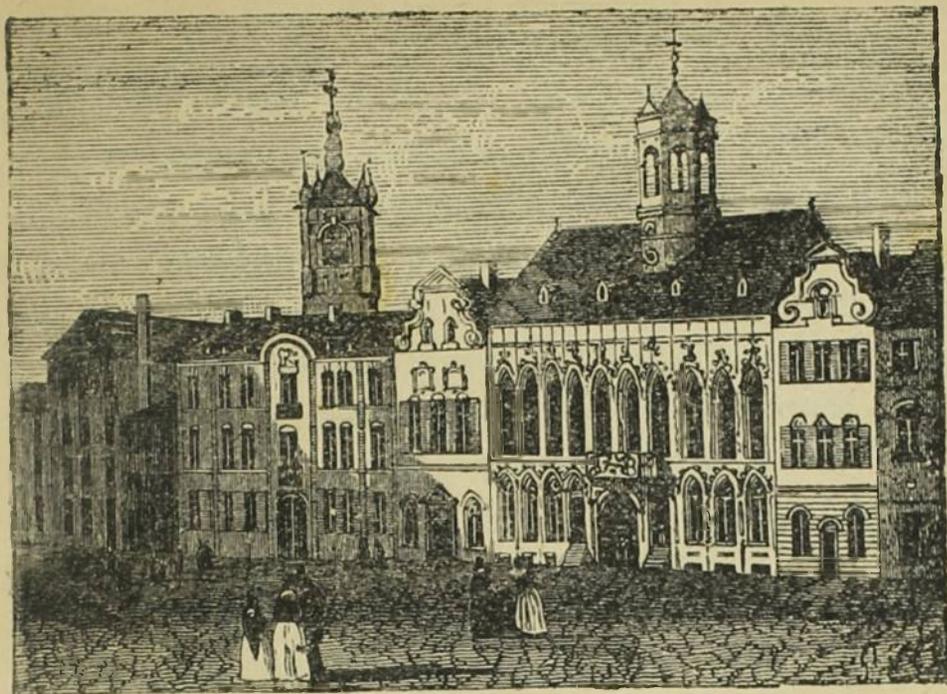
mas os outros disseram. E' verdade que daquella terra mana leite e mel, mas é habitada por gigantes que nos matariam bem como a nossas mulheres e filhos ». Os Israelitas replicaram então : Para que nos tiraram do Egypto ? E' preciso nomear um chefe que lá torne ». E como Josué e Cabeb os tivesse censurado, quizeram matal-os á pedrada. Moysés e Aarão prostraram-se por terra pedindo perdão a Deus ; o Senhor porem lhes respondeu : Esse povo murmurou contra mim dez vezes, juro pois que o farei morrer neste deserto, onde ficará durante quarenta annos ; depois da sua morte seus filhos entrarão na terra promettida com Caleb e Josué que tiveram fé em mim ; quanto aos outros, testemunhas dos milagres que fiz, mas, que mesmo assim duvidaram, deixarão seus cadaveres neste deserto ». Ora, o numero desses homens era superior a seiscentos.

CARLOTA. — Verdade é, D. Luiza, que os Israelitas me impacientam com tantas murmurações. Como podiam ser tão idiotas assim, attrahindo sobre si a colera de Deus que sabiam tão poderoso ? Como podiam adorar a imagem de um bezerro, e dizerem que era aquelle o deus que os tirara do Egypto ?

D. LUIZA. — Porventura somos nós menos más e menos cegas, querida menina quando desobedecemos a Deus e não cumprimos seus mandamentos ? Porque finalmente é certo que elle reserva o inferno para os mãos, isto é, os mentirosos, os gulosos, os colericos, os desobedientes a seus pais, impiedosos para com os pobres, os invejosos, os que fallam mal do proximo, que se vingam de seus inimigos ou que se alegram com o mal

que lhes acontece. Tudo isso sabemos, caras meninas, mas, nem mesmo assim procuramos corrigir-nos de nossos máos costumes, que attrahirão sobre nós a colera de Deus, e nos conduzirão ao inferno. Reflectamos bem nessas cousas e não poupemos esforços para destruir nossos vicios. Como são sete horas, passadas não temos de fallar da geographia, ficará portanto para proxima vez, começando por ella a lição.

---



## DIALOGO DEZESEIS

### DECIMO QUARTO DIA

D. LUIZA. — Da vez passada prometti começarmos hoje pela geographia ; faileremos pois das ilhas Britannicas. Como dissemos, ha duas ilhas, uma grande e uma pequena. Na grande, acham-se dous reinos, o da Inglaterra ao sul, e o da Escossia ao Norte. O primeiro divide-se em quarenta condados, e, acrescentando mais doze do principado de Galles, temos um total de cincoenta e dous. A capital da Inglaterra é Londres, sobre o Tamisa na provincia de Middlesex, ao sudoeste da Inglaterra. Esse reino chamava-se Albion nos tempos primitivos. Os naturaes do paiz foram subjugados por um povo chamado Bretões. Passando pela

Inglaterra, Julio Cesar conquistou uma parte desse reino ; no emtanto foi sómente no tempo do imperador Domiciano, que os Romanos delle se tornaram senhores absolutos. Todavia, si bem que fossem em parte donos da Inglaterra, os naturaes do paiz viviam segundo suas leis e costumes ; tinham mesmo diversos reis, pois essa ilha compunha-se de varios reinos, cujos monarchas reconheciam a soberania romana. Os Escossezes que habitavam então a Irlanda ou a Hibernia, juntando-se aos Pictas apoderaram-se da parte septentrional da ilha, denominada Escossia, de onde foram expulsos pelos Romanos. Devido porem as revoluções do imperio de Roma, ali se estabeleceram novamente sob a regencia de um monarcha chamado Fergus. Desde então houve guerra continua entre os Bretões (assim chamavam-se os habitantes da ilha) e os Escossezes alliados aos Pictas. Para se preservarem de seus ataques, os Bretões levantaram uma muralha que separava o paiz onde habitavam, do de seus inimigos, e cujas ruinas ainda hoje vêmos ; isso porem não impedio que os Escossezes reduzissem-n'os as ultimas. Nessa contingencia foram obrigados a pedir auxilio aos Anglo-Saxonios então estabelecidos em Frisa. Estes, depois de defendel-os, assenhorearam-se d'elles, alguns Bretões porem refugiaram-se nas montanhas do paiz de Galles, onde adquiriram a reputação de invenciveis, e outros retiraram-se para a pequena Bretanha. Os Saxões, que tinham expulsado os Bretões da Inglaterra, foram por sua vez expulsos pelos Dinamarquezes que d'ella se apoderaram e alli viveram calmamente sob a regencia do rei Canuto.

Mais tarde os Inglezes deram a corôa a Eduardo, descendente de seus reis. Após a morte de Eduardo, Guilherme, duque da Normandia, que se dizia seu herdeiro, fez a conquista da Inglaterra, começando então o reinado dos principes normandos ; depois destes, os da casa de Anjou, denominados Plantagenetes, subiram ao throno, que passou em seguida para a casa dos Stuarts, que por sua vez foram desthronados pela casa de Hanovre.

MARIA. — Esta lição é muito difficil, D. Luiza.

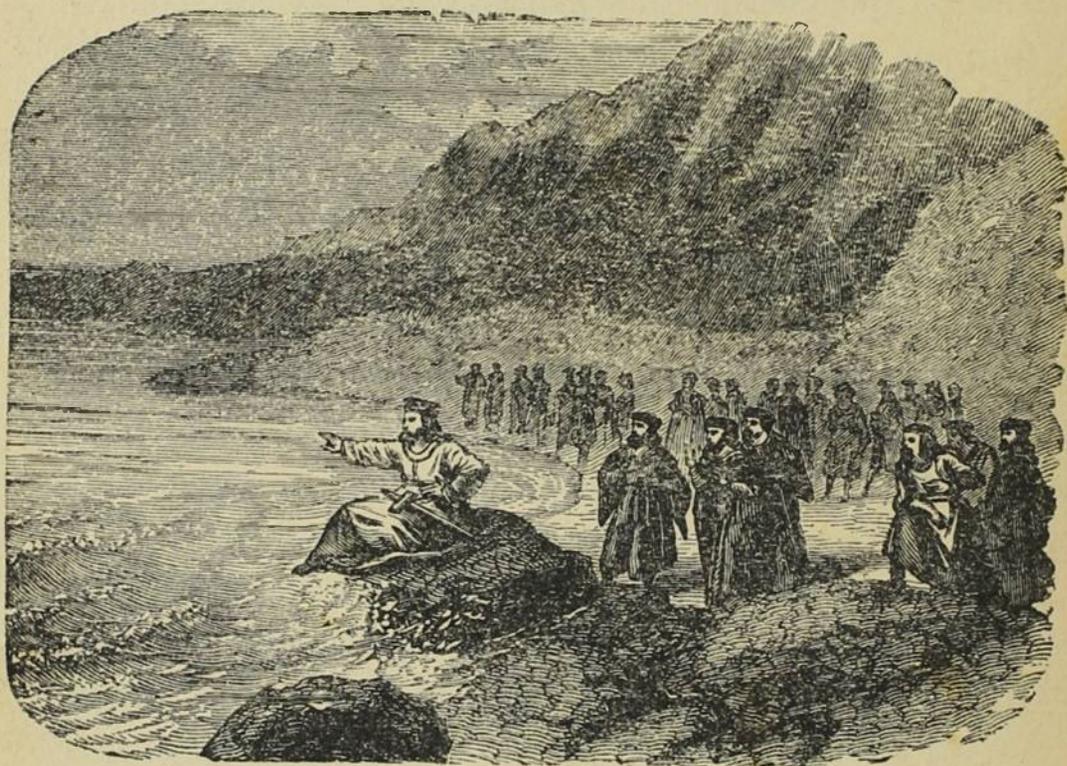
D. LUIZA. — Tens razão, mas é preciso saberes todas estas cousas porque dizem respeito ao teu paiz, e é muito feio a gente não conhecer perfeitamente a historia da sua terra. Para que não a esqueçamos, Noemia vai repetir o que acabo de dizer, pelo menos os nomes dos differentes reis da Inglaterra.

NOEMIA. — Primeiramente os Bretões venceram os habitantes dessa ilha, sendo mais tarde subjugados pelos Romanos ; enquanto estes guerreavam outras terras, os Anglo-Saxonios conquistaram o paiz, porem foram desthronados pelos Dinamarquezes, aos quaes succederam os principes normandos que reinaram nessa ilha ; após estes vieram os Plantagenetes, em seguida os Stuarts, e depois os principes da casa de Hanovre dos quaes descende a rainha Victoria que reina actualmente na Inglaterra.

D. LUIZA. — Perfeitamente Noemia. Eu disse que Canuto, principe dinamarquez, occupou o throno da Inglaterra ; não sabes nada a seu respeito ?

NOEMIA. — Li sobre elle uma historia que vou contar.

Um dia Canuto achava-se na praia com toda sua comitiva ; os cortezãos, aduladores, como é costume, disseram-lhe que era o rei dos reis, o senhor do mar e da terra. Canuto que alem de ser religioso era dotado de espirito e bom senso, quiz zombar d'elles e mostrar-lhes que não se deixava levar pelas suas vãs



lisonjas. Para esse fim dobrou o manto e sentou-se em cima ; era a hora de enchente da maré, isto é, a hora em que o mar sahindo de seu leito vem banhar a terra. Canuto dirigindo-se ao mar, disse-lhe : *A terra onde estou pertence-me, e eu sou teu senhor ; ordeno-te pois, ficas onde estás e não avanças para molhar meus pés.* Ouvindo isto todos suppuzeram que o rei enlouquecera para julgar que o mar ia obedecer-lhe ; este entretanto avançava sempre vindo molhar os pés do

monarcha. Então Canuto levantando-se disse aos corte-  
zãos. *Aqui está como sou senhor do mar ! Que este  
exemplo vos demonstre, que o poder dos reis é muito limi-  
tado. Deus é o unico rei do céu, da terra e do mar.*

CARLOTA. — E porventura o mar sahe do seu leito ou  
do seu logar !

D. LUIZA. — De certo ; uma parte do mar sahe de seu  
leito duas vezes por dia, tornando a voltar novamente :  
isto succede infallivelmente, sabendo-se ainda mais a  
hora exacta em que enche e vasa.

CARLOTA. — Ah ! Que cousa extraordinaria ! E o  
que é que o faz sahir e entrar ?

D. LUIZA. — Para te ser franca dir-te-hei que não o  
sei bem, mas, o que me consola, é que os proprios sabios  
não estão mais adiantados do que eu nesse ponto. Hoje  
se julgam certos de uma cousa que no dia seguinte de-  
claram falsa. O que posso fazer é repetir-vos o que  
um delles me disse. Na sua opinião é a lua que faz  
pressão ao ar : este ar comprimido, comprime por  
sua vez o mar, fazendo-o extravasar.

MARIA. — Não comprehendo.

D. LUIZA. — Vou procurar explicar-te o que se dá.  
Aqui temos esta bacia cheia d'agua, supponhamos  
que é o mar. Este pratinho, que estou segurando,  
muito menor do que a bacia, é o ar que por si só man-  
tem-se acima do mar. Supponhamos agora que qual-  
quer cousa faça peso sobre o prato, e tenha a força de  
tocar a agua da bacia ; apenas tiver tocado, a agua extra-  
vasará : vêde queridas meninas. (*Põe o prato na bacia.*)

MARIA. — Agora comprehendo perfeitamente. Mas,

D. Luiza, como póde a lua, sendo apenas um grande fóco de luz, comprimir o mar ?

D. LUIZA. — Enganas-te querida Maria : a lua é uma terra como a nossa ; recebe os raios solares o que a faz parecer um fóco luminoso.

LILI. — E'bem exacto o que dizeis D. Luiza ? Talvez estejais zombando de nós. A lua é tão pequena ! alem do que, está no espaço, anda ; como póde então ser uma terra semelhante a essa onde vivemos ?

D. LUIZA. — Julgais a lua pequena, mais é uma illusão da vossa vista ; ao contrario é muito grande. Nunca vistes o gallo que está sobre a igreja de S. Paulo ? Parece do tamanho de uma gallinha, entretanto é tão grande como um carneiro. Olhemos, pela janella, na direcção do campo... Vêdes aquelle homem que está lá ao longe ? Parece pequeno como uma creança ; porque ? porque está muito distante. Quando vemos as cousas de longe, parecem-nos pequenas. O mesmo acontece com lua relativamente a nós ; como está muito distanciada illude a vista. Disseste Lili, que a lua está suspensa no espaço e que move-se ; não sabes que a terra onde estamos, acha-se tambem suspensa no espaço e que vive em continuo movimento ?

SYLVIA. — Deixai-me dizer-vos D. Luiza, que quereis ver se somos tolas ao ponto de acreditar nessas historias de fazerem coxilar. De certo a terra não gira, porque se assim fosse sentiriamos movimento.

D. LUIZA. — Já andaste embarcada querida Sylvia ?

SYLVIA. — Certamente.

D. LUIZA. — Nunca reparaste que o vapor parece ficar sempre no mesmo lugar, ao passo que a terra, as arvores e as casas, correm, desaparecem ?

SYLVIA. — Sim, porem nunca prestei attenção. Quando passeio de carro no campo, tambem noto que as arvores somem-se.

D. LUIZA. — Queres dizer que te parece que se somem ; porque a verdade é que as arvores e as casas não se movem, porem sim o carro e o vapor que caminham e te levam. Quando faz bom tempo, ficas sentada tranquillamente á bordo não sentindo o mais leve movimento, e, si elle fosse completamente fechado e para lá te transportassem durante o somno, julgarias estar no teu quarto. O mesmo succede com relação á terra que girando muito rapida e igualmente, te leva consigo sem que o sintas, de modo que durante essa viagem julgas ver o sol correr, quando é a terra que corre.

NOEMIA. — E'singular isto, mas comprehendo.

D. LUIZA. — D'ahi a origem dos dias e das noites. A terra gira durante vinte e quatro horas. Quando nos colloca em frente do sol, temos o dia ; quando nos leva para o lado opposto, temos a noite.

SYLVIA. — Li nas *Metamorphoses* que o sol se esconde toda tarde no mar, e julgava que era exacto.

D. LUIZA. — O sol nunca deixa de brilhar ; esconde-se para nós, ou antes nós é que cessamos de vê-lo ; nessa mesma occasião porem elle nasce para os habitantes da America, isto é, começa a raiar para elles quando se esconde de nós. Ora, os antigo não conheciam a America, ignoravam que é redonda e habitada toda em volta, como vou mostrar-vos no globo caras meninas.

SYLVIA. — Então os habitantes desse globo andam de pés para cima e cabeça para baixo ; porque afinal, si se perfurasse esse globo seus pés e os nossos se encontrariam.

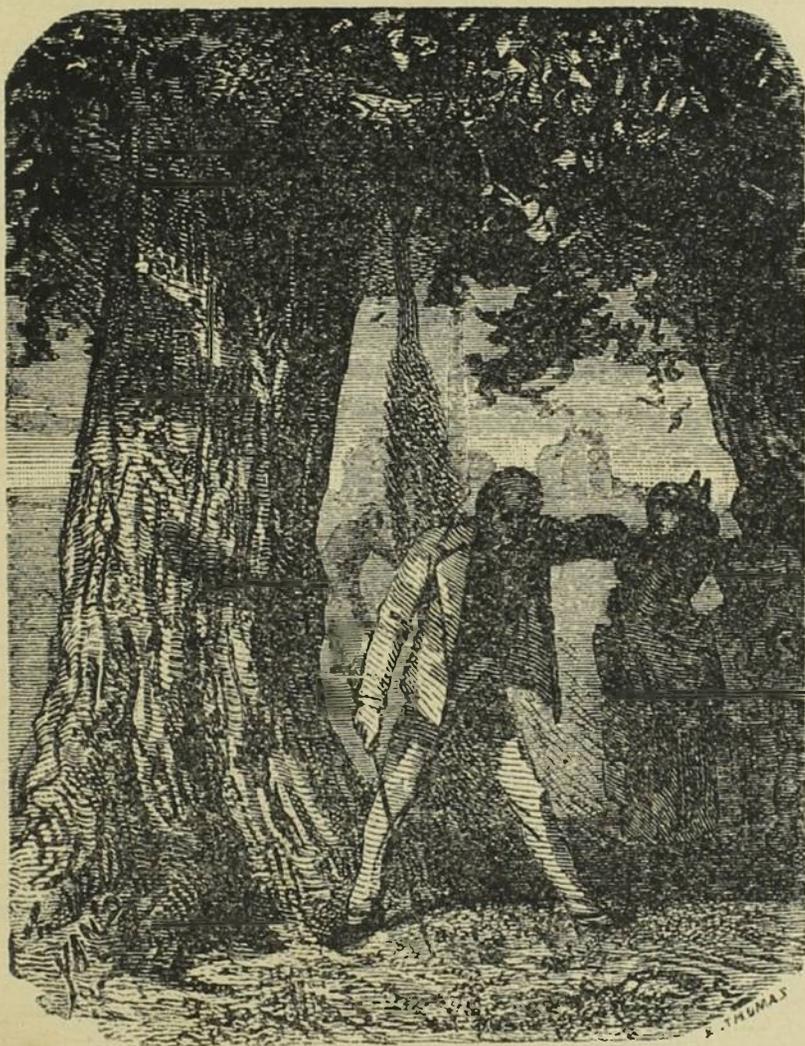
D. LUIZA. — E' verdade, o que não impede porem que tenham como nós os pés sobre o solo, e a cabeça voltada para o céu. A terra é como uma bolinha, do tamanho de uma noz, collocada dentro de uma bola grande como este quarto, que é a atmospherá ou o que chamamos céu. Supponhamos que essa pequenina bola se mantenha no ar, no meio deste quarto, e que tanto em cima como em baixo della estivesse uma mosca. Não é verdade que essas duas moscas teriam ambas a cabeça para o lado da bola grande que é o céu, do mesmo modo que uma gemma de ovo está rodeada da clara ? Supponhamos agora que a clara do ovo é o ar, e a casca o céu. Compreendeis ?

LILI. — Perfeitamente ; só uma cousa me embaraça um pouco ; é saber como a bolinha se mantém por si propria no meio da grande.

D. LUIZA. — E como a gemma do ovo se mantém sozinha no meio da casca, sem se misturar com a clara que a cerca, se bem que esta pareça mais pesada ? Os sabios teem dito muito cousa para explicar os meios do que Deus se serve para manter a terra suspensa na atmospherá ; eu porem não sou bastante intelligente para comprehendel-os, nem vós também. Basta-nos saber que Deus assim o quiz e que não podemos duvidar de que seja exacto, porque diversos viajantes teem feito a volta do mundo, o que prova que a terra está realmente suspensa, matendo-se no ar devido ao seu

proprio peso ; mas, basta de physica por hoje. Sylvia vai repetir-nos uma linda historia que lhe contei ante-hontem.

SYLVIA. — Um homem passeando numa floresta



admirava os carvalhos, arvores elevadas que dão um fructo denominado lande, cuja grossura iguala a de um pollegar : na mesma occasião, notou, não muito longe d'alli uma planta rasteira, carregada de aboboras quatro vezes maiores do que sua cabeça. Esse homem disse comsigo : Parece-me que si eu fosse Deus teria

arranjado melhor as cousas, fazendo esta grande arvore produzir a abobora, e esta planta rasteira, a lande. Emquanto raciocinava assim, teve de repente muito somno, e, como naquelle logar batia sol, deitou-se á sombra de um carvalho. Emquanto dormia, soprou uma ventania, que fez cahir uma lande na ponta de seu nariz, o que despertou-o immediatamente. Então exclamou: Confesso que sou um nescio, e que Deus tem razão de ter arranjado as cousas como então. Que teria sido de mim si a abobora nascesse do carvalho? com certeza me taria esmigalhada a cabeça, ao cahir. A partir daquella epocha, aquelle homem tornando-se mais circumspecto, contentou-se de admirar a sabedoria de Deus, que tão bem dispuzera o universo, e nunca mais lembrou-se de censurar as cousas não feitas segundo suas fracas luzes.

CARLOTA. — Decorei uma fabula franceza sobre o mesmo assumpto. Quereis que a diga D. Luiza?

D. LUIZA. — Sim, minha bôa Carlota, com muito prazer, comtanto que a recites desembaraçadamente, pois não gosto de ouvir versos gaguejados.

CARLOTA. — Farei todo o possivel para satisfazer vos.

---

## A LANDE E A ABOBORA

*Deus bem sabe o que faz.* Escusa procurar.  
As provas deste asserto ; a abobora as vai dar.  
Vio este fructo um lorpa e, estando a contemplal-o,  
E achando-o muito grande e mui delgado o tálo,  
« Em que pensava -disse, o auctor desta invenção,  
Que da abobora fez tão má collocação ?  
Si fosse cá por mim, não tinha mais trabalho.  
Que fazel-a pender daquelle alto carvalho.  
Por Deus, que isto calhava ; em arvore tão grande,  
Assenta fructo assim e não mesquinha lande.  
— Que pena foi, João, não teres figurado  
Na assembléa do Deus, do cura apregoadado ?  
Tudo ficará então melhor distribuido :  
O fructo, que ao carvalho eu vejo suspendido  
E ao meu dedo meiminho iguala na grossura.  
Pousára, em logar della ao rente da planura.  
Deus se enganou de certo. E quanto mais medido  
Na má collocação dos fructos que hei descripto  
Mais me parece nisto equivoco existir ».  
Com estas reflexões, privado de dormir  
O nosso camponez provava o dito certo :  
— « Quem muito engenho tem conserva-se desperto  
« Porque lhe foge o somno ». — Emtanto á fresca  
(sembra  
Deita-se dum carvalho em molle e verde alfombra.  
Magoa-lhe o nariz lande que se despega :  
Desperta em confusão ; có as mãos o rosto esfrega ;  
Na barba o fructo achou. Co'as dôres do nariz :

« Olá ! Pois não sangrou ! Si fosse mais pesada  
A massa que tombou, que tal fôra a pancada !  
Si uma abobora fosse em vez desta fructinha  
Ficára em fresco estado a pobre face minha !  
Tal não approuve a Deus ! Pois, sabio e omnipotente,  
Para assim proceder motivo houve excellente ».  
E, graças dando ao céo por tudo quanto fez,  
A casa recolheu-se em paz o camponez !

D. LUIZA. — Muito bem, Carlota. Não seria possivel decoral-a nem recital-a melhor.

SYLVIA. — Que bella fabula !

D. LUIZA. — Tens razão. Lafontaine, seu auctor, foi um dos mais celebres fabulistas francezes. Voltemos porem á physica.

NOEMIA. — Creio que gostaria muito de occupar-me dessa sciencia ; os que a conhecem não se devem aborrecer.

D. LUIZA. — E' verdade. Antes porem debes aprender a historia Sagrada. Vejamos Maria se sabes a tua parte.

MARIA. — Trez Israelitas, chamados Coré, Dathan e Abiron rebellaram-se contra Moysés impellindo á revolta duzentos e cincoenta homens Aborrecidos e pezarosos porque só Aarão e seus filhos podiam offerecer sacrificios ao Senhor, não reflectiam que o proprio Deus assim o tinha ordenado, e faziam a Moysés as maiores censuras. Este por ordem do Senhor disse-lhes : Que cada um tome um thuribulo cheio de incenso, Deus mostiará então os que escolheu ». Ordenou tambem a Aarão que tomasse um thuribulo e por ordem de

Deus disse ao povo : « Separai-vos de Coré, Dathan e Abiron, para que o Senhor não vos castigue com elles ». Em seguida continuou : « Si esses homens que não querem obedecer a Deus morrerem de uma morte natural, pensareis que sou um malvado e não o enviado por Deus; porem si a terra abrir-se sob seus pés e sepultal-os vivos nas suas entranhas, conhecereis que vos fallo por ordem do Senhor ». Apenas acabou de pronunciar estas palavras, a terra abriu-se, tragando Coré, Dalhan e Abiron com suas familias, sendo os duzentos e cincoentas homens que seguravam os thuribulos, tambem devorados pelas chammas que sahiam da terra. Deus ordenou então a Moysés que convertesse aquelles thuribulos em placas, com as quaes devia cobrir o altar, para que, disse elle, vendo-as, os filhos de Israel se lembrassem que nenhum daquelles que não fosse da raça de Aarão, podia se approximar do altar para oferecer incenso ac Senhor. Os Israelitas entretanto miumuraram contra Moysés e Aarão accusando-os da morte de seus irmãos ; irritado com tantas murmurações, Deus disse a Moysés e a Aarão : Separai-vos deste povo pois vou fazel-o perecer ». Então Moysés fallou assim a seu irmão : « Enche depressa o teu thuribulo de incenso e corre aonde está o povo, para abrandar a colera do Senhor ». Aarão obedeceu, e interpondo-se entre os vivos e os que acabavam de perecer obteve graça. Para castigal-os por tanta murmuração Deus fizera perecer quatorze mil e setecentas pessoas.

CARLOTA. — Meu Deus que historia terrivel ! Todo o meu corpo treme D. Luiza : devemos considerar-nos muito felizes, por Deus não exercer sobre nós tão

tiemendos castigos ; é caso para a gente morrer de medo.

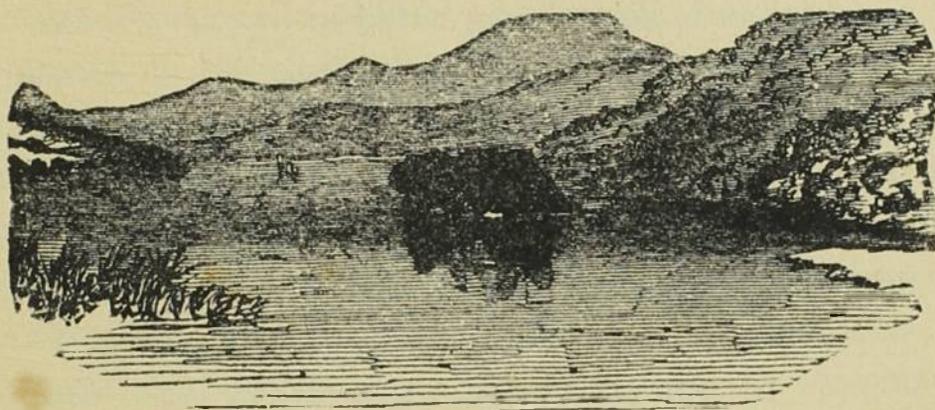
D. LUIZA.<sup>F</sup> — Deus é hoje, queridas meninas, tão justo e tão inimigo dos máos como naquelle tempo : os que não querem seguir seus mandamentos, nãc são, na verdade, atirados vivos ao inferno, mas podemos ter a certeza de que para lá irão depois de mortos, o que basta para imprimir em nossas almas o horror do crime e o temor de Deus. Só devemos temer a Deus e ao peccado segundo esta palavra de Nosso-Senhor-Jesus-Christo : *Nada receeis daquelles que so podem matar o corpo ; mais temeí os que podem perder o corpo e a alma, e precipital-os no inferno.*

LILI. — Dizem que Deus é tão bom ; no emtanto pune severamente os máos.

D. LUIZA. — Porque é muito justo tambem, Deus revela aos homens sua bondade inspirando-lhes bons pensamentos para praticarem o bem enviando-lhes remorsos quando fazem o mal ; concede-lhes bastante tempo para se arrependarem e corrigirem-se, mas, se recusam fazel-o, si querem por força serem máos, como Deus é justo, ha de castigal-os necessariamente. O rei é bom, entretanto, consente na morte dos malvados, e elle proprio seria máo, si perdoasse a todos os criminosos ; porque então ninguem ousaria mais sahir á rua ; os invejosos mata-riam os ricos para apanhar-lhes o dinheiro, aquelles a quem se tivesse causado a mais leve offensa matariam seus inimigos, de modo que todos seriam obrigados a viver no matto com os animaes, e o rei seria o causador de todos estes crimes, pela sua descabida bondade.

CARLOTA. — Asseguro-vos D. Luiza, que desejo de todo coração corrigir-me ; si fui má até o dia de hoje é porque ignorava tudo isso. Entretanto tinha lido a Historia Sagrada, mas sempre sem attenção alguma ; depois de se ter reflectido um pouco nella, é preciso estar louca para se expôr á colera de Deus.

D. LUIZA. — Vê como elle te ama querida menina :



estes bons pensamentos, estas boas resoluções te são suggeridas por elle : não serias bastante culpada si as esquecesses ? E'tua vez Lili.

LILI. — Querendo provar aos Israelitas que escolhera Aarão por sacerdote, disse ao povo pela bocca de Moysés : « Que todos os chefes das tribus de Israel compareçam á minha presença munidos de uma vara ». Estes obedeceram, e, no dia seguinte a de Aarão amanheceu coberta de flores fructos e botões. Deus disse então : « Por sacerdotes escolhi Aarão e seus filhos. Só a elles será permittido me offerecer incenso ; dou-lhes porem os filhos de Levi para cuidarem das cousas que me forem consagradas ; viverão do que me fôr offerecido e terão a decima parte dos animaes e dos fructos da terra ». Após estes acontecimentos os Israelitas dirigi-

ram-se para um logar onde não tinha agua, e ainda uma vez murmuraram. Aarão e Moysés prostraram-se diante do Senhor que disse a este ultimo : « Toma tua vara e encaminha-te para o rochedo seguido por teu irmão, diante de toda a assembléa ; fallarás ao rochedo e elle te dará agua ». Moysés e Aarão reuniram o povo, mas em vez de obedecerem com simplicidade a ordem do Senhor, fallando ao rochedo, bateram duas vezes com a vara no penhasco. Então Deus disse-lhes : « Como duvidastes da palavra do Senhor, morrereis ambos sem entrar na terra promettida ». Ordenou a Moysés que subisse á montanha com seu irmão Aarão e seu sobrinho Eleazar ; em seguida ordenou a Aarão que despisse suas vestes de Summo Sacerdote e desse-as a seu filho, porque era chegada sua ultima hora. Aarão obedeceu, morrendo logo depois. Os Israelitas murmuraram ainda contra Deus que, para punil-os espalhou sobre a terra serpentes venenosas cujas mordeduras queimavam como fogo ; mas, como o povo se arrependesse, Deus ordenou a Moysés fazer uma serpente de bronze e arvoral-a no alto de um poste : todos aquelles que fossem mordidos e olhassem para ella ficariam curados de repente. Os filhos de Israel pediram aos reis visinhos permissão para atravessar suas terras, sendo-lhes porem recusada esta graça. Diante disso Deus lhes disse : « Combatei-os, com o meu auxilio os vencereis ». Os Israelitas, obedecendo, ganharam a victoria.

MARIA. — Moysés e Aarão não eram mãos, entre tanto Deus punio-os bem severamente por uma bagatella. Que mal fizeram em bater no rochedo ?

D. LUIZA. — Certamente procederam muito mal, pois duvidaram do poder de Deus que lhes tinha dito que ordenassem ao rochedo que lhes dêsse agua. Em vez de obedecerem a Deus sem hesitações, pensaram comsigo : Si ordenarmos ao rochedo que nos dê agua com certeza não sahirá, ao passo que batendo como já temos feito, no mesmo instante jorrará. Concordo que esse crime era tão grande como o de adorar o bezerro de ouro, mas Deus castiga o peccado, qualquer que elle seja. A unica differença, é que, aos máos que peccam por maldade, castiga na outra vida, enviando-os ao inferno, e aos bons, que peccam por fraqueza, castiga n'esta vida por molestias, pela perda de seus bens, de seus parentes de seus amigos. Deus faz como um bom pai que, para corrigir seus filhos, pune-os pela menor falta.

SYLVIA. — Não é então porque Deus se zanga com um hemem, que este fica pobre, cego, ou que lhe acontece todas as infelicidades ?

D. LUIZA. — Quando Deus envia desgraças aos máos é para castigal-os e ao mesmo tempo procurar corrigil-os, porque quando estamos numa afflicção lembramo-nos logo de Deus. Nessa occasião elle falla ao coração dos máos do seguinte modo : Eis o que ganhais com a vossa desobediencia ; tenho o poder de tornar-vos desgraçado tirando-vos tudo quanto amais. Pedi auxilio ao vosso dinheiro que preferis a mim. Recorrei a vossos amigos aos quaes gostais de satisfazer, mais do que a mim. Todas as creaturas reunidas não me podem impedir de castigar-vos : deixai-as pois e vinde a mim que sou vosso Deus. Apezar

de serdes máo filho, eu sou bom pai, e só desejo perdoar-vos, desde que querais converter-vos. Bato á vossa porta, abri-m'a ; o que acaba de acontecer-vos nada é comparado aos males que soffrereis na outra vida, si não vos tornardes melhor. Tende piedade de vós mesmo, renunciái ao peccado, aos vossos máos habitos, tornai-vos manso, caridoso ; orai, e sêde justo para com os outros. Eu vos advirto, vos dou tempo de corrigir-vos, mas muito breve não tereis mais um minuto, pois morrireis, e então em vez de um pai carinhoso e bom, tereis em mim um juiz terrivel. Choras, Carlota ?

CARLOTA. — Sim D. Luiza : muitas vezes Deus me tem dito tudo isto, entretanto nunca quiz escutal-o. Asseguro-vos que nunca commetti uma grande falta sem que me succedesse no mesmo dia qualquer contrariedade, que, hoje comprehendo, era um castigo.

D. LUIZA. — E'signal que Deus te quer muito ; mas aconselho-te que não deixes teu coração tornar-se insensivel, porque, depois de ter sido muito bom para ti Deus se tornaria um severo juiz. Ainda ha pouco Sylvia perguntava-me si não era uma prova de que Deus estava zangado com um homem, quando lhe enviava qualquer infelicidade : acabo de dizer-vos que Deus para converter os máos torna-os infelizes fazendo o mesmo aos bons para corrigil-os ou castigal-os por algumas faltas leves que lhes escapam, e algumas vezes tambem para experimentar-lhes a virtude, e dar-lhes occasião de se tornarem melhores. Quando temos tudo quanto desejamos, facilmente nos esquecemos de Deus, porem, como vos disse quando

nos achamos numa afflicção e reconhecemos que as creaturas nada podem em nosso favor, appellamos para Deus. Lembro-me que quando era creança tinha um professor de calligraphia muito máo, que ralhava-me a cada passo, por mais que me applicasse. Esse professor era o meio de que Deus se servia para punir meus erros. Quando não me comportára bem dizia commigo : Daqui a pouco o Snr. Jorge (era o nome do professor) ralhará commigo ; então pedia a Deus de todo coração que abrandasse o espirito daquelle terrivel homem. Ás vezes Deus me ouvia, porem quasi sempre era castigada ; escrevia pessimamente e então o professor queixava-se a mamãi, que me prendia em casa, enquanto minhas irmãs iam passear.

NOEMIA. — Que fazieis então ?

D. LUIZA. — As mais das vezes chorava como uma tôla ; outras porem offerecia a Deus aquella mortificação, sabendo perfeitamente que si estava innocente com referencia á escripta, era culpada de outra cousa que mamãi ignorava e que si soubesse me castigaria. Não disseste a tua historia Carlota, mas como já é muito tarde ficará para a proxima lição.

---

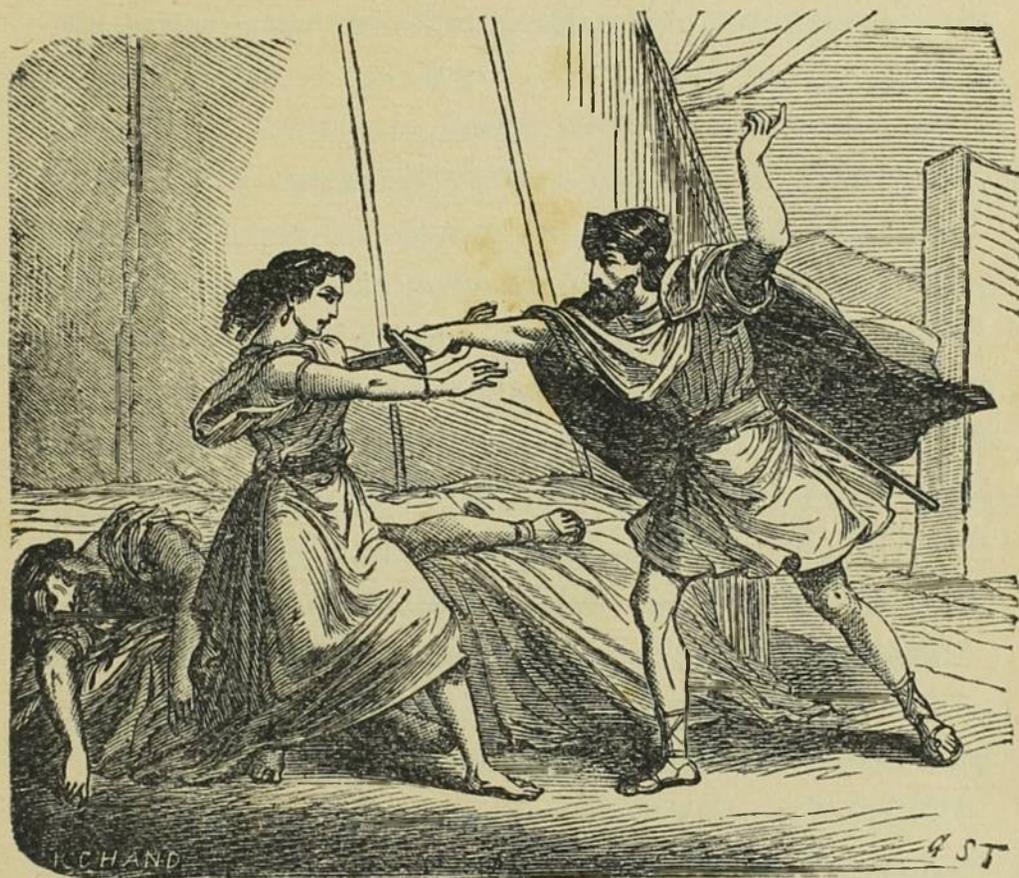
## DIALOGO DEZESETE

### DECIMO QUINTO DIA

D. LUIZA. — Prometti a Carlota que hoje começariamos por ella. Vamos pois ouvir a sua narrativa .

CARLOTA. — Havia um rei chamado *Balak* que governava os Mcabitas. Sabendo que os Israelitas tinham batido todos os povos que se oppunham á sua passagem, ficou muito receioso e mandou vir o propheta *Balaam* para amaldiçoal-os, mas em caminho o anjo do Senhor obstou-lhe a passagem. O propheta não via o anjo, o que não acontecia á jumenta que montava, pois amedrontada, recuava diante da sua espada. Balaam fustigava o animal para fazel-o avançar, este porem jogou-se ao chão, o que enfureceu tanto seu dono que o matou a pauladas. Deus permittio então que a jumenta fallasse e dissesse ao propheta : « Porque me espancas ? não te servi bem durante toda a minha vida e não vês o que me tolhe a passagem ? » Balaam ficou muito admirado ao ouvir o animal falar ; muito maior, porem, foi o seu espanto, quando appareceu-lhe o anjo dizendo-lhe : « Si este pobre animal tivesse avançado, eu te teria matado ; entretanto prosegue teu caminho, só farás o que aprouver ao Senhor ». Chegando o propheta, o rei lhe disse : « Or-

deno-vos amaldiçoar os Israelitas », ao que elle respondeu : « E porque amaldiçoaria esse povo ? Minha maldição de nada servirá, porque Deus o abençoou ». Todavia o rei conduzio o propheta a trez logares diversos ; este pórem em vez de amaldiçoar os filhos de Is-



rael abençoou-os. Então o rei lhe disse : « Não te mandei vir para abençoar esse povo, e já que fazes o contrario do que desejo, não te darei as honras nem as riquezas que te havia destinado. Balaam que era máo disse-lhe : « Si conseguirdes induzir os Israelitas a commetterem algum peccado grave, certamente Deus os amaldiçoará : basta mandardes ao seu

encontro as mais bellas mulheres do vosso reino ; elles se apaixonarão por ellas e as tomarão por esposas ; ora, assim procedendo, commetterão um grande peccado, pois Deus prohibio-lhes que despossem mulheres estrangeiras ». Balak seguiu este máo conselho, e os Israelitas, esquecendo a prohibição do Senhor casaram-se com essas mulheres que induziram-n'os a adorar idolos. Deus ordenou então a Moysés que mandasse enforcar todos os chefes de familia cujo numero montava a vinte e quatro mil. Apesar desse castigo, houve ainda um homem bastante ousado para conduzir á sua tenda uma mulher de Madian. Phineo, filho do summo-sacerdote Eleazar, no auge de umasanta colera contra esse homem que zombava assim de Senhor, tomando a espada matou-o e á mulher tambem. Após este acto de justiça, Deus perdoou ao resto dos culpados ordenando, porem, ao mesmo tempo ao povo que dizimasse todos os Madianitas.

SYLVIA. — No emtanto é uma cousa terrivel destruir assim um povo : talvez nem todos tivessem tomado parte naquella má acção.

D. LUIZA. — Deus só ordena o que é justo, queridas meninas. Não sómente destruiu essa nação como tambem todas as que habitavam na terra promettida, porque esses povos extremamente corrompidos, não tinham aproveitado do tempo que lhes fôia concedido para se corrigirem. Deus se serve de tudo para castigar os que não se querem converter. No tempo de Noé servio-se do diluvio ; no de Abrahão, do fogo que fez cahir do céo para castigar Sodoma e Gomorra ; na epocha a que nos referimos, servio-se da espada dos Is-

raelitas. Em outras éras, mandou a peste, a fome, a mortandade dos animaes, as inundações, os tremores de terra, pois é todo poderoso : os elementos estão sempre á sua disposição para castigar os peccadores, que si não recorriem á sua misericordia serão feridos pela sua justiça. Conta a tua historia Lili.

MARIA. — Desejo saber, antes, o que quer dizer elemento.

D. LUIZA. — Outiora davam este nome a quatro cousas indispensaveis á vida do homem ; são as seguintes : a terra a agua, o ar e o fogo. Dantes eram considerados corpos simples ; hoje porem está provado que são compostos de substancias diversas, pouco mais ou menos em numero de setenta : entretanto não tentarei enumeral-as, contentemo-nos por hoje com as antigas donominações que todos conhecem e comprehendem : a terra, a agua, o ar e o fogo.

MARIA. — Si vivéssemos num lugar onde não fizesse frio, poderíamos dispensar o fogo, alimentando-nos sómente de leite e fructos.

D. LUIZA. — Não se trata apenas do fogo do que nos servimos para aquecer-nos, porem tambem do sol que aquece a natureza inteira, que faz crescer as hervas e as plantas. Ora, os homens não poderiam viver sem o sol, que é a luz e o calor por excellencia.

MARIA. — Sou muito tola ; nunca reflecti que o sol fosse um fogo, apezar de sentir o calor que delle nos vem. Mas, porque o sol é mais quente no verão do que no inverno ? Por acaso estamos mais proximos delle na epocha do verão ?

D. LUIZA. — Pelo contrario, estamos mais afastados

que durante o inverno. Succede, porem, que no verão os raios solares cahem directamente sobre nossas cabeças, ao passo que no inverno os recebemos apenas em sentido inclinado. Vou ensinar-vos duas palavras para explicar-vos isto, em seguida vos farei comprehender por um exemplo. Põe a tua mão precisamente acima da vela, Maria, mas não muito perto, porque te queimarias... Pois bem, digo que tua mão está collocada *perpendicularmente* sobre a flamma, quer dizer que se acha directamente sobre ella. Repara que és obrigada a conserval-a um tanto afastada. Agora, põe a mão ao lado da chamma... neste caso, acha-se inclinada, isto é, cahe *obliquamente* sobre ella. Ora, nota que podes approximar muito mais a mão da luz, quando nessa ultima posição : o calor que recebe assim de lado é muito mais fraco do que o que lhe bate em cheio quando collocada em linha direita sobre a vela. Eis a origem do inverno e do verão, pois o mesmo acontece com os raios solares. Os sabios pretendem entretanto, que o sol, si bem que produza o calor, não é quente ; dizem ainda que é um corpo opaco cercado de uma atmosphaera luminosa. Deixemos, porem, estas considerações aos sabios.

CARLOTA. — Eu gostaria que o verão durasse o anno inteiro : os dias são maiores, mais bellos e nos permitem passear á vontade, ao passo que o inverno, de que serve ? Emquanto perdura a terra nada produz.

D. LUIZA. — Sim, mas si não houvesse inverno, a terra nada tambem produziria durante o verão. Deus fez o mundo de tal fórma que não há uma só cousa inutil, e si qualquer dellas sahisse da ordem por elle

estabelecida, o mundo inteiro pereceria. Nunca vistes o trigo ?

CARLOTA. — Sim, muitas vezes, no campo.

D. LUIZA. — Pois bem, caras meninas, examinemos como nasce e se desenvolve. Um pouco antes do inverno, durante as chuvas que nunca deixam de cair nessa epocha, é semeado. Dentro de alguns dias a semente incha apparecendo um pequeno broto que se



sahisse muito grande e viçoso não teria bastante força ; chegando o frio o inverno o retém na terra impedindo de sahir para que tenha tempo de si fortalecer. Si ao inverno succedesse immediatamente o verão, esse broto seccaria repentinamente e não teria tempo de crescer. Que fez Deus ? Poz a primavera, que não é quente nem fria, entre o inverno e o verão. Durante essa estação a espiga que contem o trigo cresce á vontade. Na extremidade dessas espigas formam-se innu-

meros compartimentos e cada um destes contem um grão que cresce pouco a pouco até tornar-se bastante desenvolvido. Chegando então a epocha de maior calor amadurece, muda de côr tornando-se de verde que era amarello dourado. Cada grão de trigo está envolvido numa pelle muito fina tambem amarella : é duro, e sob essa pelle encontra-se uma massa branca como a neve : para reduzil-a a pó, pisam-n'a obtendo então a farinha de que é feito o pão que comemos.

SYLVIA. — Até hoje tenho comido o pão sem saber qual a sua procedencia e sem pensar em todas as precauções tomadas por Deus, para m'ó dar. Com effeito, D. Luiza, tudo isso é realmente admiravel. No proximo verão, quando fôr para o campo, hei de examinar todas estas maravilhas, que certamente me hão de divertir muito.

D. LUIZA. — Essa contemplação não te deve proporcionar sómente uma distracção ; ha ainda outra cousa a fazer querida Sylvia.

SYLVIA. — O que é então, D. Luiza ?

D. LUIZA. — Não admiras a sabedoria de Deus que estabeleceu as estações precisamente na ordem necessaria para fazer germinar e crescer o trigo ? Não admiras a sua bondade que tudo isso fez para os homens e para ti particularmente ? Não darás graças a esse bom pai, vendo essa multidão de lavradores que supportam o peso de um calor abrazador e trabalham como animaes de carga ? Não dirás no teu intimo : A providencia de Deus é grande por ter feito os ricos e os pobres que se ajudam mutuamente ! Sem isto, si eu quizesse pão, seria preciso trabalhar continuamente como essa

corajosa gente, ao passo que assim sobra-me tempo para instruir-me e mais tarde procurar ser-lhes util por minha vez ? Pensarás ainda : Essas pobres creaturas lutam muito para que não me falte o pão, não seria eu bem ingrata, si não procurasse ser bôa, justa para com todos, caridosa e generosa para com os pobres ?

NOEMIA. — Eis na verdade uma distracção muito util para quando se está no campo. Bem desejava que algumas senhoras das minhas relações assistissem á nossa lição. Essas moças dizem sempre que se aborrecem mortalmente quando estão sós, creio porem que depois de terem ouvido D. Luiza teriam occupação durante muitas semanas.

D. LUIZA. — Asseguro-vos caras amiguinhas que teriamos em que empregar toda a nossa vida, si quizessemos examinar a fundo uma só, que fosse, das obras de Deus. Estás bocejando Maria, a lição foi muito seria ; mas para te despertar vou contar-te um lindo cento.

MARIA. — Garanto-vos que não me aborreci ; eu tambem hei de examinar o trigo, quando nascer ; mas si quizerdes contar-nos uma historia, confesso-vos que ficarei muito contente.

D. LUIZA. — Ouve pois, queridinha.

---

## JOLIETTA

*Conto*

Havia um homem e uma mulher casados ha muitos annos, mas que nunca tinham tido filhos : suppunham elles que só isto lhes faltava para serem felizes, pois eram ricos e estimados por todos. Porfim tiveram uma filha, a cujo baptisado compareceram todas as fadas que se achavam no paiz, e que lhe fizeram varios dons. Uma disse que seria bella como um anjo, outra que dansaria muito graciosamente, a terceira que nunca adoeceria, a quarta que seria muito espirituosa. A mãe estava contentissima com todos aquelles dons, que faziam a sua filha, a quem deram o nome de Jolietta : belleza, espirito, saude perfeita, talentos, tudo tinha, que mais pois se lhe podia desejar ? Sentaram-se todos á meza. Em meio do jantar vieram dizer ao pai de Jolietta que a rainha das fadas de passagem por alli, desejava fallar-lhe. Todas as outras fadas levantaram-se indo ao encontro da rainha ; esta porem mostrava uma physionomia tão severa, que ao vê-la todas estremeceram. « Irmãs, disse ella, depois de se ter sentado, é assim que empregais o poder que recebestes do céo ? Nenhuma de vós lembrou-se de Jolietta de um bom coração, de inclinações virtuosas. Vou procurar remediar o mal que lhe fizestes, tornando-a muda até a idade de vinte annos. Permittisse Deus que estivesse em meu poder tirar-lhe completamente o uso da palavra ! » No mesmo instante a fada

desappareceu, deixando os pais de Jolietta no maior desespero, pois nada concebiam de mais triste do que ter uma filha muda. A menina á medida que crescia ia tornando-se cada vez mais encantadora. Aos dois annos esforçava-se para fallar, mostrando por seus pequeninos gestos que comprehendia tudo quanto se dizia e morria de vontade de responder. Deram-lhe toda sorte de professores ; aprendia com incrível rapidez e era tão intelligente que se fazia comprehender por gestos, e dava conta de tudo quanto via. A principio admiravam-n'a ; porem o pai, como homem sensato que era, disse á sua mulher : « Ouve querida amiga, a nossa Jolietta está contrahindo um máo habito ; é um espiãosinho. Que necessidade temos de saber tudo quanto se passa na cidade ? Não desconfiam della porque é uma creança ; além disso sabem que não póde fallar ; entretanto conta tudo que ouve ; é preciso corrigil-a deste defeito : não ha nada mais feio do que uma mexeriqueira ».

A mãe, que idolatrava Jolietta, e curiosa de natureza, disse ao marido que elle não gostava da pobre menina, porque era muda ; que esta já era bastante infeliz, com aquella enfermidade, e que por isso não podia se resolver a tornal-a ainda mais desgraçada, contrariando-a. O marido não se dando por vencido e reppellido estas más razões, chamou Jolietta de parte e disse-lhe : « Minha querida filha, tu me causas grande desgosto. A bôa fada que te tornou muda previo sem duvida que serias uma enedadeira ; mas de que serve não poderes fallar se te fazes comprehender por acenos ? Sabes o que acontecerá ? Te farás odiar por-

todos, fugirão de ti como da peste e com bastante razão pois causarás maior mal do que essa horrivel molestia. Um mexeriqueiro intriga os maiores amigos e causa males irreparaveis : pela minha parte, si não te corrigires, desejaria de todo coração que fosses cega e surda ». Jolietta não era má e assim procedia apenas por leviandade ; prometteu pois a seu pai, por meio de signaes, que se corrigiria. De facto, essa era a sua intenção, mas, dous ou trez dias depois ouviu uma senhora caçoar de uma de suas amigas ; como nessa epocha já sabia escrever, poz num papel tudo quanto ouvira, fazendo uma narração tão pittoresca e tão cheia de espirito que sua mãe não pode deixar de rir e admirar-lhe o estylo. Muito vaidosa, Jolietta ficou lisongeada com os elogios da mãe e dahi por diante passou a escrever tudo quanto presencava. O que seu pai lhe predissera aconteceu : fez-se detestar por todos. Occultavam-se della, fallavam baixo apenas entrava, temiam-se achar nas reuniões para as quaes era convidada. Infelizmente para ella, seu pai tinha morrido, deixando-a apenas com doze annos. Não havendo pois, mais ninguem que lhe mostrasse o horror do seu defeito, acostumou-se tanto a enredar a ponto de o fazer inconscientemente ; passava o dia inteiro a espionar os criados que odiavam-n'a mortalmente. Si estava num jardim, fingia dormir para ouvir a conversa dos passeantes, mas como muitos fallavam a um tempo, não podendo guardar na memoria o que cada um dizia, imputava a uns o que outros tinham dito, escrevia o principio de uma conversa sem ouvir o fim, ou o fim sem estar a par do principio. Não se passava uma semana sem que

houvesse vinte intrigas e contendas na cidade ; e procurando-se saber de onde partiam os boatos, os enredos, descobriam sempre que provinham das narrativas



de Jolietta. Intrigou sua mãe com todas as amigas e fez mais de uma pessoa apanhar.

Até a idade de vinte annos as cousas passaram-se deste modo. Ella aguardava esse dia com grande impaciencia para fallar livremente : finalmente chegou a rainha das fadas e apresentando-se-lhe, disse: Jolietta, antes de dar-te o dom da palavra do qual certamente abusarás, vou mostrar-te todos os males que causaste com as tuas narrações ». No mesmo instante apresen-

tou-lhe um espelho, no qual viu um homem acompanhado de seus trez filhos, pedindo esmola.

« Não conheço este homem disse Jolietta fallando pela primeira vez ; que mal lhe fiz eu ? — Esse homem era um rico negociante, respondeu-lhe a fada ; tinha a sua casa de negocio repleta de mercadorias, porem faltava-lhe dinheiro ». Nessa contingencia, tendo de pagar uma letra de cambio, dirigio-se a teu pai, pedindo-lhe a titulo de emprestimo, uma certa somma, para saldar aquella divida.

Estando a escutar á porta do gabinete tornaste conhecida dos seus credores a difficuldade com que lutava o pobre homem, que desse modo perdeu o credito. Todos queriam ser pagos ao mesmo tempo e a justiça intervindo na questão, o pobre negociante e seus filhos estão, ha nove annos, reduzidos á miseria. — Meu Deus ! senhora, disse Jolietta, o meu desespero por ter commettido semelhante crime não tem limites ; entretanto como sou rica, quero reparar o mal que fiz, entregando a esse homem o dinheiro que lhe fiz perder pela minha imprudencia ».

Em seguida Jolietta vio uma bella mulher encarcerada num quarto, cujas janellas eram guarnecidas de grades de ferro ; estava deitada sobre a palha tendo a seu lado um cantaro cheio d'agua e um pedaço de pão ; seus bellos cabellos pretos cahiam-lhe sobre os hombros e pelo seu rosto deslizavam grossas lagrimas . « Ai de mim ! disse Jolietta, conheço esta moça ; seu marido levou-a para a França ha dois annos, escrevendo depois que tinha morrido. Será possivel que tenha sido eu a causadora da horrivel situação em que se acha ? — Sim,

Jolietta, respondeu a fada ; mas, o que é mais terrível ainda é que és causa da morte de um homem que o marido dessa moça matou. Lembras-te que uma tarde, sentada num banco do jardim, fingiste dormir para ouvir o que conversavam essas pessoas ? deprehendeste



pela conversa, que se amavam e o tornaste publico. O boato chegou aos ouvidos do marido dessa senhora, homem muito ciumento, que por isso matou o cavalheiro e levou sua mulher para a França, fazendo-a passar por morta para poder atormental-a durante mais tempo, entretanto a pobre senhora estava innocente. O gentilhomem fallava-lhe do seu amor por uma

de suas primas com quem tencionava casar-se ; no entanto como fallavam baixo, só ouviste metade da conversa, que escreveste, causando desse modo tamanhas desgraças. — Ai ! exclamou Jolietta, sou uma miseravel, que não merece ver a luz do dia ! — Antes de laviar a tua condemnação reconhece primeiro todos os teus crimes, disse-lhe a fada. Contempla este prisioneiro deitado neste carcere, todo acorrentado : descobriste uma conversa deste homem, aliás muito innocente, mas como só tinhas percebido metade, julgaste comprehender que estava de accôrdo com os inimigos do rei. Um rapaz leviano e máo, de combinação com uma mulher tagarela como tu, que não gostavam desse pobre homem repetiram, accrescentando mais alguma cousa ao que lhes fizeste comprehender, conseguindo por essa maneira pô-lo no carcere, de onde só sahirá para matar a pauladas o intrigante e tratar-te como á ultima das mulheres si algum dia te encontrar ». Após isto, a fada mostrou a Jolietta uma infinidade de criados expulsos das casas de seus amos, sem pão, sem recursos ; mulheres separadas dos maridos, creanças desherdadas pelos pais e tudo isto devido a suas intrigas

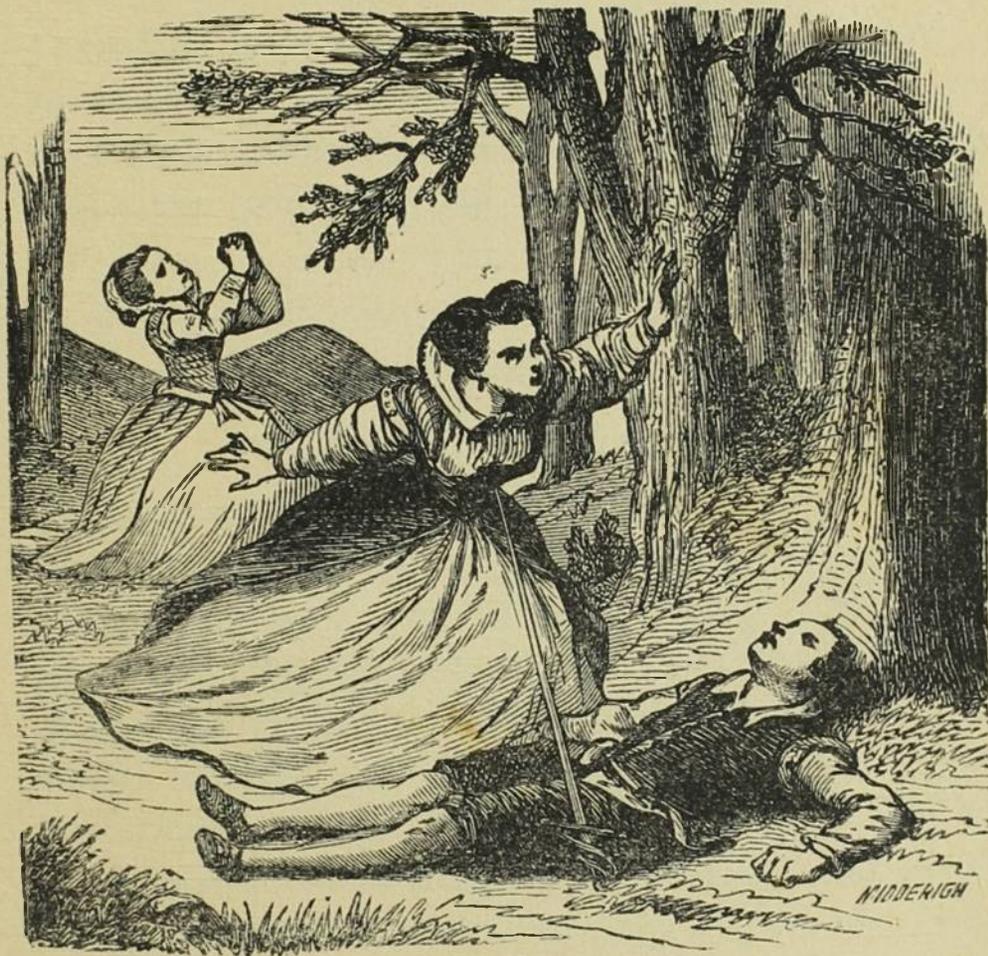
« Estás demasiado velha para regenerar-te, disse-lhe a fada : depois de teres alimentado estes defeitos até a idade de vinte annos, não basta querer, para te corrigires delles ; para semelhante mal só conheço um remedio : é ficares cega e surda-muda durante dez annos passando todo esse tempo a reflectir nos males que causaste ».

Jolietta não teve coragem de acceitar um remedio

que lhe parecia tão terrível; prometteu portanto envidar todos os esforços para se tornar discreta. A fada, porem, voltou-lhe as costas recusando-se a ouvi-la, pois bem sabia, que si de facto desejasse corrigir-se, teria accitado os meios. O mundo está cheio de pessoas que dizem: Sinto muito ser gulosa, violenta, mentirosa; desejaria de todo coração corrigir-me. Entretanto estão mentindo, porque si lhes dissessem: Para moderar tua gula, nunca debes comer fóra das refeições e nessas horas fazel-o sobriamente; para curar-te da colera, é preciso que te imponhas uma bôa penitencia todas as vezes que te encolerisares; si, como acabo de dizer, lhes aconselhassem estes meios, responderião. E' muito custoso. O que equivale a dizer que desejariam que Deus fizesse um milagre para corrigil-os de uma hora para outra, sem que para esse fim tivessem o menor trabalho. Justamente assim pensava Jolietta, mas com essa falsa bôa vontade ninguem se corrige. Vendo-se odiada por todas as pessoas das suas relações, apezar de intelligente, bella, espirituosa, cheia de talentos, resolveu ir habitar noutra paiz. Vendeu tudo quanto possuia e partio em companhia da sua idiota mãe. Chegaram a uma grande cidade, onde a principio todos gostaram de Jolietta, sendo mesmo requestada por varios homens, entre os quaes escolheu por marido, um, ao qual amava apaixonadamente. Durante um anno foi muito feliz na sua companhia. A cidade onde habitava era muito grande, e por muito tempo ignorou-se que era uma mexeriqueira, porque frequentava muitas pessoas que não se conheciam umas ás outras. Um dia depois do jantar seu

marido conversava a respeito de varias pessoas, e entre outras cousas disse que um tal senhor não era muito honesto, pois já o vira praticar certas más acções. Dois dias depois, indo á um baile de mascaras, Jolietta foi convidada para dansar por um homem vestido com um *domino*, que em seguida veio sentar-se ao seu lado. Intelligente e espirituosa como era, captivava as pessoas com a sua prosa agradável, além disso estando sempre a par das intriguinhas e dos escandalos da cidade commentava-os com muita graça. Succedeu que nessa occasião a mulher do homem a respeito do qual seu marido tinha fallado, passou por alli ; nesse momento Jolietta conversando, com o homem do *domino* disse-lhe : « Esta senhora é muito bondosa ; é pena ser casada com um homem indigno ! — Porventura conheceis esse, de quem fallais tão mal ? perguntou-lhe o mascarado. — Não, respondeu Jolietta, porem meu marido que o conhece perfeitamente, contou-me varias cousas a seu respeito, que não o honram muito ». E immediatamente repetio as taes historias augmentando-as, segundo o máo habito que contrahira, para ter occasião de fazer realçar o seu espirito. O *domino* ouviu-a muito attentamente, com grande contentamento seu pois se suppunha admirada. Terminada a conversa, o homem levantou-se ; um quarto de hora mais tarde vieram dizer a Jolietta que seu marido estava agonisante porque se tinha batido em duello com um homem cuja reputação manchára. Banhada em lagrimas dirigio-se ao logar onde jazia seu marido que não tinha talvez mais de um quarto de hora a viver. « Retira-te, peste, disse-lhe o moribundo ; tua

lingua e teus commentarios roubaram-me a vida ». Pouco depois expirou. Ao vel-o morto, Jolietta, que o amava apaixonadamente, loucade dôr e desespero, atirou-se sobre uma espada que lhe atravessou o



corpo. O abalo que sua mãe soffreu diante deste horri-  
vel espectáculo, foi tão grande que a fez adoecer de  
desgosto, e morrer amaldiçoando a sua curiosidade e a  
estúpida complacencia que tivera para com sua filha,  
cuja perda causára.

SYLVA. — Realmente essa Jolietta era uma destes-  
tavel creatura.

D. LUIZA. — Não querida Sylvia, era apenas uma moça leviana, cheia de vaidade, querendo mostrar-se muito espirituosa, mas que teria sido muito bôa pessoa, si sua mãe a tivesse castigado severamente da primeira vez que fez uma intriga.

SYLVIA. — Meu Deus, fazeis-me tremer D. Luiza ; sou vaidosa como Jolietta, não perdendo também occasião de fazer sobresahir meus talentos ; além disso sou leviana ; será possível que como ella, seja causa de tantas desgraças ?

D. LUIZA. — Tens um bom remedio minha cara amiga ; torna-te surda, cega e muda.

MARIA. — Mas isso é horrivel D. Luiza.

D. LUIZA. — Não meninas, não é tanto assim. Quando vos achardes numa reunião onde se fallar mal do proximo, tornai-vos surdas, esto é, não ouçais esses commentarios ; si não vos fôr possível deixar de ouvir-os, sêde mudas ao sahir dessa reunião, isto é, nunca digais o que ouvistes. Deveis também fechar os olhos aos actos do proximo. Vêde a importancia dessa conducta. Prefereria viver numa floresta entre ladrões, do que em companhia de uma intrigante ; desconfiaria dos ladrões, mas como resguardar-me de uma pessoa que se diz minha amiga, a qual nunca fiz mal, e que a cada passo pôde expôr-me ás maiores infelicidades, pela sua indiscrição ? Confesso-vos que si notasse que uma de vós relata o que se passa aqui, expulsal-a-hia do nosso meio como indigna. Mas é já muito tarde meninas, nos distrahimos a conversar, e creio que não teremos tempo para a historia. Diga-

mos alguma cousa sobre a geographia. Noemia, quaes são os principaes rios da Inglaterra ?

NOEMIA. — O Tamisa que desagua no mar do Norte, banha Londres. O Severn que nasce no principado de Galles e despeja suas aguas no Atlantico. O Humber ao nordeste da Inglaterra, formado pela reunião do Trent e do Ouse que nascem ao norte

D. LUIZA. — Como se chamam os logares onde nascem os rios e onde despejam suas aguas ?

NOEMIA. — O logar onde começa o rio tem o nome de nascente. Fóz ou embocadura é o ponto onde despeja as aguas e perde o nome.

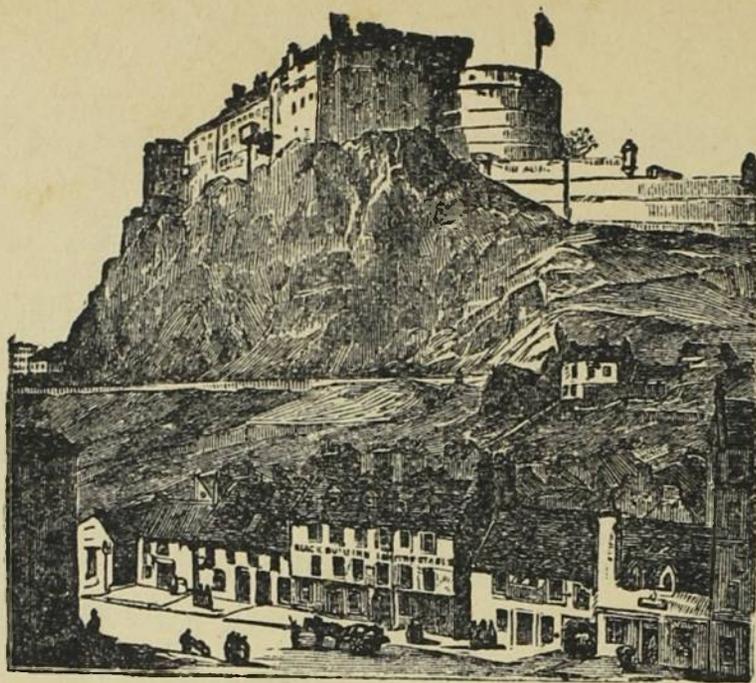
D. LUIZA. — Continua.

NOEMIA. — O Tweed separa a Inglaterra da Escosia, bem como o monte Cheviot.

D. LUIZA. — Resta aprenderdes os nomes dos cincoenta e dous condados da Inglaterra, dos cabos, dos golfos e das ilhas; tudo isso porem encontrareis nas vossas geographias.

Adeus meninas.

---



## DIALOGO DEZOITO

### DECIMO SEXTO DIA

D. LUIZA. — Comecemos pela historia. Principia Lili.

LILI. — Um dia Deus disse a Moysés : « Põe a mão sobre a cabeça de Josué em presença de todo o povo, para que d'ora em diante todos lhe obedçam. Assim fez Moysés relembrando aos Israelitas todos os milagres que Deus fizera por amor delles. Prometteu-lhes que o Senhor não os abandonaria si observassem fielmente seus mandamentos, e fel-os jurar que nunca deixariam de cumpril-os. Depois subio a um alto monte, de onde avistou a terra promettida, na qual não entraria por causa da sua desobediencia. Moysés morreu nesse lugar, contando cento e vinte

annos de idade, mas nunca se soube onde o sepultaram.

NOEMIA. — Esse grande legislador foi muito perseguido durante sua vida.

D. LUIZA. — Todas as suas penas estão terminadas, e desde muito tempo elle goza da bemaventurança eterna. Comparai os cento e vinte annos que viveu com os que desde então tem decorrido. Seus pezares foram muito passageiros em comparação ao tempo durante o qual tem sido feliz, tempo esse que perdurará por toda eternidade. Estou certa que nenhuma de vós quereria estar no seu logar enquanto soffreu tanto; verdade é, porem, que agora bem o desejarieis.

NOEMIA. — De facto D. Luiza, muitas vezes tenho dito commigo mesma : A vida é muita curta, e cheia de provações ! Depois da minha morte que terá logar em breve, só me resta ser feliz si eu tiver vivido bem.

CARLOTA. — Dizes querida amiga, que morrerás brevemente, quando tens treze annos apenas ; soffrerás por acaso de alguma molestia mortal ?

D. LUIZA. — Não Carlota ; Noemia goza perfeita saúde, porem, mesmo que devesse viver cem annos, teria razão de dizer que morrerá brevemente. Ha sete annos que estás no mundo, sete annos estes que tem decorrido como sete dias ; o resto da tua vida tambem passará rapidamente ; mas não é certo vivermos ainda muito tempo, porque dia que amanhece póde ser o ultimo da nossa vida.

SYLVIA. — Confesso-vos que se meditasse sempre nisto, viveria constantemente triste, pois tenho muito medo de morrer.

D. LUIZA. — Receias certamente, ainda não teres feito grandes esforços para te corrigires.

SYLVIA. — Francamente, não é este o motivo; mas, gosto da vida, da qual até hoje ainda não gozei muito, pois sendo muito moça raras visitas tenho feito. Antes de morrer, desejaria ter tempo de frequentar a sociedade e divertir-me um pouco.

D. LUIZA. — Que dirias si o filho de um rei esti-



vesse numa prisão, de onde não quizesse sahir por não ter ainda ido passear no jardim desse triste lugar?

SYLVIA. — Que era um louco, por que indubitavelmente teria no reino de seu pai, jardins muito maiores que o da prisão.

D. LUIZA. — Assim fazes tu cara menina, dizendo que não queres morrer enquanto não tiveres frequentado a sociedade: isso me recorda certa passagem de uma historia.

Um príncipe chamado *Josaphat*, tendo-se perdido na caça, ouviu uma linda voz. Surprehendido por ouvir cantar tão bem num deserto, encaminhou-se para o lado de onde vinha a voz, quedando-se admirado ao ver que quem cantava era um pobre leproso cujo



corpo, a horrivel molestia havia em parte consumido. « Deus do céo! disse-lhe o príncipe, como tens animo de cantar achando-te em tão miseravel estado? — Tenho bem razão de me alegrar, respondeu o doente; ha quarenta annos que estou no mundo, isto é, ha quarenta annos que minh'alma se acha encarcerada num corpo immundo que é sua prisão.

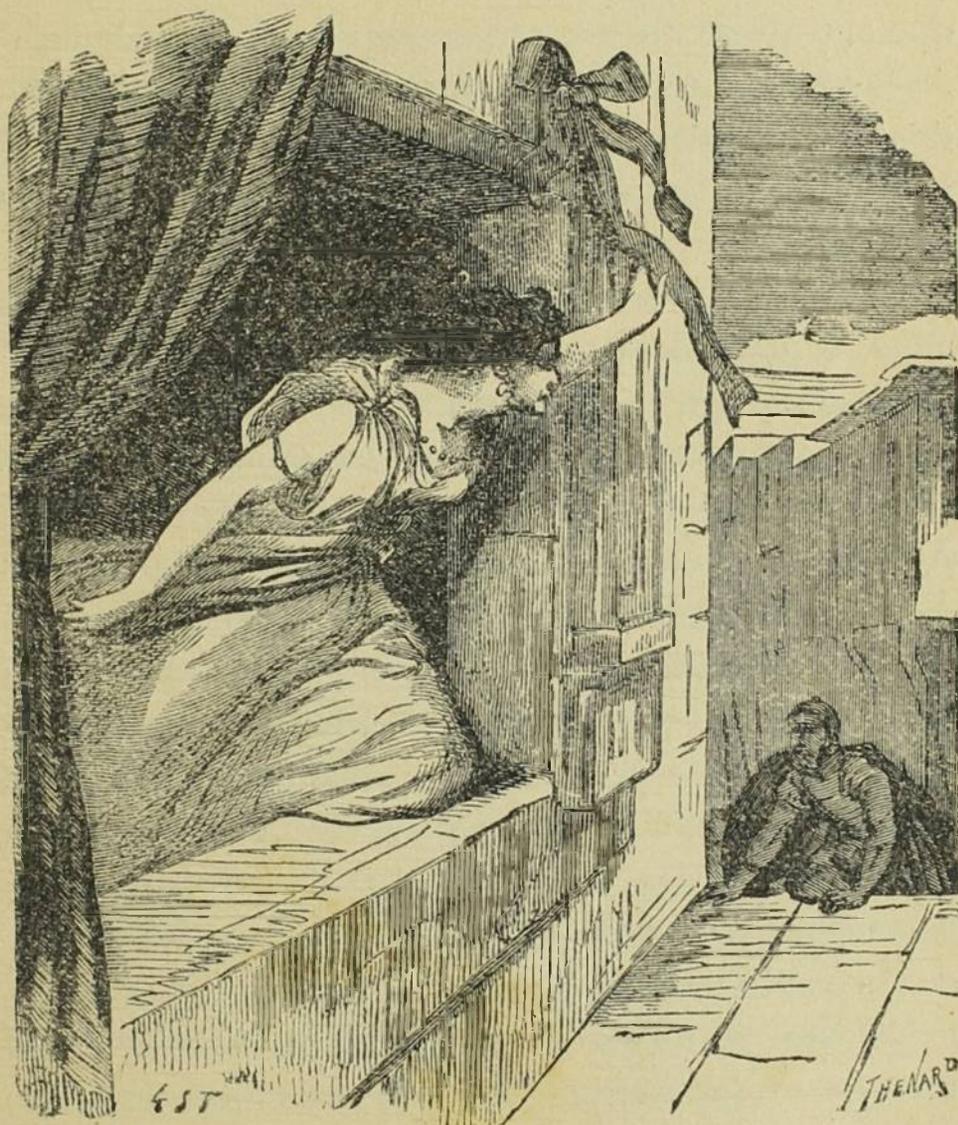
Ora as paredes desta prisão cahem aos pedaços ; em breve minh'alma, livre pela destruição de meu corpo, veará para o céo onde gozará de uma illimitada felicidade. Sinto-me tão contente, que não posso deixar de cantar para festejar o meu livramento ».

CARLOTA. — Não tenho propriamente muito apêgo á vida, mas temo a morte, porque tenho sido muito má.

D. LUIZA. — Já iniciaste a tua conversão em pról da qual trabalhas quanto podes ; basta pois isto para tranquillisar-te. Deus é tão bom, que não te pede mais. Concordo que a morte é bem terrivel para as pessoas que vivem como si a alma devesse se extinguir com o corpo, que só se occupam de prazeres, que não pensam em Deus, como si elle não existisse : o inferno dessas pessoas começa desde quando adoecem. Conheci uma senhora de alta linhagem que levara este genero de vida : adoecendo gravemente, os medicos declararam-lhe que tinha o figado perdido ; ouvindo semelhante cousa gritou desesperadamente, e sendo muito ignorante perguntou-lhes si não podiam lhe fazer outro, em troca do qual offerencia sua fortuna. Os medicos responderam-lhe que o mal era sem cura ; tornando-se então como uma louca furiosa, rogava a uma das filhas que lhe desse um tiro nos olhos. Continuemos as historias.

CARLOTA. — Succedendo a Moysés por ordem de Deus, Josué mandou dous espiões a uma cidade chamada *Jericho*. Estes foram ter á casa de uma mulher chamada *Rahab* ; porem o rei mandou alguns soldados á sua casa para prenderem os espiões. Como

os tinha escondido, não os encontraram. No dia seguinte disse-lhes Rahab : « Sei que sois mensageiros do verdadeiro Deus, que vos entregará esta cidade ;



oprem, já que vos protegi, peço-vos que me não façais mal nem tão pouco a minha família ». Os espiões responderam-lhe : « Nenhum mal vos acontecerá ; reuni vossa família em vossa casa, quando assaltarmos a cidade, e não esqueçais de pôr uma fita escarlate na

janella ». Em seguida foram ter com Josué que ordenou ao povo preparar-se para atravessar o Jordão : Não havendo ponte sobre o rio, os Israelitas mostraram-se embaraçados, mas Josué ordenou aos sacerdotes que entrassem no rio, carregando a arca da Alliança. Apenas seus pés tocaram na agua, o rio dividio-se em duas partes dando assim passagem aos Israelitas. Deus disse a Josué : Manda apanhar doze pedras no lugar onde se conservaram os sacerdotes durante a passagem do povo ; dessas doze pedras farás um altar, e quando o povo e seus descendentes te perguntarem o que significa elle, responderás : « E'para vos fazer lembrar o milagre que Deus obrou em vosso favor, quando vos fez entrar na terra promettida á Abrahão ». Os Israelitas cumpriram á risca as ordens do Senhor e entraram na terra promettida.

MARIA. — Em que parte do mundo fica essa terra ?

D. LUIZA. — Vou mostrar-t'a no mappa, fica ao sudoeste da Asia, e depois que os Israelitas alli residiram denominaram-n'a Judéa ; hoje é mais conhecida pelo nome de Palestina. Eis aqui o Jordão e o mar Morto, no mesmo lugar onde existiram as cidades de Sodoma e de Gomorrha, destruidas pela fogo do céo.

NOEMIA. — Li que existe á margem do mar Morto uma arvore que dá fructos de bellissima apparencia, por rem amargos, e cheios de cinza. É exacto ?

D. LUIZA. — Assim parece ; eis pelo menos o que diz um explorador moderno, e fidedigno : « A arvore que produz a celebre maçã de Sodoma cresce a duas ou tres leguas da embocadura do Jordão nas immediações do mar Morto. E'aculeada, de folhas miúdas e delgadas ;

seu fructo, semelhante ao limão do Egypto, tem a côr e mesma forma. Emquanto não amadurece contem um succo corrosivo e salgado ; quando secco, uma semente escura, perfeitamente comparavel a cinza, tendo o sabor de uma pimenta amarga. » Varios auctores consideram esse fructo como a imagem do peccado e dos prazeres illicitos : as apparencias são bellas, mas o interior contem apenas fél e podidão. Continua a Historia Sagrada, Maria.

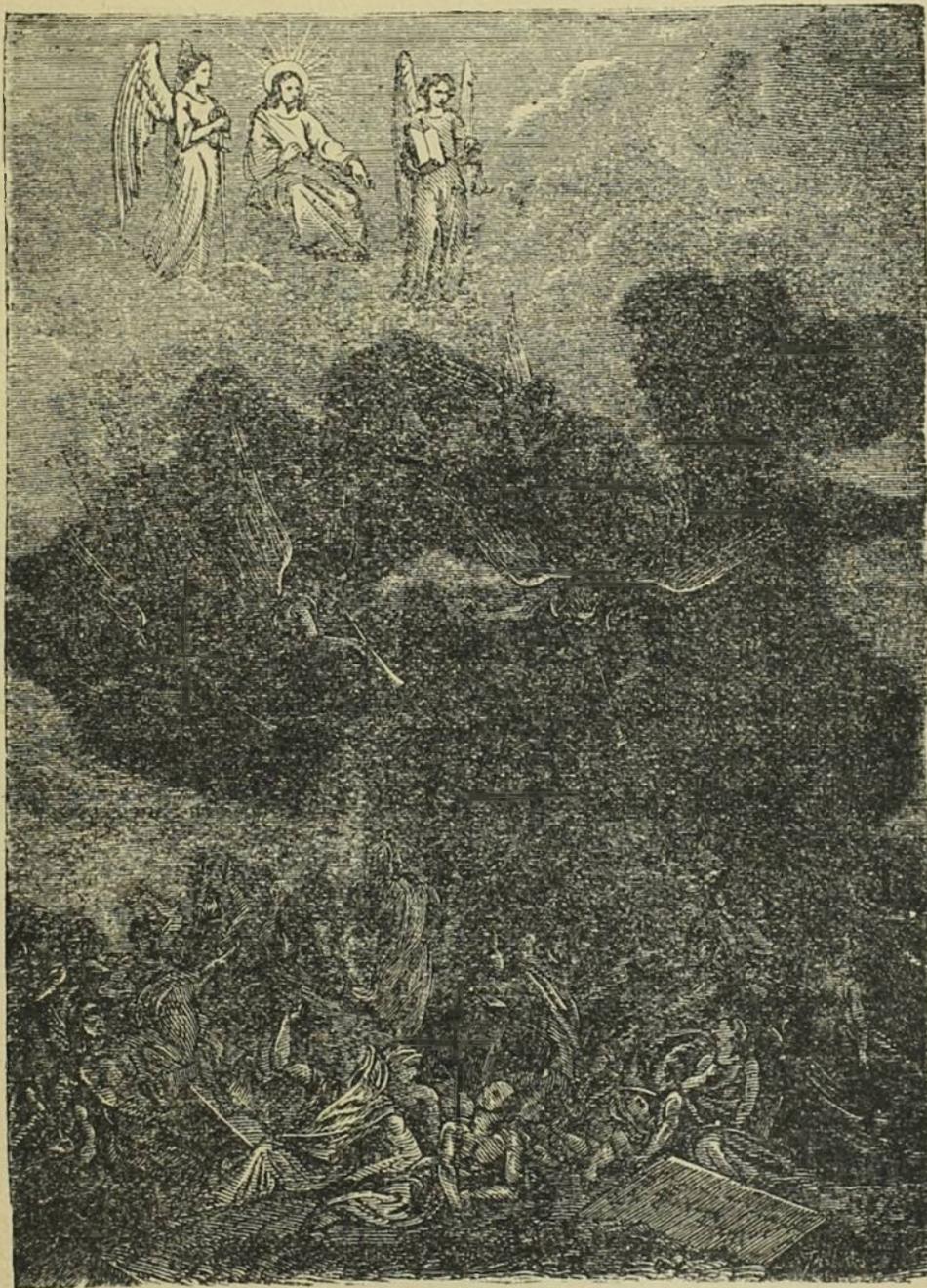
MARIA. — Assim que os Israelitas entraram na terra promettida, fizeram pão com o trigo do paiz ; desde então deixou de chover maná. Para mostrar a Josué, que combatia por seu povo, Deus fez-lhe apparecer um anjo com uma espada na mão ; depois disse-lhe : « Que os sacerdotes tomem a Arca da Alliança e rodeem as muralhas de Jerichó durante seis dias consecutivos, uma vez por dia ; no setimo fareis a volta da cidade sete vezes, e da ultima os sacerdotes tocarão as trombetas levantando o povo grande alarido ; immediatamente cairão as muralhas da cidade, onde cada um entrará por seu lado ; observai porem o que vou dizer-vos : Não quero que se perdoe a nenhum dos habitantes de Jerichó, excepto a Rahab e sua familia. Isto feito destruireis a cidade, porque todos aquelles que lá residem são máos. Prohibo-vos conservar o que quer que seja de Jerichó ; o ouro, a prata o ferro e o cobre me deve ser offerecido, tudo mais será queimado ». Josué executou as ordens do Senhor. As muralhas da cidade caíram, só se salvando Rahab e sua familia. Josué mandou tres mil homens combater os inimigos ; os Israelitas porem fugiram morrendo dentre elles

trinta e seis. Muito consternado, Josué, em companhia dos restantes prostrou-se por terra ; o senhor porém disse-lhe : « Não te afflijas, aconteceu esta desgraça ao povo porque ha entre vós, um homem que me desobedeceu, conservando o que encontrô em Jerichó : tirai a sorte, e vos mostrarei o culpado que matareis a pedradas, queimando em seguida o seu cadaver bem como o que roubou ». Escreveram os nomes das tribus de Israel em pedacinhos de papel que depois dobraram ; em seguida tiraram-n'os sem olhar, apparecendo o nome da tribu de Judá depois vieram os nomes de todas as familias desta tribu e por fim o da familia de Zara, finalmente nesta o nome de Acham. Josué disse-lhe então : « Meu filho, glorifica o Senhor confessando o que roubaste ». Este respondeu : « Pequei contra o Eterno, deixando-me tentar por um bello manto, pelo ouro e pela prata, enterrados na minha tenda ». Effectivamente tudo isso foi encontrado. Acham apedrejado, em seguida queimado com todos os seus bens.

D. LUIZA. — Bem terrivel vos deve parecer esta historia. Acham occultou-se para commetter o furto, sem se lembrar que Deus o veria e encontraria o meio de descobrir o crime perante o povo. Escondei-vos como quizerdes para praticar o mal, escolhei, si quizerdes, a noite, fechai-vos numa adega, ide para um deserto, Deus está em toda parte, vê vosso crime, e si não o descobrir a todos, é certo que vol-o lançará em rosto, á face do universo, no dia do juizo final.

MARIA. — E que é o juizo final ? Nunca ouvi fallar disto.

D. LUIZA. — Estás enganada querida Maria, pois todos os dias ao rezares o credo dizes : « *Jesus-Christo*



*está sentado á mão direita de Deus Padre todo-poderoso, de onde hade vir julgar os vivos e os mortos ? »*

MARIA. — E' verdade D. Luiza ; ignoro porem a significação dessas palavras.

D. LUIZA. — Vou explicar-t'as. O céo, a terra, e tudo quanto vês, não durarão eternamente. Um dia virá em que todas estas cousas serão destruidas : então todas as pessoas que estiverem vivas morrerão, e estas bem como as mortas desde o principio do mundo, ressuscitarão, isto é, viverão novamente quando o anjo do Senhor tocar a trombeta gritando : « Levantai-vos mortos, vinde comparecer ao julgamento ». Quando todos os homens estiverem reunidos, será aberto o livro, diz a Escriptura, no qual estarão gravadas as boas e más acções que tiverem praticado durante a vida. Após esse exame Jésus-Christo, dirá aos bons : *Vinde, benditos de meu Pai, possuir o reino que desde toda eternidade para vós preparei ; porque tive fome e me destes de comer, tive sede e me destes de beber, vivia errante e me acolhestes, estava nu e me vestistes, estava doente e me tratastes, estava na prisão e me viestes visitar.* Os bons dirão : Como, Senhor, vos prestamos todos estes serviços ? E Jesus responderá : *Em verdade vos digo que todas as vezes que fizestes bem a um pobre e a um desgraçado por amor de mim, fizestes bem a mim mesmo.* Em seguida dirá aos máos : *Retirai-vos da minha presença maldictos, ide ao fogo eterno para vós preparado por Satan ; porque tive fome e não me destes de comer ; tive sede, não me destes de beber ; vivia errante, não me acolhestes ; estava doente e na prisão, e não me visitastes.*

A estas palavras, os máos irão cumprir as penas

eternas ; ao passo que os bons gozarão de uma felicidade perpetua.

SYLVIA. — Estou sem uma gotta de sangue nas veias tão aterrorizada me acho. Meu Deus ! si pensasse sempre no que acabais de dizer, seria uma santa. Bem quero realmente converter-me e não mais temer a morte, pois que não morrerei inteiramente, devendo ressuscitar um dia. Será porem com os nossos proprios corpos que ressuscitaremos ? Isto é muito custoso de ciêr, porque afinal, supponhamos que um homem caia no mar e seja devorado por vinte peixes, que por sua vez serão comidos por vinte homens ; como todas as partes do corpo desse homem afogado, poderão ser reunidas ?

D. LUIZA. — Serão muito mais divididas ainda do que suppões querida Sylvia ; porque os homens que tiverem comido os peixes que se nutriram do naufrago, por sua vez morrerão. As materias gordurosas do seu corpo fará nascer capim nos cemiterios onde forem enterrados ; este capim será comido por animaes, e estes por outros. Entretanto, á estas palavras do anjo : *Levantai-vos mortos !* o poder de Deus reunirá todas as partes.

CARLOTA. — Tambem exprobarão aos homens as faltas, das quaes se tiverem emendado ?

D. LUIZA. — Certamente, mas ao mesmo tempo mostrarão os esforços por elles empregados para se corrigirem, o que será muito glorioso.

LILI. — Tambem os máos ficarão muito envergonhados quando virem que todos conhecerão os peccados que tiverem commetido ás occultas.

D. LUIZA. — Terão tanta vergonha que desejarão que as montanhas caiam sobre elles e esmaguem-n'os ; esses votos porem serão inuteis, pois é preciso que se envergonhem de suas más acções perante o universo inteiro.

MARIA. — Cá por mim, creio que é muito facil ganhar o céo, pois para esse fim basta fazer bem aos pobres, o que não me parece muito difficil. Tenho tanta pena desta gente, que de bôa vontade lhes daria o meu pão do almoço, si m'o permittissem.

D. LUIZA. — Mas, si tivesses muita fome querida amiguinha ?

MARIA. — Dar-lhes-ia métade e comeria c resto. Explicai-me porém uma cousa D. Luiza ; supponhamos que uma mulher seja muito má, que se deixe levar pela colera a cada instante, que goste de vinhos e licores, que seja mentirosa, que falle mal do proximo, essa mulher irá ao céo com todos estes defeitos, si dêr esmolas, si fôr caridosa ?

D. LUIZA. — Não, cara menina ; mas é quasi impossivel que uma pessoa caridosa tenha tanto defeitos, ou pelo menos que não se corrija d'elles. Nota bem que para ser realmente caridoso é preciso sel-o por amor a Deus. Ha pessoas que dão esmolas por vaidade, outras por imitação, para fazerem como os outros, é muitas ainda para não serem importunadas pelos pobres. Bem comprehendéis que não são estas as esmolas de que falla Jesus-Christo.

SYLVIA. — Entretanto, quando não se é muito rico, e além disso se tem uma familia numerosa, não se pôde dar muitas esmolas.

D. LUIZA. — Tens razão, mas quando não se póde dar dinheiro aos pobres, póde-se praticar a caridade como si se fosse rico, praticando as outras obras de misericórdia. Si uma pessoa te expuzer sua pobreza, debes consolal-a, exhortal-a a supportar seus males resignadamente, recommendal-a as pessoas ricas, e assim fareis caridade ; porque consolar os afflictos é uma das obras de misericórdia. Eis ainda outra : instruir os ignorantes a começar pelos proprios filhos, em seguida os famulos e os pobres ; ensinar-lhes e explicar-lhes o catechismo ; procurar inspirar-lhes o temor de Deus, ensinar-lhes a rezar ; servir-os quando estão doentes é ainda uma obra de misericórdia. Conheci senhoras que não podendo dar dinheiro aos pobres por não o terem, trabalhavam para elles, remendavam roupas velhas para dar-lhes. Outra obra de misericórdia é reprehender os peccadores com brandura e piedade : rogar por elles e procurar prestar ao proximo todos os serviços possiveis. Finalmente caras meninas, uma pessoa caridosa encontra mil meios de fazer bem, apezar de pobre. Digamos alguma cousa da geographia, Noemia, como se divide a Escossia ?

NOEMIA. — Em duas partes, denominadas meridional e septentrional e separadas uma da outra pelo rio Tay. Tem por capital a cidade de Edimburgo, situada na parte meridional a leste.

D. LUIZA. — E a Irlanda ?

NOEMIA. — Em quatro partes, que eram outiora quatro reinos. Ao sul a provincia de Munster ; a leste, a de Leinster ; ao norte a de Ulster, e a oeste a de Connaught. A Irlanda tem por capital Dublin. Quereis

que recite os versos que me ensinastes para me ajudar a aprender esta parte da geographia ?

D. LUIZA. — Esses versos são pessimos ; mas não importa, mesmo assim auxiliam a memoria : podeis pois recital-os.

NOEMIA. —

A Inglaterra, a Irlanda e o bom povo d'Escossia  
 Não são mais que um Estado outróra sendo tres  
 Por varios principes regidos.  
 No primeiro se vêem quarenta e duas partes.  
 Hoje provincias ha nesse paiz de Galles.  
 Londres, sobre o Tamisa, é a morada dos reis.  
 Tweed corre ao norte e esse rio separa.  
 O inglez do escossez que foi bárbaro outróra.  
 O Tay se vê no sitio  
 Que a Escossia corta ao meio :  
 Edimburgo cidade principal  
 Está na parte mais meridional.

D. LUIZA. — Como vos disse estes versos muito banaes e tão pouco poeticos servem apenas para facilitar a memoria ; demais é quasi impossivel fazer melhores sobre este assumpto. Sobre a Irlanda, Noemia, não sabes nada ?

NOEMIA. — Eis uma quadra relativa a esse reino :

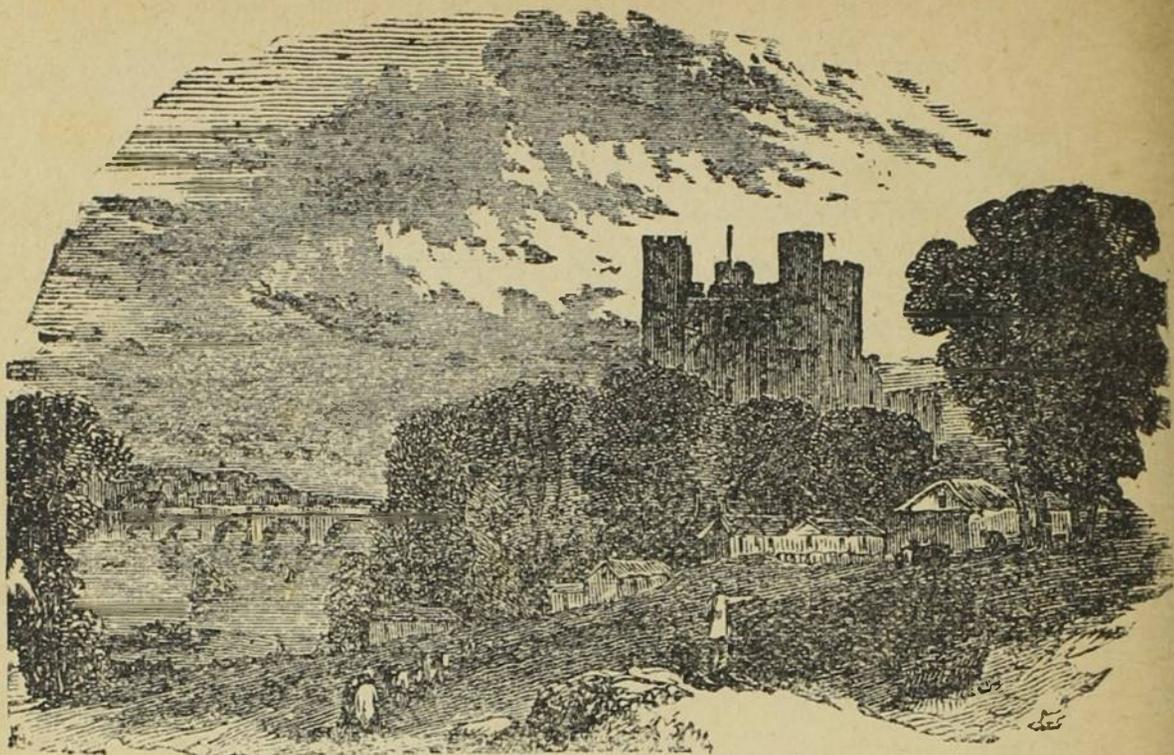
A Irlanda, contava outróra  
 Quatro reinos, quatro reis.  
 Tal paiz pobre mas fertil  
 Vê Dublin a primeira entre as cidades todas.

CARLOTA. — Gosto muito mais de versos do que de prosa, e muito mais facilmente os aprendo. Noemia peço-te copiares para mim os que acabas de dizer.

NOEMIA. — Com muito prazer. Amanhã de manhã t'os mandarei.

D. LUIZA. — E os decorarás para a proxima lição.  
Adeus meninas !

---



## DIALOGO DEZENOVE

### DECIMO SETIMO DIA

SYLVIA. — Papai emprestou-me um livro no qual li um lindo conto, D. Luiza ; peço-vo deixar-me repetil-o as minhas amigas.

D. LUIZA. — Da melhor vontade, minha bôa Sylvia.

SYLVIA. — Um principe chamado *Roland*, apaixonou-se por uma princeza de nome *Angelica*. Roland era um homem honrado, mas apesar disto Angelica não o podia supportar. O principe guerreava, praticava gloriosos feitos, no intuito de agradar a sua dama. Quando fazia prisioneiros, dizia-lhes: « Concedo-vos a liberdade com a condição de irdes ter com Angelica e dizer-lhe que por amor della vos deixei livres. Os

productos de suas conquistas, como diamantes e outras preciosidades, enviava á princeza. Nada porem lhe enternecia o coração, porque era uma tola ; preferia um homem bonito a um homem honrado e valente, e, como Roland não era bello, não queria desposal-o. Um dia passeando num bosque, vio um homem deitado por terra, apresentando varios ferimentos de espada : á principio suppôz que estava morto ; porém, approximando-se notou que ainda respirava e que era bello como o dia. Avistando, não muito longe, alguns pastores, pediu-lhes que transportassem o moço para sua cabana, e, uma vez alli, incumbio-se de tratá-lo, não por caridade, mas sim porque o amava. Restabelecido o moço, Angelica fugio com elle com grande desespero de Roland que enlouqueceu. Vagava pelos campos em completa nudez ; aquelles que o viam lastimavam-n'o, dizendo : « É uma grande desgraça para um homem honrado, amar uma mulher tão frivola e leviana.

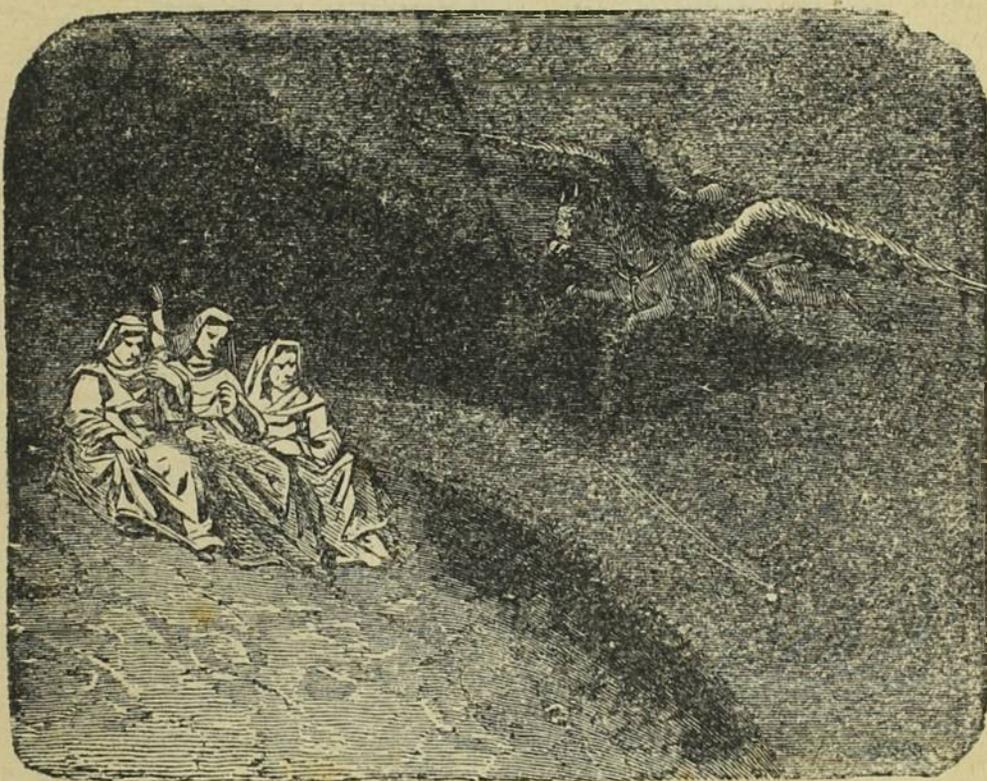
Um dia uma fada compadecendo-se de Roland, foi ter com um primo seu chamado *Astolpho*, deu-lhe um cavallo aládo e disse-lhe : Monta neste cavallo, que te transportará ao reino da Lua ; lá encontrareis a razão de Roland, e a trareis ». Assim fez *Astolpho*. Chegado ao reino da lua vio trez velhas fiando juntas. A primeira, chamada *Clotho*, segurava o fio ; a segunda *Lachesis* enrolava-o no fuso e *Atropos*, a mais velha cortava-o. Ao chegar *Astolpho* disseram-lhe : « Somos trez irmãs chamadas *Parcas* ; fiamos a vida dos mortaes ; quando um homem vem ao mundo, uma de nós segura o fio, a outra enrola -o ; porem quan-

do o cortamos é forçoso que morra ». Astolpho, muito apegado a vida disse ás Parcas : Senhoras, estou encantado por ter tido a honra de vos apresentar os meus respeitos : ouvi fallar de vós, porem não vos fazem justiça. Os poetas dizem que sois velhas ; entretanto, mentem,



porque acho-vos ainda muito conservadas, muito amaveis ; e quando voltar a terra, farei punir severamente os auctores que vos calumniaram, porque hei de ser um dos vossos mais zelosos servidores. — Bem se vê que vindes da côrte, disse-lhe Clotho ; mentis com uma impudencia admiravel e tendes muito geito e graça para lisonjear as pessoas ; perdeis porem vosso

tempo, pobre rapaz, sabemos que somos velhas, muito velhas ; além disso differimos das mulheres do vosso mundo, tão ignorantes que não comprehendem que os homens zombam dellas quando elogiam-n'as exageradamente. Percebo muito bem o que vos induz a ser



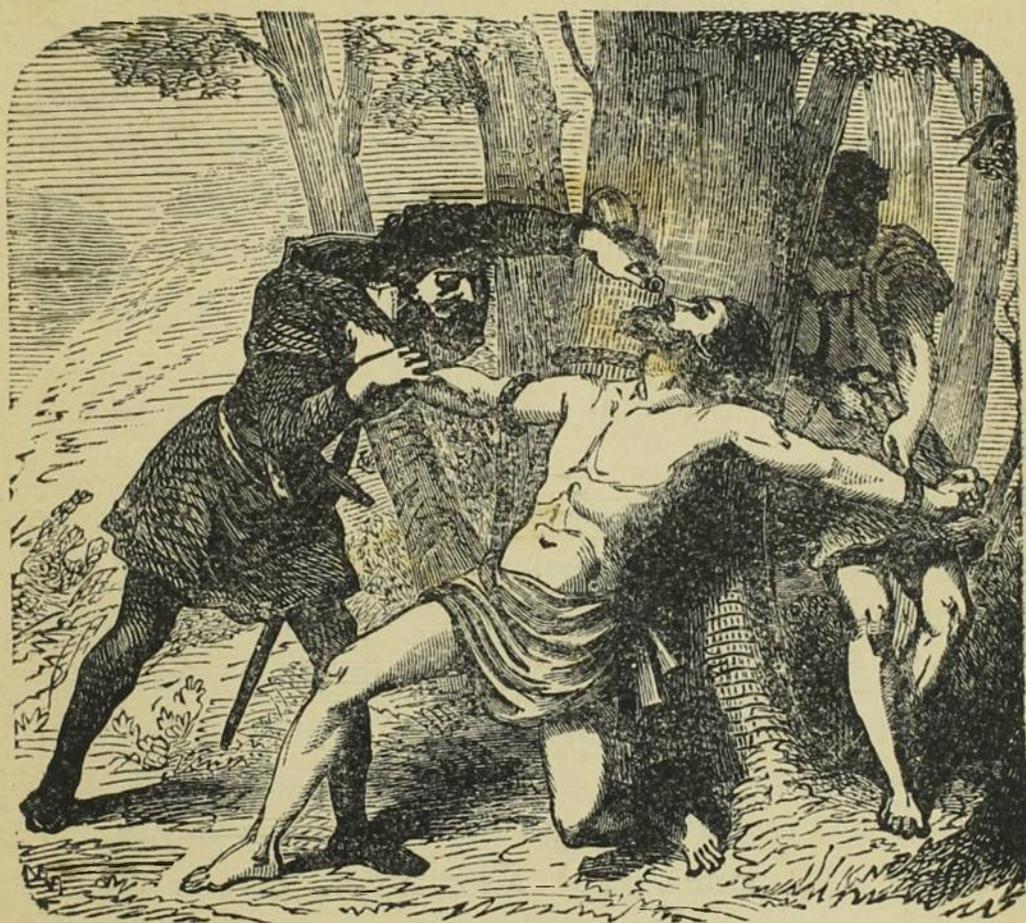
tão cortez : desejarieis que minha irmã Atropos se esquecesse de cortar o fio de vossa vida ; isso porém não depende della o Destino guia sua tesoura, e todos os poderes do céu, da terra é do inferno não podem impedil-a de executar suas sentenças. Morrereis quando elle o ordenar ; não vos preocupeis com esse momento, procurai apenas viver dignamente para não temerdes a morte. Adeus, é tempo de desempenhardes a vossa commissão. Basta seguir em frente, encontrareis uma grande casa, na qual entrareis ; um dos cria-

dos vos ensinará onde deveis procurar a razão de Roland ». Um tanto envergonhado por ter sido descoberto, Astolpho despedio-se das Parcas, encontrando logo depois a casa indicada. O criado que se achava na porta disse-lhe : « Acompanhai-me á esta sala Senhor, ahi encontrareis o que procurais ». Astolpho entrou num salão onde se viam muitas prateleiras ; e, sobre estas, uma infinidade de garrafas alinhadas, cada uma com seu rotulo, como numa pharmacia. « Procurai a do cavalheiro Roland, disse o famulo ; todas as garrafas tem etiquetas. — Mas, amigo, disse Astolpho ao criado, estou admirado da quantidade de garrafas que aqui vejo ; não julgava que houvesse tantos loucos no mundo. — Isto é quasi nada, respondeu-lhe este ; a sala onde nos achamos, contem apenas os juizos dos loucos da côrte de Carlos Magno, vosso imperador ; mas, apressai-vos em procurar a que necessitais ». Lendo os rótulos Astolpho deparou logo com o seguinte : *Juizo da joven Elisa*. « O que significa isto ? perguntou ao guarda ; Elisa não está louca, pelo contrario, é um dos mais bellos ornamentos da côrte de Carlos Magno. Eu que a conheço muito intimamente, posso garantir que tem muito espirito. — E nenhum juizo accrescentou o guarda. Porventura uma pessoa é ajuizada quando com o maior sangue-frio sacrifica sua mocidade, saúde e reputação, prazer de se divertir ? Elisa abandonando-se a dissipação, faz chegar mais depressa a velhice, e morrerá tendo vivido apenas metade do que devia, pois faz do dia noite, e da noite dia. Receia tanto estar sósinha que vai a toda parte para evitar sua propria compa-

nhia ; em todo logar a vêdes ; em tudo toma parte, e isto porque teme achar occasião de reflectir sobre si, o que a envergonharia muito. Entretanto nasceu dotada de muito juizo : notai que a sua garrafa é muito maior que as outras. — Deixa-me levar esta garrafa com a de Roland, disse Astolpho. — Fal-o-hieis inutilmente, respondeu o guarda : muitas vezes baixei ao vosso mundo para offerecer esta garrafa a Elisa ; agradeceu-me muito gentilmente, mas não se pode resolver a acceital-a, porque adora os prazeres, quer brilhar em todas as festas e sabe perfeitamente que si recobrasse o juizo, seria preciso renunciar a este género de vida, quebrar as correntes que a elle prendem-n'a. Ora como gosta dessas correntes, pedio-me que guardasse a garrafa até a idade de quarenta annos, epocha em que promette tomal-a até a ultima gôtta ; mas. ai della ? será sua desgraça. Enferma, desprezada, ninguem a applaudirá por abandonar os prazeres prestes a deixal-a e seu juizo que agora poderia servir-lhe para corrigir-se, nessa epocha só servirá para desesperal-a. Passemos adiante ». Astolpho leu ainda alguns rotulos, e, imagine-se o seu espanto ao deparar com um vidro no qual estava escripto : *Juizo de Astolpho*. « Ah ! na verdade, essa é bôa ! exclamou ; pois então me tomam por louco ? — Sabei, respondeu-lhe o guia que os maiores loucos não são os que andam vagando pelos campos, como Roland : todos aquelles que se deixam governar pelas paixões são verdadeiros loucos. O rico avarento que se priva do necessario, que attrahe sobre si o desprezo das pessoas de bem, tudo isto para ajuntar vintem por vintem, e deixal-os a herdeiros que ao

gastal-os zombarão d'elle não é um louco ? Aquelle homem orgulhoso de sua nobreza a ponto de preferir morrer do que ceder o passo a um outro, seu igual no emtanto, não é um louco ? Vós mesmo cavalheiro que levais a vida a guerrear, vos expondo todos os dias a morte ou a perder os braços, as pernas, isto para dar que fallar de vós, que estais sempre disposto a vos fazer matar pelo primeiro idiota que disser mal de vós, não sois um louco ? — Relativamente a este ultimo motivo, confesso a minha loucura ; mas quanto ac primeiro não me posso conformar. Um homem da minha classe foi feito para ir a guerra, e a razão me diz que devo sacrificar a vida pela patria e pelo rei. — Certamente, replicou o guia ; porem ao sacrificar des a vida nunca pensastes nem no rei nem em vosso paiz, e ali está a loucura : só desejastes dar que fallar de vós, conquistar glorias e honrarias, supplantar vossos camaradas, nisto consiste a extravagancia. Aceitai o meu conselho, tomai vossa garrafa e esvasiai-a até a ultima gôtta. — Resta-me felizmente bastante juizo para seguil-o » disse Astolpho. Abrindo immediatamente a garrafa aspirou todo o conteúdo, ficando muito envergonhado quando de posse do seu juizo, examinou todas as asneiras que fizera até então. Por fim achou a garrafa de Roland, e, depois de ter agradecido ao guia, voltou á terra. Custaram muito a agarrar Roland para fazer-lhe aspirar o juizo, mas afinal o conseguiram. Apenas recobrou-o, olhou para todos os lados, e muito admirado de se ver nú, perguntou quem o pozera em semelhante estado. Disseram-lhe que fôra o pezar que lhe causara a perda

de Angelica. « Angelica ! repetio Roland, surprehendido, aquella namoradeira que dava attenção a todos os homens, que só se preocupava com a sua belleza. que só gostava de lisonjas, que accitava presentes de qualquer homem, que, esquecendo-se que era uma



princeza, desposou um joven aventureiro unicamente por ser bello ! E'possivel que tivesse enlouquecido por causa de um ente tão desprezivel ? » Em seguida, depois de reflectir accrescentou: Afinal, foi uma grande felicidade para mim, porque essa loucura foi sempre mais benigna e menos perigosa do que a minha paixão por Angelica ; e, a maior infelicidade que póde a acon-

tecer a um homem de bem, é desposar uma mulher namorada » . Todos ficaram surprehendidos ouvindo-o fallar com tanto acôrto. Varias pessoas atacadas da mesma molestia pediram a Astolpho que emprehesse nova viagem em seu favor, pois nada é mais commodo do que a gente ver-se livre repentinamente, de uma paixão tyrannica. A fada porem não estava disposta a emprestar o carro todos os dias ; de modo que depois de Roland, ninguem mais conseguiu subir áquella bemaventurada morada, e hoje só a custa dos maiores esforços as pessoas recobram a razão quando porventura a perderam cedendo vilmente a uma paixão qualquer.

NOEMIA. — Não é este o Roland mencionado na historia, D. Luiza ?

D. LUIZA. — Exactamente ; foi um dos governadores da Bretanha no reinado de Carlos-Magno, e provavelmente um grande general, porque os romancistas que ordinariamente conservam o proprio character de seus personagens, nô-lo descrevem como um homem de extraordinario valor ; mas tudo que a historia nos diz a seu respeito, é que morreu a Roncevaux, ao deixar a Hespanha, onde Carlos-Magno ganhou muitas victorias sobre os Mouros.

SYLVIA. — Realmente D. Luiza, entristece-me saber que tudo quanto teem escripto sobre Roland não é verdade ; apezar da sua loucura, gostava muito d'elle.

D. LUIZA. — Como gostas de tudo que toca ás raias do maravilhoso. No fundo essas leituras nada valem : podemos nos distrahir com ellas algumas vezes, porem

nunca devemos occupar-nos seriamente, porque assim nos habituamos ás fantazias ; alem de que dispendemos muito tempo, e este, mórmente na tua idade, é uma cousa preciosissima. Essas leituras são tanto mais dispensaveis, por encontrares na historia sagrada, e mesmo na historia profana, factos veridicos, mais interessantes do que todos os contos e historias imaginarias.

CARLOTA. — No emtanto muitas historias nos tendes contado.

D. LUIZA. — E' verdade querida Carlota ; lembra-te porem que és ainda uma creança e por esse motivo é preciso te distrahir um pouco ; mas, a medida que fôres crescendo e tendo mais juizo, contar-te hei menos contos e mais historias veridicas. Começa a lição de Historia Sagrada.

CARLOTA. — Destruidas por ordem de Deus as cidades de Jerichó e Hai, os reis dessas cidades, em vez de se submeterem ao Senhor, reuniram-se para exterminar os Israelitas aos quaes declararam guerra. Os Gabaonitas que ahi habitavam, vendo as maravilhas por Deus obradas em pról de seu povo, julgaram inutil a resistencia, pois o Senhor dos exercitos combatia por elle ; mas por outro lado, sabendo que Deus prohibira aos filhos de Israel fazer alliança com qualquer das nações que habitassem aquellas cidades, resolveram illudil-os. Para este fim enviaram ao seu encontro alguns embaixadoes, cujos sapatos já rôtos denotavam uma longa jornada ; como mantimento levavam pães muito duros, feitos muitos dias antes, e velhos odres cheios de vinho. Chegando ao acampamento dos

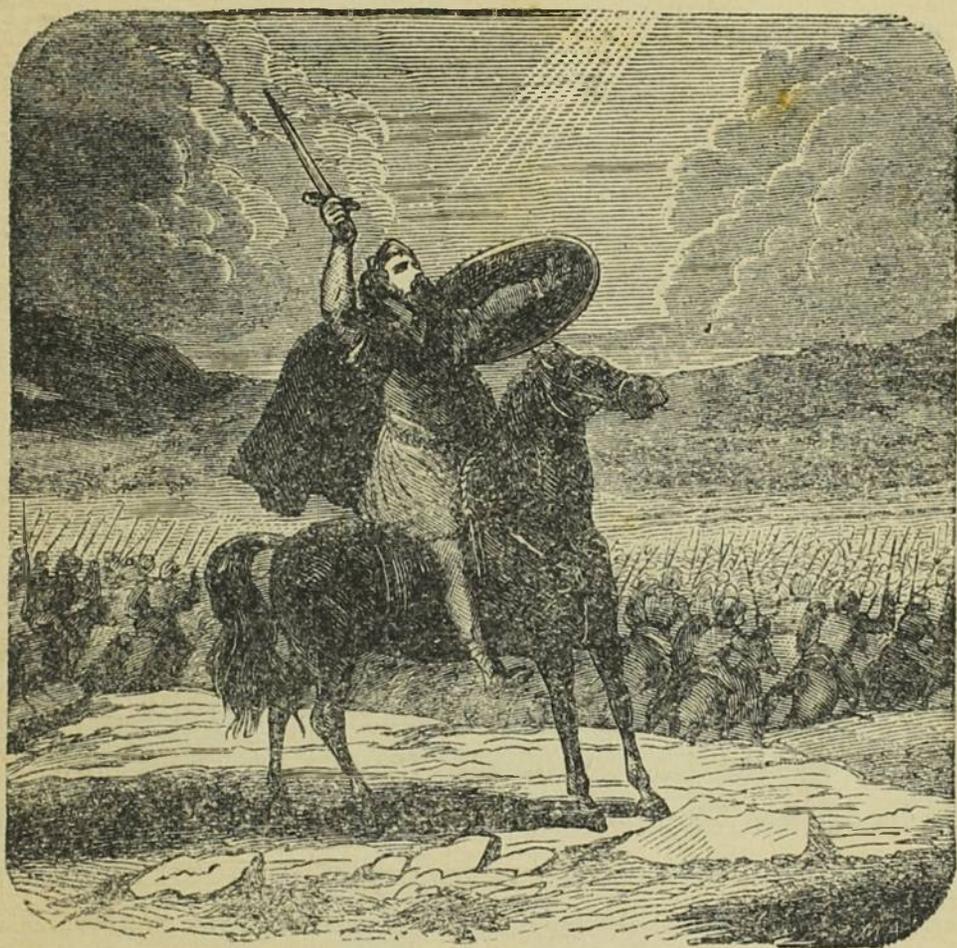
Israelitas, disseram a Josué : Moramos bem distante daqui e tendo chegado ao nosso conhecimento os milagres feitos por Deus para vos tirar do Egypto viemos como mensageiros do povo vos propôr alliança, para que, quando vos assenhoreardes do paiz não nos façais mal. Ha muito que viajamos, e por isso nossos sapatos estão em semelhante estado, e o pão que trouxemos, duro como biscoito ». Josué bem como os altos dignatarios do povo de Isiael não consultaram ao Senhor sobre o que deviam fazer, e juraram fazer alliança com os Gabaonitas. Dias depois approximando-se das cidades per elles habitadas ficaram bem surprehendidos ao ouvirem-n'os dizer : « Nenhum mal nos podeis fazer porque em nome do Senhor nos jurastes a paz ». Si bem que muito contrariado por ter sido burlado, Josué, não querendo faltar ao seu juramento disse aos Gabaonitas : « Uma vez que juramos em nome do Senhor não vos matar, vivereis connosco, mas, já que salvastes a vida servindo-vos de uma mentira, ficareis escravos e sereis encarregados de fornecer agua e lenha para o serviço do Senhor ». Estes responderam-lhe. « Conformamo-nos ; faremos tudo quanto ordenardes ». Assim foi que para manter seu juramento, os Israelitas perdoaram aos Gabaonitas.

LILI. — Pobre gente ! tive bem mêdo que fizessem-n'os morrer. Entretanto, D. Luiza, como se explica que Deus perdoasse a estes e aos outros não ?

D. LUIZA. — Poderia responder-te que elle é senhor de conceder o perdão a quem lhe apraz, entretanto vou dizer-te o que penso sobre assumpto. Deus nada faz por capricho ; portanto si permittio que os Gabaonitas

achassem meio de salvar a vida, creio que foi porque eram menos máos que os outros, e desejavam se converter.

NOEMIA. — E eu creio que já tinham iniciado a sua



conversão, porque, si estavam convencidos que aquillo que o Deus dos Israelitas ordenára não podia deixar de acontecer, é claro que acreditavam nelle. Ora, crêr em Deus, é ter principiado a se converter.

D. LUIZA. — Partilho as tuas ideias cara Noemia, porque Deus infinitamente justo, castiga cada creatura segundo o gráo de sua maldade. Como os Gabaoni-

tas começavam a crêr em Deus e a temel-o, este commutou a pequena de morte a que estavam condemnados em escravidão, e por esse meio permittio-lhes que o conhecessem e se convertessem inteiramente. Maria, continua a historia da entrada dos Israelitas na Terra promettida.

MARIA. — Tendo-se reunido cinco reis para castigar os Gabaonitas por se terem submettido aos filhos de Israel, Josué, auxiliado por seus alliados marchou ao seu encontro declarando-lhe guerra. Deus protegeu-o do modo mais evidente mandando uma chuva de pedras que matou mais inimigos do que as armas dos Israelitas. Sendo ainda numerosas as tropas a vencer e avisinando-se a noite Josué fez parar o sol até que a victoria de seu povo fosse completa. O sol obedeceu, prolongando-se o dia mais do que de costume, de modo que só anoiteceu quando terminada a batalha. Josué ganhou ainda innumeras victorias; em seguida distribuio os paizes conquistados com as tribus de Israel, lembrando-lhes nessa occasião os milagres que Deus fizera em seu favor e perguntou-lhes se queriam servir ao Deus todo poderoso que as tirára do Egypto, ou ás divindades dos povos que acabavam de destruir? Os Israelitas responderam em altas vozes que não reconheceriam outro Deus senão o Eterno. Depois de ter recebido este juramento Josué falleceu, contando então cento e dez annos de idade.

D. LUIZA. — E'a tua vez Lili.

LILI. — Os filhos de Israel, entretanto, não obedeceram ao Senhor, pois em vez de destruirem os habitantes da Terra promettida, contentaram-se em

sugeital-os a um imposto. Ora, como esses povos adoravam os idolos e não queriam adorar o verdadeiro Deus, o Senhor disse aos Israelitas : Já que apesar da minha proibição poupastes esse povo, de agora em diante não mais o podereis destruir ; elle vos induzirá a adorar seus idolos e delle me servirei para castigar-vos».



O que Deus predissera aconteceu ; os Israelitas casaram-se com mulheres daquella raça e adoraram seus deuses, sendo tambem muitas vezes reduzidos a escravidão. Quando se viam muito desgraçados levantavam as mãos ao céu e pediam misericórdia ; então Deus se compadecia delles e designava juizes para governal-os, livral-os de seus inimigos ; mas em breve cahiam novamente na senda do crime, devido ao máo exemplo de seus visinhos. Um dia o Senhor designou para chefe

de seu povo uma mulher chamada Debora ; essa mulher disse a um homem de nome Barac : « Reune dez mil homens e vai combater os inimigos do Senhor ». Barac recusou guerrear, a menos que Debora marchasse com elle ao encontro do rei Sisara, cujas tropas eram numerosissimas. Debora respondeu-lhe : « Seja, mas a outra mulher caberá a honra da victoria ». Com effeito, Deus aterrorisou o exercito de Sisara, que fugio elle proprio. Na occasião da fuga entrou na tenda de uma mulher chamada *Jahel*, descendente do sogro de Moysés, que o matou livrando assim os filhos de Israel.

SYLVIA. — A principio julguei uma barbaridade matarem todas aquellas nações ; agora porem comprehendendo que Deus as condemnára porque eram incorrigiveis, não queriam deixar de adorar os idolos, e faziam todos os esforços para induzirem os Israelitas á idolatria.

NOEMIA. — E eu esperava que esses povos deixassem os idolos para adorar o verdadeiro Deus, por isso lastimava a sua morte. O Senhor porem bem sabia o que fazia. Certamente seriam impios e máos toda a vida, porque depois de terem presenciado e ouvido fallar dos milagres que Deus obrára em prol dos Israelitas, recusaram sacrificar-lhe seus falsos deuses.

D. LUIZA. — Estas reflexões são muito justas caras meninas. Deus só condemna os incorrigiveis. Quando tira a vida de uma pessoa má, é porque sabe, que devesse ella viver cem annos, nunca se tornaria melhor. Ora, nunca devemos hesitar em sacrificar a Deus as occasiões de peccar, sem o que, é quasi certo que em

breve nos tornaremos criminosos. A cada passo esbarramos com pessoas que dizem : Desejaria muito converter-me e para isso faço o possível ; entretanto apesar de todos os esforços nada consigo. Supponhamos, por exemplo, uma joven senhora que adora a sociedade, as reuniões, frequenta todas as festas, e assim emprega seu tempo, sem pensar em Deus, e sem cuidar de seus filhos ; esta senhora dirá : Bem sei que não vivo como christã, que offendo a Deus não cumprindo meus deveres ; mas não posso corrigir-me ; pois quando tomo a resolução de ficar em casa, recebo convites, as amigas me veem buscar e não tenho coragem de resistir. Ide para o campo, dir-lhe-hia eu, deixai estas amigas que só cogitam de divertimentos ; relacionai-vos com pessoas menos levianas que gostem de se occupar em cousas uteis. Mas, me responderá essa moça, si eu passasse o inverno no campo, morreria de tédio ; ou então, não poderia privar-me da companhia de fulana, porque me diverte muito. Então não receitaria responder-lhe : Mentis, senhora, quando dizeis querer corrigir-vos ; fazeis como os Israelitas, não quereis evitar as occasiões de peccar, peccareis. Outra que tem o máo habito de se encolerisar cada vez que perde no jogo, dirá que desejaria corrigir-se deste defeito ; eu lhe responderia, sois uma mentirosa, pois não quereis deixar o jogo que vos impelle á colera. Para sermos bons é absolutamente necessario, fugirmos das occasiões e das companhias que nos induzem ao mal. Gravai bem na vossa mente o que acabo de dizer-vos.

CARLOTA. — Ha pouco tempo nos dissestes que a terra gira em tórno do sol conservando-se este immo-

vel ; entretanto Josué ordenou ao sol que parasse e não á terra ; porventura ignorava que o sol é corpo fixo ?

D. LUIZA. — E'possivel, porque os sabios daquelle tempo assim pensavam. E'verdade que Josué era inspirado por Deus, mas sómente para introduzir os Israelitas na Terra promettida, exhortal-os a se conservarem fieis ao Senhor, e não para ensinar-lhes as sciencias humanas. Mas, ainda mesmo que Deus lhe tivesse revelado que é a terra que move, creio que ainda assim mandaria o sol parar, porque si tivesse dado essa ordem á terra os Israelitas julgal-o-hiam louco, persuadidos como estavam de que a terra é um corpo fixo, sendo necessario longas explicações para convencel-os do contrario. Ora, si Deus abandonou a natureza aos homens para que por si proprios descubram os seus segredos, por outro lado contenta-se de lhes revelar o que os póde tornar bons e virtuosos, e não sabios. Digamos alguma cousa sobre a geographia. Noemia, não sabes alguns versos sobre a Dinamarca, a Noruega, a Suecia e a Russia ?

NOEMIA. — Sim, ides ouvil-os.

O povo da Noruega e o dinamarquez  
 Cada um tinha outrora um principe diversos  
 Sugeitou Margarida a Noruega a suas leis  
 E esta se tornou parte da Dinamarca.  
 Os Suecos, reinando Margarida  
 Unir quizeram-se aces dinamarquezes  
 Christiano fez nadar em sangue esses paizes  
 Mas por Gustavo salvos

São hoje estados livres  
Stockolmo é a capital e lá se encontra a côrte.  
A Moscovia e seus vastos territorios  
Antes de Pedro o Grande eram ignotos quasi.  
Lá o principe fez florir commercio e artes  
Construiu Pertersburgo onde os Czares residem  
E hoje é a principal cidade ;  
Antes era Moscou a capital.

CARLOTA. — Desejava saber quem foi esta Margarida.

D. LUIZA. — Esta historia seria um tanto fastidiosa para as pequenas sendo tambem muito complicada ; mas, si da proxima vez quizeres vir mais cedo, terei muito prazer em contar-t'a.

MARIA. — Asseguro-vos que apezar de ser a mais moça não me aborreceria si quizesseis contal-a a mim tambem.

D. LUIZA. — Pois seja. Um dos reis da Dinamarca casou sua segunda filha chamada Margarida com um principe da Noruega. Desse enlace nasceu um filho. Mortos o marido e o pai de Margarida, conseguiu esta fazer subir ao throno seu filho em detrimento de sua irmã mais velha, ficando ella como regente do reino. A sua sabedoria valeu-lhe o cognome de Semiramis do Norte. Tão grande era a sua autoridade que por morte de seu filho não ousaram recusar-lhe a corôa. E' verdade que governando com muita sabedoria tornava seus subditos felicissimos. Os Suecos não gozavam da mesma tranquillidade, recusando-se a reconhecerem a autoridade de seus reis, que por sua vez queriam ser

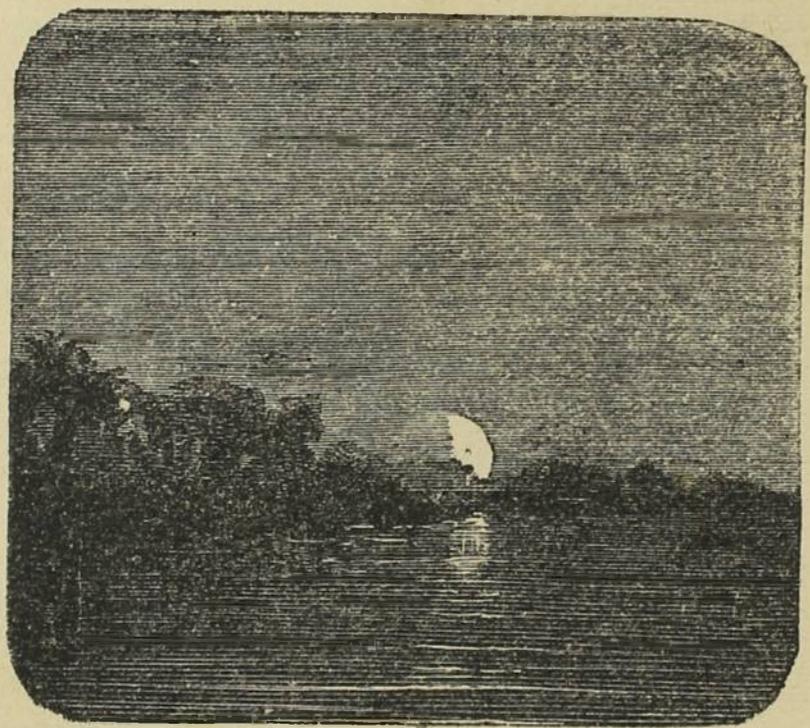
senhores absolutos, do que resultavam guerras continuas. Resolveram então submeterem-se a Margarida, estabelecendo condições que garantissem-lhes a liberdade e as leis. Margarida prometeu tudo quanto exigiram mas, uma vez rainha da Suecia, esqueceu as promessas, não levando em conta os Suecos que tentaram recordar-lh'as. Seus successores foram ainda peiores para os pobres Suecos que então se revoltaram. Um rei da Dinamarca chamado *Christiano*, muito ambicioso, declarou-lhes guerra, no intuito de forçal-os a reconhecerem-n'o por rei e como havia entre elles um valente rapaz chamado *Gustavo Wasa*, *Christiano* aprisionou-o, por traição, mandando-o depois para a Dinamarca. Tornando-se senhor da Suecia esse malvado rei fez morrer todos os homens influentes do paiz, por elle convidados para um jantar, e em cujo numero achava-se o pai de *Gustavo*. Ao saber disto o rapaz fugio para as montanhas da Suecia, porque *Christiano* promettera uma avultada quantia áquelle que o matasse. Alli foi obrigado a se occultar, disfarçado com uma roupa usada e trabalhando como operario; Todas estas precauções foram inuteis, porque mais tarde uma mulher tendo visto os bordados da golla de sua camisa, logo o descobriu. Desta vez refugiou-se em casa de um gentilhomen que julgava seu amigo. Este pedio-lhe que o esperasse em sua casa enquanto ia reunir algumas tropas para marcharem contra *Christiano*. *Gustavo* consentio, mas apenas o homem partio, sua mulher veio prevenil-o de que fôra buscar soldados para prendel-o. Decidida a salvá-lo mandou-o para casa de um padre seu amigo dedicado, que para servil-a escondeu-o na

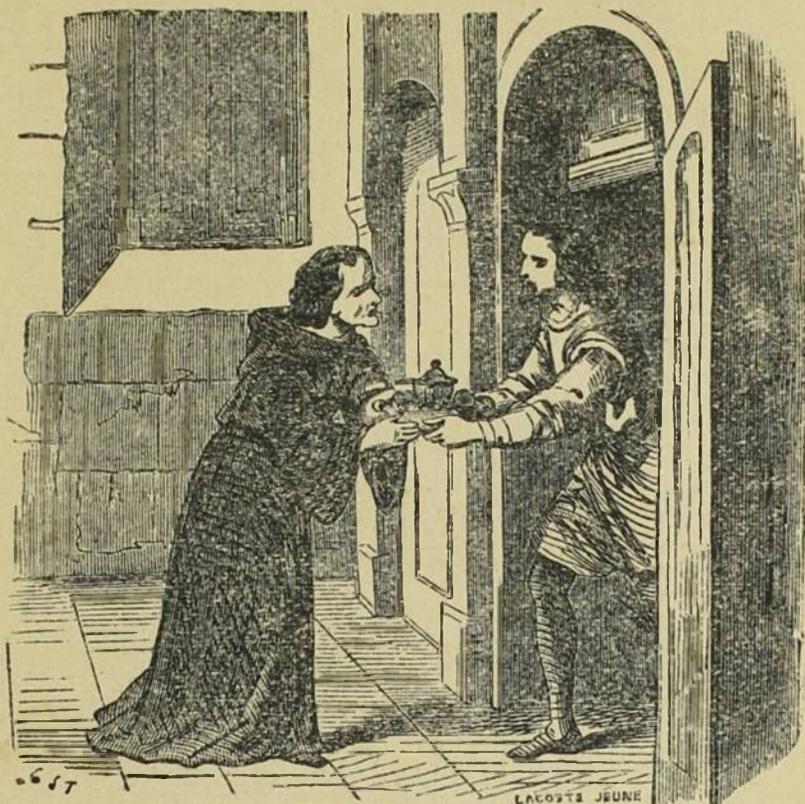
egreja, dentro de um armario, onde ia todas as noites levar-lhe comida. Dias mais tarde reunio grande numeros de camponios que commandados por Gustavo marcharam contra Christiano. Após grandes succas Gustavo libertou os Suecos que para recompensal-o fizeram-n'o rei.

MARIA. — Bem dizia que não me havia de aborrecer com a vossa narrativa ; comprehendia-a perfeitamente, e depois que Noemia copiar para mim esses versos, cada vez que recital-os me hei de lembrar da historia.

D. LUIZA. —Esses versos são antiquissimos. Hoje a Dinamarca é um reino á parte, ao passo que a Suecia e a Noruega são governadas pelo mesmo rei, descendente de um general francez chamado Bernadotte, escolhido por Carlos XIII para lhe succeder no throno. Esse general tomou o nome de Carlos XIV e foi o chefe da nova dynastia. Encontrareis na historia da Suecia factos interessantissimos.

---





## INDICE

---

DIALOGO PRIMEIRO. — Belleza e Fealdade. — Pa- ra que serve o espirito .....	25
DIALOGO DOUS. — Esperanca mallograda. — O bom e o máo espirito .....	30
DIALOGO TRES. — Primeiro dia. — Diferença en- tre um conto e uma historia. — O principe Que- rido, conto. — Historia sagrada .....	33

- DIALOGO QUATRO. — Segundo dia. — Creação do mundo, Adão e Eva expulsos do Paraíso terrestre. — O rei, o lenhador e sua mulher, conto. — Abel e Caím ..... 56
- DIALOGO CINCO. — Terceiro dia. — A Bella e a Féra, conto. — A borboleta e suas metamorphoses. — A arca de Noé ; o arco-iris ..... 67
- DIALOGO SEIS. — Quarto dia. — Fatal e Venturoso, conto. — Confissão de Carlota. — Socrates e sua mulher. — A torre de Babel. — Os quatro pontos cardeaes. — Os Gigantes da Fabula. — Os Volcões ..... 98
- DIALOGO SETE. — Quinto dia. — O principe Galante, conto. — Abrahão, Loth e Sara. — Os rendeiros de Deus. — Primeiras noções de Geographia ..... 127
- DIALOGO OITO. — Sexto dia. — A viuva e suas duas filhas, conto. — Um erro de historia. — Espirite de zombaria. — Sacrificio de Abrahão, Isaac e Rebecca. — Mares, golfos et pharóes. — Artemisia ..... 149
- DIALOGO NOVE. — Setimo dia. — As sete maravilhas do mundo. — O norte da Europa. — Esaú e Jacob. — O trabalho obrigatorio para todos ..... 168
- DIALOGO DEZ. — Oitavo dia. — O principe Desejo, conto. — Historia de José. — Divisão da Europa central ..... 182

- DIALOGO ONZE. — Nono dia. — Julia e seu cão. —  
— Senhores e famulos. — O leão reconhecido.  
— Fim da historia de José. — Lycurgo. — Sul  
da Europa ..... 200
- DIALOGO DOZE. — Decimo dia. — Viagem pelos  
mares da Europa. — A bella Aurora, conto. —  
Vocação de Moysés ..... 218
- DIALOGO TREZE. — Decimo primeiro dia. — Os  
tres desejos, conto. — Montanhas e Peninsulas.  
— As pragas do Egypto. — Livramento dos  
Israelitas ..... 238
- DIALOGO QUATORZE. — Decimo segundo dia. —  
Philemon e Baucis, fabula. — Rios e lagos. —  
Passagem do mar Vermelho. — O maná no de-  
serto. — Moysés bate no rochedo ..... 249
- DIALOGO QUINZE. — Decimo terceiro dia. — O  
vapor, o ar e a agua. — O pescador e o Vian-  
dante, conto. — O monte Sinai. — O Bezerro  
de ouro. — Murmurações dos Israelitas ..... 267
- DIALOGO DEZESEIS. — Decimo quarto dia. — A  
Inglaterra, seus primeiros habitantes; seus  
invasores. — O rei Canuto. — A lua. — Os anti-  
podas. — A lande e abobora. — Revolta dos  
Israelitas. — Punição ..... 285
- DIALOGO DEZESETE. — Decimo quinto dia. — A  
jumenta de Balaam. — Inverno e verão. — O  
trigo. — Jolietta, conto. — Rios da Inglaterra. 304

DIALOGO DEZOITO. — Decimo sexto dia. — Morte de Moysés. — O leproso. — Entrada na Terra promettida. — As maçãs do mar Morto. — Destruição de Jerichó. — Juizo final. — Caridade. — A Irlanda e a Escossia . . . . . 324

DIALOGO DEZENOVE. — Decimo setimo dia. — Viagem de Astolpho á lua, conto. — Roland. — Victoria dos Israelitas na Terra promettida; sua idolatria. — Estados do Norte; Margarida, rainha da Suecia . . . . . 340



